



a
thousand
boy

Kisses

a novel

USA Today Bestselling Author

Tillie Cole

TRT

Disponibilizado: **Stella Marques**

Tradução e Revisão Inicial: **Sofia M.**

Revisão Final: **Stella Marques**

Leitura Final e Formatação: **Niquevenen**

Um beijo dura um instante.
Mas mil beijos podem durar uma vida.

Um garoto.

Uma garota.

Uma ligação que é forjada em um instante e acarinhada por uma década.

Uma ligação que nem o tempo nem à distância podem quebrar.

Um vínculo que irá durar para sempre.

Ou assim eles acreditam.

Quando Rune Kristiansen de 17 anos retorna da Noruega para pacata cidade de Blossom Grove, Geórgia, onde fez amizade com Poppy Litchfield quando criança, ele tem apenas uma coisa em sua mente. Por que a menina que era a metade de sua alma, que prometeu esperar fielmente por seu retorno, cortou-o de sua vida sem uma palavra de explicação?

O coração de Rune foi quebrado há dois anos quando Poppy ficou em silêncio. Quando ele descobre a verdade, ele descobre que a maior dor ainda está por vir.

Dedicatória

**Para os que acreditam no amor
verdadeiro, épico, destruidor de
alma.**

Este é para vocês.

Rune

Houve exatamente quatros momentos que definiram a minha vida.

Este foi o primeiro.

Blossom Grove, Georgia

Estados Unidos da América

Doze Anos Atrás

Aos Cinco Anos

— Jeg vil dra! Nå! Jeg vil reise hjem igjen!, — eu gritei tão alto quanto pude, dizendo a minha mãe que eu queria ir embora, agora! Eu queria ir para casa!

— Nós não estamos voltando para casa, Rune. E não estamos indo embora. Esta é a nossa casa agora, — respondeu ela em Inglês. Ela se agachou e me olhou direto nos olhos. — Rune, — ela disse suavemente, — Eu sei que você não queria deixar Oslo, mas o seu pappa conseguiu um novo emprego aqui na Georgia. — Sua mão correu para cima e para baixo no meu braço, mas isso não me fez sentir melhor. Eu não queria estar neste lugar, na América. Eu queria voltar para casa.

— Slutt å snakke engelsk! — Eu falei em norueguês. Eu odiava falar Inglês. Desde que parti da Noruega para a América, Mamma e Pappa só falavam comigo em Inglês. Eles disseram que eu tinha que praticar.

Eu não queria!

A minha mãe se levantou e ergueu uma caixa do chão. — Estamos na América, Rune. Eles falam inglês aqui. Você fala Inglês há tanto tempo quanto fala norueguês. É hora de usá-lo.

Eu mantive a minha posição, olhando para minha mãe enquanto ela caminhava em torno de mim para dentro da casa. Olhei ao redor da pequena rua onde vivia agora. Havia oito casas. Eram todas grandes, mas todas elas pareciam diferentes. A nossa estava pintada de vermelho, com janelas brancas e uma enorme varanda. O meu quarto era grande e era no piso inferior. Eu achei legal. Mais ou menos, de qualquer maneira. Eu nunca antes tinha dormido no andar de baixo; em Oslo, o meu quarto era no andar de cima.

Olhei para as casas. Todas elas estavam pintadas em cores brilhantes: azuis claros, amarelos, rosas... então eu olhei para a casa ao lado. Bem ao lado, compartilhávamos um pedaço de grama. Ambas as casas eram grandes e os nossos jardins também eram, mas não havia nenhuma cerca ou muro entre eles. Se eu quisesse, eu podia correr para o quintal deles e não haveria nada para me parar.

A casa era de um branco brilhante, com uma marquise envolvendo ao redor dela. Eles tinham cadeiras de balanço e um grande balanço na frente. Os caixilhos das janelas estavam pintados de preto e havia uma janela no lado oposto da janela do meu quarto. Bem no oposto! Eu não gosto disso. Eu não gostei que eu tinha vista do quarto deles e eles tinham vista para dentro do meu.

Havia uma pedra no chão. Chutei-a com o pé, observando-a rolar pela rua abaixo. Virei-me para seguir a minha mãe, mas então eu ouvi um barulho. Ele estava vindo da casa ao lado da nossa. Olhei para a porta da frente, mas ninguém saiu. Eu estava subindo os degraus para a minha varanda quando vi um movimento do lado da casa. Da janela oposta do meu quarto.

A minha mão congelou no corrimão e vi quando uma menina, vestida em um vestido azul brilhante, subiu através da janela. Ela saltou para a grama e limpou o pó das mãos nas coxas. Eu franzi a testa, as minhas sobrancelhas puxando para baixo, enquanto eu esperava que ela levantasse a cabeça. Ela tinha cabelo castanho, que estava empilhado em cima da sua cabeça como um ninho de pássaro. Ela usava um grande laço branco ao lado.

Quando ela olhou para cima, ela olhou diretamente para mim. Então, ela sorriu. Ela sorriu para mim tão amplamente.

Ela acenou, rápido, em seguida, correu para frente e parou na minha frente.

Ela esticou a mão. — Oi, meu nome é Poppy Litchfield, tenho cinco anos de idade e moro na porta ao lado.

Olhei para a menina. Ela tinha um sotaque engraçado. Fazia as palavras em inglês soar de uma maneira diferente da que eu tinha aprendido na Noruega. A menina, Poppy, tinha uma mancha de lama no rosto e botas de chuva amarelas em seus pés. Eles tinham um grande balão vermelho no lado.

Ela parecia estranha.

Olhei para cima de seus pés e fixei os olhos em sua mão. Ela ainda estava esticando-a. Eu não sabia o que fazer. Eu não sabia o que ela queria.

Poppy suspirou. Balançando a cabeça, ela pegou na minha mão e forçou-a na dela. Ela sacudiu-as para cima e para baixo duas vezes e disse, — Um aperto de mão. A minha vovó diz que é apenas correto apertar a mão das novas pessoas que você conhece. — Ela apontou para nossas mãos. — Isso foi um aperto de mão. E foi educado por que eu não te conheço.

Eu não disse nada; por algum motivo a minha voz não funcionava. Quando olhei para baixo eu percebi que era porque as nossas mãos ainda estavam unidas.

Ela tinha lama em suas mãos também. Na verdade, ela tinha lama em toda parte.

— Qual é seu nome? — Perguntou Poppy. Sua cabeça estava inclinada para o lado. Um pequeno galho estava preso no cabelo dela.

— Hey, — disse ela, puxando nossas mãos, — eu perguntei qual é o seu nome.

Limpei a garganta. — O meu nome é Rune, Rune Erik Kristiansen.

Poppy franziu o rosto, seus grandes lábios estavam projetados de uma maneira engraçada. — Você soa estranho, — ela deixou escapar.

Puxei a minha mão para longe.

— Nei det gjør jeg ikke! — *Eu respondi. Seu rosto ficou ainda mais estranho.*

— O que você acabou de dizer? — *Perguntou Poppy, quando eu virei para ir para a minha casa. Eu não queria falar mais com ela.*

Sentindo-me irritado, eu girei de volta. — Eu disse, 'Não, eu não!' Eu estava falando norueguês! — Eu disse, em Inglês desta vez. Os olhos verdes de Poppy ficaram enormes.

Ela chegou mais perto, e mais perto de novo, e perguntou, — Norueguês? Como os Vikings? Minha vovó leu um livro sobre os Vikings para mim. Ela disse que eles eram provenientes da Noruega. — Os olhos dela ficaram ainda maiores. — Rune, você é um Viking? — A voz dela tinha ficado toda estridente.

Isso me fez sentir bem. Eu enchi o meu peito. Meu pappa sempre disse que eu era um Viking, como todos os homens da minha família. Éramos grandes e, fortes vikings. — Ja, — eu disse. — Somos verdadeiros Vikings da Noruega.

Um grande sorriso se espalhou pelo rosto de Poppy, e uma alta risadinha feminina explodiu de sua boca. Ela levantou a mão e puxou meu cabelo. — É por isso que você tem longos cabelos loiros e olhos azuis cristalinos. Porque você é um Viking. No começo eu pensei que você parecia uma menina—

— *Eu não sou uma menina! — Eu interrompi, mas Poppy não parecia se importar. Corri a mão pelo meu cabelo comprido. Ele descia até aos meus ombros. Todos os meninos em Oslo tinham o cabelo assim.*

— *Mas agora vejo que é porque você é um Viking de verdade. Como Thor. Ele tinha longos cabelos loiros e olhos azuis também! Você é como Thor!*

— *Ja, — eu concordei. — Thor tem. E ele é o deus mais forte de todos eles.*

Poppy assentiu com a cabeça, em seguida, colocou as mãos nos meus ombros. Seu rosto tinha ficado sério e a sua voz caiu para um sussurro. — Rune, eu não digo isto a todos, mas eu saio em aventuras.

Eu fiz uma careta. Eu não entendi. Poppy se aproximou e olhou nos meus olhos. Ela apertou meus braços. Ela inclinou a cabeça para o lado. Ela olhou ao redor de nós, então se inclinou para falar. — Eu normalmente não trago pessoas comigo nas minhas viagens, mas você é um Viking, e todos nós sabemos que os vikings crescem grandes e fortes e eles são realmente muito bons com aventuras e exploração, e longas caminhadas e capturando vilões e... todo esse tipo de coisas!

Eu ainda estava confuso, mas então Poppy recuou e estendeu a mão novamente.

— *Rune, — disse ela, com a voz grave e forte, — você vive na porta ao lado, você é um Viking e eu apenas amo Vikings. Acho que deveríamos ser os melhores amigos.*

— *Melhores amigos? — Perguntei.*

Poppy assentiu com a cabeça e empurrou a mão ainda mais para mim. Lentamente, esticando a minha própria mão, eu agarrei a mão dela e

dei-lhe duas sacudidas, como ela me tinha mostrado.

Um aperto de mão.

— Então, agora nós somos melhores amigos? — Perguntei, quando Poppy puxou a mão de volta.

— Sim! — Ela disse, emocionada. — Poppy e Rune. — Ela trouxe o seu dedo até ao queixo e olhou para cima. Os lábios dela se projetaram para frente, como se estivesse pensando muito concentrada. — Parece bom, você não acha? 'Poppy e Rune, melhores amigos infinitamente!'

Eu assenti com a cabeça porque soava bem. Poppy colocou a mão na minha. — Mostre-me o seu quarto! Eu quero lhe contar sobre qual próxima aventura podemos ir. — Ela começou a me puxar para frente, e nós corremos para a casa.

Quando nos empurrámos pela porta do quarto, Poppy correu direto para a minha janela. — Este é o quarto exatamente oposto ao meu!

Eu assenti com a cabeça, e ela gritou, correndo em minha direção para tomar minha mão na dela novamente. — Rune! — Ela disse entusiasmada, — podemos conversar à noite, e fazer walkie-talkies¹ com latas e corda. Podemos sussurrar os nossos segredos um para o outro quando todo mundo estiver dormindo, e nós podemos planejar e jogar, e...

Poppy continuou falando, mas eu não me importei. Eu gostei do som da sua voz. Eu gostava do seu riso e eu gostei do grande laço branco em seu cabelo.

Talvez Georgia não fosse ser tão ruim, afinal, pensei, não se eu tivesse Poppy Litchfield como a minha melhor amiga.

E isso foi Poppy e eu daquele dia em diante.

Poppy e Rune.

Melhores amigos infinitamente.

Ou assim eu pensava.

Engraçado como as coisas mudam.

Poppy

Nove Anos Atrás

Aos Oito Anos

— Para onde estamos indo, papai? — Eu perguntei enquanto ele segurava a minha mão suavemente, guiando-me para o carro. Olhei de volta para a minha escola, perguntando por que eu estava sendo levada para fora da classe mais cedo. Era só a pausa para o almoço. Não era suposto eu ir embora agora.

Meu pai não disse nada para mim enquanto caminhávamos, ele apenas apertou a minha mão. Eu procurei ao longo da cerca da escola, uma

sensação estranha puxando no meu estômago. Eu adorava a escola, eu gostava de aprender, e a seguir, tínhamos aula de história. Era absolutamente a minha aula favorita. Eu não queria perder ela.

— Poppy! — Rune, o meu melhor amigo, estava de pé junto à cerca, observando-me sair. Suas mãos estavam segurando realmente apertadas as barras de metal. — Onde você está indo? — Gritou. Eu me sentava ao lado de Rune na sala de aula. Estávamos sempre juntos. A escola não era divertida quando um de nós não estava lá.

Virei a cabeça em direção ao rosto do meu pai por respostas, mas ele não olhou para trás para mim. Ele ficou em silêncio. Olhando de volta para Rune, gritei, — Eu não sei!

Rune me observou todo o caminho para o nosso carro. Subi na parte de trás e sentei no meu assento, o meu pai apertando o cinto.

Eu ouvi o apito no pátio da escola, sinalizando o fim do almoço. Olhei pela janela e assisti todas as crianças correndo para dentro, mas não Rune. Rune ficou na cerca me observando. O seu longo cabelo loiro estava soprando no vento quando ele disse com a boca, "*Você está bem?*". Mas meu pai entrou no carro e começou a dirigir para longe antes que eu pudesse responder.

Rune correu ao longo da cerca, seguindo o nosso carro, até que a Sra. Davis veio para fazê-lo entrar.

Quando a escola estava fora de vista, o meu pai disse, — Poppy?

— Sim, papai? — Eu respondi.

— Você sabe que vovó tem morado com a gente por um tempo, certo?

Eu assenti com a cabeça. A minha vovó havia se mudado para o quarto oposto ao meu um tempo atrás. A minha mãe tinha dito que era

porque ela precisava de ajuda. O meu vovô morreu quando eu era apenas um bebê. A minha vovó tinha vivido sozinha durante anos, até que ela veio morar com a gente.

— Você se lembra do que a sua mamãe e eu dissemos a você sobre o porquê? Porque vovó não podia mais viver sozinha?

Eu respirei pelo nariz e sussurrei, — Sim. Porque ela precisava da nossa ajuda. Porque ela está doente. — O meu estômago virou enquanto eu falava. A minha vovó era a minha melhor amiga. Bem, ela e Rune estavam empatados no absoluto topo. A minha vovó disse que eu era como ela.

Antes de ela ficar doente, íamos a muitas aventuras. Ela lia para mim todas as noites sobre os grandes exploradores do mundo. Ela iria me contar tudo sobre a história, sobre Alexandre o Grande, os romanos, e o meu favorito, o samurai do Japão. Eram os favoritos de vovó também.

Eu sabia que a minha vovó estava doente, mas ela nunca agiu como se estivesse. Ela sempre sorria, ela dava-me abraços apertados e fez-me rir. Ela sempre disse que ela tinha o raio de luar em seu coração e luz do sol em seu sorriso. Vovó disse-me que isso significava que ela estava feliz.

Ela fez-me muito feliz.

Mas, ao longo das últimas semanas, vovó tinha dormido muito. Ela tinha estado muito cansada para fazer um pouco de qualquer outra coisa.

Na verdade, na maioria das noites eu agora ia ler para ela, enquanto ela acariciava o meu cabelo e sorria para mim. E isso estava tudo bem, porque os sorrisos de vovó eram o melhor tipo de sorrisos para conseguir.

— É isso mesmo, abóbora, ela está doente. Na verdade, ela está muito, muito doente. Você entende?

Eu fiz uma careta, mas balancei a cabeça e disse, — Sim.

— É por isso que nós estamos indo para casa mais cedo, — explicou. — Ela está esperando por você. Ela quer vê-la. Quer ver a pequena amiga dela.

Eu não entendia por que meu pai tinha que me trazer para casa mais cedo para visitar a minha vovó, quando a primeira coisa que eu fazia todas as tardes depois da escola era entrar em seu quarto e falar com ela, enquanto ela estava deitada na cama. Ela gostava de ouvir tudo sobre o meu dia.

Nós viramos em nossa rua e estacionamos em nossa garagem. O meu pai não se moveu por alguns segundos, mas em seguida, ele se virou para mim e disse, — Eu sei que você tem apenas oito anos, abóbora, mas você tem que ser uma menina muito corajosa hoje, ok?

Eu assenti com a cabeça. O meu pai sorriu um sorriso triste para mim. — Essa é minha garota.

Ele saiu do carro e deu a volta para o meu lugar na parte de trás. Tomando a minha mão, o meu pai guiou-me para fora do carro e para a casa. Eu podia ver que havia mais carros aqui do que o habitual. Eu tinha apenas aberto à boca para perguntar quem eram todos eles quando a Sra. Kristiansen, a mamãe de Rune, veio andando através do pátio entre as nossas casas com um grande prato de comida em suas mãos.

— James! — Ela gritou, e o meu pai virou-se para cumprimentá-la.

— Adelis, ei, — ele gritou de volta. A mamãe do Rune parou em frente a nós. Seu longo cabelo loiro estava para baixo hoje. Era a mesma cor de Rune. Sra. Kristiansen era muito bonita. Eu a amava. Ela era gentil, e me chamava de filha que ela nunca teve.

— Eu fiz isto. Por favor, diga a Ivy que eu estou pensando em todos vocês.

O meu pai soltou a minha mão para pegar o prato.

A Sra. Kristiansen se agachou e deu um beijo na minha bochecha. — Você é uma boa menina, Poppy, ok?

— Sim, senhora, — eu respondi, e a observei atravessar a grama para voltar para a sua casa.

Meu pai suspirou e inclinou a cabeça para eu segui-lo para dentro. Assim que passamos através da porta da frente, vi as minhas tias e tios sentados nos sofás, e meus primos sentados no chão da sala, brincando com seus brinquedos. A minha tia Silvia estava sentada com as minhas irmãs, Savannah e Ida.

Elas eram mais jovens do que eu, apenas quatro e dois anos de idade. Elas acenaram para mim quando me viram, mas a Tia Silvia as manteve sentadas no colo.

Ninguém estava falando, mas muitos deles estavam enxugando os olhos; a maioria deles estava chorando.

Eu estava tão confusa.

Inclinei-me para a perna do meu pai, agarrando-me firmemente. Alguém estava na soleira da porta da cozinha. A minha tia Della, DeeDee como eu sempre a chamei. Ela era a minha tia favorita. Ela era jovem e divertida e sempre me fazia rir. Embora a minha mãe fosse mais velha do

que a sua irmã, elas se pareciam uma com a outra. Ambas tinham longos cabelos castanhos e olhos verdes como eu. Mas DeeDee era extremamente bonita. Eu queria parecer assim como ela um dia.

— Ei, Pops, — ela disse, mas eu podia ver que os seus olhos estavam vermelhos, e sua voz soava engraçada. DeeDee olhou para o meu pai. Ela tomou o prato de comida da sua mão e disse, — Você volta com Poppy, James. Está quase na hora.

Eu comecei a ir com o meu pai, mas olhei para trás quando DeeDee não nos seguiu. Eu abri a minha boca para chamar o nome dela, mas de repente ela se virou, colocou o prato de comida no balcão e descansou a cabeça em suas mãos. Ela estava chorando, chorando tanto que ruídos altos vinham de sua boca.

— Papai? — Eu sussurrei, sentindo uma sensação estranha no estômago. O meu pai passou o braço em torno dos meus ombros e guiou-me para longe. — Está tudo bem, abóbora. DeeDee só precisa de um minuto a sós.

Nós caminhamos para o quarto da vovó. Pouco antes de pai abrir a porta, ele disse, — Mamãe está lá, abóbora, e Betty, a enfermeira de vovó está lá também.

Eu fiz uma careta. — Por que há uma enfermeira?

Papai abriu a porta do quarto, e minha mãe levantou-se da cadeira ao lado da cama de vovó. Seus olhos estavam vermelhos e seu cabelo estava todo bagunçado. O cabelo de mamãe nunca estava bagunçado.

Vi a enfermeira na parte de trás do quarto. Ela estava escrevendo algo em uma prancheta. Ela sorriu e acenou para mim quando eu entrei. Então olhei para a cama. Vovó estava deitada. O meu

estômago virou quando vi uma agulha furar o seu braço, com um tubo transparente indo até um saco pendurado em um gancho de metal ao lado dela.

Fiquei parada, de repente, assustada. Então a minha mãe moveu-se até mim, e a minha vovó olhou na minha direção. Ela parecia diferente da noite passada. Sua pele estava mais pálida, e seus olhos não estavam tão brilhantes.

— Onde está a minha amiguinha? — A voz de vovó estava calma e parecia engraçada, mas o sorriso que ela me deu me fez sentir aquecida.

Rindo de minha vovó, corri para o lado da cama. — Estou aqui! Eu vim para casa mais cedo da escola para ver você.

Vovó ergueu o dedo e bateu na ponta do meu nariz. — Essa é minha garota!

Sorri realmente muito, em resposta.

— Eu só queria que você me visitasse um pouco. Eu sempre me sinto melhor quando a luz da minha vida senta ao meu lado e fala comigo um pouco.

Eu sorri novamente. Porque *eu* era a ‘luz de sua vida’, ‘a menina dos seus olhos’. Ela sempre me chamava daquelas coisas. Vovó secretamente me disse que isso significava que eu era a sua favorita. Mas ela me disse que eu tinha que manter isso para mim mesma para que não chateasse os meus primos e irmãs pequenas. Era o nosso segredo.

Mãos de repente agarraram a minha cintura, e meu pai levantou-me para me sentar ao lado de vovó em sua cama. Vovó pegou a minha mão. Ela apertou meus dedos, mas tudo que eu podia notar eram quão frias as mãos dela estavam.

Vovó respirou profundamente, mas soou engraçado, como se algo estivesse crepitando em seu peito.

— Vovó, você está bem? — Perguntei e me inclinei para pressionar um beijo suave na bochecha dela. Ela normalmente cheirava a tabaco de todos os cigarros que fumava. Mas, hoje eu não podia sentir o cheiro da fumaça nela.

Vovó sorriu. — Estou cansada, garotinha. E eu... — vovó sugou outra respiração e os olhos brevemente se fecharam espremidos. Quando abriram de novo, ela se moveu na cama e disse, — ... e eu vou embora por algum tempo.

Eu fiz uma careta. — Onde você está indo, vovó? Posso ir também? — Nós *sempre* fomos juntas em aventuras.

Vovó sorriu, mas balançou a cabeça. — Não, garotinha. Aonde eu vou, você não pode me seguir. Ainda não. Mas algum dia, muitos anos a partir de agora, você irá me ver de novo.

A minha mãe deixou escapar um soluço atrás de mim, mas eu só olhei para a minha vovó, confusa. — Mas para onde você está indo, vovó? Eu não entendo.

— *Casa*, querida, — disse a minha vovó. — Eu estou indo para *casa*.

— Mas você está em casa, — retruquei.

— Não, — vovó sacudiu a cabeça, — esta não é a nossa verdadeira casa, garotinha. Esta vida... bem, é apenas uma ótima grande aventura enquanto nós a temos. Uma aventura para desfrutar e amar com todo o nosso coração antes de irmos para a maior aventura de todas.

Os meus olhos se arregalaram com emoção, então eu me senti triste. *Realmente* triste. Meu lábio inferior começou a tremer. — Mas nós

somos as melhores amigas, vovó. Nós *sempre* vamos a nossas aventuras juntas. Você não pode ir a uma sem mim.

As lágrimas tinham começado a cair dos meus olhos para minhas bochechas. A minha vovó levantou a mão livre para escová-las para longe. Essa mão estava tão fria quanto a que eu estava segurando. — Nós sempre fomos a aventuras juntas, garotinha, mas não desta vez.

— Você não está com medo de ir sozinha? — Perguntei, mas a minha vovó apenas suspirou.

— Não, garotinha, não há medo para sentir. Eu não estou com medo de jeito algum.

— Mas eu não quero que você vá, — eu implorei, a minha garganta começando a doer.

A mão de vovó ficou na minha bochecha. — Você ainda vai me ver em seus sonhos. Isto não é um adeus.

Pisquei, então pisquei novamente. — Igual quando você vê o vovô? Você sempre diz que ele a visita em seus sonhos. Ele fala com você e beija sua mão.

— Exatamente como isso, — disse ela. Limpei as minhas lágrimas. Vovó apertou minha mão e olhou para a minha mamãe atrás de mim. Quando olhou de novo para mim, ela disse, — Enquanto eu estiver fora, eu tenho uma nova aventura para você.

Eu enrijei. — Você tem?

O som de vidro a ser colocado sobre uma mesa veio atrás de mim. Isso me fez querer olhar ao redor, mas antes que eu pudesse, vovó perguntou, — Poppy, o que é que eu sempre digo que foi a

minha lembrança favorita da minha vida? A única coisa que sempre me fez sorrir?

— Os beijos do vovô. Seus doces beijos-de-menino. Todas as memórias de todos os beijos-de-menino que você sempre teve dele. Você me disse que elas são as memórias favoritas que você tem. Não era o dinheiro, não eram coisas, mas sim os beijos que você teve do meu vovô, porque eles eram todos especiais e a fizeram sorrir, fez você se sentir amada, porque ele era sua alma gêmea. Sempre seu e para sempre.

— É isso mesmo, garotinha, — ela respondeu. — Então, para a sua aventura... — vovó olhou para minha mãe novamente.

Desta vez, quando eu olhei em volta, vi que ela estava segurando um grande frasco de vidro cheio até o topo com lotes e lotes de corações de papel cor de rosa.

— Uau! O que é isso? — Perguntei, sentindo-me animada.

Mama colocou em minhas mãos, e a minha vovó deu tapinhas na tampa. — É mil beijos-de-menino. Ou, pelo menos, será, quando você os encher.

Meus olhos se arregalaram enquanto eu tentava contar todos os corações. Mas eu não podia. Mil era muito!

— Poppy, — a minha vovó disse, quando eu olhei para cima para ver os olhos verdes brilhando. — *Esta* é a sua aventura. Isso é como eu quero que você se lembre de mim quando eu for.

Eu olhei para o frasco novamente. — Mas eu não entendo.

Vovó estendeu a mão para sua mesa de cabeceira e pegou uma caneta. Ela passou para mim e disse, — Eu tenho estado doente por um tempo agora, garotinha, mas as memórias que me fazem sentir melhor são aquelas onde o seu vovô me beijou. Não apenas beijos cotidianos, mas os

especiais, aqueles onde o meu coração quase explodiu no meu peito. Os que vovô fez com que eu nunca fosse esquecer. Os beijos na chuva, os beijos ao pôr do sol, o beijo que compartilhamos na nossa formatura... aqueles onde ele me segurou perto e sussurrou em meu ouvido que eu era a garota mais bonita da sala.

Eu escutei e ouvi, meu coração se sentindo cheio. Vovó apontou para todos os corações no frasco. — Este frasco é para você gravar seus beijos-de-menino, Poppy. Todos os beijos que fazem seu coração quase explodir, os que são os mais especiais, os que você quer se lembrar quando você estiver velha como eu. Os que vão fazer você sorrir quando você se lembrar deles em sua mente.

Tocando a caneta, ela continuou. — Quando você encontrar o menino que será seu sempre para sempre, cada vez que você receber um beijo muito-especial dele, tire um coração. Anote onde você estava quando você foi beijada. Então, quando você for uma vovó também como eu, o seu neto, seu melhor amigo, pode ouvir tudo sobre eles, assim como eu lhe disse tudo sobre os meus. Você vai ter um frasco de tesouro de todos os beijos preciosos que fizeram o seu coração disparar.

Olhei para o frasco e disse. — Um mil é muito. Isso é um monte de beijos, vovó!

Vovó riu. — Não são tantos como você pensa, garotinha. Especialmente quando você encontrar a sua alma gêmea. Você tem um monte de anos pela frente.

Vovó respirou e seu rosto se torceu como se ela estivesse com dor. — Vovó, — Eu chamei, de repente me sentindo muito assustada. Sua mão apertou a minha. Vovó abriu os olhos, e desta vez uma lágrima caiu pelo seu rosto pálido. — Vovó? — Eu disse, mais baixo desta vez.

— Estou cansada, garotinha. Estou cansada, e é quase hora de eu ir. Eu só queria vê-la uma última vez, para lhe dar este frasco. Beijá-la para que eu possa me lembrar de você todos os dias no céu até que eu a veja novamente.

Meu lábio inferior começou a tremer novamente. A minha vovó sacudiu a cabeça. — Sem lágrimas, garotinha. Isto não é o fim. É apenas uma pequena pausa em nossas vidas. E eu estarei cuidando de você, todos os dias. Eu estarei em seu coração. Eu estarei no bosque de flor que nós tanto amamos, ao sol e ao vento.

Os olhos de vovó se encolheram, e as mãos da minha mãe desceram sobre os meus ombros. — Poppy, dê a vovó um beijão. Ela está cansada agora. Ela precisa descansar.

Respirando fundo, eu inclinei e dei um beijo na bochecha de minha vovó. — Eu te amo, vovó, — eu sussurrei. Vovó acariciou o meu cabelo.

— Eu também te amo, garotinha. Você é a luz da minha vida. Nunca se esqueça que eu te amei tanto quanto uma vovó poderia amar a neta bebê dela.

Segurei a mão dela e não queria deixar ir, mas o meu pai me levantou da cama e a minha mão, eventualmente, se separou. Agarrei meu frasco super apertado, minhas lágrimas caindo no chão. Meu papai me colocou para baixo e, quando me virei para ir, vovó chamou o meu nome. — Poppy?

Olhei para trás, e a minha vovó estava sorrindo. — Lembre-se, *corações de luar e sorrisos de amanhecer...*

— Eu sempre vou lembrar, — eu disse, mas eu não me sentia feliz. Tudo o que me senti foi triste. Ouvi a minha mãe chorando atrás de

mim. DeeDee passou por nós no corredor. Ela apertou o meu ombro. Seu rosto estava tão triste também.

Eu não queria estar aqui. Eu não queria mais estar nesta casa. Virando, eu olhei para o meu papai. — Papai, posso ir para o bosque de flor?

Papai suspirou. — Sim, bebê. Vou verificar você mais tarde. Basta ter cuidado. — Eu vi o meu pai tirar o telefone e ligar para alguém. Pedi-lhes para me vigiar enquanto eu estava no bosque, mas eu corri antes que eu pudesse descobrir quem. Fui para a porta da frente, agarrando o meu frasco vazio de mil beijos-de-menino no meu peito. Eu corri para fora da casa, em seguida, fora da varanda. Eu corri e corri e nunca mais parei.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu ouvi meu nome sendo chamado.

— Poppy! Poppy, espere!

Olhei para trás e vi Rune me observando. Ele estava em sua varanda, mas logo começou a me perseguir sobre a grama. Mas, eu nunca parei, nem mesmo por Rune. Eu tinha que chegar às cerejeiras. Esse era o lugar favorito da minha vovó. Eu queria estar no seu lugar favorito. Porque eu estava triste que ela ia para longe. Ia para o céu.

Sua verdadeira casa.

— Poppy, espere! Devagar! — Rune gritou quando virei a esquina para o bosque no parque. Corri através da entrada; as grandes árvores de flor, que estavam em plena floração, fizeram um túnel acima da minha cabeça. A grama era verde debaixo dos meus pés e o céu azul acima. Pétalas em rosas e brancos cobriam as árvores. Então, no outro extremo do bosque, estava a maior árvore de todas. Seus baixos ramos pendurados. Seu tronco era o mais grosso de todo o bosque.

Ela era a minha favorita e de Rune também.

Também era de vovó.

Eu estava sem ar. Quando cheguei abaixo da árvore favorita de vovó, afundei no chão, apertando o meu frasco, enquanto as lágrimas caíram pelo meu rosto. Ouvi Rune parar ao meu lado, mas eu não olhei para cima.

— *Poppymín?* — Disse Rune. Isso é como ele me chamava. Isso significava ‘minha Poppy’ em norueguês. Eu o amava falando norueguês para mim.

— *Poppymín*, não chore, — ele sussurrou.

Mas eu não podia parar. Eu não queria que minha vovó me deixasse, embora eu soubesse que ela tinha que deixar. Eu sabia que quando voltasse para casa, vovó não estaria lá. Nem agora, nem nunca.

Rune caiu para sentar ao meu lado e me puxou para um abraço. Eu me aconcheguei em seu peito e chorei. Eu amava os abraços de Rune, ele sempre me abraçou tão apertado. — A minha vovó, Rune, ela está doente e ela está indo embora.

— Eu sei, a minha mãe me disse quando eu voltei da escola.

Eu balancei a cabeça contra seu peito. Quando eu não pude chorar mais, eu me sentei, limpando as minhas bochechas. Olhei para Rune, que estava me observando. Eu tentei sorrir. Quando eu fiz, ele pegou minha mão e levou-a para o seu peito.

— Sinto muito que você está triste, — disse Rune e apertou a minha mão. Sua blusa estava quente do sol. — Eu *nunca* mais quero que você fique triste. Você é *Poppymín*; Você sempre sorri. Você está sempre feliz.

Funguei e apoiei a cabeça em seu ombro. — Eu sei. Mas vovó é a minha melhor amiga, Rune, e eu nunca mais a irei ter.

Rune não disse nada no início, então disse, — Eu sou o seu melhor amigo também. E eu não vou a lugar algum. Eu prometo. Para todo o sempre.

O meu peito, que tinha estado doendo muito, de repente, não doía tanto. Eu balancei a cabeça. — Poppy e Rune infinitamente, — eu disse.

— Infinitamente, — repetiu ele.

Ficamos em silêncio por um tempo, até Rune perguntar, — Para o que é esse frasco? O que tem dentro?

Puxando para trás a minha mão, eu peguei o frasco e levantei-o no ar. — A minha vovó me deu uma nova aventura. Uma que vai durar toda a minha vida.

As sobrancelhas de Rune baixaram e o seu longo cabelo loiro caiu sobre os olhos. Eu empurrei-o de volta, e ele deu seu meio sorriso quando eu fiz. Todas as meninas na escola queriam que ele sorrisse assim para elas, elas me disseram. Mas ele só sorria para mim. Eu disse a elas que nenhuma delas podia tê-lo de qualquer maneira, ele era o meu melhor amigo e eu não queria compartilhar.

Rune acenou para o frasco. — Eu não entendo.

— Você se lembra quais são as memórias favoritas da minha vovó? Eu já lhe disse antes.

Eu podia ver Rune pensando muito, então de repente ele disse, — Os beijos do seu vovô?

Eu balancei a cabeça e puxei para baixo uma pétala de flor de cerejeira rosa pálido do ramo pendendo do meu lado. Olhei para a pétala.

Elas eram as favoritas da minha vovó. Ela gostava delas, porque elas não ficavam por muito tempo. Ela me disse que as melhores e mais belas coisas nunca ficavam por muito tempo. Ela disse que a flor de cerejeira era bonita demais para durar todo o ano. Era mais especial porque a sua vida era curta. Como um samurai. Muito bonita, e morre rápido. Eu ainda não tinha a certeza do que aquilo significava, mas ela disse que eu entenderia mais a medida que fosse ficando mais velha.

Eu acho que ela estava certa, porém. Porque a minha vovó não era tão velha, e ela estava indo embora nova, pelo menos foi o que papai disse. Talvez por isso ela gostasse tanto da flor de cerejeira. Porque ela era exatamente igual.

— *Poppymin?*

A voz de Rune me fez olhar para cima.

— Estou certo? Beijar seu vovô eram as memórias favoritas de sua vovó?

— Sim, — respondi, deixando cair a pétala, — *todos* os beijos que ele tiveram que fizeram seu coração quase explodir. Vovó disse que os beijos dele eram a coisa mais legal no mundo. Porque significava que ele a amava. Que ele se importava com ela. E ele gostava dela *exatamente* como ela era.

Rune olhou para baixo para o frasco e bufou. — Eu ainda não entendo, *Poppymin*.

Eu ri quando seus lábios fizeram biquinho e seu rosto uma careta. Ele tinha lábios bonitos; eles eram muito espessos com um perfeito arco de cupido. Abri o frasco e tirei um papel de coração rosa em branco. Segurei-o no ar entre mim e Rune. — Isto é um beijo vazio. — Eu apontei para o frasco. — Vovó me deu mil para coletar em minha vida. — Eu coloquei o coração de volta no frasco e peguei a sua mão. — Uma nova aventura,

Rune. Coletar mil beijos-de-menino da minha alma gêmea, antes de morrer.

— Eu... o que... Poppy? Estou confuso! — Ele disse, mas eu podia ouvir a raiva em sua voz. Rune podia realmente ser temperamental quando ele queria ser.

Eu levantei a minha caneta do bolso. — Quando o menino que eu amar me beijar, quando for tão especial que o meu coração puder quase explodir, *somente* os beijos *muito*-especiais, vou escrever os detalhes em um desses corações. É para quando eu estiver com os cabelos grisalhos e velha, e eu poderei dizer aos meus netos tudo sobre os beijos verdadeiramente especiais da minha vida. E o menino doce que me deu.

Eu pulei para os meus pés, excitação correndo através de mim. — É o que vovó queria de mim, Rune. Então eu tenho que começar em breve! Eu quero fazer isso por ela.

Rune ficou de pé também. Nesse momento, uma rajada de vento soprou pétalas de flor de cereja bem perto onde nós estávamos, e eu sorri. Mas, Rune não estava sorrindo. Na verdade, ele parecia completamente chateado.

— Você vai beijar um menino, para o seu frasco? Um especial? Um que você ama? — Perguntou.

Eu balancei a cabeça. — Mil beijos, Rune! *Mil!*

Rune sacudiu a cabeça e os lábios franziram novamente. — NÃO! — Ele gritou. O sorriso caiu do meu rosto.

— O quê? — Perguntei.

Rune deu um passo mais perto, balançando a cabeça mais forte. — Não! Eu não quero que você beije um menino para o seu frasco! Eu não vou deixar isso acontecer!

— Mas... — tentei falar, mas Rune pegou na minha mão.

— Você é a *minha* melhor amiga, — disse ele e estufou o peito, puxando a minha mão. — Eu não quero que você beije meninos!

— Mas eu tenho que fazer isso, — eu expliquei, apontando para o frasco. — Eu tenho que fazer pela minha aventura. Mil beijos é muito, Rune. Muito! Você ainda seria o meu melhor amigo. Ninguém nunca vai significar mais para mim do que você, seu bobo.

Ele olhou fixamente para mim, depois para o frasco. O meu peito doía de novo; Eu podia ver que ele não estava feliz pelo olhar e pelo rosto dele. Ele estava todo temperamental novamente.

Dei um passo para mais perto do meu melhor amigo, e os olhos de Rune fixaram nos meus.

— *Poppymín*, — disse ele, com a voz mais profunda, dura e forte. — *Poppymín!* Isso significa *minha Poppy*. Infinitamente, para sempre e sempre. Você é a *MINHA* Poppy!

Abri a boca para gritar de volta para ele, para lhe dizer que isto era uma aventura que eu apenas *tinha* que começar. Mas quando eu fiz, Rune inclinou-se para frente e de repente pressionou seus lábios nos meus.

Eu congelei. Eu não podia mover um músculo quando senti seus lábios contra os meus lábios. Eles estavam quentes. Ele tinha gosto de canela. O vento soprou seu longo cabelo sobre o meu rosto. Ele começou a fazer cócegas em meu nariz.

Rune puxou para trás, mas o seu rosto ficou perto do meu. Eu tentei respirar, mas o meu peito parecia estranho, tipo leve e macio. E o meu coração estava batendo tão rápido. Tão rápido que eu pressionei a minha mão sobre o peito para senti-lo acelerado por baixo.

— Rune, — eu sussurrei. Eu levantei minha mão para pressionar os dedos contra os meus lábios. Rune piscou e piscou novamente enquanto me observava. Eu empurrei a minha mão e pressionei os dedos contra seus lábios.

— Você me beijou, — eu sussurrei, atordoada. Rune levantou a mão para segurar a minha. Ele baixou as nossas mãos juntas ao seu lado.

— *Eu* vou te dar mil beijos, *Poppymín*. Todos eles. *Nunca* ninguém vai te beijar, mas *eu* sim.

Os meus olhos se arregalaram, mas o meu coração não abrandou. — Isso seria para sempre, Rune. Para *nunca* mais ser beijada por qualquer outra pessoa significa que vamos ficar juntos para sempre, e sempre e sempre!

Rune assentiu com a cabeça, então ele sorriu. Rune não sorria muito. Ele normalmente dava um meio sorriso ou um sorriso presunçoso. Mas ele devia sorrir mais. Ele era realmente bonito quando ele sorria. — Eu sei. Porque somos para todo sempre. Infinitamente, lembra?

Eu assenti lentamente, em seguida, inclinei para o lado. — Você vai me dar todos os meus beijos? Suficiente para encher todo *este* frasco? — perguntei.

Rune me deu um pequeno sorriso. — Todos eles. Vamos encher todo o frasco, e muito mais. Vamos coletar muito mais do que mil.

Engoli em seco. De repente, me lembrei do frasco. Eu afastei a minha mão para que eu pudesse pegar a minha caneta e abrir a tampa do frasco. Arranquei um coração em branco e sentei-me para escrever. Rune ajoelhou-se diante de mim e colocou a mão sobre a minha, me impedindo de escrever.

Olhei para cima, confusa. Ele engoliu em seco, empurrou o longo cabelo atrás da orelha, e perguntou, — Quando eu... te beijei... o... o seu coração quase explodiu? Foi muito especial? Você disse que apenas beijos muito-especiais iriam para dentro do frasco. — Suas bochechas ficaram vermelhas e ele baixou os olhos.

Sem pensar, me inclinei para frente e passei meus braços em volta do pescoço do meu melhor amigo. Eu pressionei meu rosto em seu peito e eu escutei seu coração.

Ele estava batendo tão rápido quanto o meu.

— Ele fez, Rune. Foi tão especial quanto especial pode ser.

Senti o sorriso do Rune contra a minha cabeça, então eu puxei para trás. Cruzei as pernas e coloquei o coração de papel na tampa do frasco. Rune sentou de pernas cruzadas também.

— O que você vai escrever? — Perguntou. Bati com a caneta no meu lábio enquanto eu pensava. Sentei-me direito e inclinei-me para frente, pressionando a caneta no papel:



Quando eu terminei de escrever, eu coloquei o coração no frasco e fechei a tampa apertada. Eu olhei para Rune, que tinha estado me assistindo o tempo todo, e orgulhosamente anunciei, — Aí. O meu primeiro beijo-de-menino!

Rune acenou com a cabeça, mas seus olhos caíram para meus lábios. — *Poppymín?*

— Sim? — Eu sussurrei. Rune pegou a minha mão. Ele começou a traçar padrões na parte de trás com a ponta do dedo.

— Posso... posso te beijar de novo?

Engoli em seco, sentindo frio na barriga. — Você quer me beijar de novo... já?

Rune acenou com a cabeça. — Eu queria beijá-la há algum tempo. E bem, você é minha e eu gostei. Eu gostei de beijar você. Você tinha gosto de açúcar.

— Eu comi um biscoito na hora do almoço. Noz amanteigada. O favorito da vovó, — expliquei.

Rune respirou fundo e se inclinou para mim. Seu cabelo caiu para frente. — Eu quero fazer isso de novo.

— OK.

E Rune me beijou.

Ele me beijou e me beijou e me beijou.

No final do dia eu tinha mais quatro beijos-de-menino no meu frasco.

Quando cheguei a casa, a minha mãe me disse que a minha vovó tinha ido para o céu. Corri para o meu quarto, o mais rápido que pude. Corri para adormecer. Como ela prometeu, vovó estava lá em meus sonhos. Então eu disse-lhe tudo sobre os cinco beijos-de-menino do meu Rune.

A minha vovó sorriu amplamente e me beijou na minha bochecha.

Eu sabia que esta seria a melhor aventura da minha vida.

Rune

Dois Anos Atrás

Aos 15 Anos

Fez-se silêncio quando ela se estabeleceu no palco. Bem, nem tudo estava silencioso, o trovão de sangue chamado de meu peito corria por mim e vibrava em meus ouvidos quando a minha Poppy cuidadosamente se sentou. Ela estava linda em seu vestido preto sem mangas, com seu longo cabelo castanho puxado para trás em um coque, laço branco posicionado no topo.

Levantando a câmera que estava sempre em volta do meu pescoço, eu trouxe a lente para o olho bem quando ela posicionou seu laço contra a corda do seu violoncelo. Eu sempre amei capturá-la neste momento. O momento em que ela fechava os grandes olhos verdes. O momento em que a mais perfeita expressão vagava sobre sua

face, o olhar que ela usava pouco antes da música começar. O olhar de pura paixão pelos sons que se seguiriam.

Eu tirei a foto no momento perfeito, em seguida, a melodia começou. Abaixando minha câmera, eu me concentrei simplesmente nela. Eu não podia tirar fotografias enquanto ela tocava. Eu não podia fazer-me perder qualquer parte de como ela parecia em cima no palco.

Os meus lábios se curvaram em um pequeno sorriso quando seu corpo começou a balançar ao som da música. Ela adorava esta peça, tinha vindo tocá-la por tanto tempo quanto eu posso lembrar. Ela não precisava de partituras para isso; *Greensleeve*² derramava de sua alma através de seu arco.

Eu não conseguia parar de olhar, o meu coração batendo como um maldito tambor quando os lábios de Poppy contraíram. As suas profundas covinhas saíram para fora quando ela se concentrou nas passagens difíceis. Seus olhos permaneceram fechados, mas você poderia dizer quais as partes da música que ela adorava. Sua cabeça se inclinava para o lado, e um enorme sorriso iria se espalhar no rosto.

As pessoas não entendem que depois de todo esse tempo ela ainda era minha. Tínhamos apenas quinze anos, mas desde o dia que a beijei no bosque de flor, aos oito anos, nunca tinha havido qualquer outra pessoa. Eu não tinha olhos para qualquer outra garota. Eu só via Poppy. No meu mundo, só *ela* existia.

E ela era diferente de qualquer outra garota na nossa classe. Poppy era peculiar, não legal. Ela não se preocupava com o que as pessoas pensavam dela, ela nunca tinha isso. Ela tocava violoncelo, porque ela amava. Ela lia livros, ela estudava para se divertir, ela acordava de madrugada só para assistir o nascer do sol.

Era por isso que ela era o meu tudo. Minha sempre para sempre. Porque ela era única. Única em uma cidade cheia de gente sem personalidade. Ela não queria torcer ou reclamar ou perseguir meninos. Ela sabia que me tinha tanto quanto eu a tinha.

Nós éramos tudo o que necessitávamos.

Eu me remexi no meu assento quando o som de seu violoncelo se tornou mais suave, Poppy trazia a peça para um fim. Levantando a minha câmera novamente, eu bati um disparo final quando Poppy ergueu o arco para fora da corda, uma contente expressão enfeitando seu rosto bonito.

O som de aplausos fez-me abaixar a câmera. Poppy empurrou o instrumento para fora do peito e deixou-o a seus pés. Ela fez uma pequena reverência, então examinou o auditório. Seus olhos encontraram os meus. Ela sorriu.

Pensei que meu coração podia romper através de meu peito.

Eu sorri de volta, empurrando os meus longos cabelos loiros do meu rosto com os dedos. Um rubor revestiu as bochechas de Poppy, então ela saiu pela esquerda do palco, as luzes inundaram o auditório com luz. Poppy tinha sido a última a atuar. Ela sempre fechava o show. Ela era a melhor artista no distrito no grupo da nossa idade. Na minha opinião, ela suplantou qualquer um nos três grupos etários acima.

Uma vez perguntei-lhe como ela era capaz de tocar como ela toca. Ela simplesmente me disse que as melodias derramavam através do seu arco tão facilmente como ela respirava. Eu não poderia imaginar ter esse tipo de talento. Mas essa era Poppy, a garota mais incrível do mundo.

Quando os aplausos desvaneceram, as pessoas começaram a deixar o auditório. Uma mão pressionou no meu braço. A Sra. Litchfield

estava enxugando uma lágrima. Ela sempre chorava quando Poppy atuava.

— Rune, querido, precisamos levar estas duas para casa. Você está bem para encontrar Poppy?

— Sim, senhora, — eu respondi, e silenciosamente ri de Ida e Savannah, as irmãs de Poppy de nove e onze anos de idade, dormindo em seus assentos. Elas não se importavam com a música, não como Poppy.

Sr. Litchfield revirou os olhos e me deu um pequeno aceno com a mão, em seguida, virou-se para acordar as meninas para levá-las para casa. Sra. Litchfield me beijou na minha cabeça, então, os quatro foram embora.

Enquanto eu fiz o meu caminho para os bastidores, ouvi sussurros e risinhos vindos a minha direita. Olhando de relance sobre os assentos, vi um grupo de calouras todas olhando na minha direção. Eu abaixei a minha cabeça, ignorando seus olhares.

Acontecia muito. Eu não tinha ideia de por que tantas delas me davam tanta atenção. Eu tinha estado com Poppy há tanto tempo quanto elas me conheciam. Eu não queria mais ninguém. Eu gostaria que elas parassem de tentar me afastar da minha menina. Nada e nem nunca eu faria isso.

Eu empurrei pela saída e fiz meu caminho até a porta dos bastidores. O ar estava pesado e úmido, fazendo com que a minha camisa preta colasse no meu peito. Os meus jeans pretos e botas pretas eram provavelmente demasiado quentes para este calor da primavera, mas eu usava esse estilo de roupa todos os dias, independentemente do clima.

Vendo os artistas começando a amontoar para fora da porta, inclinei-me contra a parede do auditório, descansando o meu pé contra

o tijolo pintado de branco. Cruzei os braços sobre o peito, apenas descruzando-os para tirar o meu cabelo dos meus olhos.

Eu assisti os artistas recebendo abraços de seus familiares e, em seguida, pegaram as mesmas meninas que antes olhavam para mim, baixei os olhos para o chão. Eu não queria que eles se aproximassem. Eu não tinha nada a dizer a eles.

Os meus olhos ainda estavam presos no chão quando ouvi passos vindo em minha direção. Olhei para cima, bem quando Poppy jogou-se no meu peito, os braços envolvendo em torno de minhas costas, me apertando com força.

Eu bufei uma risada curta e segurei-a de volta. Eu já tinha 1,82m de altura, por isso ofuscava os 1,51m de Poppy. Eu gostava, no entanto, como ela se encaixava perfeitamente contra mim.

Inalando profundamente, eu recolhi o aroma doce do seu perfume e apertei a minha bochecha contra a cabeça dela. Depois de um último aperto, Poppy afastou-se e sorriu para mim. Seus olhos verdes pareciam enormes sob seu rímel e maquiagem leve, seus lábios rosados e exuberantes do seu aroma de cereja.

Passei as minhas mãos para por seus lados, parando quando segurei suas bochechas suaves. As pestanas de Poppy tremeram, fazendo-a parecer todos os tipos de doce.

Incapaz de resistir sentir seus lábios nos meus, eu lentamente inclinei-me para frente, quase sorrindo quando ouvi a mesma respiração acelerada que Poppy expulsava cada vez que eu a beijava, naquele momento pouco antes de nossos lábios se tocarem.

Quando os nossos lábios se encontraram, eu exalei pelo nariz. Poppy sempre tinha este gosto, de cereja, o gosto de seu protetor labial

inundando minha boca. E Poppy me beijou de volta, suas pequenas mãos segurando firmemente os lados da minha camisa preta.

Eu trabalhei a minha boca contra a dela, lentamente e suavemente, até que eu finalmente me afastei, colocando três curtos, leves beijos sobre a boca inchada. Tomei uma respiração e observei os olhos de Poppy se abrindo.

Suas pupilas estavam dilatadas. Ela lambeu ao longo de seu lábio inferior antes de me lançar um sorriso brilhante.

— Beijo 352. Com o meu Rune contra a parede do auditório. — Eu segurei a minha respiração, esperando pela próxima linha. O brilho nos olhos de Poppy me disse que as palavras que eu esperava a seguir se derramariam de seus lábios. Inclinando-se para mais perto, equilibrando na ponta dos pés, ela sussurrou, — E o meu coração quase explodiu. — Ela só registrava os beijos muito especiais. Somente aqueles que a faziam sentir que o seu coração estava cheio. Cada vez que nos beijamos, eu esperava por essas palavras.

Quando chegava, ela me surpreendia com o seu sorriso.

Poppy riu. Eu não poderia deixar de sorrir largamente para o som da felicidade em sua voz. Eu pressionei outro beijo rápido nos lábios dela e dei um passo atrás para colocar o braço sobre os ombros. Eu puxei-a para mais perto e descansei a minha bochecha contra a cabeça dela. Os braços de Poppy envolveram em torno das minhas costas e estômago, e eu levei-a para longe da parede. Quando eu fiz isso, eu senti Poppy congelar.

Ergui a cabeça para ver as calouras apontando para Poppy e sussurrando umas com as outras. Os olhos delas estavam focados em Poppy nos meus braços. A minha mandíbula apertou. Eu odiava que

a tratassem desta forma, por ciúmes. A maioria das meninas nunca deram a Poppy uma chance porque elas queriam o que ela tinha. Poppy disse que ela não se importava, mas eu podia dizer que ela se importava. O fato de que ela endureceu em meus braços apenas me disse o quanto.

Movendo-me na frente de Poppy, eu esperei que ela levantasse a cabeça. Assim que ela fez, eu pedi, — Ignore-as.

O meu estômago caiu quando eu a assisti forçar um sorriso a aparecer. — Eu estou, Rune. Elas não me incomodam.

Eu inclinei a minha cabeça para o lado e levantei as sobrancelhas. Poppy sacudiu a cabeça. — Elas não incomodam. Eu prometo, — ela tentou mentir. Poppy olhou por cima do meu ombro e deu de ombros. Quando ela encontrou os meus olhos com os seus, ela disse, — Mas eu entendo. Quero dizer, olhe para você, Rune. Você é lindo. Alto, misterioso, exótico... Norueguês! — Ela riu e apertou a palma da mão sobre o meu peito. — Você tem essa coisa de bad-boy, estilo indie em você. As meninas não podem evitar em querer você. Você é você. Você é perfeito.

Eu aproximei-me e vi seus olhos verdes se alargarem. — E *seu*, — eu adicionei. A tensão vazou dos ombros dela.

Enfiei a mão na sua mão ainda no meu peito. — E eu não sou misterioso, *Poppymim*. Você sabe tudo o que há para saber sobre mim: nenhum segredo, nenhum mistério.

— Para mim, — ela argumentou, encontrando os meus olhos mais uma vez. — Você não é um mistério para mim, mas você é para todas as meninas em nossa escola. Todas elas querem você.

Eu suspirei, começando a me sentir irritado. — E tudo que eu quero é você. — Poppy me olhava, como se ela estivesse tentando encontrar alguma coisa na minha expressão. Isso só me irritou mais. Eu liguei os nossos dedos e sussurrei, — Infinitamente.

Com isso, um sorriso genuíno puxou nos lábios de Poppy. — Sempre para sempre, — ela finalmente sussurrou em resposta.

Deixei cair a minha testa para descansar contra a dela. As minhas mãos em concha em suas bochechas, e eu assegurei-lhe, — Quero você e apenas você. Eu sei disso desde que eu tinha cinco anos e você apertou a minha mão. Nenhuma outra garota vai mudar isso.

— Sim? — Poppy perguntou, mas eu podia ouvir o humor de volta em sua doce voz.

— *Ja*, — eu respondi em norueguês, ouvindo o som doce de seu riso passar pelos meus ouvidos. Ela adorava quando eu falava com ela na minha língua nativa. Eu beijei a testa dela, depois recuei para tomar posse de suas mãos. — Sua mamãe e papai levaram as meninas para casa; disseram-me para lhe dizer.

Ela assentiu com a cabeça, em seguida, olhou para mim, nervosamente. — O que você achou de hoje à noite?

Revirei os olhos e enruguei o nariz. — Terrível, como sempre, — eu disse secamente.

Poppy riu e bateu no meu braço. — Rune Kristiansen! Não seja tão mau! — Ralhou.

— Tudo bem, — eu disse, fingindo estar irritado. Puxei-a para o meu peito, passando os braços ao redor das suas costas, prendendo-a contra mim. Ela gritou quando eu comecei a beijar sua bochecha para cima e para baixo, mantendo os braços fechados ao seu lado. Deixei meus lábios no seu pescoço e peguei a alteração na respiração, todo o riso esquecido.

Movi a minha boca até que eu puxei a sua orelha com os dentes. — Você foi incrível, — eu sussurrei suavemente. — Como

sempre. Você foi perfeita lá em cima. Você possuiu o palco. Você possuiu todos naquela sala.

— Rune, — ela murmurou. Eu ouvi o tom feliz em sua voz.

Eu me afastei, ainda não desbloqueando os braços. — Eu nunca estive mais orgulhoso de você do que quando eu vejo você em cima daquele palco, — eu confessei.

Poppy corou. — Rune, — ela disse timidamente, mas eu abaixei minha cabeça para manter o contato com os olhos quando ela tentou se afastar.

— Carnegie Hall, lembre-se. Um dia eu estarei vendo-a se apresentar no Carnegie Hall.

Poppy conseguiu libertar uma das mãos e suavemente deu um tapa no meu braço. — Você me bajula.

Eu balancei minha cabeça. — Nunca. Eu só digo a verdade.

Poppy pressionou seus lábios nos meus e eu senti seu beijo todo o caminho até aos dedos dos pés. Quando ela se afastou, eu soltei-a e enrosquei os dedos juntos.

— Estamos indo para o campo? — Poppy perguntou enquanto eu comecei a levá-la em direção ao estacionamento, segurando-a apenas um pouco mais perto à medida que passávamos pelo grupo de meninas calouras.

— Eu preferia ficar sozinho com você, — eu disse.

— Jorie perguntou se íamos. Todos estão lá. — Poppy olhou para mim. Pela contração dos seus lábios, eu sabia que eu estava fazendo uma careta. — É sexta-feira à noite, Rune. Nós temos quinze, e você acabou de passar a maior parte da noite observando-me tocar violoncelo. Temos

noventa minutos restando até o toque de recolher; devemos realmente ver os nossos amigos como adolescentes normais.

— Tudo bem, — eu assenti e envolvi o meu braço em volta dos seus ombros. Inclinando-me para baixo, eu coloquei a minha boca em seu ouvido e disse, — Mas vou ter você só para mim mesmo amanhã.

Poppy colocou o braço em volta da minha cintura e me segurou com força. — Eu prometo.

Ouvimos as meninas atrás de nós mencionar o meu nome. Suspirei em frustração quando Poppy ficou tensa por alguns instantes.

— É porque você é diferente, Rune, — Poppy disse, sem olhar para cima. — Você é artista com as fotografias. Você veste roupas escuras. — Ela riu e balançou a cabeça. Eu empurrei o meu cabelo do meu rosto, e Poppy apontou para cima. — Mas, principalmente, é por causa disso.

Eu fiz uma careta. — Por causa de quê?

Ela estendeu a mão e puxou uma mecha do meu cabelo comprido. — Quando você faz isso. Quando você empurra seu cabelo para trás do jeito que você faz. — Eu levantei uma sobrancelha, confuso. Poppy deu de ombros. — É meio irresistível.

— *Ja?* — Perguntei, antes de parar para ficar na frente de Poppy, arrastando o meu cabelo para trás com um exagero, até que ela riu. — Irresistível, hein? Para você também?

Poppy riu e puxou a minha mão do meu cabelo para envolver em torno dela. Enquanto seguíamos o caminho para o campo, um fragmento do parque onde as crianças da nossa escola passavam a noite, Poppy disse, — Realmente não me incomoda que outras meninas olhem para você, Rune. Eu sei como você se sente sobre mim, porque é a maneira exata da qual eu sinto sobre você. — Poppy mordeu seu lábio inferior. Eu sabia

que isso significava que ela estava nervosa, mas eu não sabia por que, até que ela disse, — A única garota que me incomoda é Avery. Porque ela quer você há tanto tempo e eu tenho certeza que ela faria qualquer coisa para fazê-lo dela.

Eu balancei a minha cabeça. Eu nem sequer gostava de Avery, mas porque ela estava em nosso grupo de amigos, ela estava sempre por perto. Todos os meus amigos gostavam dela; todos pensavam que ela era a coisa mais bonita ao redor. Mas eu nunca vi isso, e eu odiava como ela era para mim. Odiava como ela fazia Poppy se sentir.

— Ela não é nada, *Poppymin*, — eu a tranquilizei. — Nada.

Poppy enrolou em meu peito e virou à direita, em direção aos nossos amigos. Segurei Poppy mais apertado quanto mais perto estávamos chegando. Avery sentou-se quando nos aproximamos.

Virando a cabeça para Poppy, eu repeti, — *Nada*.

A mão de Poppy agarrou a minha camisa, me dizendo que tinha ouvido. Sua melhor amiga Jorie saltou para seus pés.

— Poppy! — Jorie chamou animadamente, aproximando-se para puxar Poppy em seus braços. Eu gostava de Jorie. Ela era boba, raramente pensava antes de falar, mas ela amava Poppy e Poppy a amava. Ela era uma das únicas pessoas nesta pequena cidade que achou a estranheza de Poppy cativante e não apenas estranha.

— Como você está? — Jorie perguntou e recuou. Ela olhou para o vestido preto de atuação de Poppy. — Você está bonita! Tão bonitinha!

Poppy baixou a cabeça em agradecimento. Segurei a mão dela novamente. Guiei-nos ao redor da pequena fogueira que tinham acendido e nos sentamos. Encostei-me um banco de tora, puxando Poppy para baixo para sentar entre as minhas pernas. Ela deu

um rápido sorriso quando ela se sentou comigo, pressionando as costas contra o meu peito e enfiando a cabeça no meu pescoço.

— Então, Pops, como foi? — Judson, o meu melhor amigo, perguntou do outro lado do fogo. O meu outro amigo mais próximo, Deacon, estava sentado ao lado dele. Ele inclinou o queixo em saudação, sua namorada, Ruby, jogou um pequeno aceno também.

Poppy deu de ombros. — Bem, eu acho.

Quando eu envolvi o meu braço sobre o peito dela, segurando-a firme, eu olhei para o meu amigo de cabelos escuros e acrescentei, — A estrela do show. Como sempre.

— É só violoncelo, Rune. Nada muito especial, — Poppy argumentou suavemente.

Eu balancei a cabeça em sinal de protesto. — Ela derrubou o lugar.

Eu peguei Jorie sorrindo para mim. Eu também peguei Avery revirando os olhos com desdém. Poppy ignorou Avery e começou a conversar com Jorie sobre a classe.

— Vamos, Pops. Juro, Mr. Millen é um maldito alienígena mau. Ou um demônio. Inferno, ele é de algum lugar fora do que nós conhecemos. Trazido pelo diretor para nos torturar, os fracos jovens Terráqueos com uma álgebra muito difícil. É como ele recebe sua força de vida; Estou convencida disso. E eu acho que ele está de olho em mim também. Sabe, o fato de que eu sei que ele é um extra-terrestre, porque, *Senhor!* Aquele homem continua chutando a minha bunda e me dando o olhar fedorento!

— Jorie! — Poppy riu, riu tanto que todo o seu corpo tremia. Eu sorri para a felicidade dela, então eu sai da zona. Eu me inclinei mais para trás contra a tora enquanto os nossos amigos falavam. Eu preguiçosamente

tracerei padrões no braço de Poppy, querendo nada mais do que ir embora. Eu não me importava de estar com nossos amigos, mas eu preferia ficar sozinho com ela. Era a sua companhia que eu desejava; o único lugar que eu sempre quis estar era com ela.

Poppy riu de outra coisa que Jorie disse. Sua risada era tão forte que ela bateu para o lado a câmera pendurada em volta do meu pescoço. Poppy piscou-me um sorriso de desculpas. Inclinei-me, elevando o queixo dela em minha direção com o dedo e beijei-a nos lábios. Eu só pretendia que fosse rápido e suave, mas quando a mão de Poppy enfiou no meu cabelo, me puxando para mais perto, tornou-se mais. Quando Poppy abriu os lábios, eu empurrei a minha língua para encontrar a dela, perdendo o fôlego quando eu fiz.

Os dedos de Poppy apertaram no meu cabelo. Eu segurei o rosto dela para mantê-la nesse beijo o maior tempo possível.

Se eu não tivesse que respirar, imagino que nunca teria parado de beijá-la.

Muito perdido no beijo, só nos separamos quando alguém limpou a garganta do outro lado do fogo. Eu levantei a cabeça para encontrar Judson sorrindo. Quando eu olhei para Poppy, suas bochechas estavam em chamas. Os nossos amigos esconderam o riso, e eu apertei Poppy mais apertado. Eu não ficaria constrangido por beijar a minha garota.

A conversa engatou novamente, e eu levantei minha câmera para verificar se estava tudo bem. A minha mamma e pappa compraram para mim no meu aniversário de 13 anos, quando eles viram que a fotografia estava tornando-se a minha paixão. Foi uma vintage Canon 1960. Levava-a comigo para todos os lugares, tirando milhares de fotos. Eu não sei porque, mas capturar momentos me fascinava. Talvez fosse porque às vezes tudo o que obtemos são momentos. Não há como fazer de novo; tudo o que acontece em um momento define a vida, talvez *é* a vida. Mas captar um

momento no rolo mantém aquele momento vivo, para sempre. Para mim, a fotografia era mágica.

Eu mentalmente rolei através do rolo da câmera. Fotos de animais selvagens e close-ups de flores de cerejeira do bosque ocupavam a maior parte do rolo. Em seguida, havia fotos de Poppy desta noite. Seu bonito rosto quando a música tomou o seu lugar. Eu só tinha visto aquele olhar em seu rosto uma outra vez. Quando ela olhava para mim. Para Poppy, eu era tão especial para ela como sua música era.

Em ambos os casos, um vínculo que ninguém pode quebrar.

Alcançando o meu celular, eu levantei-o a frente de nós, a lente da câmera voltada na nossa direção. Poppy já não estava participando da conversa ao nosso redor. Ela foi silenciosamente correndo os dedos ao longo do meu braço. Pegando-a de surpresa, eu bati a foto, bem quando ela olhou para mim. Deixei escapar uma única risada quando seus olhos se estreitaram em irritação. Eu sabia que ela não estava com raiva, porém, apesar de seu esforço para parecer assim. Poppy amava qualquer foto de nós que eu tirava, mesmo que fosse tirada quando ela menos esperava.

Quando eu me concentrei no meu celular, meu coração imediatamente começou a bater contra o meu peito. Na imagem, Poppy olhava para mim, ela estava linda. Mas foi a expressão em seu rosto que me abalou.

O olhar em seus olhos verdes.

Neste momento, este único momento capturado, havia *aquela* expressão. A que ela me dava tão prontamente como a que ela dava a sua música. A única que me disse que eu tinha-a tanto quanto ela me tinha. A que garantiu que tivéssemos ficado juntos todos esses anos. A que disse que mesmo sendo jovens, nós sabíamos que tínhamos encontrado a nossa alma gêmea um no outro.

— Deixe-me ver?

A voz calma de Poppy tirou minha atenção da tela. Ela sorriu para mim e eu abaixei o telefone para deixá-la ver.

Eu assisti Poppy, não a imagem, quando seu olhar caiu sobre a tela. Eu vi como os olhos amoleceram e uma ponta de um sorriso assombrou seus lábios. — Rune, — ela sussurrou, quando ela se estendeu para pegar a minha mão livre.

Apertei sua mão e ela disse, — Eu quero uma cópia dessa aí. É perfeita. — Eu balancei a cabeça e beijei a cabeça dela.

E é por isso que eu amo fotografia, pensei. Podia retirar emoção, emoção crua, em uma questão de segundo no tempo.

Desligando a câmera do meu telefone, eu vi o tempo exibido na tela. — *Poppymín*, — eu disse calmamente, — temos que ir para casa. Está ficando tarde.

Poppy assentiu. Eu fiquei de pé e puxei-a de pé.

— Indo embora? — Perguntou Judson.

Eu assenti. — Sim. Eu vejo você segunda-feira.

Eu dei a todos eles um aceno e peguei a mão de Poppy. Nós não dissemos muito enquanto fizemos o nosso caminho para casa. Quando paramos na porta de Poppy, eu levei-a em meus braços e puxei-a para o meu peito. Eu coloquei a minha mão no lado de seu pescoço. Poppy olhou para cima. — Estou tão orgulhosa de você, *Poppymín*. Não há dúvidas de que você vai entrar em Julliard. Seu sonho de tocar no Carnegie Hall se tornará realidade.

Poppy sorriu brilhantemente e puxou a alça da câmera em volta do meu pescoço. — E você vai estar em Tisch, Escola das Artes da NYU. Nós vamos estar em Nova York juntos, como sempre esteve destinado a ser. Como se tivéssemos sempre planejado.

Eu assenti e rocei os meus lábios ao longo de sua bochecha. — Então, não haverá mais toque de recolher, — eu murmurei provocando. Poppy riu. Movendo para a boca dela, eu dei um beijo suave em seus lábios e recuei.

Quando deixei as suas mãos, o Sr. Litchfield abriu a porta. Ele me viu me afastando de sua filha e sacudiu a cabeça, rindo. Ele sabia exatamente o que eu estava fazendo.

— Noite, Rune, — disse ele secamente.

— Boa noite, Sr. Litchfield, — eu respondi, vendo Poppy corar quando o seu pai fez um gesto para ela ir para dentro.

Eu andei pela grama para a minha casa. Abri a porta, atravessei a sala de estar e encontrei os meus pais sentados no sofá. Ambos estavam sentados em seus assentos e eles pareciam tensos.

— *Hei*, — eu disse, e a cabeça de minha mãe se esticou.

— *Hei, baby*, — disse ela.

Eu fiz uma careta. — Qual o problema? — Perguntei. A minha mamma lançou um olhar para o meu pappa.

Ela balançou a cabeça. — Nada, querido. Será que a Poppy tocou bem? Desculpe, mas não pude ir.

Olhei para os meus pais. Eles estavam escondendo alguma coisa, eu poderia dizer. Quando eles não continuaram, eu lentamente balancei a cabeça, respondendo a sua pergunta. — Ela estava perfeita, como sempre.

Eu pensei que vislumbrei lágrimas nos olhos de minha mãe, mas ela rapidamente piscou-as para fora. Precisando escapar do constrangimento, eu levantei a minha câmera. — Eu estou indo revelar estas imagens, em seguida, vou para a cama.

Quando me virei para ir embora, meu pappa disse, — Nós vamos sair como uma família amanhã, Rune.

Eu parei imobilizado. — Eu não posso ir. Eu planejei passar o dia com Poppy.

O meu pappa balançou a cabeça. — Não amanhã, Rune.

— Mas, — eu ia discutir, mas o meu pappa me cortou, sua voz severa.

— Eu disse não. Você está vindo, isso é ponto final. Poppy pode vê-lo quando voltarmos. Nós não vamos estar fora o dia todo.

— O que realmente está acontecendo?

O meu pappa caminhou até ficar diante de mim. Ele colocou a mão no meu ombro. — Nada, Rune. Eu só nunca mais vejo você por causa do trabalho. Eu quero mudar isso, então estamos tendo um dia na praia.

— Bem, então, a Poppy pode vir com a gente? Ela ama a praia. É o seu segundo lugar favorito para ir.

— Não amanhã, filho.

Eu fiquei em silêncio, ficando chateado, mas eu podia ver que ele não ia ceder. Pappa suspirou. — Vá revelar suas fotos, Rune, e pare de se preocupar.

Fazendo o que ele disse, eu andei até ao porão e para um pequeno quarto que o meu pappa tinha convertido em um quarto escuro para mim. Eu ainda revelava o filme no velho estilo em vez de usar uma câmera digital. Eu achava que dava um melhor resultado.

Depois de vinte minutos, dei um passo para trás da linha das novas imagens. Eu também tinha impresso a foto do meu telefone, de Poppy e eu no campo. Apanhei-a e levei-a para o meu quarto. Enfiei a cabeça no quarto

de Alton quando passei, verificando o meu irmão de dois anos de idade, estava dormindo. Ele estava enrolado apertado no seu urso de pelúcia marrom, seu cabelo loiro bagunçado distribuído ao longo de seu travesseiro.

Empurrei a porta e liguei a lâmpada. Olhei para o relógio, registrei que estava perto da meia-noite. Correndo a mão pelo meu cabelo, eu fiz o meu caminho até a janela, e sorri quando eu vi a casa dos Litchfield na escuridão, salva pela luz fraca do candeeiro de Poppy, o sinal que a barra estava livre para eu me esgueirar para dentro.

Eu tranquei a porta do quarto e apaguei a lâmpada. O quarto ficou mergulhado na escuridão. Eu me mudei rapidamente para as minhas calças de dormir e camisa. Silenciosamente, eu levantei a janela e sai. Eu corri pela grama entre as nossas duas casas e me arrastei para dentro do quarto de Poppy, fechando a janela quão silenciosamente pude.

Poppy estava na cama, debaixo das cobertas. Seus olhos estavam fechados e sua respiração era suave e nivelada. Sorri para o quão bonita ela parecia com sua bochecha descansando em sua mão, eu caminhei em passos silenciosos, coloquei o presente na mesa de cabeceira e subi ao seu lado.

Deitei ao lado dela, a minha cabeça caindo para compartilhar seu travesseiro.

Nós tínhamos feito isso há anos. A primeira noite que eu vim foi um erro; Subi para o quarto dela, aos doze, para conversar, mas eu adormeci. Felizmente, eu acordei cedo o suficiente na manhã seguinte para esgueirar-me despercebido de volta para o meu próprio quarto. Mas, então, na noite seguinte, eu fiquei de propósito, então a noite depois dessa, e quase todas as noites desde então. Felizmente nós nunca tínhamos sido

descobertos. Eu não estava muito certo de que o Sr. Litchfield gostaria de mim do mesmo jeito se soubesse que eu dormia na cama da filha dele.

Mas ficar na cama ao lado da Poppy foi se tornando mais e mais difícil. Agora eu tinha 15 anos, eu me sentia de forma diferente ao seu redor. Vi-a de forma diferente. E eu sabia que ela também me via. Nós nos beijamos mais e mais. Os beijos foram ficando mais profundo, as nossas mãos começando a explorar lugares que não deviam. Foi ficando mais difícil e mais difícil de parar. Eu queria mais. Eu queria a minha menina de todas as formas possíveis.

Mas éramos jovens. Eu sabia.

Isso não tornava menos difícil embora.

Poppy agitou-se ao meu lado. — Eu me perguntei se você estava vindo esta noite. Eu esperei por você, mas você não estava no seu quarto, — disse ela, sonolenta, enquanto empurrava o meu cabelo do meu rosto.

Capturando sua mão, beijei a palma da mão. — Eu tive que revelar o meu rolo, e os meus pais estavam agindo esquisito.

— Esquisito? Como? — Ela perguntou, se arrastando para mais perto e beijando minha bochecha.

Eu balancei a minha cabeça. — Só... estranho. Eu acho que algo está acontecendo, mas disseram para não me preocupar.

Mesmo na penumbra pude ver as sobrancelhas de Poppy arquearem juntas em preocupação. Eu apertei a sua mão em garantia.

Lembrando do presente que eu trouxe, cheguei por trás de mim e peguei a foto da cabeceira. Eu coloquei-a em um quadro de prata simples.

Toquei no ícone da lanterna no meu telefone e ergui-o para que Poppy pudesse ver melhor.

Ela deu um pequeno suspiro e vi quando um sorriso iluminou todo o seu rosto. Ela pegou o quadro e acariciou seu dedo pelo vidro. — Eu amo esta imagem, Rune, — ela sussurrou, em seguida, colocou em sua cabeceira. Ela olhou para ele por alguns momentos, depois virou-se na minha direção.

Poppy levantou as cobertas e segurou-os para que eu pudesse entrar por baixo. Eu coloquei meu braço sobre a cintura de Poppy e me aproximei de seu rosto, salpicando beijos suaves ao longo do seu rosto e pescoço.

Quando eu beijei o local logo abaixo da orelha, Poppy começou a rir e se afastou. — Rune! — Ela sussurrou, — isso faz cócegas!

Recuei e enrosquei a minha mão através da dela.

— Então, — Poppy perguntou, levantando a outra mão para tirar uma longa mecha do meu cabelo, — o que estamos fazendo amanhã?

Revirando os olhos, eu respondi, — Nós não estamos, o meu pappa está fazendo-nos sair em família durante o dia. Para a praia.

Poppy sentou-se excitada. — Sério? Eu amo a praia!

O meu estômago caiu. — Ele disse que nós temos que ir sozinhos, *Poppymin*. Apenas a família.

— Oh, — Poppy disse, parecendo desapontada. Ela deitou-se na cama. — Será que fiz algo de errado? Seu pappa sempre me convida, juntamente com todos vocês.

— Não, — eu assegurei-lhe. — É o que eu estava dizendo antes. Eles estão agindo de forma estranha. Ele disse que quer passar o dia com a família, mas eu acho que há algo mais.

— Ok, — Poppy disse, mas eu podia ouvir o tom triste em sua voz.

Eu coloquei a cabeça na minha mão e prometi, — Eu vou voltar para o jantar. Passaremos a noite de amanhã juntos.

Ela pegou no meu pulso. — Bom.

Poppy olhou para mim, seus olhos verdes arregalados à luz maçante. Eu acariciava minha mão ao longo de seu cabelo. — Você é tão bonita, *Poppymin*.

Eu não precisava da luz para ver o rubor revestindo suas bochechas. Fechei o pequeno espaço entre nós e esmaguei os meus lábios contra os dela. Poppy suspirou quando eu empurrei a minha língua em sua boca, suas mãos se movendo para agarrar no meu cabelo.

Parecia bom demais, a boca de Poppy crescendo mais e mais quente quanto mais nós nos beijávamos, as minhas mãos caindo para passear nos seus braços nus e para baixo ao longo de sua cintura.

Poppy deslocou sobre suas costas quando a minha mão escorregou para baixo para tocar sua perna. Segui e me movi acima dela, Poppy tirou sua boca da minha com um suspiro. Mas eu não parei de beijá-la. Eu arrastei os meus lábios acima de sua mandíbula para beijar ao longo de seu pescoço, a minha mão se movendo sob a camisola para acariciar a pele macia de sua cintura.

Os dedos de Poppy puxaram o meu cabelo, e sua perna levantou para envolver a parte de trás da minha coxa. Gemi contra sua garganta, voltando para cima para tomar sua boca com a minha. Quando a

minha língua deslizou contra a dela, eu delineeii com os meus dedos mais para cima no seu corpo. Poppy rompeu o beijo.

— Rune...

Abaixei a minha cabeça na dobra entre o pescoço e o ombro, respirando profundamente. Eu queria tanto ela que era quase demais para ter.

Eu respirei dentro e fora quando Poppy soltou sua mão para acariciar as minhas costas para cima e para baixo. Eu me foquei no ritmo de seus dedos, forçando-me a acalmar.

Minutos e minutos se passaram, mas não me mexi. Eu estava contente por cima de Poppy, respirando seu aroma delicado, a minha mão pressionando contra seu estômago macio.

— Rune? — Poppy sussurrou. Eu levantei minha cabeça.

A mão de Poppy estava imediatamente na minha bochecha. — Querido? — Ela sussurrou, e eu podia ouvir a preocupação na voz dela.

— Eu estou bem, — eu sussurrei de volta, mantendo a minha voz tão tranquila quanto possível, de modo a não perturbar os pais dela.

Olhei fundo nos olhos dela. — Eu só quero você pra caramba. — Larguei a minha testa contra a dela e acrescentei, — Quando estamos assim, quando nós deixamos chegar até aqui, eu meio que perco a minha mente.

Os dedos de Poppy enfiaram através do meu cabelo e eu fechei os olhos, amando seu toque. — Me desculpe eu—

— Não, — eu disse com força, um pouco mais alto do que o pretendido. Me afastei. Os olhos de Poppy estavam enormes. — Não

faça isso. Nunca peça desculpas por isso, por me parar. Nunca é algo que você tem que se desculpar.

Poppy separou os lábios inchados do beijo e deixou escapar um longo suspiro. — Obrigada, — ela sussurrou. Movi a minha mão e baixei os meus dedos para ligá-los através dos dela.

Deslocando para o lado, eu abri meu braço e sacudi a cabeça para ela vir para mim. Ela deitou a cabeça no meu peito. Fechei os olhos e apenas trabalhei na respiração para me acalmar.

Eventualmente, o sono começou a me levar. O dedo de Poppy vagueou para cima e para baixo no meu estômago. Eu tinha quase adormecido quando Poppy sussurrou, — Você é meu tudo, Rune Kristiansen, espero que você saiba disso.

Os meus olhos se abriram com as suas palavras, eu senti o meu peito cheio. Coloquei o dedo sob o queixo, eu levantei a cabeça dela para cima. Sua boca estava à espera do meu beijo.

Beije-a delicadamente, suavemente, e lentamente me retirei. Os olhos de Poppy permaneceram fechados enquanto ela sorria.

Sentindo-me como se o meu peito fosse explodir ao ver a expressão de contentamento no rosto dela, eu sussurrei, — Infinitamente.

Poppy aconchegou de volta para o meu peito e sussurrou de volta, — Sempre para sempre.

E nós dois adormecemos.

Rune

— Rune, precisamos falar com você, — o meu pappa disse, enquanto nós comíamos o nosso almoço no restaurante com vista para a praia.

— Vocês estão se divorciando?

O rosto de Pappa empalideceu. — Deus, não, Rune, — ele assegurou-me rapidamente e pegou a mão de minha mãe para ênfase. A minha mãe sorriu para mim, mas eu podia ver as lágrimas em seus olhos.

— Então o quê é? — Perguntei. O meu pappa lentamente recostou-se na cadeira.

— Sua mamãe está chateada com o meu trabalho, Rune, não comigo. — Eu estava completamente confuso, até que ele disse, — Eles estão me transferindo de volta para Oslo, Rune. A empresa tem uma falha lá e eu estou sendo enviado de volta para corrigi-la.

— Por quanto tempo? — Perguntei. — Quando você vai voltar?

O meu pappa passou a mão pelo seu cabelo loiro curto, e grosso, do jeito que eu tinha antes. — Aqui está a coisa, Rune, — disse ele com cautela. — Pode ser anos. Pode ser meses. — Ele suspirou. — Realisticamente, qualquer coisa de um a três anos.

Os meus olhos se arregalaram. — Você está nos deixando aqui na Geórgia por tanto tempo?

A minha mãe estendeu a mão e cobriu a minha com a dela. Olhei fixamente para ela. Em seguida, as verdadeiras consequências do que Pappa dizia começaram a escorrer no meu cérebro. — Não, — eu disse sob a minha respiração, sabendo que ele não faria isso para mim. Não *podia* fazer isso comigo.

Eu olhei para cima. Eu vi a culpa passar por todo o seu rosto.

Eu sabia que era verdade.

Eu entendia agora. Por que viemos a praia. Por que ele queria que nós estivéssemos sozinhos. Por que ele recusou a companhia de Poppy.

O meu coração estava acelerado enquanto as minhas mãos se remexeram na mesa. A minha mente andando em círculos... eles não iriam... Ele não... Eu *não* iria!

— Não, — eu cuspi, mais alto, atraindo olhares de mesas próximas. — Eu não vou. Eu não vou deixá-la.

Virei-me para a minha mãe pedindo ajuda, mas ela baixou a cabeça. Tirei a minha mão debaixo da dela.

— Mamma? — Eu implorei, mas ela balançou a cabeça lentamente.

— Nós somos uma família, Rune. Nós não vamos nos dividir por tanto tempo. Temos de ir. Nós somos uma *família*.

— Não! — Eu gritei desta vez, empurrando a minha cadeira para trás da mesa. Eu fiquei de pé, os meus punhos cerrados nos meus lados. — Eu não vou deixá-la! Você não pode me obrigar! Esta é a nossa casa. *Aqui!* Eu não quero voltar para Oslo!

— Rune, — o meu pappa disse, apaziguando, levantando-se da mesa e estendendo as mãos. Mas eu não podia estar neste espaço fechado com ele. Virando no meu calcanhar, eu corri para fora do restaurante tão rápido quanto eu podia e descii para a praia. O sol tinha desaparecido atrás das nuvens espessas, causando um vento frio agitando a areia. Continuei correndo, indo para as dunas, os grãos grosseiros acertando meu rosto.

Enquanto corria, eu tentei lutar contra a raiva rasgando através de mim. *Como eles* podiam fazer isto comigo? Eles sabem o quanto eu preciso de Poppy.

Eu estava tremendo de raiva enquanto eu subia a duna mais alta e cai para sentar-me no seu pico. Deitei-me, olhando para o céu cinza, e imaginei uma vida de volta na Noruega sem ela. Eu me senti doente. Doente só de pensar em não tê-la ao meu lado, segurando a minha mão, beijando os meus lábios...

Eu mal podia respirar.

A minha mente corria, procurando por ideias de como eu poderia ficar. Eu pensei e pensei em todas as possibilidades, mas eu conhecia o meu pappa. Quando decidia alguma coisa, nada iria mudar sua mente. Eu estava indo; o olhar em seu rosto havia me dito claramente que não havia nenhuma

maneira diferente. Eles estavam me tirando da minha menina, da minha alma. E eu não podia fazer absolutamente nada sobre isso.

Ouvi alguém subir a duna atrás de mim e eu sabia que era meu pappa. Ele se sentou ao meu lado. Eu olhei para o lado, olhando para o mar. Eu não queria reconhecer a sua presença.

Ficamos em silêncio, até que eu finalmente quebrei e perguntei, — Quando é que vamos embora?

Senti o meu pappa endurecer ao meu lado, me fazendo olhar na sua direção. Ele já estava olhando para o meu rosto, simpatia em sua expressão. O meu estômago afundou ainda mais. — Quando? — Eu pressionei.

Pappa baixou a cabeça. — Amanhã.

Tudo parou.

— O quê? — Eu sussurrei em estado de choque. — Como isso é possível?

— Sua mamãe e eu sabemos há cerca de um mês. Decidimos não dizer-lhe até ao último minuto, porque nós sabíamos como você se sentiria. Eles precisam de mim no escritório na segunda-feira, Rune. Nós organizamos tudo com a sua escola, transferimos as suas transcrições. Seu tio está preparando a nossa casa em Oslo para o nosso retorno. A minha empresa contratou pessoas de mudanças para esvaziar a nossa casa em Blossom Grove e enviar os nossos pertences para a Noruega. Eles chegam amanhã, logo depois de irmos embora.

Eu olhei para o meu pappa. Pela primeira vez na minha vida, eu o odiava. Cerrei os dentes e desviei o olhar. Eu sentia-me mal com a quantidade de raiva correndo em minhas veias.

— Rune, — o meu pappa disse suavemente, colocando a mão no meu ombro.

Eu tirei a mão dele. — Não, — eu assobiei. — Nunca me toque ou fale comigo de novo. — Eu girei bruscamente a minha cabeça ao redor. — Eu *nunca* vou perdoá-lo, — eu prometi. — Eu nunca vou perdoá-lo por levá-la de mim.

— Rune, eu entendo... — ele tentou dizer, mas eu o interrompi.

— Você não entende. Você *não* tem ideia como me sinto, o que Poppy significa para mim. Nenhuma maldita ideia. Porque se você fizesse, você não estaria me levando para longe dela. Você diria a sua empresa que você *não* iria mudar. Que temos que ficar.

Pappa suspirou. — Eu sou o Diretor Técnico, Rune, eu tenho que ir para onde sou necessário, e agora isso é em Oslo.

Eu não disse nada. Eu não me importava que ele fosse o maldito responsável técnico de alguma falida empresa. Eu estava chateado porque ele só estava me dizendo agora. Estava chateado porque estávamos indo, ponto.

Quando eu não falei, o meu pappa disse, — Eu vou pegar nossas coisas, filho. Esteja no carro em cinco minutos. Eu quero que você tenha esta noite com Poppy. Eu quero, pelo menos, dar-lhe isso.

Lágrimas quentes construíram nos meus olhos. Virei a cabeça para ele não me ver. Eu estava com raiva, tanta raiva que eu não conseguia parar as malditas lágrimas. Nunca chorava quando eu estava triste, só quando eu estava com raiva. E agora, eu estava tão irritado que eu mal podia respirar.

— Não vai ser para sempre, Rune. Alguns anos, no máximo, em seguida, vamos estar de volta. Eu prometo. O meu trabalho, a nossa vida, é aqui na Geórgia. Mas eu tenho que ir para onde a empresa precisa de mim, — disse Pappa. — Oslo não vai ser tão ruim; é de onde viemos. Eu

sei que a sua mãe vai ficar feliz em estar perto da família novamente. Eu pensei que você poderia ficar, também.

Eu não respondi. Porque alguns anos sem Poppy era um tempo de vida. Eu não me importava com a minha família.

Eu estava perdido, observando o ritmo das ondas, e eu esperei por tanto tempo quanto eu pude antes de ficar de pé. Eu queria ir até Poppy, mas, ao mesmo tempo, eu não sabia como dizer a ela que eu estava indo embora. Eu não podia suportar a ideia de quebrar seu coração.

A buzina soou, e eu corri para o carro, onde a minha família estava esperando. A minha mãe tentou sorrir para mim, mas eu a ignorei e deslizei para o banco de trás. Quando nós puxamos para longe da costa, eu olhei para fora da janela.

Sentindo a mão no meu braço, me virei para ver Alton agarrando a manga da minha camisa. Sua cabeça estava inclinada para o lado.

Eu amarrotei o seu cabelo loiro bagunçado. Alton riu, mas seu sorriso desapareceu, e ele continuava olhando na minha direção toda a jornada para casa. Eu achei que era irônico como meu irmãozinho parecia entender quanto dor eu estava sentindo, muito mais do que os meus pais fizeram.

A viagem pareceu uma eternidade. Quando entrou na garagem, eu praticamente mergulhei para fora do carro e corri para a casa dos Litchfield.

Bati na porta da frente e a Sra. Litchfield respondeu apenas alguns segundos depois. No minuto em que viu a minha expressão vi seus olhos se encherem de simpatia. Ela olhou através do jardim para a minha mamma e o meu pappa que estavam descarregando o carro. Ela deu-lhes um pequeno aceno com a mão.

Ela sabia.

Ela sabia que estávamos indo embora antes de mim.

— Poppy está aqui? — Eu consegui perguntar, empurrando as palavras através da minha espessa garganta.

A Sra. Litchfield me puxou para um abraço. — Ela está no bosque de flor, querido. Ela esteve lá toda a tarde lendo. — Sra. Litchfield beijou a minha cabeça. — Eu sinto muito, Rune. Aquela minha filha vai ficar de coração partido quando você for embora. Você é toda a vida dela.

Ela é toda a minha vida também, eu queria acrescentar, mas eu não consegui falar uma única palavra.

Sra. Litchfield me liberou e eu recuei, saltando para fora da varanda, correndo todo o caminho para o bosque.

Eu cheguei lá em minutos, imediatamente encontrando Poppy sob a nossa flor de cerejeira favorita. Parei, mantendo-me bem longe da vista enquanto eu a observei ler o livro, seus fones púrpura sobre a cabeça. Ramos cheios de folhas da flor de cerejeira rosa caíram em torno dela como um escudo protetor, protegendo-a do sol brilhante. Ela estava usando um curto vestido branco sem mangas, um grande laço branco preso ao lado de seu longo cabelo castanho. Senti que tinha entrado em um sonho.

O meu coração apertou. Eu tinha visto Poppy todos os dias desde que eu tinha cinco anos. Dormi ao seu lado todas as noites. Beije-a todos os dias desde que eu tinha oito anos, e amei-a com tudo o que tinha por tantos dias que eu tinha parado de contar.

Eu não tinha ideia de como viver um dia sem ela ao meu lado. Como respirar sem ela ao meu lado.

Como se ela sentisse que eu estava aqui, ela olhou para cima a partir da página. Ela me mostrou o seu maior sorriso quando eu caminhei para a grama. Era o sorriso que ela tinha só para mim.

Eu tentei sorrir de volta, mas eu não podia.

Caminhei sobre as flores de cerejeira, o caminho tão repleto de folhas caídas que parecia um riacho de rosa e branco por baixo dos meus pés. Eu vi o sorriso de Poppy desaparecer a medida que ia me aproximando. Eu não podia esconder qualquer coisa dela. Ela me conhecia tanto quanto eu me conhecia. Ela podia ver que eu estava chateado.

Como eu havia dito antes, não havia mistério comigo. Não com ela. Ela era a única pessoa que me conhecia completamente.

Poppy ficou imóvel, se movendo apenas para puxar os fones de sua cabeça. Ela colocou seu livro ao lado dela no chão, enrolou os braços ao redor de suas pernas dobradas e apenas esperou.

Engolindo, eu caí de joelhos diante dela e a minha cabeça caiu para frente em derrota. Eu lutei contra o aperto no meu peito. Eventualmente, levantei minha cabeça. A apreensão era clara nos olhos de Poppy, como se ela soubesse que o que ia sair da minha boca iria mudar tudo.

Nos mudaria.

Mudaria toda a nossa vida.

Terminaria o nosso mundo.

— Nós estamos indo embora, — eu finalmente consegui forçar para fora as palavras.

Eu assisti o rosto dela a empalidecer.

Olhando para longe, consegui arrastar outra respiração curta, e adicionei, — Amanhã, *Poppymin*. De volta para Oslo. Pappa está me levando para longe de você. Ele nem está mesmo tentando ficar.

— Não, — ela sussurrou em resposta. Ela se inclinou para frente. — Deve haver algo que podemos fazer? — A respiração de Poppy acelerou. — Talvez você possa ficar com a gente? Morar com a gente? Nós podemos fazer algo. Nós podemos—

— Não, — eu interrompi. — Você sabe que o meu pappa não permitiria isso. Eles sabem há semanas; eles já pediram a minha transferência escolar. Eles simplesmente não me disseram por que sabiam como eu não ia reagir bem. Eu tenho que ir, *Poppymin*. Eu não tenho outra escolha. Eu tenho que ir.

Olhei para uma única pétala da flor quando ela caiu de um baixo galho pendurado. Flutuou para o chão como uma pena. Eu sabia que, a partir de agora, sempre que eu visse uma flor de cerejeira eu pensaria em Poppy. Ela gastava todo o seu tempo aqui neste bosque, comigo ao seu lado. Era o lugar que ela mais amava.

Eu apertei os meus olhos fechados enquanto eu imaginava-a neste bosque sozinha depois de amanhã, ninguém para ir em aventuras com ela, sem ninguém para ouvi-la rir... ninguém para lhe dar beijos-de-menino que explodem corações para o seu frasco.

Sentindo uma dor aguda atingir o meu peito, me virei para Poppy, e o meu coração rasgou em dois. Ela ainda estava congelada a seu lugar contra a árvore, mas seu rosto bonito estava inundado com riachos e correntes de silenciosas lágrimas, suas pequenas mãos fechadas em punhos que tremiam em seus joelhos.

— *Poppymin*, — Eu murmurei, finalmente, deixando toda a minha mágoa livre. Corri para o lado dela e a embalei nos meus braços. Poppy derreteu contra mim, chorando no meu peito. Fechei os olhos, sentindo cada pontada de sua dor.

Esta dor também era minha.

Ficamos assim por um algum tempo, até que, finalmente, Poppy levantou a cabeça e pressionou a palma tremendo na minha bochecha. — Rune, — ela disse, com voz embargada, — o que... o que vou fazer sem você?

Eu balancei a cabeça, silenciosamente dizendo a ela que eu não sabia. Eu não conseguia falar, as minhas palavras estavam presas por trás da

minha garganta obstruída. Poppy deitou-se contra o meu peito, seus braços apertados em torno da minha cintura.

Nós não falamos enquanto as horas passavam. O sol desapareceu para deixar para trás um céu laranja-queimado. Não muito depois, as estrelas apareceram e a lua também, brilhante e cheia.

Uma brisa fresca chicoteou em torno do bosque, forçando as pétalas a dançar em torno de nós. Quando senti Poppy começar a tremer em meus braços, eu sabia que era hora de ir.

Levantando as minhas mãos, eu passei os dedos pelo cabelo espesso da Poppy e sussurrei, — *Poppymin*, temos que ir.

Ela só me segurou mais apertado em resposta.

— Poppy? — Eu tentei novamente.

— Eu não quero ir, — disse ela quase inaudível, sua voz doce agora rouca. Olhei para baixo quando os olhos verdes dela olharam para cima e fixaram nos meus. — Se deixarmos este bosque, isso significa que é quase hora para você *me* deixar também.

Eu corri as costas da minha mão para baixo nas suas bochechas vermelhas. Elas estavam congelando ao toque. — Sem despedidas, lembra? — Eu lembrei. — Você sempre diz que não há tal coisa como um adeus. Porque nós vamos sempre ver uns aos outros em nossos sonhos... Tal como com a sua vovó, — lágrimas derramaram dos olhos de Poppy; Eu enxuguei as gotas para longe com a ponta do meu polegar.

— E você está com frio, — eu disse suavemente. — É muito tarde, e eu preciso te levar para casa para que você não entre em problemas por falhar com o toque de recolher.

Poppy forçou um sorriso fraco em seus lábios. — Eu pensei que os Vikings da vida real não jogavam pelas regras?

Eu ri uma única risada e pressionei a minha testa na dela. Coloquei dois beijos suaves na esquina da sua boca e respondi, — Eu estou andando com você até a porta, e uma vez que seus

pais estiverem dormindo, eu vou escalar em seu quarto para uma última noite. Isso serve para quebrar as regras? Viking o suficiente?"

Poppy deu uma risadinha. — Sim, — respondeu ela, empurrando o meu cabelo comprido na frente dos meus olhos. — Você é todo Viking de verdade se eu alguma vez precisar de um.

Tomando conta de suas mãos, beijei a ponta de cada dedo e me fiz ficar de pé. Ajudei Poppy ficar de pé e puxei-a em meu peito. Eu passei os meus braços em torno dela, mantendo-a perto. Seu doce perfume caiu em meu nariz. Jurei lembrar exatamente como ela se sentia neste momento.

O vento ficou mais forte. Eu quebrei o nosso abraço e peguei a mão de Poppy. Em silêncio, começamos a andar pelo caminho coberto de pétalas. Poppy descansou a cabeça no meu braço, inclinando a cabeça para trás para absorver o céu à noite. Eu beijei o topo de sua cabeça e ouvi-a suspirar profundamente.

— Você já notou quão escuro o céu está acima deste bosque? Como é mais escuro do que em qualquer outro lugar da cidade. Parece negro para além da lua brilhante e estrelas cintilantes. Contra o rosa das árvores de flor de cerejeira, parece algo de um sonho. — Eu inclinei a minha cabeça para trás para ver o céu, e um sorriso puxou no canto da minha boca. Ela estava certa. Parecia quase surreal.

— Só você iria notar algo assim, — eu disse quando eu baixei a cabeça de volta para baixo. — Você sempre vê o mundo de forma diferente de todos os outros. É uma das coisas que eu amo sobre você. É a aventureira que conheci quando eu tinha cinco anos.

Poppy apertou o seu aperto na minha mão. — A minha vovó sempre disse que o céu parece o que você quer que pareça, sabe. — A tristeza em sua voz fez a minha respiração engatar na minha garganta.

Ela suspirou. — O lugar favorito da vovó era sob a nossa flor de cerejeira. Quando eu sento lá e olho para as longas fileiras e fileiras de árvores, depois para aquele céu negro e escuro, às vezes me pergunto se ela está sentada naquela exata árvore no céu, olhando ao longo das cerejeiras

tal como fazemos, olhando para o céu negro acima assim como eu estou fazendo agora.

— Eu tenho certeza que ela está, *Poppymin*. E ela vai estar sorrindo para você, como ela prometeu que faria.

Poppy estendeu a mão e capturou uma flor de cerejeira rosa brilhante em sua mão. Ela estendeu-a na frente dela, olhando para as pétalas em sua palma.

— Vovó também disse que as melhores coisas da vida morrem rapidamente, como a flor de cerejeira. Porque algo tão bonito nunca *deve* durar para sempre, não dura para sempre. Ele permanece por um breve momento no tempo para nos lembrar de como a vida é preciosa, antes de desvanecer tão rapidamente como veio. Ela disse que ela ensina-lhe mais em sua breve vida do que qualquer coisa que está sempre ao seu lado.

A minha garganta começou a se fechar com a dor em sua voz. Ela olhou para mim. — Porque nada tão perfeito pode durar uma eternidade, pode? Como as estrelas cadentes. Vemos as estrelas habituais acima de nós a cada noite. A maioria das pessoas as têm como garantidas, até esquecer que elas estão lá. Mas se uma pessoa vê uma estrela cadente, elas se lembram desse momento para sempre, elas ainda fazem um desejo na sua presença.

Ela tomou uma respiração profunda. — Ela dispara tão rápido que as pessoas saboreiam o pouco tempo que têm com ela.

Senti uma lágrima cair em nossas mãos unidas. Eu estava confuso, não tendo certeza por que ela estava falando coisas tão tristes.

— Porque algo tão completamente perfeito e especial está destinado a desaparecer. Eventualmente, tem que soprar para longe no vento. — Poppy levantou a flor de cerejeira que ainda estava em sua mão. — Como esta flor.

Ela jogou-o no ar, assim quando uma rajada de vento veio. A forte rajada levou as pétalas para o céu e para longe acima das árvores.

Ela desapareceu de nossa vista.

— Poppy... — Eu fui para falar, mas ela me cortou.

— Talvez nós somos como a flor de cerejeira, Rune. Como estrelas cadentes. Talvez nós tenhamos amado demasiadamente jovens e brilhado tanto que tivemos que desaparecer. — Ela apontou para trás, para o bosque de flor. — Extrema beleza, rápida morte. Tivemos este amor durante tempo suficiente para nos ensinar uma lição. Para nos mostrar o quão capaz somos de amar verdadeiramente.

O meu coração caiu para o meu estômago. Eu girei Poppy para me encarar. O olhar devastado em seu belo rosto me cortou onde eu estava. — Ouça-me, — eu disse, sentindo-me em pânico. Colocando minhas mãos em ambos os lados do rosto de Poppy, eu prometi, — Eu vou voltar para você. Esta mudança para Oslo não será para sempre. Conversaremos todos os dias, vamos escrever. Nós ainda seremos Poppy e Rune. Nada pode quebrar isso, *Poppymín*. Você sempre será minha, você sempre vai ter a metade da minha alma. Isto não é o fim.

Poppy fungou e piscou as lágrimas. O meu pulso acelerou com medo do pensamento dela desistir sobre nós. Porque isso nunca tinha sequer passado pela minha cabeça. Nós não estávamos terminando nada.

Eu me aproximei. — Nós não terminamos, — eu disse com força. — Infinitamente, *Poppymín*. Para todo o sempre. *Nunca* acaba. Você não pode pensar assim. Não com a gente.

Poppy levantou nas pontas dos pés e espelhou a minha postura, colocando as mãos no meu rosto. — Você me promete, Rune? Porque eu ainda tenho centenas de beijos-de-menino que eu preciso que você me dê. — Sua voz era tímida e acanhada... estava torturada e com medo.

Eu ri, sentindo o medo escoar dos meus ossos, o alívio tomando seu lugar. — Sempre. E eu vou dar-lhe mais de mil. Vou dar-lhe dois, ou três, ou mesmo quatro mil.

O sorriso alegre de Poppy me acalmou. Beije-a lentamente e suavemente, mantendo-a tão perto quanto eu possivelmente podia. Quando nos separamos, os olhos de Poppy se abriram, e ela

anunciou, — Beijos número 354. Com o meu Rune, no bosque de flor... e o meu coração quase explodiu.

Então Poppy prometeu, — Os meus beijos são todos seus, Rune. Ninguém nunca vai ter estes lábios, somente você.

Eu escovei os meus lábios contra os dela mais uma vez e repeti suas palavras. — Meus beijos são todos seus. Ninguém nunca vai ter estes lábios, somente você.

Peguei a mão dela e fomos de volta para as nossas casas. Todas as luzes na minha casa ainda estavam acesas.

Quando chegamos a porta de Poppy, eu inclinei-me e beijei a ponta do nariz. Movendo a minha boca para o seu ouvido, eu sussurrei, — Dê-me uma hora e eu vou até você.

— Ok, — Poppy sussurrou de volta. Então eu pulei quando a palma da mão pousou suavemente no meu peito. Poppy se aproximou de mim. A expressão séria no rosto me fez subitamente nervoso. Ela olhou para a sua mão, em seguida, correu os dedos lentamente sobre meu peito e para baixo sobre o meu estômago.

— *Poppymin?* — Perguntei, sem saber o que estava acontecendo.

Sem dizer uma palavra, ela retirou a mão e foi até a porta. Eu esperei que ela virasse e explicasse, mas ela não o fez. Ela entrou pela porta aberta, deixando-me colado no lugar em sua garagem. Eu ainda podia sentir o calor de sua mão no meu peito.

Quando a luz na cozinha dos Litchfields apareceu, eu me obriguei a caminhar de volta para a minha própria casa. Assim que entrei na porta, vi uma montanha de caixas no corredor.

Eles devem ter sido embalados e armazenados longe para mantê-los da minha vista.

Batendo a porta ao passar por eles, eu vi a minha mamma e pappa na sala de estar. O meu pappa chamou o meu nome, mas eu não parei. Entrei no meu quarto, assim que ele veio atrás de mim.

Movi-me para a minha mesa de cabeceira e comecei a recolher tudo o que queria comigo, especialmente o retrato emoldurado de Poppy que eu tinha tirado na noite anterior. Quando os meus olhos percorreram a fotografia, o meu estômago doeu. Se fosse possível, eu já sentia a falta dela. Sentia a falta da minha casa.

A falta da minha menina.

Sentindo que o meu pappa ainda estava atrás de mim, eu disse calmamente, — Eu te odeio por fazer isso para mim.

Eu peguei sua inspiração rápida. Eu me virei e vi a minha mãe em pé ao lado dele. O rosto dela estava tão chocado quanto o do meu pappa. Eu nunca os tinha tratado assim tão mal. Eu gostava dos meus pais. Eu nunca entendi como os outros adolescentes não gostavam dos deles.

Mas eu entendia agora.

Eu *os odiava*.

Eu nunca tinha sentido tanto ódio por alguém antes.

— Rune... — a minha mãe começou, mas dei um passo a frente e a cortei.

— Eu nunca vou perdoá-lo, a *qualquer um* de vocês, por me fazerem isto. Eu odeio tanto ambos que agora eu não suporto estar perto de vocês.

Fiquei surpreso com quão dura a minha voz soou. Estava grossa e cheia com toda a raiva que estava construindo dentro de mim. A raiva que eu não sabia que era possível sentir. Eu sabia que para a maioria das pessoas

eu parecia temperamental, mal-humorado, mas realmente, eu raramente sentia raiva. Agora eu sentia que eu era feito dela. Somente ódio corria em minhas veias.

Raiva.

Os olhos de minha mãe se encheram de lágrimas, mas pela primeira vez, eu não me importava. Eu queria que eles se sentissem tão mau como eu me sentia agora mesmo.

— Rune... — o meu pappa disse, mas eu virei de costas para ele.

— Que horas partimos? — Eu perguntei, interrompendo o que ele estava tentando dizer.

— Partimos às sete horas da manhã, — ele informou-me suavemente.

Fechei os olhos; Agora eu tinha apenas algumas *horas* com Poppy. Em oito horas eu estaria deixando-a para trás.

Deixando tudo para trás além desta raiva. Que eu iria ter certeza que viajasse comigo.

— Não vai ser para sempre, Rune. Depois de um tempo, isto vai ficar mais fácil. Você vai conhecer alguém eventualmente. Você vai seguir em frente—

— *Não!* — Eu rugi quando eu virei, jogando a lâmpada de minha mesa de cabeceira para o outro lado da sala. O bulbo de vidro quebrou com o impacto. Eu respirava com dificuldade, o coração disparado no peito, enquanto eu olhava para o meu pappa. — Você nunca diga nada disso de novo! Eu não vou seguir em frente sem Poppy. Eu amo ela! Você não entende isso? Ela é meu *tudo* e você *está* nos destruindo. — Eu assisti o rosto dele empalidecer. Dei um passo para frente.

Minhas mãos tremiam.

— Eu não tenho escolha a não ser ir com você, eu sei disso. Tenho apenas quinze anos; Eu não sou estúpido o suficiente para acreditar que eu poderia ficar aqui sozinho. — Eu apertei os punhos. — Mas eu vou te odiar. Eu vou odiar *ambos* todos os dias até a gente retornar. Você pode pensar que só porque eu tenho quinze anos eu vou esquecer Poppy logo que alguma vagabunda de Oslo flertar comigo. Mas isso nunca vai acontecer. E eu vou te odiar cada segundo até que eu esteja com ela de novo.

Fiz uma pausa para respirar, em seguida, acrescentei, — E mesmo assim, eu vou te odiar por me levar para longe dela em primeiro lugar. Por causa de você, eu vou perder anos de estar com a minha garota. Não pense que só porque eu sou jovem não reconheço o que eu tenho com Poppy. Eu amo ela. Eu a amo mais do que você poderia imaginar. E você está me levando para longe, mesmo sem considerar como eu me sentiria. — Eu virei de costas, fui até ao meu armário e comecei a puxar as minhas roupas. — Então, de agora em diante, eu não vou dar a mínima como você se sente sobre qualquer coisa. Eu nunca vou te perdoar por isto. Qualquer um de vocês. Especialmente você, pappa.

Eu comecei a embalar a mala que a minha mãe devia ter colocado na minha cama. O meu pappa permaneceu onde ele estava, olhando para o chão em silêncio. Eventualmente, ele se virou e disse, — Vá dormir um pouco, Rune. Temos de acordar cedo.

Cada cabelo no meu pescoço arrepiou em aborrecimento com a sua demissão do que eu tinha a dizer, até que ele silenciosamente acrescentou, — Sinto muito, filho. Eu sei o quanto Poppy significa para você. Tentei não dizer nada a você antes até agora para poupá-lo semanas de dor. Isso claramente não ajudou. Mas esta é a vida real, e é o meu trabalho. Você vai entender um dia.

A porta se fechou atrás dele, e me deixei cair sobre a cama. Eu arrastei a minha mão pelo meu rosto e os meus ombros caídos, quando eu olhei para o meu armário vazio. Mas a raiva ainda estava lá, queimando em meu estômago. Se possível, estava queimando mais quente do que antes.

Eu tinha certeza que estava aqui para ficar.

Eu joguei a última das minhas camisas na mala, não me importando quão amassadas elas ficavam. Eu fiz meu caminho para a janela e vi que a casa de Poppy estava na escuridão, todos, exceto pela luz noturna dizendo-me que a barra estava livre.

Depois de trancar a porta do quarto, eu escapei para fora da janela e corri pela grama. A janela estava ligeiramente aberta, me esperando. Eu deslizei através dela e fechei-a com força atrás de mim.

Poppy estava sentada no centro de sua cama, seu cabelo para baixo e seu rosto lavado. Engoli quando vi o quão bonita ela parecia em sua camisola branca, seus braços e pernas nuas, e sua pele tão macia e suave.

Aproximei da cama e vi a moldura da foto na mão dela. Quando ela olhou para cima, eu pude ver que ela esteve chorando.

— *Poppymin*, — eu disse suavemente, a minha voz quebrando ao vê-la tão triste.

Poppy pousou a moldura na cama e deitou a cabeça no travesseiro, batendo no colchão ao lado dela. Quão mais rápido que pude, deitei-me também, movendo até que estávamos apenas a centímetros de distância.

Assim que eu vi os olhos vermelhos de Poppy, a raiva dentro de mim parecia incendiar. — *Baby*, — eu disse, cobrindo a minha mão com a sua, — por favor, não chore. Eu não suporto ver você chorar.

Poppy engoliu. — A minha mãe me disse que vocês estão indo embora bem cedo pela manhã.

Fechei os meus olhos e assenti com a cabeça lentamente.

Os dedos de Poppy percorreram a minha testa. — Então só temos esta noite restando, — disse ela. Eu senti um punhal perfurar o meu coração.

— *Ja*, — eu respondi, piscando para ela.

Ela estava olhando para mim estranhamente.

— O quê? — Perguntei.

Poppy mexeu o seu corpo para mais perto. Tão perto que nossos peitos tocaram e seus lábios pairavam na minha boca. Eu podia sentir o cheiro mentolado do creme dental na sua respiração.

Lambi os meus lábios quando o meu coração começou a bater com força. Os dedos de Poppy deslocaram-se do meu rosto, por cima do meu pescoço e para baixo sobre o meu peito até que chegaram à parte baixa da minha camisa. Eu me mexi na cama, necessitando de algum espaço, mas antes que pudesse afastar-me, Poppy aproximou-se e apertou a boca na minha. Tão logo eu provei-a em meus lábios, eu me inclinei para mais perto, em seguida, sua língua empurrou para encontrar a minha.

Ela beijou-me lento, mais profundo do que nunca. Quando a sua mão levantou a minha camisa e pousou no meu estômago nu, eu rapidamente afastei a minha cabeça para trás e engoli em seco. Eu podia sentir a mão de Poppy tremer contra a minha pele. Olhei em seus olhos, e o meu coração perdeu uma batida.

— *Poppymín*, — eu sussurrei e corri a minha mão sobre o seu braço nu. — O que você está fazendo?

Poppy moveu a mão para cima até que sua mão estava no meu peito, e minha voz foi interrompida pela espessura na minha garganta.

— Rune? — Poppy sussurrou enquanto ela abaixava a cabeça para colocar cuidadosamente um beijo na parte inferior da minha garganta. Os meus olhos se fecharam enquanto sua boca quente tocava a minha pele. Poppy falou contra o meu pescoço.

— Eu... eu quero que você...

O tempo parou. Os meus olhos se abriram. Poppy avançou para trás e inclinou a cabeça até que seus olhos verdes encontraram os meus.

— Poppy, não, — eu protestei, balançando a cabeça, mas ela colocou os dedos sobre os meus lábios.

— Eu não posso... — Ela afastou-se, em seguida, se recompôs e continuou, — eu não posso ter você indo embora e nunca saber como é estar com você. — Ela fez uma pausa. — Eu te amo, Rune. Tanto. Eu espero que você saiba disso.

O meu coração bateu em um novo tipo de batida, um que sabia que tinha o amor da sua outra metade. Era mais forte e mais rápido. Era infinitamente mais forte do que o anterior. — Poppy, — eu sussurrei, completamente atingido por suas palavras. Eu sabia que ela me amava, porque eu a amava. Mas esta foi a primeira vez que dissemos em voz alta.

Ela me ama...

Poppy aguardou silenciosamente. Não sabendo como responder de qualquer outra forma, eu corri a ponta do meu nariz no seu rosto, puxando para trás apenas uma fração para olhar em seus olhos. — *Jeg elsker deg.*

Poppy engoliu em seco, depois sorriu.

Eu sorri de volta. — Eu te amo, — eu traduzi em Inglês, apenas para ter certeza que ela completamente compreenderia o que eu estava falando.

Seu rosto ficou sério, mais uma vez, e ela moveu-se para se sentar no meio da cama. Esticando-se para a minha mão, ela me puxou para me sentar em frente a ela. As mãos dela caíram para a minha camisa.

Tomando uma respiração balbuciante, ela puxou-a para cima e sobre a cabeça. Fechei os olhos e senti um quente beijo no meu peito. Abri os olhos novamente para ver Poppy me dando um sorriso tímido. Eu derreti ao ver o nervoso olhar em seu rosto.

Ela nunca pareceu tão bonita.

Tentando lutar através dos meus próprios nervos, eu coloquei a minha mão em seu rosto. — Nós não temos que fazer isto, Poppy. Só porque eu estou indo embora, você não precisa fazer isto por mim. Eu vou voltar; Eu vou ter certeza disso. Quero esperar até que esteja pronta.

— Eu estou pronta, Rune, — ela disse, com a voz clara e firme.

— Você acha que nós somos muito jovens—

— Nós teremos dezesseis em breve.

Eu sorri, ouvindo o fogo em sua voz. — A maioria das pessoas ainda pensam que é muito jovem.

— Romeu e Julieta tinham quase a nossa idade, — ela argumentou. Eu não pude deixar de rir. Eu parei de rir quando ela se aproximou e passou a mão pelo meu peito. — Rune, — ela sussurrou, — Eu estou pronta há algum tempo, mas eu estava feliz em esperar porque nós tínhamos todo o tempo do mundo. Não havia pressa. Agora não temos esse luxo. O nosso tempo, *desta vez*, é limitado. Nós só temos horas restando. Eu te amo. Eu amo mais do que alguém podia acreditar. Eu amo... e eu acho que você sente o mesmo por mim.

— *Ja*, — eu respondi imediatamente. — Eu te amo.

— Sempre para sempre, — Poppy disse em um suspiro, então se afastou de mim. Sem quebrar os olhos dos meus, ela levantou a mão para a alça da camisola e empurrou-a para baixo. Ela fez o mesmo com a outra alça e a camisola caiu para os quadris.

Eu congelei. Eu não podia me mover enquanto Poppy se sentou na minha frente, nua para mim. — *Poppymín*, — eu respirei, convencido de que eu não merecia esta garota... este momento.

Cheguei mais perto, até que se me elevei bem acima dela. Eu procurei os seus olhos e perguntei, — Você tem certeza, *Poppymín*?

Poppy enfiou a mão na minha, então trouxe as nossas mãos para a sua pele nua. — Sim, Rune. Eu estou certa. Eu quero isso.

Eu não conseguia me segurar por mais tempo, então eu deixei ir, e beijei seus lábios. Nós só tínhamos horas. Eu ia gastá-las estando com a minha garota, em todas as maneiras possíveis.

Poppy moveu a mão da minha e explorou o meu peito com os dedos, nunca quebrando o nosso beijo. Corri os meus dedos sobre as suas costas, empurrando-a para perto de mim. Ela estremeceu sob o meu toque. Eu deixei cair a minha mão na bainha de seu vestido em sua coxa. A minha mão viajou para cima, até que eu estava preocupado que eu tava indo longe demais.

Poppy se afastou e descansou sua testa no meu ombro. — Continue, — ela instruiu, sem fôlego. Fiz o que ela pediu, engolindo o nervosismo em minha garganta.

— Rune, — ela murmurou.

Fechei os olhos ao ouvir o som da sua doce voz. Eu a amava pra caramba. Por causa disso eu não queria magoá-la. Eu não queria ser

responsável por empurrá-la longe demais. Eu queria que ela se sentisse especial. Eu queria que ela entendesse que ela era o meu mundo.

Ficamos assim por um minuto, presos no momento, respirando, esperando o que vinha em seguida.

Então as mãos de Poppy derivaram para o botão do meu jeans e eu abri os meus olhos. Ela estava me estudando de perto. — Isto... isto está bem? — Ela perguntou com cautela. Eu assenti, sem palavras. Tomando a mão livre, ela guiou-me para despi-la, até que todas as nossas roupas tinham sido derramadas no chão.

Poppy ficou em silêncio diante de mim, com as mãos remexendo em seu colo. Seus longos cabelos castanhos estavam fluindo sobre um de seus ombros, e as suas bochechas estavam coradas com vermelho.

Eu nunca a tinha visto tão nervosa.

Eu nunca tinha estado tão nervoso.

Esticando a minha mão, eu corri o meu dedo por sua bochecha quente. Com o meu toque, os olhos de Poppy se agitaram, um sorriso tímido puxou em seus lábios.

— Eu te amo, *Poppymín*, — eu sussurrei.

Um suspiro escapou de sua boca. — Eu também te amo, Rune.

Os dedos de Poppy envolveram em torno do meu pulso e ela cuidadosamente deitou-se na cama, me guiando para frente até que eu estava ao lado dela, o meu tronco se movendo para cobrir o dela.

Inclinando-me, eu salpiquei beijos suaves sobre suas bochechas coradas e na testa, terminando em um longo beijo na sua boca quente. A mão tremendo de Poppy empurrou no meu cabelo e me puxou para mais perto.

Parecia apenas alguns segundos mais tarde, quando Poppy se deslocou debaixo de mim, quebrando o beijo. Ela colocou a palma da mão no meu rosto e disse, — Eu estou pronta.

Acariciando o meu rosto em sua mão, beijei os dedos descansando na minha bochecha e absorvi as suas palavras.

Poppy se inclinou para o lado e tirou algo da gaveta de sua mesa de cabeceira. Quando ela entregou-me o pequeno pacote que ela tinha pegado, eu lutei contra uma súbita onda nervosa.

Olhei para Poppy e suas bochechas estavam coradas de vergonha. — Eu sabia que esse dia chegaria em breve, Rune. Eu queria ter certeza que estávamos preparados.

Beijei a minha menina até que tive a coragem para fazer isto. Não demorou muito tempo, com o toque de Poppy acalmando a tempestade dentro de mim, até que eu sabia que eu estava pronto.

Poppy abriu os braços, guiando-me em cima dela. A minha boca fundida com a dela, e por um longo tempo, eu simplesmente a beijei. Eu provei o sabor de cereja em seus lábios, amando a sensação de sua quente pele nua pressionando contra a minha.

Afastei para respirar. Encontrei o olhar de Poppy e ela balançou a cabeça. Eu podia ver em seu rosto o quanto ela me queria, como eu a queria. Eu mantive os meus olhos fixos nos dela, e eu não rompi nem sequer uma vez.

Nem por um único segundo...

Depois, eu a segurei em meus braços. Nós encaramos um ao outro enquanto estávamos deitados debaixo das cobertas. A pele de

Poppy estava quente ao toque e sua respiração estava reduzindo a velocidade de volta ao seu ritmo normal. Os nossos dedos estavam ligados no travesseiro, agora compartilhado, os nossos apertos apertados, as mãos ligeiramente tremendo.

Nenhum de nós tinha falado ainda. Enquanto eu estudava Poppy observando cada movimento que eu fazia, eu rezei para que ela não se arrependesse do que tínhamos feito.

Eu a vi engolir profundamente enquanto ela puxava uma respiração lenta. Quando ela soltou o ar, ela mergulhou os olhos nas nossas mãos entrelaçadas. O mais lentamente possível, ela correu os lábios sobre os nossos dedos unidos.

Eu me acalmei.

— *Poppymin*, — eu disse, e seus olhos levantaram. Uma longa mecha de seu cabelo tinha caído sobre sua bochecha e eu empurrei-a de volta, colocando-a atrás da orelha. Ela ainda não tinha dito nada. Precisando que ela soubesse que o que tínhamos compartilhado tinha significado muito para mim, eu sussurrei, — Eu te amo tanto. O que nós fizemos... estar com você assim... — Eu parei, sem saber como expressar o que eu queria dizer.

Ela não respondeu e o meu estômago revirou, temendo que eu tivesse feito algo errado. Quando os meus olhos fecharam em frustração, eu senti a testa de Poppy contra a minha e seus lábios sussurrando beijos na minha boca. Eu me mexi até que estávamos tão perto quanto poderíamos estar.

— Vou me lembrar desta noite para o resto da minha vida, — ela confidenciou, e o medo que senti foi empurrado para longe da minha mente.

Pisquei os olhos abertos e apertei o meu aperto em torno de sua cintura. — Foi... foi especial para você, *Poppymin*? Tão especial como

foi para mim?

Poppy sorriu um sorriso tão largo que a visão roubou o meu fôlego. — Tão especial quão especial pode ser, — ela suavemente respondeu, ecoando as palavras que ela disse para mim quando tínhamos oito anos de idade e eu a beijei pela primeira vez. Incapaz de fazer qualquer outra coisa, eu a beijei com tudo o que eu tinha, derramando todo o meu amor no beijo.

Quando nos separamos, Poppy apertou a minha mão, e lágrimas se juntaram em seus olhos. — Beijo número 355, com o meu Rune, no meu quarto... depois que fizemos amor pela primeira vez. — Tomando a minha mão, ela colocou sobre o peito, diretamente sobre seu coração. Eu podia sentir suas pesadas batidas na minha palma. Eu sorri. Eu sabia que as suas lágrimas eram lágrimas de felicidade, e não tristeza.

— Foi tão especial que o meu coração quase explodiu, — acrescentou com um sorriso.

— Poppy, — eu sussurrei, sentindo o meu peito apertar.

O sorriso de Poppy caiu, e eu assisti quando as lágrimas começaram a cair no seu travesseiro. — Eu não quero que você me deixe, — ela disse entrecortada.

Eu não podia suportar a dor em sua voz. Ou o fato de que estas lágrimas agora eram tristes. — Eu não quero ir, — eu respondi, honestamente.

Nós não dissemos mais nada. Porque não havia nada mais a dizer. Eu penteei o cabelo de Poppy através dos meus dedos, enquanto ela corria os dedos para cima e para baixo do meu peito. Não demorou muito para que a respiração de Poppy voltasse ao normal e sua mão tivesse acalmado minha pele.

O ritmo de sua respiração estável embalou meus olhos para fechar. Eu tentei ficar acordado tanto quanto possível, para saborear o tempo que me restava. Mas em pouco tempo, eu flutuei para dormir, uma mistura agridoce de alegria e tristeza em minhas veias.

Parecia que eu tinha apenas fechados os olhos quando senti o calor do sol nascente beijando o meu rosto. Eu pisquei até que eu abri os meus olhos, vendo um novo dia rompendo pela janela de Poppy.

O dia que eu estava indo embora.

O meu instinto se apertou quando vi a hora. Eu estava indo embora em uma hora.

Quando eu olhei para Poppy, dormindo sobre o meu peito, achei que ela nunca pareceu mais bonita. A pele dela estava ruborizada com o calor do nosso corpo, e eu sorri ao ver as nossas mãos ainda unidas no meu estômago.

De repente, o nervosismo me inundou quando pensei na noite anterior.

Ela parecia tão contente enquanto ela dormia. O meu maior medo era que ela iria acordar e se arrepender do que tínhamos feito. Eu queria tanto que ela amasse o que tínhamos feito tanto quanto eu amei. Eu queria que a imagem de nós juntos ficasse tão enraizada em sua memória como estaria na minha.

Como se sentindo o meu olhar pesado, Poppy abriu os olhos lentamente. Eu vi quando a lembrança da noite anterior brilhou em seu rosto. Seus olhos se arregalaram quando ela absorveu os nossos corpos, as nossas mãos. Meu coração pulou uma batida de medo, mas depois um belo lento sorriso se espalhou em seu rosto. Vendo isso, eu me desloquei para mais perto dela. Poppy enterrou a cabeça no meu pescoço

enquanto eu a envolvi em meus braços. Eu a abracei forte por tanto tempo quanto possivelmente eu podia.

Quando eu finalmente levantei a cabeça e olhei para o relógio novamente, a raiva de ontem voltou novamente.

— Poppymin, — eu sussurrei, ouvindo a raiva tensa na minha voz áspera. — Eu... eu tenho que ir.

Poppy endureceu em meus braços. Quando ela se afastou, suas bochechas estavam molhadas. — Eu sei.

Senti as lágrimas tocando o meu rosto também. Poppy enxugou-as suavemente para longe. Eu peguei na mão dela e coloquei um único beijo no centro de sua palma. Eu fiquei por mais alguns minutos, absorvendo cada milímetro do rosto de Poppy, antes de me forçar a sair da cama e me vestir. Sem olhar para trás, eu deslizei através da janela e corria pela grama, sentindo meu coração ser rasgado com cada passo.

Subi pela minha janela. A porta do meu quarto tinha sido desbloqueada a partir do exterior. O meu pappa estava perto da cama. Por um breve momento o meu estômago virou com o fato de que eu tinha sido apanhado. Mas então a fúria queimou dentro de mim e eu levantei meu queixo, desafiando-o a dizer alguma coisa, qualquer coisa.

Saudei uma luta.

Eu não iria deixá-lo me vergonhar por ter passado a noite com a garota que eu amava. A qual ele estava me afastando.

Ele virou e foi embora sem dizer uma palavra.

Trinta minutos se passaram num piscar de olhos. Eu lancei um olhar sobre meu quarto, uma última vez. Levantando a minha mochila, eu

balancei por cima do ombro e saí, a minha câmera pendurada no meu pescoço.

O Sr. e Sra. Litchfield já estavam na calçada, de pé, com Ida e Savannah, abraçando meus pais com suas despedidas. Vendo-me sair pela porta, eles me encontraram na parte inferior da escada e me abraçaram em um adeus também.

Ida e Savannah correram para mim e atiraram-se ao redor da minha cintura. Eu baguncei o cabelo em suas cabeças.

Quando me afastei, ouvi uma porta sendo aberta. Eu levantei os olhos e vi Poppy correndo. Ela tinha o cabelo molhado, claramente tendo acabado de tomar banho, mas ela parecia mais bonita do que nunca, enquanto ela corria para onde todos nós estávamos, somente olhando para mim.

Quando ela chegou na nossa garagem, ela parou brevemente para abraçar meus pais e beijar Alton se despedindo deles.

Então ela se virou para mim. Os meus pais entraram no carro e os pais e irmãs de Poppy voltaram em direção a sua casa, dando-nos algum espaço. Eu não perdi tempo esticando os meus braços e Poppy correu para o meu peito. Eu apertei bem apertado, inalando o doce aroma de seu cabelo.

Eu coloquei o meu dedo sob o queixo e inclinei a cabeça para cima, e então eu a beijei pela última vez. Eu beijei-a com tanto amor quanto eu podia encontrar dentro do meu coração.

Quando eu me separei, Poppy falou através de lágrimas. — Beijo número 356. Com o meu Rune em sua garagem... quando ele me deixou.

Fechei os olhos. Eu não podia suportar a dor em que ela estava sentindo, em que *eu* estava também.

— Filho? — Olhei por cima do ombro de Poppy para o meu pappa. — Nós temos que ir, — disse ele em tom de desculpa.

As mãos de Poppy apertaram na minha camisa. Seus grandes olhos verdes estavam brilhando com lágrimas, e parecia que ela estava tentando memorizar cada parte do meu rosto. Finalmente liberando o meu domínio sobre ela, eu levantei a minha câmera e apertei o botão.

Eu capturei este raro momento: o exato momento quando o coração de alguém quebrou.

Eu andei até ao carro, sentindo os meus pés pesarem como toneladas. Enquanto eu subia no banco de trás, eu nem sequer tentei parar as minhas lágrimas. Eu assisti Poppy em pé ao lado do nosso carro, seu cabelo úmido soprando na brisa, observando-me ir embora, acenando adeus.

O meu pappa ligou o motor. Abri a janela. Eu estendi minha mão e Poppy pegou. Quando eu olhei para o rosto dela pela uma última vez, ela disse, — Eu vou te ver em seus sonhos.

— Eu vou ter ver em meus sonhos, — eu sussurrei de volta e relutantemente soltei a mão dela quando o meu pappa dirigiu o carro para longe. Olhei para Poppy através da janela traseira, observando-a acenar, até que ela estava fora de vista.

Agarrei-me à memória daquele aceno de adeus.

Jurei segurá-lo até que o aceno me acolhesse em casa novamente.

Até que, mais uma vez, significasse 'Olá'.

Rune

Oslo

Noruega

Um dia depois, eu estava de volta em Oslo, separado de Poppy por um oceano.

Ela e eu conversamos todos os dias durante dois meses. Eu tentei estar feliz de que, pelo menos, tinha isso. Mas, a cada dia que terminava sem ela ao meu lado, a raiva dentro de mim só aumentava. O meu ódio pelo pappá aumentou, até que quebrou algo por dentro, e tudo que eu podia sentir era vazio. Eu resisti em fazer amigos na escola, eu resisti em fazer qualquer coisa que faria este lugar a minha casa novamente.

A minha casa era na Geórgia.

Com Poppy.

Poppy não disse nada sobre a minha mudança de humor, se ela sequer notou. Eu esperava que eu pudesse esconder bem. Eu não queria que ela se preocupasse comigo.

Então, um dia, Poppy não retornou minhas ligações, e-mails ou textos.

Nem no dia seguinte, ou no próximo.

Ela saiu da minha vida.

Poppy simplesmente desapareceu. Nenhuma palavra, nenhum rastro.

Ela deixou a escola. Ela deixou a cidade.

Sua família se preparou e foram embora sem aviso prévio.

Por dois anos ela me deixou completamente sozinho do outro lado do Atlântico, perguntando onde ela estava. Querendo saber o que tinha acontecido. Perguntando se eu tinha feito algo de errado. Fazendo-me pensar que talvez eu a tinha empurrado ela longe demais na noite antes de eu sair.

Foi o segundo momento que definiu a minha vida.

Uma vida sem Poppy.

Sem infinito.

Sem sempre para sempre.

Somente... nada.

Poppy

Blossom Grove, Geórgia

Dias de Hoje

Aos 17 Anos

— Ele está voltando.

Três palavras. Três palavras que enviaram a minha vida em uma pirueta. Três palavras que me apavoraram.

Ele está voltando.

Olhei para Jorie, a minha amiga mais próxima, enquanto eu apertava os meus livros firmemente no meu peito. O meu coração disparou como um canhão e nervos tomaram conta de mim.

— O que você disse? — Eu sussurrei, ignorando os estudantes em torno de nós no corredor, todos correndo para a sua próxima aula.

Jorie colocou a mão no meu braço. — Poppy, você está bem?

— Sim, — respondi fracamente.

— Tem certeza? Você ficou pálida. Você não parece bem.

Eu balancei a cabeça, tentando ser convincente, e perguntei, — Quem... quem lhe disse que ele estava voltando?

— Judson e Deacon, — ela respondeu. — Eu estava na sala de aula com eles e eles estavam dizendo que o pai dele foi enviado de volta pela empresa. — Ela encolheu os ombros. — Desta vez, para sempre.

Engoli em seco. — Para a mesma casa?

Jorie estremeceu, mas concordou. — Desculpe, Pops.

Fechei os olhos e respirei calmamente. Ele ia estar à porta ao lado de novo... seu quarto em frente ao meu novamente.

— Poppy? — Jorie perguntou, e eu abri os meus olhos. Seu olhar estava cheio de simpatia. — Tem certeza que está OK? Você só voltou aqui há algumas semanas. E eu sei o que ver Rune vai fazer...

Forcei um sorriso. — Eu vou ficar bem, Jor. Eu não o conheço mais. Dois anos é muito tempo, e nós não falamos nem uma vez nesse tempo.

Jorie franziu a testa. — Pop...

— Eu vou ficar bem, — eu insisti, segurando minha mão. — Eu preciso ir para a aula.

Eu ia me afastar de Jorie quando uma questão surgiu na minha cabeça. Olhei para trás por cima do meu ombro para a minha amiga, a única amiga com quem eu tinha mantido contato nos últimos dois anos. Enquanto todo mundo pensava que a minha família havia deixado a cidade para cuidar de uma tia doente da minha mãe, somente Jorie sabia a verdade.

— Quando? — Eu reuni coragem para perguntar.

O rosto de Jorie suavizou quando ela percebeu o que eu quis dizer. — Hoje à noite, Pops. Ele chega hoje à noite. Judson e Deacon estão espalhando a novidade para as pessoas irem para o campo esta noite para recebê-lo de volta. Todo mundo está indo.

Suas palavras pareciam como um punhal apunhalando o meu coração. Eu não tinha sido convidada. Mas, novamente, eu não seria. Eu deixei Blossom Grove sem uma palavra. Quando voltei a esta escola, sem ser no braço de Rune, eu me tornei a garota que eu sempre deveria ter sido, invisível para o público popular. A garota estranha que usava laços em seu cabelo e tocava violoncelo.

Ninguém, exceto Jorie e Ruby, tinham se preocupado em saber o por que eu tinha ido embora.

— Poppy? — Jorie chamou novamente.

Eu pisquei de volta à realidade e percebi que os corredores estavam quase vazios. — É melhor você ir para a classe, Jor.

Ela deu um passo em minha direção. — Você vai ficar bem, Pops? Estou preocupada com você.

Eu ri um riso sem humor. — Eu já passei por coisa pior.

Mergulhei a minha cabeça e corri para a minha aula antes que eu pudesse ver a simpatia e compaixão no rosto de Jorie. Eu entrei na aula de matemática, deslizando em meu lugar, assim que o professor começou a aula.

Se alguém tivesse me perguntado sobre o que tinha sido a aula, eu não teria sido capaz de dizer. Durante cinquenta minutos, tudo que eu conseguia pensar foi na última vez que vi Rune. A última vez que ele me segurou nos braços dele. A última vez que ele apertou seus lábios contra os meus lábios. Como fizemos amor e o olhar no seu belo rosto quando ele foi expulso da minha vida.

À toa, eu me perguntava como ele se parecia agora. Ele sempre foi alto, com ombros largos, bem constituído. Mas, tal como o resto dele era, dois anos era muito tempo para uma pessoa mudar o nosso tempo de vida. Eu sabia melhor do que ninguém.

Gostaria de saber se seus olhos ainda pareciam azul cristal no sol brilhante. Gostaria de saber se ele ainda usava seus cabelos longos e eu me perguntei se ele ainda o empurrava para trás a cada poucos minutos, o movimento irresistível que deixava todas as garotas loucas.

E por um breve momento, deixei-me perguntar se ele ainda pensava em mim, a garota da porta ao lado. Se algum momento particular ele alguma vez se perguntou o que eu estava fazendo em todo esse tempo. Se ele alguma vez voltou a pensar naquela noite. A nossa noite. A mais incrível noite da minha vida.

Em seguida, pensamentos escuros me bateram forte e rápido. A pergunta que me fez sentir fisicamente doente... se ele tivesse beijado outra pessoa nos últimos dois anos? Teria ele dado os seus lábios a outra pessoa, quando ele os prometeu para sempre para mim?

Ou pior: tinha ele feito amor com outra garota?

A chamada estridente da campainha da escola me arrancou dos meus pensamentos. Levantei-me da minha mesa, fazendo o meu caminho para o corredor. Eu estava grata que era o fim do dia escolar.

Eu estava cansada e dolorida. Mas mais do que isso, eu estava com o meu coração dolorido. Porque eu sabia que Rune estaria de volta à casa ao lado hoje à noite e, na escola no dia seguinte, e eu não seria capaz de falar com ele. Eu não seria capaz de tocá-lo ou sorrir para ele, como eu tinha sonhado fazer desde o dia em que não retornei as suas ligações.

E eu não seria capaz de beijá-lo docemente.

Eu tinha que ficar longe.

O meu estômago se agitou quando eu percebi que ele provavelmente não se importaria mais comigo. Não depois da maneira que eu simplesmente o cortei da minha vida, sem nenhuma explicação, nada.

Empurrando as portas para o ar fresco, eu inalei profundamente. Sentindo-me instantaneamente melhor, eu coloquei o meu cabelo atrás das orelhas. Agora estava no estilo curto, sempre sentia isso tão estranho. Eu perdi o meu cabelo longo.

Começando a minha caminhada para casa, eu sorri para o céu azul e os pássaros voando em torno do topo das árvores. A natureza me acalmava; ela sempre acalmou.

Eu só tinha andado algumas metros quando vi o carro de Judson, cercado por velhos amigos de Rune. Avery era a única garota entre uma multidão de garotos. Eu coloquei a minha cabeça para baixo e tentei passar apressada, mas ela gritou o meu nome. Eu parei e obriguei-me a virar em

sua direção. Avery empurrou de onde ela tinha estado encostada no carro e deu um passo adiante. Deacon tentou puxá-la de volta, mas ela tirou o braço. Vi pela sua expressão satisfeita de que ela não estava indo para ser gentil.

— Você já ouviu falar? — Ela perguntou, com um sorriso nos lábios cor de rosa. Avery era linda. Quando cheguei de volta a cidade, eu não podia acreditar no quão bonita ela tinha se tornado. Seu make-up sempre foi perfeito e seu longo cabelo loiro estava sempre arranjado ordenadamente. Ela era tudo o que um garoto iria querer em uma menina, e tudo o que a maioria das meninas queriam ser.

Eu empurrei o meu cabelo para trás da minha orelha, um hábito que mostrava o meu nervosismo. — Ouvi o quê? — Perguntei, sabendo exatamente o que ela queria dizer.

— Sobre Rune. Ele está voltando para Blossom Grove.

Eu podia ver o brilho de felicidade em seus olhos azuis. Olhei para longe, determinada a manter minha compostura e balancei a cabeça. — Não, Avery, eu não tinha ouvido. Eu mesma voltei há pouco tempo.

Eu vi Ruby, a namorada de Deacon, andando até o carro, Jorie caminhando ao seu lado. Quando viram Avery falando comigo, correram para se juntar a nós. Eu as amava tanto por isso. Apenas Jorie sabia onde eu estive no último par de anos, *por que* eu tinha ido embora. Mas a partir do minuto em que eu tinha voltado, Ruby tinha agido como se eu nunca tivesse ido embora. Elas eram amigos de verdade, eu tinha percebido.

— O que está acontecendo aqui? — Ruby perguntou casualmente, mas eu podia ouvir a borda do protecionismo em sua voz.

— Eu estava perguntando a Poppy se sabia que Rune estava voltando para Blossom Grove esta noite, — respondeu Avery em seu tom mordaz.

Ruby me olhou com curiosidade.

— Eu não sabia, — eu disse a ela. Ruby sorriu tristemente para mim.

Deacon andou atrás de sua namorada e colocou um braço em volta dos ombros. Ele sacudiu o queixo para mim em saudação. — Ei, Pops.

— Hey, — eu respondi.

Deacon virou-se para Avery. — Ave, Rune não falou com Poppy durante anos, eu já lhe disse isso. Ela nem mesmo o conhece mais. Claro que ela não saberia que ele estava voltando, por que iria ele dizer a ela?

Eu escutei Deacon e sabia que ele não estava sendo cruel comigo. Mas isso não significava que as suas palavras não cortaram tão profundamente o coração como uma lança. E agora eu sabia; Eu sabia que Rune nunca falaria comigo. Era óbvio que ele e Deacon tinham permanecido em contato. Era óbvio para mim que eu não era nada mais para ele. Que eu nunca fui mencionada.

Avery deu de ombros. — Eu só queria saber, é tudo. Ela e Rune eram inseparáveis até que ele foi embora.

Tomando isso como minha deixa para sair, eu acenei a minha mão. — Eu tenho que ir. — Eu rapidamente me virei e fui para casa. Eu decidi cortar pelo parque que me levaria para o bosque de flor. Enquanto eu caminhava através do bosque vazio, as cerejeiras nuas de suas bonitas folhas, uma tristeza encheu-me.

Estes ramos nus estavam tão vazios como eu me sentia. Ansiando por aquilo que os faziam completos, mas sabendo que não importa o quanto quisessem, eles não poderiam tê-los de volta até a primavera.

O mundo simplesmente não funcionava dessa maneira.

Quando cheguei em casa, a minha mãe estava na cozinha. Ida e Savannah estavam sentadas à mesa fazendo os seus deveres de casa.

— Oi, baby, — disse a minha mãe. Fui até lá e lhe dei um abraço, segurando em sua cintura apenas um pouquinho mais apertado do que o habitual.

A minha mãe inclinou a minha cabeça para cima, um olhar preocupado em seus olhos cansados. — O que está errado?

— Eu só estou cansada, Mama. Vou me deitar.

A minha mãe não me deixou ir. — Tem certeza? — Perguntou ela, colocando a mão na minha testa, verificando a minha temperatura.

— Sim, — eu prometi, movendo a mão dela e beijando seu rosto.

Eu fiz o meu caminho para o meu quarto. Olhei pela janela para a casa dos Kristiansen. Estava inalterada.

Não estava diferente do dia em que tinham ido embora de volta para Oslo.

Eles não a tinham vendido. A Sra. Kristiansen havia dito a minha mãe que eles sabiam que voltariam em algum momento, por isso eles a mantiveram. Eles amavam o bairro e adoravam a casa. A dona de casa tinha limpado e feito a manutenção a cada poucas semanas por dois anos para se certificar de que estaria pronta para o seu regresso.

Hoje, todas as cortinas estavam fechadas e as janelas estavam abertas para deixar entrar o ar fresco. A governanta estava claramente se

preparando para a chegada iminente. Era o regresso que eu estava temendo.

Afastando as cortinas que o meu pai colocou para mim quando voltei para casa há algumas semanas, eu me deitei na minha cama e fechei os olhos. Eu odiava me sentir cansada o tempo todo. Por natureza, eu era uma pessoa ativa, via o sono como um desperdício de tempo quando poderia ser gasto lá fora, no mundo, explorando e fazendo recordações.

Mas agora eu não tinha escolha.

Imaginei Rune em minha mente, e seu rosto ficou comigo quando adormeci. Era o sonho que sonhei na maioria das noites. Rune me segurando em seus braços, beijando os meus lábios e me dizendo que ele me amava.

Eu não sei quanto tempo eu dormi, mas quando acordei, foi ao som de caminhões chegando. Batidas barulhentas e vozes familiares vieram de todo o quintal.

Sentando-me, eu limpei o sono dos meus olhos. A percepção despontou em mim.

Ele estava aqui.

O meu coração começou a bater. Ele batia tão rápido que eu me agarrei a mim mesmo por medo que ele pularia para fora do meu peito.

Ele estava aqui.

Ele estava *aqui*.

Saí da cama e me posicionei na frente das cortinas fechadas. Inclinei-me perto para que eu pudesse ouvir o que estava acontecendo. Peguei as vozes da minha mama e pai entre o zumbido, juntamente com os sons familiares de Sr. e Sra. Kristiansen.

Sorrindo, estendia a mão para puxar para trás uma das cortina. Eu parei; Eu não queria que eles me vissem. Recuando, me apressei pelas escadas acima para o escritório do meu pai. Era a única outra janela que dava para a casa deles, uma janela onde eu pudesse me esconder à vista devido à tonalidade clara que a protegia do sol brilhante.

Mudei-me para o lado esquerdo da janela, apenas no caso de alguém olhar para cima. Eu sorri novamente quando os meus olhos caíram sobre os pais de Rune. Eles quase não pareciam diferentes. A Sra. Kristiansen ainda estava tão bonita como sempre. Seu cabelo estava cortado mais curto, mas para, além disso, ela era exatamente a mesma. O Sr. Kristiansen estava um pouco mais grisalho, e ele parecia que tinha perdido algum peso, mas a diferença era pequena.

Um jovem menino louro saiu correndo pela porta da frente, e minha mão voou para a minha boca quando vi que era o pequeno Alton. Ele teria quatro anos agora, eu calculei. Ele tinha crescido tanto. E seu cabelo era apenas como o do seu irmão, longo e esticado. O meu coração se apertou. Ele parecia exatamente como um Rune mais pequeno.

Eu assisti as pessoas das mudanças encherem a casa com uma velocidade incrível. Mas não havia nenhum sinal de Rune.

Eventualmente, os meus pais vieram para dentro, mas eu me mantive de vigília junto à janela, esperando pacientemente pelo menino que tinha sido o meu mundo por tanto tempo que eu não sabia onde ele começava e eu terminava.

Mais de uma hora se passou. Noite apareceu e eu estava perdendo a esperança de vê-lo. Quando eu estava prestes a sair do escritório, vi o movimento de trás da casa dos Kristiansens.

Cada um dos meus músculos ficaram tensos quando eu apanhei uma pequena centelha de luz que brilhou no escuro. Uma nuvem branca de fumaça surgiu no meio do ar acima do pedaço de grama entre as nossas duas casas. No começo eu não tinha certeza o que eu estava vendo, até que uma figura alta, vestida toda de preto, emergiu das sombras.

Os meus pulmões deixaram de funcionar quando a figura entrou no brilho da rua e parou.

Jaqueta de couro de motociclista, camisa preta, calça jeans justas pretas, botas de camurça pretas... e longo, e brilhante cabelo loiro.

Eu olhei e olhei, um nóculo bloqueando a minha garganta, quando um rapaz com ombros largos e altura impressionante levantou a mão e passou-a através de seu longo cabelo.

O meu coração pulou uma batida. Porque eu conhecia esse movimento. Eu conhecia aquela mandíbula forte. Eu o conhecia. Eu o conhecia, assim como eu me conhecia.

Rune.

Era o *meu* Rune.

Uma nuvem de fumaça explodiu de sua boca de novo, e levou alguns instantes para perceber o que eu estava realmente vendo.

Fumando.

Rune estava fumando. Rune não fumava; Ele nunca tinha tocado em cigarros. A minha vovó tinha fumado toda a sua vida e morreu muito

jovem de câncer de pulmão. Nós sempre prometemos um ao outro que nós nunca sequer tentaríamos fumar.

Ficou claro que Rune tinha quebrado essa promessa.

Enquanto eu assistia-o tomar outra tragada, e empurrei o cabelo para trás, pela terceira vez em poucos minutos, o meu estômago despencou. O rosto de Rune inclinou para cima, para o brilho da luz quando ele exalou um fluxo de fumo na brisa fresca da noite.

Então, lá estava ele. Rune Kristiansen de dezessete anos de idade, e ele estava mais bonito do que eu poderia ter jamais imaginado. Seus olhos azuis cristalinos estavam tão brilhantes como sempre haviam sido. Seu rosto uma vez juvenil, agora era robusto e completamente de tirar o fôlego. Eu costumava brincar que ele era tão bonito como um deus nórdico. Enquanto eu estudava cada parte de seu rosto, eu estava certa que a sua aparência superava até mesmo eles.

Eu não conseguia tirar os olhos.

Rune terminou o cigarro e jogou-o no chão, a fumaça do cigarro desaparecendo gradualmente na grama. Esperei ansiosamente para ver o que ele faria em seguida. Então seu pappa caminhou em direção à beira da varanda dizendo algo ao seu filho.

Eu assisti os ombros de Rune ficarem tensos e a sua cabeça mover grosseiramente na direção de seu pappa. Eu não podia dizer o que eles estavam dizendo, mas eu ouvi claramente as vozes, ouvi Rune responder agressivamente para o seu pappa em seu norueguês nativo. Sua pappa baixou a cabeça em derrota e voltou para a casa, claramente ferido com algo que Rune tinha dito. Quando o Sr. Kristiansen foi embora, Rune enfiou o dedo médio para cima para as costas dele, apenas deixando-o cair quando a porta da frente de sua casa se fechou.

Eu assisti, rígida com o choque. Eu vi este menino, o menino que eu conhecia tão completamente, se tornar um estranho diante dos meus olhos. Decepção e tristeza tomou conta de mim quando Rune começou a andar em frente ao pátio entre as duas casas. Seus ombros estavam rígidos. Eu quase podia sentir a raiva irradiando dele mesmo a partir deste ponto de vista.

Meus piores temores tinham se realizado: o menino que eu conhecia tinha desaparecido.

Então eu congelei, imóvel, quando Rune parou de andar e olhou para a janela do meu quarto, diretamente abaixo onde eu estava. Uma rajada de vento soprou pelo quintal, levantando o seu cabelo loiro longo do rosto e, nesse segundo, eu podia ver a incrível dor, a saudade severa, em seus olhos. A imagem de seu rosto tenso, enquanto olhava para a minha janela, bateu-me mais forte do que um trem. Nessa perdida expressão estava o *meu* Rune.

Este garoto, eu reconheci.

Rune deu um passo em direção a minha janela, e por um momento, pensei que ele iria tentar escalar através dela, do jeito que ele fez por todos esses anos. Mas, de repente, ele parou e suas mãos fecharam em seus lados. Os olhos dele fecharam e seus dentes cerraram com tanta força que eu podia ver a tensão em sua mandíbula de onde eu estava.

Então, mudando claramente sua mente, Rune virou-se e pisou em direção a sua casa. Eu fiquei na janela do escritório, na sombra. Eu não podia me mover com o choque do que eu tinha acabado de testemunhar.

A luz do quarto do Rune ligou-se. Eu vi-o andar em torno de seu quarto, em seguida, se mover para a janela e se sentar na borda. Ele abriu-a. Ele acendeu outro cigarro e soprou a fumaça através da lacuna aberta.

Eu balancei a cabeça em descrença. Então, alguém entrou no escritório, e a minha mãe veio para o meu lado.

Quando ela olhou para fora da janela, eu sabia que ela ia perceber o que eu estava fazendo.

Eu senti o meu rosto em chamas com o calor de ser apanhada. Finalmente, a minha mãe falou. — Adelis disse que ele já não é mais o rapaz que conhecíamos. Ela disse que ele não lhes deu nada além de problemas desde que voltou para Oslo. Erik está perdido e não tem ideia do que fazer. Eles estão realmente contentes que Erik foi transferido de volta para cá. Eles queriam Rune longe do grupo ruim em que ele caiu na Noruega.

O meu olhar caiu sobre Rune novamente. Ele jogou o cigarro pela janela, e rolou a cabeça para inclinar contra o vidro. Seus olhos estavam focados em uma coisa somente. Na minha janela do quarto.

Quando a minha mãe se moveu para sair do escritório, ela colocou a mão no meu ombro. — Talvez tenha sido uma boa coisa que você quebrou todo o contato, baby. Eu não tenho realmente certeza de que ele poderia ter lidado com tudo o que você passou, pelo que a sua mamma disse.

Lágrimas encheram os meus olhos enquanto eu me perguntava o que tinha feito ele desta forma. Neste garoto que eu não conhecia. Eu tinha deliberadamente me desligado do mundo durante os últimos dois anos para salvá-lo da dor. Para que assim ele pudesse viver uma vida boa. Porque, saber que na Noruega estava um menino cujo coração ainda estava cheio de luz, fez que tudo o que eu estava passando fosse suportável.

Mas essa fantasia foi anulada enquanto eu estudava esta cópia de Rune.

A luz deste Rune era fraca, nada brilhava. Era obscurecida pela sombra e atolada em escuridão. Era como se o menino que eu tinha amado havia sido deixado de lado na Noruega.

O carro de Deacon entrou na garagem da casa de Rune. Eu vi a luz do celular de Rune em sua mão, e ele lentamente fez o seu caminho de seu quarto e caminhou para fora da varanda. Ele andava com uma arrogância descuidada para Deacon e Judson, que saltaram para fora do carro. Ele bateu nos dois na parte de trás em saudação.

Então meu coração rachou em dois. Avery deslizou para fora do banco de trás e abraçou Rune forte. Ela estava vestindo uma saia curta e um top curto, mostrando a sua figura perfeita. Mas Rune não a abraçou de volta, no entanto, isso não fez nada para diminuir a minha dor. Porque Avery e Rune, lado a lado, pareciam tão perfeitos. Ambos altos e loiros. Ambos bonitos.

Todos eles entraram no carro. Rune entrou por último, bebendo uma cerveja, e então eles rolaram para longe da nossa rua e fora da vista.

Eu suspirei enquanto eu observava as luzes traseiras desaparecer na noite. Quando eu olhei de volta para a casa dos Kristiansen, eu vi o pappa do Rune de pé na beira da varanda, segurando no corrimão, olhando na direção em que seu filho tinha apenas partido. Então ele levantou o rosto para a janela do escritório, e um sorriso triste propagou em seus lábios.

Ele tinha me visto.

O Sr. Kristiansen levantou a mão e me deu um pequeno aceno. Quando eu acenei de volta, vi um olhar de absoluta tristeza em seu rosto.

Ele parecia cansado.

Ele parecia de coração partido.

Parecia que ele sentia falta do filho.

Voltei para o meu quarto, deitei-me na cama e puxei a minha moldura favorita em minhas mãos. Quando eu olhei para o menino bonito e a menina ferida olhando de volta, ambos tão apaixonados, eu me perguntava o que tinha acontecido nos últimos dois anos para fazer Rune tão problemático e rebelde como ele parecia ser.

Então eu chorei.

Chorei pelo menino que era meu sol.

Lamentei o menino que uma vez eu amei com tudo que eu tinha.

Lamentei por Poppy e Rune. Um casal de extrema beleza e de uma morte ainda mais rápida.

Poppy

— Você tem certeza que está bem? — A minha mãe perguntou enquanto acariciava o meu braço. O carro rolou até parar.

Eu sorri e assenti com a cabeça. — Sim, mãe, eu estou bem.

Seus olhos estavam avermelhados e lágrimas estavam construindo em seus olhos. — Poppy. Baby. Você não tem que ir para a escola hoje, se você não quiser.

— Mamãe, eu amo a escola. Eu quero estar aqui. — Dei de ombros. — Além disso, tenho história no quinto período e você sabe o quanto eu adoro. É a minha aula favorita.

Um sorriso relutante puxou em sua boca e ela riu, enxugando os olhos. — Você é igualzinha a sua vovó. Teimosa como um boi e sempre vendo o sol por trás de cada nuvem. Vejo a sua personalidade brilhando através de seus olhos a cada dia.

Calor floresceu no meu peito. — Isso me faz muito feliz, mamãe. Mas eu quero dizer isso, eu estou realmente bem, — eu disse sinceramente.

Quando os olhos da minha mãe se encheram de água novamente, ela me enxotou do carro, empurrando a nota do médico na minha mão. — Aqui, certifique-se de entregar isso.

Peguei no papel, mas antes de fechar a porta do carro, abaixei-me para dizer, — Eu te amo, mamãe. Com o meu coração inteiro.

A minha mãe fez uma pausa e eu vi a uma amarga felicidade propagar no seu rosto. — Eu também te amo, Pops. Com todo o meu coração.

Eu fechei a porta e me virei para ir à escola. Eu sempre pensei que era estranho, chegar a escola atrasada. O lugar estava tão calmo e quieto, tipo apocalíptico, o total oposto da turbulência do período do almoço ou os loucos empurrões de estudantes entre as aulas.

Eu fiz o meu caminho para o escritório da escola para a Sra. Greenway, a secretária, para lhe entregar a minha nota do médico. Quando ela me entregou o meu passe do corredor³, ela perguntou, — Como você está, querida? Mantendo essa bela cabeça bem erguida?

Sorrindo para o seu amável rosto, eu respondi, — Sim, senhora.

Ela piscou para mim, me fazendo rir. — Essa é minha garota.

Verificando o meu relógio, vi que minha próxima aula só tinha começado há quinze minutos. Movendo-me o mais rápido que pude para evitar perder qualquer outra coisa, eu corri através de dois conjuntos de portas até que cheguei ao meu armário. Abri-o e tirei a pilha de livros de Literatura Inglesa que eu precisava para a minha classe.

Eu ouvi a porta abrindo no final do curto corredor, mas não dei atenção. Uma vez que eu tinha tudo que precisava, eu fechei a porta do armário com o cotovelo e me dirigi para a classe, lutando com os meus livros.

Quando olhei para cima, eu parei petrificada.

Eu tinha a certeza que o meu coração e os meus pulmões pararam de funcionar. De pé, cerca de oito pés na minha frente, aparentemente tão colado no lugar como eu estava, estava Rune. Um imponente e totalmente crescido Rune.

E ele estava olhando para mim. Olhos azuis cristal me seguraram em sua armadilha. Eu não podia ter me virado mesmo se eu quisesse.

Finalmente, eu fui capaz de encontrar uma respiração, e enchi os pulmões de ar. Como um choque, a ação causou que o meu coração batesse, batendo furiosamente sob o olhar desse garoto. Um que, se eu fosse honesta comigo mesma, eu ainda amava mais do que tudo no mundo.

Rune estava vestido como ele sempre tinha feito, camisa musculosa preta, jeans preto slim e botas de camurça pretas. Só que agora, os seus braços estavam mais espessos; a sua cintura estava tonificada e mais esguia, afinando nos quadris. Os meus

olhos viajaram para o rosto e o meu estômago virou. Eu pensei que tinha visto toda a sua beleza quando ele estava sob a luz da lâmpada na noite passada, mas eu não tinha.

Mais velho e mais maduro, ele era muito possivelmente a criatura mais linda que eu já tinha visto. A sua mandíbula era forte, perfeitamente definindo o rosto escandinavo. Suas maçãs do rosto eram proeminentes, mas não em qualquer modo feminino, e uma leve camada de barba loura enfeitava seu queixo e bochechas. Os constantes, eu descobri, eram aquelas sobrancelhas loiras escuras franzidas sobre os olhos azuis brilhantes em forma de amêndoa.

Os olhos que mesmo a distância de quatro mil milhas, e um prazo de dois anos, nunca poderia apagar da minha memória.

Mas esse olhar, o olhar que estava atualmente perfurando através dos meus, não pertencia ao Rune que eu conhecia.

Porque ele estava cheio de acusação e ódio. Estes olhos estavam olhando para mim com indisfarçável desprezo.

Eu engoli a dor que estava arranhando a minha garganta, a dor de estar no fim da recepção de um olhar tão duro. Ser amada por Rune trouxe a sensação inebriante de calor. Ser odiada por Rune era como estar em uma plataforma de gelo ártico.

Minutos passaram e nenhum de nós se moveu um centímetro. O ar parecia crepitar em torno de nós. Eu assisti quando o punho de Rune cerrou ao seu lado. Ele parecia estar mentalmente em guerra consigo mesmo. Fiquei imaginando com o que ele estava lutando por dentro. O olhar em seu rosto ficou ainda mais escuro. Então, por trás dele, a porta se abriu, e William, o monitor do corredor passou.

Ele olhou para Rune e eu, servindo de desculpa que eu precisava para me libertar deste demasiado intenso momento. Eu precisava reunir meus pensamentos.

William limpou a garganta. — Posso ver o passe do corredor?

Eu concordei e, equilibrando os meus livros em um joelho erguido, fui para entregar o meu, mas Rune enfiou a dele a frente do minha.

Eu não reagi à sua flagrante grosseria.

William verificou o seu passe em primeiro lugar. Rune tinha estado pegando seu horário de aula, era por isso que ele estava atrasado. William devolveu o passe de Rune, mas Rune ainda não se mexeu. William pegou o meu. Ele olhou para mim e disse, — Eu espero que você se sinta melhor logo, Poppy.

O meu rosto empalideceu, perguntando como ele sabia, mas então eu percebi que o meu passe tinha dito que eu tinha estado a ver o meu médico. Ele estava simplesmente sendo gentil. Ele não sabia.

— Obrigada, — eu disse, nervosa e arrisquei um olhar para cima. Rune estava me observando, só que desta vez a sua testa parecia enrugada. Eu reconheci a sua expressão de preocupação. Assim que Rune me viu olhando para ele, *lendo-o* corretamente, a preocupação foi rapidamente substituída pelo cenho que tinha usado anteriormente.

Rune Kristiansen era muito bonito para ter uma careta em seu rosto. Um rosto tão belo devia sempre usar um sorriso.

— Vá em frente, vocês dois, vão para a aula. — A voz dura de William puxou a minha atenção de volta de Rune. Eu empurrei além deles dois, e corri para fora através das portas distantes. Assim que eu estava no próximo corredor, eu olhei para trás, apenas para descobrir que Rune estava me olhando através dos grandes painéis de vidro.

As minhas mãos começaram a tremer com a intensidade de seu olhar, mas de repente ele se afastou, como se ele tivesse obrigando a si mesmo a deixar-me sozinha.

Demorou alguns segundos para recolher alguma compostura, então eu corri para a minha classe.

Eu ainda estava tremendo uma hora mais tarde.

Uma semana se passou. Uma semana evitando Rune a todo custo. Eu fiquei no meu quarto até que eu sabia que ele não estava em casa. Eu mantive as minhas cortinas fechadas e minha janela trancada, não que Rune teria tentado entrar. As poucas vezes que eu o tinha visto na escola, ele tinha tanto me ignorado ou olhado para mim como se eu fosse o seu maior inimigo.

Ambos feriram em igual medida.

Durante os períodos de almoço eu fiquei longe do refeitório. Eu comi o meu almoço na sala de música e passei o resto do tempo praticando no meu violoncelo. A música ainda era meu porto seguro, o único lugar onde eu podia escapar do mundo.

Quando meu arco atingiu a corda, fui transportada para longe em um mar de tons e notas. A dor e o sofrimento dos últimos dois anos desapareceram. A solidão, as lágrimas e raiva, tudo evaporou-se, deixando uma paz que eu não podia encontrar em qualquer outro lugar.

Na semana passada, depois da terrível reunião no corredor com Rune, eu precisava ficar longe de tudo. Eu precisava esquecer o olhar em seus olhos quando ele olhou para mim com tanto ódio. A música era normalmente o meu remédio, então atirei-me em um treino intenso. O único problema? Cada vez que eu terminava uma peça, assim que a nota final desbotava e eu abaixava o meu arco, a devastação cortava através de mim dez vezes mais. E mantinha-se.

Hoje, depois que terminei de tocar na hora do almoço, a angústia me assombrou pelo resto da tarde. Isso pesava muito na minha mente enquanto eu saía do prédio da escola.

O pátio estava agitado com os alunos fazendo o seu caminho para casa. Eu mantive a minha cabeça para baixo e empurrei no meio da multidão, apenas para virar a esquina e ver Rune e seus amigos sentados no campo no parque.

Jorie e Ruby estavam lá também. E assim estava Avery.

Tentei não olhar quando Avery se sentou ao lado de Rune, que estava acendendo um cigarro. Tentei não olhar quando Rune começou a fumar, seu cotovelo apoiado casualmente em seu joelho quando ele se inclinou para trás contra uma árvore. E eu tentei ignorar a cambalhota no meu estômago enquanto eu me apressava, os olhos apertados de Rune brevemente encontrando os meus.

Eu rapidamente desviei os olhos. Jorie saltou em seus pés e veio correndo atrás de mim. Eu consegui chegar longe o suficiente de Rune e seus amigos para que não ouvissem o que Jorie tinha a me dizer.

— Poppy, — ela chamou quando ela parou atrás de mim. Virei-me para encará-la, sentindo o olhar vigilante de Rune pousando sobre mim. Eu ignorei.

— Como você está? — Ela perguntou.

— Tudo bem, — eu respondi. Até mesmo eu ouvi o ligeiro tremor na minha voz.

Jorie suspirou. — Você já falou com ele? Ele voltou a mais de uma semana.

As minhas bochechas ardiam. Eu balancei a minha cabeça. — Não. Eu não estou realmente certa de que é uma boa ideia. — Eu respirei e confidenciei, — Eu não tenho ideia do que dizer de qualquer maneira. Ele não parece ser o garoto que eu conhecia e amei por todos esses anos. Ele parece diferente. Parece que ele mudou.

Os olhos de Jorie queimavam. — Eu sei. Mas eu acho que você é a única garota que vê isso como uma coisa ruim, Pops.

— O que você quer dizer? — Ciúme deflagrou no meu peito.

Jorie apontou para as garotas se juntando em torno de onde ele estava sentado, com o objetivo de parecer casual, mas falhando epicamente em seu esforço. — Ele é tudo o que todos estão falando, e eu tenho certeza que qualquer garota na escola, exceto você, eu e Rubi, iriam vender a alma ao diabo para ele reconhecê-las. Ele foi sempre desejado, Pops, mas bem, ele tinha você e todos nós sabíamos que ele não iria deixá-la por qualquer coisa ou alguém. Mas agora... — Ela parou de falar, e eu podia sentir meu coração esvaziando.

— Mas agora ele não me tem, — eu terminei por ela. — Agora ele está livre para estar com quem ele quiser.

Os olhos de Jorie se arregalaram quando ela percebeu que tinha mais uma vez falado demais. Ela apertou o meu braço em apoio, fazendo uma careta de desculpa. Eu não poderia estar brava com ela, porém, ela estava sempre falando antes de pensar sobre isso. Além disso, tudo o que ela disse era verdade.

Um momento de silêncio constrangedor se passou, até que ela perguntou, — O que você vai fazer amanhã à noite?

— Nada, — respondi. Eu estava ansiosa para ir embora.

O rosto de Jorie iluminou. — Bom! Você pode ir à festa na casa do Deacon. Não posso ter você sentada sozinha outra noite de sábado.

Eu ri.

Jorie franziu a testa.

— Jorie, eu não vou a festas. Ninguém me convidaria de qualquer maneira.

— Eu estou convidando você. Você vai ser o meu encontro.

O meu humor caiu. — Eu não posso, Jor. — Fiz uma pausa. — Eu não posso estar lá quando Rune está. Não depois de tudo.

Jorie se inclinou mais perto. — Ele não vai estar lá, — disse ela calmamente. — Ele disse a Deacon que ele não vai, que ele vai a outro lugar.

— Onde? — Perguntei, não conseguindo disfarçar a minha curiosidade.

Ela encolheu os ombros. — Inferno se eu sei. Rune realmente não fala muito. Eu acho que só contribui para o porquê de ele estar atraindo groupies como se não houvesse amanhã. — Jorie estendeu o lábio inferior e cutucou o meu braço. — Por favor, Pops. Você ficou longe por muito tempo, e eu senti a sua falta. Eu quero passar tanto tempo com você quanto possível, mas você continua se escondendo. Temos anos para compensar. Ruby vai estar lá também. Você sabe que eu nunca vou deixá-la sozinha.

Os meus olhos inspecionaram o chão, tentando pensar em uma desculpa. Eu olhei para Jorie e eu podia ver que a minha recusa ia perturbá-la.

Afugentando as dores da dúvida em meu peito, eu cedi. — Ok, eu vou com você.

O rosto de Jorie se dividiu em um enorme sorriso. — Perfeito! — Disse ela. Eu ri quando ela me puxou para um rápido abraço.

— Eu preciso chegar em casa, — eu disse, enquanto ela me soltava. — Eu tenho um recital hoje à noite.

— Ok, eu vou buscá-la as sete amanhã à noite. Está bem?

Acenei minha mão e comecei a caminhar para casa. Eu só tinha feito alguns poucos metros antes de sentir alguém andando atrás de mim pelo bosque de flor. Quando olhei para cima do meu ombro, lá estava Rune.

O meu coração chutou em modo de corrida quando o meu olhar apanhou o dele. Ele não olhou para longe de mim, mas eu olhei para longe dele. Eu estava apavorada que ele tentaria falar comigo. E se ele quisesse que eu explicasse tudo? Ou pior, e se ele quisesse dizer que o que tínhamos tido não foi nada?

Isso me quebraria.

Aumentando o meu ritmo, eu mantive a minha cabeça para baixo e apressei todo o caminho até em casa. O senti me seguindo todo o caminho, mas ele não fez nenhum movimento para ultrapassar.

Enquanto eu corri os degraus da minha varanda, eu olhei para o lado e vi-o inclinar-se contra a lateral de sua casa, perto de sua janela. O meu coração capotou quando ele empurrou o cabelo para trás. Eu tive que

manter os meus pés enraizados na varanda, no caso de eu deixar cair a minha bolsa e correr até ele, para explicar por que o deixei ir, porque eu cortei-o tão horivelmente, por que eu daria qualquer coisa para ele me beijar só mais uma vez. Em vez disso, eu me forcei a ir para dentro.

As palavras de minha mãe se reproduziram pesadamente em minha mente enquanto eu caminhava para o meu quarto e me deitava... *Talvez tenha sido uma boa coisa que você quebrou todo o contato, baby. Eu não tenho realmente certeza de que ele poderia ter lidado com tudo o que você passou, pelo que a sua mamma disse...*

Fechando os olhos, eu prometi deixá-lo sozinho. Eu não seria um fardo para ele. Eu o protegi da dor.

Porque eu ainda o amava tanto quanto eu sempre o amei.

Mesmo se o garoto que eu amava não me amasse de volta.

Poppy

Flexionei uma mão, equilibrando o meu violoncelo e arco com a outra. De vez em quando, os meus dedos inchavam e ficavam dormentes e eu tinha que esperar para ser capaz de tocar novamente. Mas, quando Michael Brown terminou o seu solo de violino, eu sabia que nada me impediria de me sentar no centro do palco esta noite. Eu

iria tocar a minha peça. E eu saborearia cada segundo no instante que criasse a música que eu tanto amava.

Michael recuou o seu arco, e o público explodiu em aplausos. Ele fez uma reverência rápida e saiu do outro lado do palco.

O anfitrião pegou o microfone e anunciou o meu nome. Quando o público ouviu que eu estava fazendo o meu retorno esperado, as palmas ficaram mais altas, me recebendo de volta ao palco do musical.

O meu coração disparou na excitação com os assobios e o apoio de pais e amigos no auditório.

Quando muitos dos meus colegas da orquestra vieram até a ponta para me dar tapinhas nas costas e me desejar palavras de encorajamento, eu tive que empurrar um nó atrás na garganta.

Endireitando os meus ombros, eu forcei para trás a esmagadora ofensiva emoção. Eu derrubei minha cabeça para o público enquanto eu caminhava para tomar o meu lugar. Os holofotes acima jorraram uma brilhante luz em minha direção.

Eu me posicionei perfeitamente, esperando até que as palmas cessassem. Como sempre, eu olhei para cima e encontrei a minha família sentada orgulhosamente na terceira fila. A minha mãe e o meu pai estavam sorrindo amplamente. Ambas as irmãs me deram pequenos acenos.

Sorrindo de volta para mostrar-lhes que eu os tinha visto, eu lutei contra a ligeira dor que vibrou no meu peito quando eu vi o Sr. e a Sra. Kristiansen sentados ao lado deles, Alton acenando para mim também.

A única pessoa desaparecida era Rune.

Eu não tinha atuado em dois anos. E antes disso, ele nunca perdeu um dos meus recitais. Mesmo que tivesse que viajar, ele estava em cada um, câmera na mão, sorrindo seu meio sorriso torto quando nossos olhos se conectavam no escuro.

Limpendo a garganta, eu fechei os olhos quando coloquei os meus dedos no pescoço do violoncelo e levei o arco à corda. contei até quatro na minha cabeça e comecei o desafiador Prelúdio de violoncelo de Bach Suites. Era uma das minhas partes favoritas para tocar, a complexidade da melodia, o ritmo acelerado do arco trabalhando e o perfeito som tenor que ecoava pelo auditório.

Cada vez que me sentava nesta cadeira, eu deixava a música fluir através de minhas veias. Eu deixei a melodia derramar o meu coração, e me imaginava sentada no centro do palco no Carnegie Hall, o meu maior sonho. Imaginei a público sentado diante de mim, pessoas que, como eu, viviam para o som de uma única nota perfeita, entusiasmadas em serem levadas em uma jornada de som. Elas sentiam a música em seus corações e sua magia em suas almas.

O meu corpo balançava ao ritmo, com a mudança de ritmo e o crescendo final... mas o melhor de tudo, eu esquecia a dormência nos meus dedos. Por um breve momento, eu esquecia tudo.

Quando a nota final tocou no ar, eu levantei o meu arco da corda vibrante e, inclinei a cabeça para trás, lentamente abrindo os meus olhos. Pisquei contra a luz brilhante, um sorriso puxou nos meus lábios no consolo daquele silencioso momento quando a nota desaparecia para o nada, antes do aplauso do público começar. Aquele doce momento, quando a adrenalina da música fazia você se sentir tão vivo que você sente que poderia conquistar o mundo, que tinha conseguido serenidade em sua forma mais pura.

E então, o aplauso começou, quebrando o feitiço. Baixando a cabeça, sorri quando eu me levantei do assento, inclinando a cabeça em agradecimento.

Quando eu agarrei o pescoço do meu violoncelo, os meus olhos procuraram automaticamente pela minha família. Então os meus olhos viajaram ao longo das pessoas que estavam torcendo por mim, e contornando ao longo da parede de trás. No início, eu não sabia o que eu estava vendo. Mas, quando o meu coração bateu contra o meu peito, os meus olhos foram atraídos para a extrema-esquerda da parede. Avistei longos cabelos loiros desaparecerem pela porta de saída... um alto, tonificado garoto vestido todo de preto, desaparecendo de vista. Mas não antes que ele olhasse por cima do ombro uma última vez, e eu tivesse um vislumbre de olhos azuis cristalinos...

Os meus lábios entreabriram em estado de choque, mas antes que eu pudesse ter certeza de que eu estava testemunhando, o rapaz se foi, deixando para trás uma porta se fechando lentamente.

Esse era...? Será que ele...?

Não, eu tentei me convencer, com firmeza. Ele não podia ter sido Rune. Não havia nenhuma maneira de ele vir aqui.

Ele me odiava.

A lembrança de seu olhar azul frio no corredor da escola confirmou os meus pensamentos, eu estava simplesmente desejando coisas que não podiam ser reais.

Com uma reverência final, eu saí do palco. Ouvi os três artistas restantes, depois parti através da porta dos bastidores, só para encontrar a minha família e a família de Rune esperando por mim.

A minha irmã de treze anos de idade, Savannah, foi a primeiro a me ver. — Pops! — Ela gritou e correu para mim, envolvendo os braços em volta da minha cintura.

— Hey, vocês, — eu respondi e apertando-a de volta. A próxima foi, Ida, agora com onze aos, estava me abraçando também. Apertei-as de volta com toda a força que pude. Quando se afastou, seus olhos estavam brilhando. Eu divertidamente inclinei a minha cabeça. — Ei agora, nada de chorar, lembra?

Savannah riu e Ida assentiu com a cabeça. Elas me liberaram. A minha mãe e meu pai ambos tomaram a sua vez, me dizendo o quão orgulhosos eles estavam.

Finalmente, voltei-me para o Sr. e Sra. Kristiansen. Uma súbita onda de nervosismo apareceu. Esta seria a primeira vez que eu iria falar com eles desde que haviam retornado de Oslo.

— Poppy, — Sra. Kristiansen disse suavemente e estendeu os braços. Fui até a mulher que tinha sido uma segunda mãe para mim e cai em seu abraço. Ela me segurou e beijou a minha cabeça. — Eu senti a sua falta, querida, — disse ela, seu sotaque soando mais forte do que eu me lembrava.

A minha mente derivou para Rune. Imaginei se o seu sotaque estava mais forte também.

Quando a Sra. Kristiansen me deixou ir, eu afastei este ocioso pensamento para longe. A seguir o Sr. Kristiansen me abraçou.

Quando me afastei, vi o pequeno Alton segurando firmemente as pernas do Sr. Kristiansen. Abaixei-me. Alton abaixou a cabeça timidamente, vislumbrando-me através dos fios grossos de seu longo cabelo.

— Ei, baby, — eu disse, fazendo cócegas no lado dele. — Você se lembra de mim?

Alton olhou para mim por um longo tempo, antes de balançar a cabeça.

Eu ri. — Você viveu na porta ao lado. Às vezes você ia ao parque comigo e Rune ou, se fosse um bom dia, ao bosque de flor!

Eu tinha falado o nome de Rune sem pensamento consciente, mas isso lembrou-me e a todos ao redor que Rune e eu tínhamos sido inseparáveis. Um silêncio desceu sobre o grupo.

Sentindo uma dor no meu peito, do tipo que eu senti quando eu ferozmente perdi a minha vovó, levantei-me e olhei para longe dos olhares simpáticos. Eu estava prestes a mudar de assunto, quando algo puxou a parte inferior do meu vestido.

Quando olhei para baixo, os grandes olhos azuis de Alton estavam fixos no meu rosto. Passei a mão sobre o seu cabelo macio.

— Ei Alton, você está bem?

As bochechas de Alton coraram, mas ele perguntou com sua voz doce, — Você é amiga de Rune?

Essa mesma dor que a um momento atrás queimou, e eu lancei um olhar de pânico ao redor das nossas famílias. A mãe de Rune estremeceu. Eu não sabia o que dizer. Alton puxou o meu vestido de novo, esperando por uma resposta.

Suspirando, ajoelhei-me e disse com tristeza, — Ele era o meu melhor amigo no mundo inteiro. — Apertei a minha mão sobre o peito. — E eu o amava com todo o meu coração, cada polegada

dele. — Inclinando-me para mais perto, eu sussurrei através de uma garganta espessa, — E eu sempre amarei.

O meu estômago virou. Essas palavras eram a própria verdade da minha alma, e não importava como Rune e eu estávamos agora, eu sempre segurei-o no meu coração.

— Rune... — Alton de repente falou. — Rune... falava com você?

Eu ri. — Claro, querido. Ele falava comigo o tempo todo. Todos os seus segredos. Falávamos sobre tudo.

Alton olhou para o seu pai e as suas pequenas sobrancelhas se juntaram, gravando uma careta em seu bonito rosto. — Ele *falava* com Poppy, Pappa?

O pai do Rune acenou com a cabeça. — Ele falava, Alton. Poppy era a melhor amiga dele. Amava-a por completo.

Os olhos de Alton se tornaram incrivelmente grandes e ele se virou para mim. Seu lábio inferior tremeu.

— O que está errado, baby? — Perguntei, esfregando o braço.

Alton fungou. — O Rune não fala comigo. — O meu coração se afundou. Porque Rune adorava Alton; ele tinha sempre cuidado dele, brincado com ele. Alton adorava Rune. Ele admirava tanto o seu irmão mais velho. — Ele me ignora, — disse Alton, sua voz quebrando o meu coração. Alton me observava. Ele me observava com uma intensidade que eu só tinha experimentado de uma pessoa, o irmão mais velho que o ignorava. Ele colocou a mão no meu braço e perguntou, — Você pode falar com ele? Você pode pedir-lhe para falar comigo? Se você é a melhor amiga dele, então ele vai ouvir você.

O meu coração caiu aos pedaços. Olhei por cima da cabeça de Alton para a sua mãe e pai, em seguida, para a minha. Todos eles pareceram feridos pela revelação gritante de Alton.

Quando me virei para Alton novamente, ele ainda estava olhando, querendo que ajudasse. — Eu podia, querido, — eu disse suavemente, — mas ele agora não fala comigo também.

Eu podia ver a esperança de Alton esvaziar como um balão. Eu beijei a sua cabeça, então, ele correu de volta para sua mãe.

Claramente, vendo que eu estava sofrendo, o meu pai mudou rapidamente de assunto. Ele se virou para o Sr. Kristiansen e convidou a família Kristiansen para bebidas em nossa casa amanhã à noite. Afastei-me de todos eles, puxando uma respiração profunda enquanto os meus olhos olharam fixamente através do estacionamento.

O som do motor de um carro acelerando me tirou do meu transe. Virei-me nesse sentido. Eu perdi toda a respiração em meus pulmões quando, ao longe, vi o garoto de cabelos loiros compridos saltar para o banco da frente de um Camaro preto.

Um Camaro preto que pertencia a Deacon Jacobs, o melhor amigo do Rune.

Eu olhei no espelho e admirei a minha roupa. O meu vestido azul-celeste pendurado no meio da coxa, meu cabelo curto castanho estava puxado para cima de lado com um laço branco, e eu usava sapatilhas pretas em meus pés.

Esticando-me para a minha caixa de joias, eu retirei os meus brincos de prata favoritos e coloquei-os nos meus lobos. Eram a forma do

infinito. Rune tinha-os dado no meu décimo quarto aniversário.

Eu usava-os em todas as oportunidades.

Agarrando a minha jaqueta jeans curta, corri para fora do meu quarto e saí para a noite fria. Jorie tinha me mandado uma mensagem que ela estava lá fora me esperando. Enquanto eu subia no banco da frente do carro de sua mãe, eu me virei para enfrentar a minha melhor amiga. Ela estava sorrindo para mim.

— Poppy, porra, você parece tão bonita, — ela comentou. Corri as minhas mãos no meu vestido, alisando a saia.

— Estou ok? — Perguntei, preocupada. — Eu realmente não sabia o que vestir.

Jorie bateu a mão na frente do rosto quando ela puxou para fora da garagem. — Está ótima.

Eu verifiquei o que ela estava vestindo. Jorie estava vestida com um vestido preto sem mangas e botas de motoqueiro.

Ela estava definitivamente mais ousada do que eu, mas eu estava grata de que nossas roupas não eram polos opostos.

— Então, — ela começou, quando nós deixamos minha rua, — como foi o recital?

— Bom, — eu disse de forma evasiva.

Jorie me olhou com cautela. — E como você está se sentindo?

Revirei os olhos. — Jorie, eu estou bem. Por favor, deixe-me. Você é tão ruim quanto a minha mãe.

Jorie, aparentemente sem palavras por uma vez, mostrou a língua. E assim, ela me fez rir novamente.

Pelo resto da viagem, Jorie me atualizou com a fofoca que tinha circulado na escola sobre o porquê de eu ter ido embora. Eu sorri em todos os momentos que eu deveria sorrir e assenti com a cabeça nas partes que ela esperava que eu fizesse, mas eu não estava realmente interessada. Eu nunca me importei muito com o drama que acontecia na escola.

Eu ouvi o som da festa antes mesmo de chegar. Gritaria e música alta vibravam da casa de Deacon e pela rua abaixo. Seus pais estavam em umas curtas férias, e na pequena cidade de Blossom Grove isso significava uma coisa: festa em casa.

Quando nós estacionamos perto da casa, podíamos ver os jovens se espalhando no jardim da frente. Eu engoli o meu nervosismo. Eu fiquei logo atrás de Jorie enquanto atravessávamos a rua.

Segurando em seu braço, eu perguntei, — as festas em casa são sempre assim tão loucas?

Jorie riu. — Sim. — Ela ligou o meu braço com o dela e puxou-me para frente.

Quando entramos na casa, eu vacilei com o quão alto a música estava. Enquanto nós empurramos o nosso caminho através da sala para a cozinha, estudantes bêbados cambaleavam por nós, forçando-me a agarrar Jorie até que eu estava convencida de que estava causando uma dor física a ela.

Jorie olhou para mim e riu. Quando finalmente chegamos à cozinha, eu imediatamente relaxei vendo Ruby de pé com Deacon. A cozinha estava muito mais silenciosa do que a sala que tínhamos lutado para passar.

— Poppy! — Ruby declarou e atravessou a cozinha para me puxar para os seus braços. — Você quer uma bebida?

— Apenas um refrigerante, — eu respondi; Ruby franziu a testa.

— Poppy! — Ela advertiu. — Você precisa de uma bebida de verdade.

Eu ri da sua expressão horrorizada. — Ruby, obrigada, mas eu vou ficar pelo refrigerante.

— Boo! — Ruby gritou, mas jogou o braço em volta do meu pescoço e me levou para as bebidas.

— Pops, — Deacon cumprimentou, quando um texto apareceu no celular.

— Ei, Deek, — eu respondi e peguei o refrigerante diet que Ruby tinha enchido. Ruby e Jorie me levaram para o quintal, para a fogueira ardendo no centro do gramado. Surpreendentemente não tinha muitas pessoas aqui, o que me adequava bem.

Não demorou muito antes de Deacon puxar Ruby de volta para a festa no interior, deixando-me sozinha com Jorie. Eu estava olhando para as chamas, quando Jorie disse, — Sinto muito em colocar o meu grande pé antes das mãos ontem sobre Rune. Isso te machucou, eu vi. *Jesus!* Eu somente não penso às vezes antes de abrir a minha boca! O meu pai está ameaçando fechá-la com um fio! — Jorie empurrou as mãos sobre a boca, imitando uma luta. — Eu não posso, Pops! Esta boca, incontrolável como é, é tudo o que tenho!

Rindo, eu balancei a cabeça. — Está tudo bem, Jor. Eu sabia que você não quis dizer aquilo. Você nunca me machucaria.

Jorie baixou as mãos de sua boca, a cabeça inclinada para o lado. — Falando sério, Pops. O que você achou do Rune? Sabe, desde que

ele voltou?

Jorie estava me olhando com curiosidade. Dei de ombros. Jorie revirou os olhos. — Você está me dizendo que não têm opinião sobre a forma como o grande amor de sua vida pareceu, agora ele está mais velho e, na minha opinião, para além de quente!

O meu estômago se agitou e eu brinquei com o copo Solo⁴ de plástico nas mãos. Dando de ombros, eu respondi, — Ele é tão bonito como ele sempre foi.

Jorie sorriu atrás de seu copo enquanto ela tomava uma bebida, em seguida, ela fez uma careta quando ouviu a voz de Avery fluando de dentro da casa. Jorie baixou o copo. — Ugh, parece que a vadia está na casa.

Sorri para o nível de repulsa no rosto de Jorie. — Ela é realmente tão ruim assim? — Perguntei. — Ela é realmente uma vadia?

Jorie suspirou. — Não realmente, eu só odeio como ela flerta com todos os caras.

Ah, pensei, sabendo exatamente a quem ela estava se referindo. — Uma pessoa em particular? — Eu provoquei, e assisti Jorie ficar com uma careta em resposta. — Judson, talvez? — Acrescentei, fazendo Jorie lançar seu copo vazio na minha direção.

Eu ri quando ele passou voando por mim, completamente na direção errada. Quando o meu riso tinha morrido, Jorie disse, — Pelo menos agora que Rune voltou ela parece ter recuado de Jud, de qualquer maneira. — Meu bom humor evaporou. Quando Jorie percebeu o que ela tinha acabado de dizer, ela gemeu, exasperada consigo mesma, e moveu-se rapidamente para sentar-se ao meu lado e pegar a minha mão. — Merda, Pops. Eu sinto muito. Eu fiz de novo! Eu não quis dizer—

— Está tudo bem, — eu interrompi.

Mas Jorie apertou o seu aperto na minha mão. Momentos de silêncio se passaram. — Você se arrepende, Pops? Você já se arrependeu de tê-lo cortado de sua vida?

Olhei para o fogo, perdida nas chamas rugindo, e respondi honestamente, — Cada dia.

— Poppy, — Jorie sussurrou tristemente.

Atirei-lhe um sorriso fraco. — Eu sinto a falta dele, Jor. Você não tem ideia do quanto. Mas eu não podia dizer-lhe o que estava acontecendo. Eu não podia fazer isso com ele. Melhor acreditar que eu não estava mais interessada, do que lhe dizer a feia verdade. — Jorie deitou a cabeça no meu ombro. Suspirei. — Se ele soubesse, ele teria tentado tudo em seu poder para voltar. Mas isso não teria sido possível. O trabalho de seu pai era lá em Oslo. E eu... — Eu respirei fundo. — E eu queria que ele fosse feliz. Eu sabia que, com o tempo, ele iria suportar não ouvir de mim. Mas eu conheço Rune, Jor; ele *nunca* teria conseguido ultrapassar a alternativa.

Jorie levantou a cabeça e beijou o meu rosto, o que me fez rir. Mas eu ainda podia ver a tristeza no rosto de Jorie quando ela perguntou, — E agora? Agora ele está de volta, o que você vai fazer? Eventualmente, todo mundo vai descobrir.

Inalando profundamente, eu respondi, — Eu estou esperando que eles não descubram, Jor. Eu não sou popular na escola como você, Ruby e Rune. Se eu simplesmente desaparecer de novo, ninguém vai notar. — Eu balancei a cabeça. — E eu duvido que o Rune que chegou se importaria mais. Eu o vi novamente no corredor ontem, e o olhar que ele me deu me mostrou como ele se sente. Eu não sou nada para ele agora.

Um silêncio constrangedor seguiu até a minha melhor amiga se aventurar, — Mas você o ama tanto. Eu estou certa?

Eu não respondi. Mas a minha falta de resposta foi tão alto como um grito.

Eu amava. Eu ainda o amava, o mesmo de sempre.

Um estrondo veio do quintal da frente, quebrando a intensidade da nossa conversa. Percebi que um par de horas deve ter passado desde que chegamos. Jorie ficou de pé e fez uma careta. — Pops, eu preciso fazer xixi! Vamos entrar?

Eu ri por Jorie dançar no local e segui-a para dentro. Jorie abriu caminho até o banheiro na parte de trás da casa. Esperei por ela no corredor, até que ouvi as vozes de Ruby e Deacon derivando da sala.

Decidi ir e sentar-me com eles, enquanto eu esperava por Jorie, eu abri a porta e entrei. Eu estava apenas três passos dentro quando me arrependi em vir a esta festa. Três sofás dominavam a pequena sala. Ruby e Deacon ocupavam um, Judson e alguns da equipa de futebol se estendiam no outro.

Mas era do terceiro sofá de onde eu não podia tirar meus olhos. Não importa o quanto eu ordenei a meus pés para se moverem, eles se recusaram.

Avery estava sentada no sofá, bebendo do seu copo. Um braço estava ao redor de seus ombros. Avery estava traçando padrões na mão que estava pendurada sobre o peito dela.

Eu sabia de como aquela mão se sentia.

Eu sabia como era a sensação de estar sob o abrigo protetor daquele braço.

E eu senti o meu coração quebrar quando eu mudei os meus olhos para o rapaz que estava sentado ao seu lado. Como se sentisse o

pesado peso do meu olhar, ele olhou para cima. Sua mão parou, a meio caminho da boca para beber.

Lágrimas encheram os olhos.

Compreender que Rune teria seguido em frente era duro o suficiente para suportar; vê-lo assim trouxe outro nível de dor que eu nunca pensei que fosse possível.

— Poppy? Você está bem? — A voz preocupada de Ruby, de repente tocou outro lado da sala, me forçando a romper o olhar do acidente de carro que eu tinha testemunhando.

Forçando um sorriso em direção a Ruby, eu sussurrei, — Sim. Estou bem.

Sentindo as minhas pernas tremerem da atenção indesejada de todos na sala, consegui me afastar para a porta. Mas, quando eu o fiz, eu vi Avery girar na direção de Rune.

Girar para um beijo.

Quando a parte final do meu coração se partiu, me virei e saí da sala antes que eu pudesse testemunhar aquele beijo. Eu me empurrei para o corredor e corri para o quarto mais próximo que eu pude encontrar. Freneticamente girando a maçaneta, eu empurrei através da semi-escuridão da lavanderia.

Bati a porta e me encostei à máquina de lavar, incapaz de me impedir de me curvar na cintura e deixar as lágrimas derramar. Eu lutei contra o vomito se levantando na minha garganta enquanto eu lutava desesperadamente para limpar a imagem ofensiva da minha cabeça.

Durante estes últimos dois anos, eu pensei que eu suportei todas as facetas da dor. Mas eu estava errada. Eu estava tão errada. Porque

nada poderia se comparar com a dor de ver a pessoa que você ama nos braços de outra.

Nada podia comparar com a traição de um lábio prometido de um beijo.

As minhas mãos seguravam o meu estômago. Enquanto eu lutava para arrastar uma respiração muito necessária, a maçaneta da porta começou a girar.

— Não! Vá embora... — Eu tinha começado a gritar, mas antes que eu pudesse virar e forçar a porta, alguém empurrou através dela, batendo a porta na sua esteira.

O meu coração disparou quando eu percebi que estava presa neste lugar com outra pessoa. Mas quando me virei ao redor e vi quem tinha entrado, todo o sangue foi drenado do meu rosto. Eu cambaleei para trás até as minhas costas baterem na parede ao lado da máquina de lavar.

As chamas da fogueira lá fora iluminavam o lugar escuro, o suficiente para que eu pudesse ver claramente quem tinha invadido o meu momento de fraqueza.

O mesmo garoto que a causou.

Rune estava diante de mim, ao lado da porta fechada. Estendendo a mão, ele virou a fechadura. Engoli quando o seu rosto se virou para olhar para mim. Sua mandíbula estava tensa e seus olhos azuis estavam firmemente fixos em mim. Seu olhar estava gelado.

A minha boca ficou seca. Rune deu um passo adiante, seu corpo alto, largo caminhando em minha direção. As batidas do meu

coração varreram o sangue através de minhas veias, seu som inebriante rugindo em meus ouvidos.

Quando ele se aproximou, os meus olhos baixaram absorvendo a maior parte dos braços nus de Rune: seus tonificados, magros músculos estavam flexionados pela tensão de seus punhos fechados, a camisa preta exibiu seu torso firme, a sua pele lisa ainda mantinha o tom de um bronzeado desaparecendo. No movimento da assinatura que sempre me trouxe em meus joelhos, levantou a mão e arrastou o cabelo de seu rosto para trás.

Engolindo em seco, tentei encontrar a coragem para empurrar por ele e fugir. Mas Rune caminhou em frente até que não havia nenhuma saída para mim, eu estava presa.

Os meus olhos estavam arregalados quando ele se concentrou em mim. Rune avançou até que estávamos apenas centímetros de distância. Tão perto, que eu podia sentir o calor irradiando de seu corpo. Tão perto, que eu podia sentir seu cheiro fresco: o que sempre me trouxe conforto, o que me levou de volta para preguiçosos dias de verão passados no bosque de flor. O único que me levou de volta, em completo Technicolor, para aquela noite final, quando fizemos amor.

Eu senti o meu rosto inundar com o calor quando ele se inclinou para perto. Eu cheirei a fraca sugestão do tabaco em suas roupas, e um traço de hortelã em seu hálito quente. Os meus dedos se contraíram ao meu lado enquanto eu olhava para a barba em sua mandíbula e queixo. Eu queria estender a mão e tocá-lo. Na verdade, eu desejava levantar a mão e correr um dedo sobre a testa, por seu rosto, e em seus lábios perfeitos.

Mas assim que eu pensei sobre aqueles lábios, a dor cortou de volta através do meu coração. Virei a cabeça, fechando os olhos. Ele tinha tocado Avery com aqueles lábios.

Ele tinha me *quebrado*, dando aqueles lábios, os lábios que deveriam ser meus para sempre.

Senti-o se aproximar, até que os nossos peitos quase roçaram. Senti seus braços subir sobre a minha cabeça, caindo na parede acima de mim, aglomerando cada polegada do meu espaço pessoal. E eu senti pedaços de seu longo cabelo balançar na minha bochecha.

A respiração de Rune era forte, seu hálito de menta assombrando através do meu rosto. Apertei os olhos ainda mais apertados. Eu o senti tão incrivelmente perto. Mas era inútil; por sua própria vontade e governados por meu coração, meus olhos se abriram lentamente e eu virei a minha cabeça, nossos olhares bateram juntos.

A minha respiração ficou presa na minha garganta enquanto as sombras do fogo lá de fora cintilavam sobre sua face. Então a minha respiração pareceu parar por um instante quando uma de suas mãos se moveu por cima da minha cabeça, viajando hesitantemente para afagar o meu cabelo. Assim que eu o senti tomar uma mecha entre os dedos, calafrios irromperam sobre o meu corpo e borboletas voaram ao redor do meu estômago.

Eu senti que ele não estava se saindo melhor; o exalar profundo e o enrijecimento da mandíbula eram claras dicas. Eu olhei para o seu rosto bonito enquanto ele estudava o meu, nós dois absorvendo os efeitos dos últimos dois anos: as mudanças, no entanto, melhor ainda, os aspectos que eram completamente familiarizados.

Então, quando eu não tinha certeza se o meu coração confuso aguentava mais, seu toque suave deixou a segurança do meu

cabelo derivando para o meu rosto, e passando os dedos sobre as maçãs do meu rosto. Seus dedos pararam, e ele sussurrou uma palavra, uma palavra emocionalmente embalada, na mais dolorosa desesperada, áspera voz... — *Poppymin*.

Uma lágrima escapou do meu olho e espirrou em sua mão.

Poppymin.

O nome perfeito do Rune para mim.

Minha Poppy.

Sua garota.

Infinitamente.

Para todo o sempre.

Um nódulo arranhou rapidamente até a minha garganta quando essa palavra doce navegou em meus ouvidos, perfurando a minha alma. Eu tentei seriamente o empurrar para baixo para se juntar ao resto da dor dos últimos dois anos, mas dominada e totalmente derrotada, eu não consegui, e um soluço a muito enjaulado escapou.

Com Rune tão perto, eu nunca tive uma chance.

Quando o grito escapou dos meus lábios, os olhos de Rune perderam a frieza e suavizaram para brilhar com lágrimas não derramadas. Sua cabeça inclinou para frente, e ele pressionou sua testa na minha, trazendo os dedos para baixo para pressionar sobre os meus lábios.

Eu respirei.

Ele respirou.

E, contra o meu melhor julgamento, eu deixei-me fingir que os últimos dois anos nunca tinham acontecido. Eu deixei-me fingir que ele não havia ido embora. Que eu não tinha ido embora também. Que toda a dor e o

sofrimento nunca tinha sido sentido. E o vazio negro sem fundo que tinha substituído o meu coração se encheu com luz, a luz mais brilhante possível.

O amor de Rune. Seu toque e seus beijos.

Mas esta não era a nossa realidade. Alguém bateu na porta da lavanderia e a realidade desabou de volta como uma onda açoitada pela tempestade caindo em uma praia chuvosa.

— Rune? Você está aí? — Uma voz feminina chamou, uma voz que reconheci como sendo de Avery.

Os olhos de Rune abriram quando as batidas de Avery ficaram mais altas. Ele imediatamente se afastou, me observando.

Levantando a minha mão, eu limpei as minhas lágrimas. — Por favor... deixe-me ir.

Eu tentei soar confiante. Eu queria dizer mais. Mas eu não tinha mais nada dentro de mim. Sem força para continuar o fingimento.

Eu estava magoada.

Estava escrito no meu rosto para que todos vissem.

Colocando a minha mão no peito duro de Rune, eu o empurrei, precisando sair. Ele me deixou movê-lo do meu caminho, apenas para segurar a minha mão na sua pouco antes de eu chegar à porta. Fechei os olhos, tentando reunir forças para virar novamente para ele. Quando eu fiz, mais lágrimas caíram.

Rune estava olhando para nossas mãos unidas, os seus longos loiros cílios quase negros com lágrimas reprimidas.

— Rune, — eu sussurrei. Seus olhos levantaram ao som da minha voz. — Por favor, — eu implorei, quando Avery bateu novamente.

Ele segurou mais apertado.

— Rune? — Avery chamou mais alto. — Eu sei que você está aí.

Dei um passo para mais perto de Rune. Ele observava cada movimento meu com uma intensidade profunda. Quando cheguei ao seu peito, olhei para cima, permitindo que a sua mão mantivesse seu domínio sobre a minha. Eu encontrei os seus olhos, reconhecendo a confusão em seu rosto, e me levantei na ponta dos meus pés.

Eu trouxe a minha mão livre para sua boca e corri as pontas dos meus dedos sobre seu lábio inferior cheio. Eu sorri com tristeza, lembrando de como eram pressionados contra os meus. Eu segui o seu definido arco de cupido, deixando as lágrimas cair quando eu disse, — Matou-me quando eu cortei você da minha vida, Rune. Matou-me não saber o que você estava fazendo no outro lado do Atlântico. — Eu inalei, trêmula. — Mas nada alguma vez me machucou tanto como vê-lo beijar aquela garota.

Rune empalideceu, seu rosto tornando-se pálido. Eu balancei minha cabeça. — Eu não tenho o direito de estar com ciúmes. Isso é tudo minha culpa. *Tudo*, eu sei disso. No entanto, eu estou tão ciumenta, tão *ferida*, que eu sinto que eu poderia morrer desta dor. — Baixei a mão de sua boca. Olhando para ele, implorando com os olhos, acrescentei, — Então, *por favor...* por favor, deixe-me ir. Eu não posso estar aqui, não agora.

Rune não se mexeu. Eu podia ver o choque no rosto. Usando isso para minha vantagem, eu puxei a minha mão da sua e imediatamente abri a porta. Sem olhar para trás ou tendo tempo para fazer uma pausa, eu estourei através dela, passando por Avery que estava esperando, com raiva, no corredor.

E eu corri. Corri passando por Ruby e Jorie, passando por Deacon e Judson, todos tinham se reunido no corredor para assistir ao drama. Eu corri através de muitos estudantes bêbedos em seus pés. Corri até que passei pela porta para o ar fresco da noite. E então eu corri novamente. Eu simplesmente corri o mais rápido que pude, para o mais longe de Rune quanto podia.

— Rune! — Ouvi uma voz estridente aguda a distância, seguida por uma voz masculina, que acrescentou, "Aonde você vai, cara? *Rune!*" Mas eu não deixei isso me impedir. Virando bruscamente à direita, eu vi a entrada para o parque. Estava escuro e o parque não estava bem iluminado, mas era o atalho para casa.

Neste momento, eu daria qualquer coisa para estar em casa.

O portão estava aberto. Deixei os meus pés liderar o caminho ao longo do escuro caminho arborizado, carregando-me mais profundamente para o centro do parque.

A minha respiração estava forçada. Os meus pés doem conforme as solas batiam no asfalto duro através das minhas sapatilhas. Virei à esquerda, em direção ao bosque de flor, quando ouvi passos atrás de mim.

De repente, assustada, eu virei a minha cabeça. Rune estava correndo atrás de mim. O meu coração disparou mais rápido, mas desta vez não tinha nada a ver com o esforço, e tudo a ver com aquele olhar de determinação no rosto de Rune. Rapidamente, Rune estava me ganhando.

Corri por mais alguns quilômetros, então eu percebi que era inútil. Quando entrei no bosque de flor, um lugar que eu conhecia tão bem, um lugar que *ele* conhecia tão bem, eu desacelerei para caminhada, finalmente me trazendo a uma completa parada.

Um momento depois, ouvi Rune entrar no bosque de árvores vazias. Ouvi sua respiração forte martelando no ar frio.

Eu senti ele se mover atrás de mim.

Lentamente, eu girei sobre os calcanhares e encarei Rune. Ambas as mãos estavam em seu cabelo, agarrando os fios. Os olhos azuis dele estavam assombrados, torturados. O ar em torno de nós estalava com a tensão enquanto olhávamos um para o outro, em silêncio, peito arfando, as faces coradas.

Em seguida, o olhar de Rune caiu para os meus lábios e ele avançou para frente. Ele deu dois passos e perguntou uma simples, dura questão: — Por quê?

Ele cerrou os dentes enquanto esperava pela minha resposta. Baixei o meu olhar, as lágrimas enchendo os meus olhos. Eu sacudi a cabeça, e implorei, — Por favor... não...

Rune passou a mão pelo rosto. Essa expressão teimosa que eu conhecia tão bem se espalhou pelas suas características. — *Não!* Deus, Poppy. Por quê? *Por que você fez isso?*

Eu fui momentaneamente distraída com a densidade de seu sotaque, áspero em sua baixa, confusa voz. Quando criança, ao longo dos anos aqui, seu sotaque norueguês tinha diminuído um pouco. Mas agora, seu Inglês estava recoberto por uma borda Nórdica pesada. Fez-me lembrar do dia em que nos conhecemos do lado de fora de sua casa, aos cinco anos.

Mas, enquanto eu vi o seu rosto avermelhar com raiva, eu me lembrei rapidamente que agora isso não importava. Nós não tínhamos mais cinco anos. Nada era inocente. Muita coisa tinha acontecido.

E eu ainda não podia dizer-lhe.

— Poppy, — insistiu, a sua voz aumentando de volume, quando ele se aproximou ainda mais. — Por que diabos você fez isto? Por que você nunca me ligou de volta? Por que todos vocês se mudaram? Onde diabos você esteve? O que diabos aconteceu?

Rune começou a andar de um lado para o outro, seus músculos tencionando sob a sua camisa. Um vento frio soprou pelo bosque e ele puxou o cabelo para trás. Parando reto, ele me encarou e cuspiu as palavras, — Você prometeu. Você me prometeu que você esperaria até eu voltar. Tudo estava bem, até que um dia eu liguei e você não respondeu. Eu liguei e liguei, mas você nunca respondeu. Nem um texto, nada!

Ele se moveu até que os seus pés calçados com botas estavam exatamente contra os meus, elevando-se sobre mim. — Me diga! Me diga agora. — Sua pele estava manchada com o vermelhão nascido da sua ira. — Eu mereço saber, porra!

Eu vacilei com a agressividade em sua voz. Vacilei com o veneno em suas palavras. Vacilei com o estranho diante de mim.

O velho Rune nunca teria falado comigo assim. Mas então eu lembrei-me que este não era o antigo Rune.

— Eu-eu não posso, — eu gaguejei, quase em um sussurro. Levantando os olhos, vi o olhar incrédulo em seu rosto. — Por favor, Rune, — implorei, — não empurre isto. Basta deixá-lo como esta. — Engoli em seco, em seguida, obriguei-me a dizer, — Deixe-nos... deixe-nos no passado. Devemos seguir em frente.

A cabeça de Rune estalou de volta como se eu lhe tivesse dado um soco.

Então ele riu. Ele riu, mas o som não tinha nenhum humor. Ele estava atado com fúria, revestido com raiva.

Rune pisou para trás. Suas mãos tremiam ao seu lado e ele riu mais uma vez. Friamente, ele exigiu, — Me diga.

Eu balancei a cabeça, tentando protestar.

Ele ergueu as mãos para o seu cabelo em frustração. — *Me diga*, — ele repetiu. Sua voz tinha baixado irradiando uma ameaça.

Desta vez eu não balancei a cabeça. Tristeza tinha me deixado imóvel. Tristeza ao ver Rune como estava. Ele sempre foi calmo e calado. Sua mamma tinha me dito mais do que uma vez que Rune sempre tinha sido uma criança mal humorada. Ela sempre temeu que ele lhe daria problemas. Ela havia me dito que a sua predisposição inata tinha sido para afastar as pessoas e para manter-se para si mesmo. Mesmo quando criança, ela notou um ar de mau humor sobre ele, sua inclinação para ser negativo em vez de positivo.

Mas, então ele encontrou você, ela disse. Ele encontrou você. Você ensinou-lhe, através de suas palavras e ações, que a vida nem sempre tem que ser tão séria. Que a vida era para ser vivida. Que a vida era uma grande aventura, a ser vivida ao máximo.

Sua mamma esteve certa o tempo todo.

Percebi, enquanto eu observava a escuridão exalando a partir deste garoto, que este era o Rune que a Sra. Kristiansen tinha esperado, não, que tinha temido, que ele fosse se tornar. Este era o mau humor inato que ela sabia que estava abrigado debaixo da superfície de seu filho.

A predisposição para a escuridão, não para a luz.

Ficando quieta, eu decidi me virar. Deixar Rune sozinho com a sua raiva.

Corações de luar e sorrisos de amanhecer. Corri a mantra da minha vovó pela minha cabeça. Eu apertei os meus olhos fechados e me forcei a repelir a dor tentando inundar dentro de mim. Tentei afastar essa dor no meu peito, a dor que me disse o que eu não queria acreditar.

Que *eu* tinha feito isto para Rune.

Fiz um movimento para frente, para ir embora, auto-preservação apoderando-se da apreensão. Quando eu fiz, eu senti os dedos desesperados envolvendo em torno do meu pulso e me girando de volta.

As pupilas de Rune tinham consumido suas íris azuis cristalinas. — Não! Fique bem aqui. Fique aqui e me diga. — Ele deu um longo suspiro, e, perdendo todo o controle, ele gritou, — *Me diga por que diabos você me deixou sozinho!*

Desta vez, sua raiva era ilimitada. Desta vez, as suas palavras duras continham a força de um tapa na cara. O bosque de flor diante de mim ficou turvo; levou um tempo para perceber que eram as minhas lágrimas nublando a minha visão.

Uma lágrima caiu na minha bochecha. O olhar escuro do Rune não vacilou.

— Quem é você? — Eu sussurrei. Eu balancei a cabeça, enquanto Rune continuou a olhar, um ligeiro aperto no canto dos olhos foi a única evidência que as minhas palavras tiveram algum efeito. — Quem é você agora? — Eu olhei para os dedos, ainda em volta do meu pulso. Sentindo minha garganta fechar, eu disse, — Onde está o menino que eu amo? — Arriscando mais um olhar para o rosto dele, eu sussurrei, — Onde está o meu Rune?

De repente, Rune puxou os dedos do meu braço como se a minha pele estivesse queimando ao toque. Uma risada desagradável derramou de seus lábios enquanto ele me olhava. Sua mão se levantou para alisar delicadamente o meu cabelo, um gesto de suavidade contraditório em

comparação com o veneno com que falava. — Você quer saber para onde aquele garoto foi? — Engoli em seco quando ele procurou cada parte do meu rosto, em toda parte, mas parou em meus olhos. — Você quer saber para onde o *seu* Rune foi? — Seus lábios se curvaram em desgosto. Como se o *meu* Rune fosse alguém indigno. Como se o *meu* Rune não fosse digno de todo o amor que eu tinha por ele.

Inclinando-se, ele encontrou os meus olhos, seu olhar tão severo que arrepios correram pela minha espinha. Duramente, ele sussurrou, — Esse Rune morreu quando você o deixou sozinho. — Tentei me virar, mas Rune pulou no meu caminho, tornando impossível escapar de sua crueldade mordaz. Eu arrastei para dentro uma respiração ferida, mas Rune não tinha terminado. Eu podia ver nos olhos dele que ele estava *longe* de terminar.

— Eu esperei por você, — disse ele. — Eu esperei e esperei para que você ligasse, que explicasse. Liguei para todo mundo que eu conhecia aqui, tentando encontrá-la. Mas você tinha evaporado. Tinha ido para cuidar de alguma tia doente que eu *sei* que não existe. Seu pai não falou comigo quando eu tentei; todos vocês me bloquearam. — Seus lábios se apertaram enquanto ele revivia a dor. Eu vi. Vi em cada movimento dele, a cada palavra; ele havia sido transportado de volta para aquele lugar doloroso.

— Eu disse a mim mesmo para ser paciente, que com o tempo você iria explicar tudo. Mas à medida que os dias se transformaram em semanas e as semanas se tornaram meses, parei de esperar com esperança. Em vez disso, eu deixei a dor entrar. Eu deixei entrar a escuridão que *você* criou. Conforme um ano veio e se foi, e as minhas cartas e mensagens ficaram sem resposta, eu deixei a dor tomar conta de mim até que não havia mais nada do velho Rune. Porque eu não podia olhar no espelho por mais um dia, não podia andar nos sapatos *daquele* Rune por mais um maldito dia. Porque aquele era o Rune que tinha você. Aquele Rune era o Rune que tinha a *Poppymín*. Aquele Rune era o que tinha o coração cheio. A sua metade e a minha. Mas a sua metade me abandonou. Ela foi embora, e permitiu que o que eu tenho agora criasse raízes. Escuridão. Dor. Uma porrada de raiva.

Rune se inclinou até que a sua respiração caiu sobre meu rosto. — *Você me fez assim, Poppy.* O Rune que você conhecia morreu quando você se transformou em uma cadela e quebrou todas as promessas que você já fez.

Eu cambaleei para trás, desequilibrada por suas palavras. Suas palavras que eram como balas no meu coração. Rune me observava sem mostrar culpa. Eu não vi nenhuma simpatia em seu olhar. Apenas a fria, dura verdade.

Ele *quis* dizer cada palavra.

Em seguida, tomando ele como exemplo, eu deixei a raiva tomar posse. Entreguei as rédeas para toda a raiva que eu sentia. Eu apressei-me para frente e empurrei o peito duro de Rune. Não esperava que ele se movesse, fiquei surpresa quando ele deu único passo para trás, antes de recuperar rapidamente o terreno.

Mas eu não parei.

Eu voei para ele de novo, lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto. Eu empurrei e eu empurrei o peito. Firmemente parado, Rune não se moveu. Então eu golpeei-o. Um soluço escapou da minha boca quando eu bati em seu peito, os músculos tencionando debaixo de sua camiseta quando eu liberei tudo o que tinha construído dentro de mim.

— Eu te odeio! — Eu gritei com tudo nos meus pulmões. — Eu te odeio por isto! Eu odeio essa pessoa que você é agora! Eu odeio *ele*, eu odeio *você*! — Eu engasguei com os meus gritos e eu tropecei para trás, exausta.

Vendo seu olhar ainda firmemente direcionado para mim, eu usei a última gota da minha energia para gritar, — eu estava poupando-o! — eu respirei profundamente por alguns momentos, e depois acrescentei, calmamente, — Eu estava poupando-o, Rune! Eu estava poupando-o da dor.

Eu estava poupando-o de se sentir impotente, como todo mundo que eu amava estava sentindo.

As sobrancelhas loiras escuras de Rune tornaram-se uma linha dura sobre os olhos. Confusão distorcia seu belo rosto.

Dei um passo para trás mais uma vez. — Porque eu não podia vê-lo, não podia suportar o pensamento de que você visse o que ia acontecer comigo. Eu não podia suportar fazer isso a você quando você estava tão longe. — Soluços deixaram a minha garganta. Tantos soluços que o meu peito começou a arfar através do esforço.

Tossi, limpando a garganta e avançando para onde Rune estava parado, como uma estátua.

Colocando a mão sobre o meu coração, eu disse em uma voz rouca, — Eu tive que lutar. Eu tive que dar tudo de mim. Eu tinha que tentar. E eu queria você comigo mais do que você jamais poderia imaginar. — Meus cílios molhados começaram a secar na brisa fresca. — Você teria deixado tudo para tentar chegar a mim. Você já odiava os seus pais, odiava sua vida em Oslo; Eu podia ouvi-lo cada vez que você falava. Você se tornou tão amargo. Como você podia ter possivelmente lidado com isto?

A minha cabeça latejava, a dor de cabeça latejante tomando conta de mim.

Eu precisava ir embora. Eu precisava deixar tudo. Eu recuei. Rune permaneceu mortalmente parado. Eu nem tinha certeza de que ele tinha piscado.

— Eu preciso ir, Rune. — Segurei no meu peito, sabendo que o último pedaço de mim iria romper com o que eu ia dizer em seguida. — Vamos deixar isto aqui, no bosque de flor que tanto amávamos.

Vamos terminar o que tínhamos... o que quer que fosse. — A minha voz tinha quase desvanecido a nada, mas com um empurrão final, eu sussurrei, — Eu vou ficar longe de você. Você fique longe de mim. Vamos, finalmente, nos colocar para descansar. Porque tem que ser desta maneira. — Eu abaixei os meus olhos, não querendo ver a dor nos olhos de Rune. — Eu não posso suportar toda a dor. — Eu ri fracamente.

— Eu preciso de corações de luar e sorrisos do amanhecer. — Eu sorri para mim mesma. — É o que está me fazendo continuar. Eu não vou parar de acreditar em um mundo bonito. Eu não vou deixar isso me impedir. — Eu me forcei a olhar para Rune. — E eu não vou ser mais a causa de qualquer dor para você.

Quando eu virei minha cabeça, eu vi uma fissura de agonia fraturar a expressão do Rune. Mas eu não parei. Eu corri. Eu corri rápido, apenas conseguindo passar pela minha árvore favorita quando Rune agarrou o meu braço e me girou mais uma vez.

— O quê? — Perguntou ele. — Que diabos você está falando? — Ele estava respirando com dificuldade. — Você apenas não explicou nada! Você jorrou sobre como me salvar e me poupar. Mas de quê? O que você acha que eu não podia lidar?

— Rune, por favor, — eu implorei e o empurrei. Ele estava em mim num piscar de olhos, as mãos nos meus ombros, me prendendo no lugar.

— Responde! — Gritou.

Eu me empurrei dele novamente. — Deixe-me ir! — O meu coração disparou com trepidação. A minha pele formigou com arrepios. Virei para ir embora novamente, mas as suas mãos me seguraram no lugar.

Eu lutei e lutei, tentando me afastar, por uma vez tentando fugir da árvore cujo abrigo sempre me trouxe consolo.

— Deixe-me ir! — Eu gritei novamente.

Rune se inclinou. — Não, me diga. Explique-se! — Ele gritou de volta.

— Rune—

— Explique! — Ele gritou, me cortando.

Eu balancei a cabeça rapidamente, tentando, sem sucesso, escapar. — Por favor! Por favor! — Eu implorei.

— Poppy!

— NÃO!

— EXPLIQUE!

— EU ESTOU MORRENDO! — Eu gritei para o bosque em silêncio, incapaz de aguentar mais. — Eu estou morrendo, — acrescentei sem fôlego. — Eu... estou... morrendo...

Enquanto eu segurava o meu peito, tentando recuperar o fôlego, a enormidade do que eu tinha feito lentamente filtrou no meu cérebro. O meu coração batia forte. Ele batia do ataque de pânico que eu estava sentindo. Ele batia e acelerava com o conhecimento aterrorizante do que eu tinha acabado de admitir... do que eu tinha acabado de confessar.

Eu continuei a olhar para o chão. Em algum lugar no meu cérebro, registrei que as mãos de Rune tinham congelado sobre os meus ombros. Quando senti o calor de suas mãos, eu também percebi que elas estavam tremendo. Ouvi sua respiração, arrastada com dificuldade.

Obriguei a levantar o meu olhar e bloquear no de Rune. Seus olhos estavam arregalados e dilacerados pela dor.

Naquele momento, eu me odiava. Porque aquele olhar em seus olhos, aquele assombrado, eviscerado olhar fixo, era a razão pela qual eu tinha quebrado a minha promessa a ele há dois anos.

Foi por isso que eu tive que libertá-lo.

Como se viu, em vez disso, eu só tinha aprisionado ele com barras de raiva.

— Poppy... — ele sussurrou, o sotaque pesado, enquanto seu rosto empalideceu o mais branco possível.

— Eu tenho linfoma de Hodgkin. É avançado. E é terminal. — A minha voz tremeu quando eu adicionei, — Eu tenho uma questão de meses de vida, Rune. Não há nada que se possa fazer.

Eu esperei. Eu esperei para ver o que Rune tinha a dizer, mas não disse nada. Em vez disso, ele recuou. Os olhos dele viajaram sobre o meu rosto, procurando qualquer sinal de mentira. Quando nenhum foi encontrado, ele sacudiu a cabeça. Um silencioso "não" saiu de sua boca. Então ele correu. Ele virou as costas para mim e correu.

Passaram-se muitos minutos antes de eu encontrar a força para me mover.

Foram dez minutos depois quando entrei pela porta da minha casa, onde a minha mãe e pai estavam sentados com os Kristiansens.

Mas, foi apenas alguns segundos depois de me ver que a minha mãe correu para onde eu estava e eu caí em seus braços.

Onde eu quebrei o meu coração pelo coração que eu tinha acabado de quebrar.

O coração que eu tinha sempre me esforçado para salvar.

Rune

EU ESTOU MORRENDO... eu estou morrendo... morrendo... eu tenho linfoma de Hodgkin. É avançado. E é terminal... eu tenho uma questão de meses de vida, Rune. Não há nada que se possa fazer...

Eu corri através da escuridão do parque enquanto as palavras de Poppy circulavam em volta da minha mente.

EU ESTOU MORRENDO... eu estou morrendo... morrendo... eu tenho uma questão de meses de vida, Rune. Não há nada que se possa

fazer...

Dor, do tipo que eu nunca soube ser possível, perfurou o meu coração. Cortou, esfaqueou e latejou até que os meus pés derraparam até parar e eu cair de joelhos. Tentei respirar, mas a dor mal tinha começado, movendo-se para rasgar através de meus pulmões até que nada foi deixado. Viajou como uma velocidade de um relâmpago através de meu corpo, levando tudo, até que apenas a dor permaneceu.

Eu estava errado. Eu estava tão errado.

Eu tinha pensado que Poppy me cortando de sua vida por dois anos tinha sido a maior dor que eu alguma vez já tinha suportado. A dor tinha me mudado, mudou fundamentalmente. Sendo quebrado, simplesmente ferido... Mas isto... isto...

Caindo para frente, machucado pela dor no estômago, eu rugi na escuridão do parque vazio.

As minhas mãos arranharam a terra dura debaixo das minhas palmas, galhos cortando os meus dedos, rasgando as minhas unhas.

Mas eu congratulei-me com isto. Esta dor eu podia lidar, mas a dor de dentro...

O rosto de Poppy surgiu em minha mente. Seu maldito rosto perfeito quando ela entrou na sala esta noite. O rosto sorridente dela ao encontrar Ruby e Deacon, esse mesmo sorriso desapareceu de seus lábios quando seus olhos encontraram os meus.

Eu vi a devastação piscar em seu rosto quando ela viu Avery sentada ao meu lado, o meu braço em torno dos ombros dela.

O que ela não tinha visto foi eu observando-a da janela da cozinha enquanto ela se sentava lá fora com Jorie.

Ela não tinha me visto chegar, pois eu nunca tinha planeado estar lá em primeiro lugar. Quando Judson mandou uma mensagem dizendo que Poppy tinha chegado, nada iria conseguir me segurar.

Ela tinha me ignorado. Do minuto em que a vi no corredor, na semana passada, ela nunca disse uma palavra para mim.

E isso me matou.

Eu pensei que quando eu voltasse para Blossom Grove haveria respostas. Eu pensei que eu ia descobrir por que ela se afastou.

Engasguei com um soluço estrangulado. Eu nunca, nunca, em meus sonhos mais loucos, pensei que poderia ser qualquer coisa como esta. Porque é Poppy. *Poppymín*. A minha Poppy.

Ela não podia morrer.

Ela não podia me deixar para trás.

Ela não podia deixar qualquer um de nós para trás.

Nada fazia sentido se ela não estivesse por perto. Ela tinha mais vida para viver. Ela estava destinada a estar comigo para a eternidade.

Poppy e Rune, infinitamente.

Para todo o sempre.

Meses? Eu não podia... ela não podia...

Meu corpo tremeu quando outro rugido cru rasgou da minha garganta, o sentimento desta dor não menos do que se eu estivesse sendo enforcado, arrastado e esquartejado.

Lágrimas escorriam livremente pelo meu rosto, derramando sobre a terra seca abaixo em minhas mãos. Meu corpo estava preso no lugar, minhas pernas se recusavam a mover.

Eu não sabia o que fazer. Que diabos havia a fazer? Como você ultrapassa de não ser capaz de ajudar?

Erguendo a minha cabeça de volta para o céu cheio de estrelas, eu fechei os olhos. — Poppy, — eu sussurrei, enquanto o sal das minhas lágrimas forçavam o seu caminho para a minha boca. — *Poppymin*, — murmurei de novo, meu afeto desaparecendo para o nada na brisa.

Em minha mente eu vi os olhos verdes de Poppy, tão reais como se estivesse sentada a frente de mim... *Eu tenho uma questão de meses de vida, Rune. Não há nada que se possa fazer...*

Desta vez, os meus gritos não entupiram a garganta. Eles foram libertados e eles eram muitos. Meu corpo estremeceu com a força deles quando pensei pelo o que ela deve ter passado. Sem mim. Sem mim ao seu lado, segurando sua mão. Sem mim a beijando na cabeça. Sem mim segurando-a nos meus braços quando ela estava triste, quando o tratamento a fez fraca. Pensei nela enfrentando toda aquela dor com apenas metade do coração. Metade de sua alma lutando para aguentar sem a sua contraparte.

A minha.

Eu não tinha certeza quanto tempo fiquei sentado no parque. Parecia uma eternidade até que eu fui capaz de ficar de pé. E enquanto eu andava, eu me senti como um impostor em meu próprio corpo. Como se eu estivesse preso em um pesadelo, e quando eu acordasse eu teria quinze novamente. Nada disto estaria acontecendo. Eu acordaria no bosque de flor, sob a nossa árvore favorita, com *Poppymin* em meus braços. Ela riria de mim quando eu acordasse, puxando meu braço mais apertado em volta da sua cintura. Ela levantaria a cabeça e eu abaixaria a minha para um beijo.

E nós nos beijaríamos.

Nós beijaríamos e beijaríamos. Quando eu puxasse para trás, com a luz do sol em seu rosto, ela sorriria para mim com os seus olhos ainda fechados e sussurraria, “*Beijo número 2053. No bosque de flor, por baixo da nossa árvore favorita. Com o meu Rune... e meu coração quase explodiu.*” Eu agarraria a minha câmera em minhas mãos e eu esperaria, meu olho pronto na lente para o momento em que ela abriria os olhos. *Aquele* momento. *Aquele* mágico momento capturado, onde eu ia ver em seus olhos o quanto ela me amava. E eu diria a ela que eu amava-a de volta, enquanto eu passaria as costas da minha mão suavemente pelo seu rosto. Mais tarde eu penduraria a foto na minha parede para que eu pudesse vê-la todos os dias...

O som de um pio da coruja me tirou do meu torpor. Quando eu pisquei de volta da fantasia, isso me bateu como um caminhão, era exatamente isso: uma fantasia. Então a dor subiu de volta e me apunhalou com a verdade. Eu não podia acreditar que ela estava morrendo.

A minha visão ficou turva com lágrimas, e me levou um momento para perceber que eu estava na árvore que eu tinha imaginado nos meus sonhos. Aquela onde sempre nos sentávamos. Mas quando eu olhei para ela na escuridão, com o vento frio chicoteando através de seus galhos, o meu estômago virou. Os ramos despidos de folhas, seus braços delgados torcendo e girando, tudo refletindo este momento no tempo.

O momento que eu sabia que a *minha* garota estava indo embora.

Obriguei-me a andar; de alguma forma, os meus pés me levaram para casa. Mas enquanto eu andava, a minha mente era uma confusão de incerteza, dispersa, recusando-se a fixar alguma coisa. Eu não sabia o que fazer, para onde ir. Lágrimas derramavam incessantemente dos meus olhos; a dor dentro do meu corpo foi se estabelecendo em um novo lar. Nenhuma parte de mim foi poupada.

Eu fiz isso para te poupar..

Nada poderia me poupar disto. O pensamento dela tão doente lutando para manter a luz, que ela irradiava tão brilhante, de se desvanecer, me destruiu.

Chegando a minha casa, eu olhei através da janela que havia me cativado por doze anos. Eu sabia que ela estava no lado oposto. A casa estava às escuras. Mas quando eu movi os meus pés para frente, eu lentamente parei em um impasse.

Eu não podia... Eu não podia enfrentá-la... Eu não podia...

Girando no meu calcanhar, corri até as escadas para a minha casa e irrompi pela porta. Lágrimas de raiva e tristeza estavam se rasgando através de mim, ambas lutando pelo domínio. Eu estava sendo dilacerado por dentro.

Passei a sala de estar. — Rune! — A minha mamma chamou. Ouvei instantaneamente o aperto em sua voz.

Os meus pés pararam. Quando eu enfrentei a minha mãe, que estava se levantando do sofá, eu vi lágrimas descendo por suas bochechas.

Isso me atingiu como um golpe de martelo.

Ela *sabia*.

Mamma deu um passo adiante, com a mão estendida. Olhei para ela, mas eu não podia pegá-la. Eu não podia...

Corri para o meu quarto. Passei furioso pela porta e então só fiquei lá. Fiquei petrificado e olhei em volta, procurando uma ideia do que fazer a seguir.

Mas eu não sabia. Minhas mãos levantaram para o meu cabelo e apertaram os fios. Engasguei com os sons deixando a minha boca. Afoguei-

me nas malditas lágrimas descendo no meu rosto, porque eu não sabia o que diabos fazer.

Dei um passo para frente, depois parei. Andei para ir para a minha cama, então parei. Meu coração batia em uma lenta, balançada batida. Eu lutei para arrastar o ar através de meus pulmões entupidos. Eu lutei para não cair no chão.

E então eu quebrei.

Eu deixei a raiva esperando se libertar. Eu deixei-a infundir comigo e me levar para frente. Alcançando a minha cama, me inclinei para agarrá-la e, com um rugido alto, levantei-a com toda a minha força, derrubando o colchão e a resistente madeira. Movi-me para a minha mesa e, com um golpe, limpei o topo. Apanhando o meu laptop antes de bater no chão, eu girei onde eu estava e atirei na parede. Eu ouvi-o quebrar, mas isso não ajudou.

Nada estava ajudando. A dor ainda estava aqui. A verdade angustiante.

As malditas lágrimas.

Cerrando os punhos, eu joguei a minha cabeça para trás e eu gritei. Eu gritei e gritei até minha voz ficar áspera e a minha garganta estar em carne viva. Caindo de joelhos, eu deixei-me afogar nesse sofrimento.

Então eu ouvi a minha porta abrir e olhei para cima. A minha mãe entrou. Eu balancei a cabeça, levantando minha mão para afastá-la. Mas ela continuou se aproximando.

— Não, — eu disse asperamente, tentando sair do seu caminho. Mas ela não deu ouvidos, em vez disso ela caiu no chão ao meu

lado. — Não! — Eu cuspi mais forte, mas seus braços esticaram para fora e ao redor do meu pescoço.

— Não! — Eu lutei, mas ela me puxou para ela, e perdi toda essa luta. Caí em seus braços e eu chorei.

Eu gritei e chorei nos braços da mulher com quem eu mal tinha falado em dois anos. Mas agora, eu precisava dela. Eu precisava de alguém que entendesse.

Entendesse como seria perder Poppy.

Então eu deixei tudo sair. Segurei-me a ela tão apertado que eu pensei que iria deixar um hematoma. Mas a minha mãe nunca se mexeu; ela gritou comigo. Ela sentou-se calmamente, segurando a minha cabeça enquanto eu perdia toda a força.

Então ouvi o movimento da porta.

Meu pappa estava nos observando com lágrimas nos olhos, a tristeza no rosto. E isso reacendeu a chama no meu estômago. Vendo o homem que me levou embora, que me obrigou a deixar Poppy quando ela estava prestes a precisar mais de mim, quebrou algo dentro.

Empurrando a minha mãe, eu assobieei para ele, — Saia.

A minha mãe ficou tensa e eu a empurrei mais para trás, olhando para o meu pappa. Ele ergueu as mãos, choque agora gravado em seu rosto. — Rune... — ele disse em uma voz calma.

Isso só alimentou as chamas.

— Eu disse para sair! — Eu vacilei de pé.

O meu pappa olhou para a minha mãe. Quando ele olhou para mim, as minhas mãos estavam cerradas. Abracei a raiva queimando dentro

de mim.

— Rune, filho. Você está em choque, você está machucado...

— Machucado? *Machucado?* Você não tem maldita ideia! — Gritei, e dei um passo para mais perto de onde ele estava.

A minha mãe ficou de pé. Eu a ignorei enquanto tentava ficar no meu caminho. Meu pappa avançou e empurrou-a para trás e para o corredor.

O meu pappa fechou a porta ligeiramente, bloqueando-a do lado de fora.

— Caí fora, — eu disse uma última vez, sentindo todo o ódio que eu tinha por este homem ferver para a superfície.

— Sinto muito, meu filho, — ele sussurrou, e ele deixou uma lágrima cair para sua bochecha. Ele teve a audácia de ficar diante de mim e derramar uma lágrima.

Ele não tinha o maldito direito!

— Não, — eu avisei, a minha voz cortante e dura. — Não se atreva a ficar aí e chorar. Não se atreva a ficar aí e me dizer que você está arrependido. Você não tem nenhum direito quando você foi quem me levou embora. Você me levou dela quando eu não queria ir. Você me levou dela enquanto ela ficou doente. E agora... agora... ela está morre... — Eu não podia terminar a frase. Eu não podia me fazer dizer essa palavra. Ao invés, eu corri. Corri para o meu pappa e batia as mãos em seu peito largo.

Ele cambaleou para trás e bateu na parede. — Rune! — Eu ouvi o grito da minha mamma vindo do corredor. Ignorando seu pedido, eu agarrei o colarinho do meu pappa em minhas mãos e levei a minha cara até pairar na frente dele.

— Você me levou por dois anos. E porque eu tinha ido embora, ela me cortou para me *poupar*. A *mim*. Poupar-me da dor de estar tão longe e não ser capaz de confortá-la ou abraçá-la quando ela estava com dor. Você fez isso para que eu não pudesse estar com ela enquanto ela lutava. — Eu engoli, mas conseguiu acrescentar, — E agora é tarde demais. Ela tem meses... — a minha voz se quebrou. — *Meses...* — Eu joguei minhas mãos para baixo e dei um passo para trás, mais lágrimas e dor tomaram conta.

De costas para ele, eu disse, — Não há volta a partir daqui. Eu nunca vou te perdoar por me levar para longe dela. Nunca. Acabou.

— Rune...

— Saia, — eu rosnei. — Caí fora do meu quarto e dê o fora da minha vida. Eu terminei com você. Tão fodidamente terminado.

Segundos depois, ouvi a porta fechar, e a casa caiu em silêncio. Mas, para mim, neste momento, a casa parecia que estava gritando.

Empurrando o cabelo do meu rosto, eu afundei no colchão virado, então inclinei minhas costas contra a parede. Por minutos, ou poderia ter sido horas, eu olhei para o nada. Meu quarto estava escuro para além da luz de uma lâmpada pequena no canto do quarto que de alguma forma tinha sobrevivido a minha raiva.

Ergui os olhos e eles pousaram em uma foto pendurada na parede. Eu fiz uma careta, sabendo que eu não a tinha colocado há. Minha mãe deve ter pendurado hoje quando ela desempacotou meu quarto.

E eu olhei.

Olhei para Poppy, apenas alguns dias antes de ir embora, dançando no bosque de flor, as flores de cerejeira que ela tanto amava em plena floração em torno dela. Seus braços estavam esticados para o céu enquanto girava, a cabeça inclinada para trás enquanto ela ria.

Meu coração apertou ao vê-la dessa forma. Porque *esta* era *Poppymin*. A menina que me fez sorrir.

A garota que iria correr para o bosque de flor, rindo e dançando por todo o caminho.

A pessoa que me disse para ficar longe dela. *Eu vou ficar longe de você. Eu vou ficar longe de você. Você fique longe de mim. Vamos, finalmente, colocar-nos para descansar...*

Mas eu não podia. Eu não podia deixá-la. Ela não podia me deixar. Ela precisava de mim e eu precisava dela. Eu não me importava com o que ela tinha dito; não havia nenhuma maneira de eu a deixar suportar isto sozinha. Eu não podia se eu tentasse.

Antes que eu pudesse pensar demais, eu pulei para os meus pés e corri para a janela. Dei uma olhada na janela em frente a minha e deixei o instinto tomar o controle. O mais silenciosamente possível, eu abri minha janela e subi por ela. Meu coração batia em conjunto com os meus pés enquanto batiam na grama. Eu parei.

Em seguida, com uma respiração profunda, eu coloquei minha mão sob a janela e puxei para cima. Moveu-se.

Ela estava desbloqueada.

Era como se o tempo não tivesse passado. Subi para o interior e gentilmente fechei a janela. Uma cortina estava no caminho, algo que não existia antes. Silenciosamente empurrando-a de lado, eu dei um passo adiante, parando enquanto eu absorvia o quarto familiar.

O perfume de aroma doce de Poppy, aquele que ela sempre usava, bateu no meu nariz em primeiro lugar. Fechei os olhos, afugentando o peso no meu peito. Quando os abri novamente, meus olhos caíram em Poppy em sua cama.

Sua respiração era suave enquanto ela dormia, de frente para mim, seu corpo iluminado apenas pelo brilho opaco de sua luz noturna.

Então, o meu estômago caiu. Como diabos ela achava que eu alguma vez iria ficar longe? Mesmo que ela não tivesse me dito por que ela me cortou, eu teria encontrado um jeito de voltar para ela. Mesmo através de toda a dor, dor e raiva, eu teria sido atraído de volta, como uma mariposa para uma chama.

Eu nunca poderia ficar longe.

Mas enquanto eu a absorvia, seus lábios rosados franziram no sono, o rosto corado de calor, eu me senti como se uma lança tivesse batido no meu peito. Eu ia perder ela.

Eu ia perder a única razão pela qual eu vivia.

Eu balancei em meus pés. Lutei para lidar com o pensamento. Lágrimas caíram sobre as minhas bochechas, quando pedaço velho de madeira rangeu debaixo de mim. Apertei meus olhos fechados. Quando meus olhos se abriram, foi para ver Poppy olhando para mim de sua cama, com os olhos pesados de sono. Então, vendo claramente minha cara, as lágrimas nas minhas bochechas, a dor em meus olhos, a expressão dela se transformou em uma máscara de dor, e, lentamente, abriu os braços.

Foi instintivo. Um poder primal que só Poppy tinha sobre mim. Meus pés me arrastaram para a visão daqueles braços; minhas pernas finalmente cederam quando cheguei à cama, joelhos batendo no chão, a cabeça caindo no colo de Poppy. E, como uma represa, eu explodi. As lágrimas vieram espessas e rápidas com Poppy colocando os braços em volta da minha cabeça.

Levantando meus braços, eu envolvi-os em um aperto de ferro, em torno de sua cintura. Os dedos de Poppy acariciavam através do meu cabelo

enquanto, tremendo, eu desmoronava no seu colo, as lágrimas encharcando a camisola cobrindo suas coxas.

— Shh, — Poppy sussurrou, me balançando para frente e para trás. O doce som foi como o paraíso para os meus ouvidos.

— Está tudo bem, — acrescentou. Isso me golpeou forte que ela estava me confortando. Mas eu não conseguia parar a dor. Eu não conseguia parar o pesar.

E eu a segurava. Segurei-a com tanta força que eu pensei que ela me pediria para libertar. Mas ela não o fez, e eu não o faria. Não me atrevi a libertá-la, no caso de quando eu levantar minha cabeça ela não estivesse aqui.

Eu precisava que ela estivesse aqui.

Eu precisava que ela ficasse.

— Está tudo bem, — Poppy acalmou novamente. Desta vez, eu levantei a minha cabeça até que nossos olhos se encontraram.

— Não está, — eu disse com voz rouca. — Nada sobre isto está bem.

Os olhos de Poppy estavam brilhando, mas as lágrimas não caíam. Em vez disso, ela inclinou o rosto para cima, um dedo sob o meu queixo, e ela acariciou a minha bochecha molhada com o outro. Eu assisti, sem respirar, enquanto um pequeno sorriso começou a puxar em seus lábios.

Meu estômago virou, a primeira sensação que senti no meu corpo desde a dormência depois da revelação dela ter tomado conta de mim.

— Aí está você, — ela disse, tão baixinho que eu quase perdi. — Meu Rune.

Meu coração parou de bater.

Seu rosto derreteu em pura felicidade quando ela empurrou o cabelo da minha testa e passou a ponta do dedo pelo meu nariz e ao longo da borda da minha mandíbula. Eu fiquei completamente imóvel, tentando cometer este momento em uma memória, uma foto na minha mente. As mãos dela no meu rosto. Aquele olhar de felicidade, a luz brilhando de dentro.

— Eu costumava-me perguntar como você se parecia mais velho. Eu me perguntei se você tinha cortado seu cabelo. Perguntei-me se você tinha ficado mais alto, mudado de tamanho. Perguntei-me se os seus olhos tinham ficado iguais. — O lado do lábio dela contraiu. — Perguntei-me se você tinha ficado mais bonito, o que parecia impossível para mim. — Seu sorriso caiu. — E eu vejo que você ficou. Quando eu te vi no corredor, na semana passada, eu não podia acreditar que estava lá, de pé na minha frente, mais bonito do que eu jamais poderia ter imaginado. — Ela brincou, puxando o meu cabelo. — Com seu cabelo loiro brilhante ainda longo. Seus olhos em um azul vibrante como nunca antes. E tão alto e largo. — Os olhos de Poppy encontraram os meus, e ela disse suavemente, — O meu Viking.

Meus olhos fecharam enquanto eu tentava afastar o nó na garganta. Quando os abri, Poppy estava me observando como ela sempre fez, em completa adoração.

Subindo mais de joelhos, inclinei-me para mais perto, vendo os olhos de Poppy suavizar enquanto eu pressionei minha testa na dela, tão cuidadosamente como se ela fosse uma boneca de porcelana. Assim que a nossa pele tocou, eu puxei uma respiração longa e sussurrei, — *Poppymin*.

Desta vez, foram as lágrimas de Poppy que caíram em seu colo. Eu empurrei a minha mão em seu cabelo e segurei-a perto.

— Não chore, *Poppymin*. Eu não suporto ver suas lágrimas.

— Você confunda esse significado, — ela sussurrou em retorno.

Mexi minha cabeça ligeiramente para trás, procurando os olhos dela. O olhar de Poppy encontrou o meu e ela sorriu. Eu podia ver o contentamento em seu rosto bonito quando ela explicou, — Eu nunca pensei que iria ouvir você dizer de novo essa palavra para mim. — Ela engoliu em seco. — Eu nunca pensei que eu iria sentir você tão perto de mim novamente. Nunca sonhei que iria sentir *isto* de novo.

— Sentir o quê? — Perguntei.

— Isto, — disse ela e levou a minha mão até ao seu peito. Bem sobre o coração. Ele estava acelerado. Eu congelei, sentindo algo no meu próprio peito mexendo, de volta à vida, e ela disse, — Eu nunca pensei que eu voltaria a me sentir completa. — Uma lágrima caiu de seus olhos e para a minha mão, espirrando na minha pele. — Eu nunca pensei que eu recuperaria a metade do meu coração antes de eu... — Ela parou, mas nós dois sabíamos que ela queria dizer. O sorriso dela caiu e seu olhar perfurou o meu. — Poppy e Rune. Duas metades de um todo. Por fim reunidos. Quando mais importava.

— *Poppy*... — eu disse, mas não podia afastar o chicote da dor rachando bem no fundo.

Poppy piscou, então piscou novamente, até que todas as suas lágrimas tinham desaparecido. Ela olhou para mim, a cabeça caindo para um lado, como se estivesse resolvendo um quebra-cabeça difícil.

— Poppy, — eu disse, minha voz rouca e grossa. — Deixe-me ficar por algum tempo. Eu não posso... eu não posso... eu não sei o que fazer...

A mão quente de Poppy pousou suavemente na minha bochecha. — Não há nada a fazer, Rune. Nada a fazer, mas somente resistir

à tempestade.

As minhas palavras ficaram presas na minha garganta e eu fechei os olhos. Quando abri novamente, ela estava me observando.

— Eu não estou com medo, — ela me assegurou com confiança, e eu podia ver que ela quis dizer isso. Quis dizer isso cem por cento. A minha Poppy. Pequena em tamanho, mas cheia de coragem e luz.

Eu nunca tinha estado mais orgulhoso em amá-la do que eu estava naquele momento.

Minha atenção caiu para a cama. A cama que era maior do que a que ela tinha tido há dois anos. Ela parecia muito pequena para o grande colchão. Com ela sentada no centro, ela parecia uma pequena menina.

Claramente me vendo olhando para a cama, Poppy se remexeu. Eu podia detectar uma ponta de desconfiança em sua expressão, e eu não podia culpá-la. Eu sabia que não era o menino para quem ela tinha acenado adeus dois anos atrás. Eu estava mudado.

Eu não tinha certeza que eu poderia ser o Rune *dela* de novo.

Poppy engoliu, e depois de um momento de hesitação, ela deu um tapinha no colchão ao lado dela. Meu coração acelerou. Ela estava me deixando ficar. Depois de tudo. Depois de tudo o que eu tinha feito desde que voltei, ela estava me deixando ficar.

Obrigando as minhas pernas a levantar, as minhas pernas estavam instáveis. As lágrimas tinham manchado meu rosto, raspado minha garganta até doer, e o pesar, a revelação surreal sobre a dor da doença de Poppy... a revelação tinha deixado uma dormência residual no meu corpo. Cada polegada de mim quebrada, remendada com curativos, curativos sobre feridas abertas.

Temporário.

Inútil.

Sem utilidade.

Desapertei as minhas botas, em seguida, subi na cama. Poppy deslocou-se até deitar no seu lado natural da cama, e eu, sem jeito, estava no meu. Em um movimento tão familiar para nós dois, viramos de lado e enfrentamos um ao outro.

Mas não era tão familiar quanto uma vez tinha sido. Poppy tinha mudado. Eu tinha mudado. Tudo tinha mudado.

E eu não sabia como ajustar.

Minutos e minutos de silêncio se passaram. Poppy parecia feliz em me ver. Mas eu tinha uma pergunta.

A única pergunta que eu queria perguntar-lhe quando o contato parou. O pensamento que tinha escavado dentro de mim, virando escuro por falta de uma resposta. O único pensamento que me fez sentir doente. A única questão que ainda tinha potencial para me rasgar. Mesmo agora, quando meu mundo não poderia quebrar mais.

— Pergunte-me, — Poppy disse de repente, mantendo a voz baixa para não acordar os pais dela. Surpresa deve ter mostrado no meu rosto, porque ela encolheu os ombros, parecendo tão bonitinha. — Eu posso não conhecer o garoto que você é agora, mas reconheço essa expressão. A que está construindo uma pergunta.

Corri meus dedos sobre o lençol entre nós, a minha atenção voltada para o movimento que eu estava fazendo.

— Você me conhece, — eu sussurrei em resposta, querendo acreditar nisso mais do que tudo. Porque Poppy era a única que

realmente conhecia o meu verdadeiro eu. Mesmo agora, enterrado sob toda essa raiva e fúria após a distância de dois anos de silêncio, ela ainda conhecia o coração por baixo.

Os dedos de Poppu aproximaram-se dos meus no território neutro entre nós. A terra-de-ninguém que separava os nossos corpos. Enquanto eu observava as nossas duas mãos, se esforçando uma pela outra, mas não completamente alcançando, fui engolido com a necessidade de pegar minha câmera, uma necessidade que eu não sentia há muito tempo.

Eu queria que este momento fosse capturado.

Eu queria esta fotografia. Eu queria este momento no tempo para agarrar para sempre.

— Sei algumas de suas perguntas, eu acho, — Poppy disse, puxando-me de volta dos meus pensamentos. Suas bochechas coraram, um profundo rosa espalhando-se sobre sua pele clara. — Eu vou ser honesta, desde que você voltou, eu não o reconheço muito. Mas há momentos em que eu vejo alguns vislumbres do garoto que eu amo. O suficiente para inspirar a esperança que ele ainda está esperando por baixo. — Seu rosto estava determinado. — Eu acho que, acima de qualquer coisa, eu quero vê-lo lutar contra aquilo que o tem escondido. Eu acho que vê-lo novamente é meu maior desejo, antes de eu ir.

Eu virei minha cabeça, não querendo ouvi-la falar sobre partir, sobre a decepção que eu era, sobre o fato de que seu tempo estava se esgotando. Então, como ato de um soldado corajoso, sua mão violou a distância entre nós e a ponta do dedo roçou sobre a minha. Virei a cabeça ao redor. Meus dedos abriram ao seu toque. Poppy correu a ponta do dedo ao longo da carne da minha palma, traçando as linhas.

A sugestão de um sorriso surgiu em seus lábios. Meu estômago afundou, perguntando quantas vezes mais eu iria ver aquele sorriso. Perguntando como ela encontrava a força para sorrir para todos.

Então, lentamente recuando para onde estava antes, a mão de Poppy ficou parada. Ela olhou para mim, esperando pacientemente pela questão que eu ainda não tinha perguntado.

Sentindo meu coração disparar em trepidação, abri a boca e perguntei, — O silêncio foi... foi só sobre... sua doença, ou foi... foi porque... — Imagens da nossa última noite brilharam no meu cérebro. Eu deitando sobre seu corpo, nossas bocas pressionadas juntas em câmara lenta, beijos suaves. Poppy me dizendo que ela estava pronta. Nós perdendo nossas roupas, eu observando seu rosto enquanto eu empurrava para frente e depois quando ela estava deitada nos meus braços. Adormecer ao lado dela, nada por ser dito entre nós.

— O quê? — Perguntou Poppy, de olhos arregalados.

Tomando uma respiração rápida, eu soltei, — Foi porque eu empurrei você muito longe? Será que eu a forcei? Pressionei você? — Mordendo a bala, perguntei, — Será que você se arrependeu?

Poppy ficou tensa, com os olhos brilhando. Perguntei-me por um minuto se ela estava prestes a chorar, prestes a confessar o que eu temi nestes dois últimos anos era verdade. Que eu a machuquei. Ela colocou sua confiança em mim e eu a machuquei.

Em vez disso, Poppy se levantou da cama e se ajoelhou. Ouvi-a puxar algo para fora por baixo. Quando ela se levantou, em sua mão estava um familiar frasco de vidro. Um frasco cheio com centenas de corações de papel cor de rosa.

Mil beijos-de-menino.

Poppy cuidadosamente se ajoelhou na cama, e derrubando o frasco na direção do brilho da luz noturna, ela abriu a tampa e começou a procurar. Enquanto a mão passava em torno dos corações de papel, eu segui os que estavam no vidro do meu lado. A maioria estava em branco. O frasco estava revestido com pó, um sinal de que não tinha sido aberto por um longo tempo.

Uma mistura de tristeza e esperança agitou-se dentro de mim.

Esperança que nenhum outro menino havia tocado seus lábios.

Tristeza que a maior aventura de sua vida tinha chegado a um impasse. Não há mais beijos.

Em seguida, a tristeza cortou um buraco através de mim.

Meses. Ela tinha apenas meses restando, não uma vida, para preencher este frasco. Ela nunca iria escrever a mensagem em um coração no dia de seu casamento como ela queria. Ela nunca seria uma vovó, lendo esses beijos para seus netos. Ela nem sequer viveria após a adolescência.

— Rune? — Poppy perguntou quando novas lágrimas caíram pelo meu rosto. Eu usei a palma da minha mão para limpá-las. Hesitei em encontrar os olhos de Poppy. Eu não queria fazê-la sentir-se triste. Em vez disso, quando eu olhei para cima, tudo o que vi no rosto de Poppy foi compreensão, uma compreensão que rapidamente mudou para timidez.

Nervosismo.

Em sua mão estendida estava um coração rosa. Só que este coração não estava em branco. Estava cheio, ambos os lados. A tinta do coração era rosa, praticamente dissimulando a mensagem.

Poppy empurrou a mão dela. — Pegue isto, — ela insistiu. Fiz o que ela pediu.

Sentando-me, eu movi para o caminho da luz. Eu me concentrei duro na tinta clara, até que eu consegui ler as palavras. *Beijo 355. No meu quarto. Depois que eu fiz amor com o meu Rune. O meu coração quase explodiu.* Virei o coração e li o outro lado.

Eu parei de respirar.

Foi a melhor noite da minha vida... tão especial quão especial pode ser.

Fechei os olhos, mais uma emoção fluiu através de mim. Se eu tivesse de pé, tenho certeza que teria caído de joelhos.

Porque ela adorou.

Naquela noite, o que fizemos, foi desejado. Eu não a tinha machucado.

Engasguei para baixo um ruído que estava deslizando pela minha garganta. A mão de Poppy estava no meu braço. — Eu pensei que você tinha se arrependido, — eu sussurrei, olhando em seus olhos. — Eu achei que você se arrependeu de nós.

— Eu não fiz, — ela sussurrou de volta. Com a mão trêmula, um enferrujado gesto de muito tempo distante, ela empurrou para trás os fios caídos de cabelo do meu rosto. Fechei os olhos sob seu toque, em seguida, abri-os quando ela disse, — Quando tudo aconteceu... — ela explicou, — quando eu estava procurando tratamento, — lágrimas, desta vez, deslizavam por suas bochechas — quando o tratamento parou de funcionar... pensei naquela noite, muitas vezes. — Poppy fechou os olhos, os longos cílios escuros beijando seu rosto. Então ela sorriu. Sua mão parou no meu cabelo. — Pensei quão gentil você foi comigo. Como

foi... estar com você, tão perto. Como se fôssemos as duas metades do coração como sempre chamamos a nós mesmos. — Ela suspirou. — Era como se estivesse em casa. Você e eu, juntos, éramos infinitos, estávamos unidos. Naquele momento, o momento em que a nossa respiração era áspera e você me segurou com tanta força... foi o melhor momento da minha vida.

Seus olhos se abriram novamente. — Foi o momento que eu repetia quando afligia. É o momento que eu penso quando escorrego, quando eu começo a sentir medo. É o momento que me lembra que eu tenho sorte. Porque nesse momento eu experimentei o amor para o qual a minha vovó me enviou para encontrar nesta aventura de mil beijos-de-menino. Aquele momento em que você sabe que você é muito amado, que você é o centro do mundo de alguém tão maravilhosamente, que você *viveu*... mesmo que fosse apenas por um curto período de tempo.

Mantendo o coração de papel em uma mão, eu estendia a outra e trouxe o pulso de Poppy para os meus lábios. Eu pressionei um pequeno beijo sobre sua pulsação, sentindo-a vibrar debaixo da minha boca. Ela puxou uma respiração afiada.

— Mais ninguém beijou os seus lábios além de mim, não? — Perguntei.

— Não, — disse ela. — Eu prometi a você que não iria. Mesmo que não estivéssemos falando. Mesmo eu pensando que nunca mais iria vê-lo novamente, eu nunca iria quebrar minha promessa. Esses lábios são seus. Eles foram sempre seus.

Meu coração sacudiu e, soltando o pulso dela, eu levantei meus dedos para pressioná-los em seus lábios, nos lábios que ela havia presenteado a mim.

A respiração de Poppy diminuiu enquanto eu tocava sua boca. Seus cílios tremeram e calor apareceu em suas bochechas.

Minha respiração acelerou. Acelerou porque eu tinha a posse de seus lábios. Eles ainda eram meus.

Para todo o sempre.

— Poppy, — eu sussurrei, e me inclinei em direção a ela. Poppy congelou, mas eu não a beijei. Eu não faria isso. Eu podia ver que ela não podia me ler. Ela não me conhecia mais.

Eu mal me conhecia estes dias.

Em vez disso, eu coloquei meus lábios nos meus próprios dedos, ainda sobre os lábios, formando uma barreira entre nossas bocas e soprei. Eu inalei seu cheiro, açúcar e baunilha. Meu corpo se sentiu energizado simplesmente por estar perto dela.

Então meu coração rachou ao meio quando me mexi e ela perguntou entrecortada, — Quantas?

Eu fiz uma careta. Eu procurei seu rosto por uma pista sobre o que ela estava pedindo. Poppy engoliu em seco e, desta vez, ela colocou os dedos sobre meus lábios. — Quantas? — Repetiu.

Eu sabia exatamente o que ela estava perguntando. Porque ela olhava para os meus lábios como se fosse um traidor. Ela olhou para eles como algo que uma vez ela amou, perdeu e nunca poderia ganhar de volta.

Um ar frio gelado percorreu meu corpo quando Poppy puxou a mão tremendo para longe. Sua expressão era guardada, sua respiração presa em seu peito como se estivesse se protegendo do que eu diria. Mas eu não disse nada. Eu não podia, esse olhar em seu rosto me matou.

Poppy exalou e disse, — Eu sei sobre Avery, é claro, mas houve quaisquer outras em Oslo? Quero dizer, eu sei que houve, mas foram

muitas?

— Isso importa? — Eu perguntei, minha voz baixa. O coração de papel de Poppy ainda estava na minha mão, o significado quase escaldando minha pele.

A promessa de nossos lábios.

A promessa de nossos corações por metade.

Para todo o sempre.

Poppy lentamente começou a sacudir a cabeça, mas, em seguida, os ombros caíram, ela assentiu uma vez. — Sim, — ela sussurrou, — isso importa. Não deveria. Porque fui eu que deixei você. — Ela baixou a cabeça. — Mas importa. Importa mais do que você iria entender.

Ela estava errada. Eu entendia por que isso importava tanto. Importava para mim também.

— Eu estive longe por muito tempo, — eu disse. Naquele momento, eu sabia que a raiva que me manteve cativo tinha tomado o controle de volta. Alguma parte doente de mim queria machucá-la como ela me machucou.

— Eu sei, — Poppy concordou, com a cabeça ainda baixa.

— Eu tenho dezessete, — eu continuei. Os olhos de Poppy olharam para os meus.

Seu rosto empalideceu. — Oh, — ela disse, e eu podia ouvir cada pitada de dor nessa pequena palavra. — Então o que eu temi é verdade. Você esteve com outras, intimamente... como você esteve comigo. Eu... Eu só...

Poppy moveu-se para a borda da cama, mas estendi a mão e peguei no seu pulso. — Por que isso importa? — eu quis saber e vi seus olhos brilhando com lágrimas.

A raiva dentro de mim enfraqueceu um pouco, mas voltou quando eu pensei naqueles anos perdidos. Anos que eu passei bebendo e festejando para afastar a minha dor, enquanto Poppy estava doente. Isso quase me fez tremer de raiva.

— Eu não sei, — Poppy disse, depois sacudiu a cabeça. — Isso foi uma mentira. Porque eu sei. É porque você é meu. E, apesar de tudo, todas as coisas que aconteceram entre nós, eu mantive uma vã esperança de que você iria manter sua promessa. Isso significava muito para você também. Apesar de tudo.

Tirei minha mão de seu pulso e Poppy ficou de pé. Ela dirigiu-se para a porta. Assim que ela estendeu a mão para a maçaneta da porta, eu disse calmamente, — eu mantive.

Poppy congelou, com as costas tensas. — O quê?

Ela não se virou. Em vez disso, eu me levantei e fui até onde ela estava. Me inclinei, certificando de que ela iria ouvir minha confissão. Minha respiração soprou o cabelo de sua orelha, quando eu disse, tão baixo que mal podia me ouvir, — a promessa significava muito para mim. Você significou muito para mim... você ainda significa. Em algum lugar, debaixo de toda essa raiva... há você e somente você. Será sempre assim para mim. — Poppy ainda não se moveu. Eu cheguei mais perto. — Para todo o sempre.

Ela virou-se, até que nossos peitos estavam tocando e seus olhos verdes estavam olhando nos meus. — Você... não entendo, — disse ela.

Eu lentamente levantei minha mão e empurrei-a pelos cabelos. Os olhos de Poppy se fecharam quando eu fiz isso, mas eles abriram novamente para me observar. — Eu mantive minha promessa, — eu admiti e vi o choque cruzar o seu rosto.

Ela balançou a cabeça. — Mas eu vi... você beijar...

— *Eu mantive minha promessa*, — interrompi. — Desde o dia em que fui embora, eu não beijei ninguém. Meus lábios ainda são seus. Nunca houve qualquer outra pessoa. Nunca haverá.

A boca de Poppy abriu e fechou. Quando abriu novamente, ela disse, — Mas você e Avery...

Minha mandíbula apertou. — Eu sabia que você estava perto. Eu estava chateado. Eu queria te machucar como você me machucou. — Poppy balançou a cabeça em descrença. Eu me aproximei. — Eu sabia que me ver com Avery faria isso a você. Então eu sentei ao lado dela e esperei até que você aparecesse. Eu queria que você acreditasse que eu estava prestes a beijá-la... Até que eu vi seu rosto. Até que eu vi você correr para fora da sala. Até que eu não agüentei ver a dor que eu tinha causado.

As lágrimas desceram pelas bochechas de Poppy. — Por que você faria isso? Rune, você não faria...

— Eu faria e eu fiz, — eu disse, secamente.

— Por quê? — Ela sussurrou.

Eu sorri sem graça. — Porque você estava certa. Eu não sou o garoto que você conhecia. Eu estava cheio de tanta raiva quando fui levado de você, que depois de um tempo, era a única coisa que eu sentia. Tentei esconder quando falamos, lutei contra isso, sabendo que eu ainda tinha você comigo mesmo que a milhares de milhas de distância. Mas quando você me cortou, eu não me importei mais. Eu deixei-a me consumir. Ela me

consumiu tanto que desde então me *tornei* assim. — Abaixei a mão de Poppy e trouxe-a sobre o meu peito. — Eu sou metade de um coração. Este, quem eu sou agora, foi devido a uma vida desprovida de você. Esta escuridão, essa raiva, nasceu por você não estar ao meu lado. *Poppymín*. Minha aventureira. Minha menina. — E depois a dor voltou. Por esses breves minutos, eu tinha esquecido a nossa nova realidade. — E agora, — Eu disse entre dentes, — agora você me diz que está me deixando para sempre. Eu... — Engasguei com as minhas palavras.

— Rune, — Poppy murmurou, e se jogou em meus braços, envolvendo os dela firmemente em torno da minha cintura.

Instantaneamente, meus braços fecharam em torno dela como um ferro. Quando seu corpo derreteu no meu, eu respirei. Eu respirei o primeiro sopro limpo em um longo tempo. Então tornou-se restrito, estrangulado, quando eu disse, — Eu não posso te perder, *Poppymín*. Eu não posso. Eu não posso deixar você ir. Eu não posso viver sem você. Você é minha para todo o sempre. Você está destinada a andar ao meu lado por esta vida. Você precisa de mim e eu preciso de você. Isso é tudo o que há. — Eu a senti tremer nos meus braços. — Eu não vou ser capaz de deixá-la ir. Porque onde quer que você vá, eu tenho que ir também. Eu tentei viver sem você, isso não funcionou.

Lentamente, e com tanto cuidado como pôde, Poppy levantou a cabeça, separando os nossos corpos apenas o suficiente para olhar para mim e sussurrar entrecortada, — Eu não posso levá-lo comigo para onde eu vou.

Com suas palavras afundando em mim, eu tropecei para trás, libertando meus braços ao redor da cintura dela. Eu não parei até que eu me sentei na beira da cama. Eu não podia lidar com isto. *Como no inferno lido com tudo isto?*

Eu não conseguia entender como Poppy podia ser tão forte.

Como ela enfrentava esta sentença de morte com tanta dignidade? Tudo o que eu queria fazer era amaldiçoar o mundo, para destruir tudo em meu caminho.

Minha cabeça caiu para frente. E eu chorei. Eu chorei lágrimas que eu não sabia que eu tinha. Era a minha reserva, a última onda da devastação que eu estava sentindo. As lágrimas que reconheceram a verdade que eu não queria aceitar.

Esta *Poppymin* estava morrendo.

Ela estava realmente, verdadeiramente morrendo.

Senti a cama afundar ao meu lado. Senti o cheiro de seu perfume doce. Segui-a quando ela me orientou a deitar na cama. Eu segui sua instrução em silêncio para cair em seus braços. Eu liberei tudo o que havia sido reprimido dentro enquanto ela acariciava suas mãos pelo meu cabelo. Eu passei meus braços em volta da cintura e segurei-a, tentando o meu melhor para memorizar como isto se sentia. Como ela se sentia em meus braços. Seu coração forte e seu corpo quente.

Eu não tinha certeza de quanto tempo tinha passado, mas, no final, as lágrimas secaram. Eu não saí dos braços de Poppy. Ela não parou de acariciar minhas costas com os dedos.

Eu consegui molhar a garganta o suficiente para perguntar, — Como é que tudo isto aconteceu, *Poppymin*? Como você descobriu?

Poppy ficou em silêncio por alguns segundos, antes de ela suspirar. — Não importa, Rune

Sentei-me e olhei em seus olhos. — Eu quero saber.

Poppy correu as costas da mão sobre minha bochecha e acenou com a cabeça. — Eu sei que você quer. E você vai. Mas não esta noite. Nós assim, é tudo o que importa hoje à noite. Nada mais.

Eu não quebrei o meu olhar do dela e nem ela. Uma espécie de paz dormente tinha se estabelecido entre nós.

O ar estava denso quando me inclinei, querendo nada mais do que pressionar a minha boca na dela. Para sentir seus lábios contra os meus.

Para adicionar outro beijo em seu frasco.

Quando minha boca estava apenas a um fio de cabelo da Poppy, mudei-me para beijar sua bochecha em seu lugar. Foi macio e gentil.

Mas não foi o suficiente.

Deslocando para cima, eu pressionei outro beijo, e outro, a cada polegada do seu rosto, na testa e pelo seu nariz. Poppy se mexeu debaixo de mim. Quando eu recuei, eu entendi da sua expressão que Poppy sabia que eu não estava empurrando as coisas.

Porque tanto quanto eu não quisesse aceitá-lo, nós éramos pessoas diferentes agora. O menino e a menina que se beijavam, tão facilmente como a respiração, haviam mudado.

Um verdadeiro beijo viria quando fizéssemos o nosso caminho de volta para nós.

Eu plantei mais um beijo na ponta do nariz de Poppy, provocando uma leve risada derramando de seus lábios. Parecia que a raiva havia diminuído o suficiente para permitir-me a sentir a sua alegria se enraizar no meu coração.

Quando eu pressionei minha testa na de Poppy, eu assegurei-lhe, — Meus lábios são seus. De mais ninguém.

Em resposta, Poppy sussurrou um beijo na minha bochecha. Eu senti o efeito desse beijo viajar por todo o meu corpo. Enfiei a cabeça na curva de seu pescoço e me permiti um pequeno sorriso quando ela sussurrou em meu ouvido, — Meus lábios são seus também.

Eu rolei para puxar Poppy em meus braços, e os nossos olhos, eventualmente, derivou até fechar. Adormeci mais rápido do que eu pensei. Cansado, de coração partido e emocionalmente marcado, o sono veio rapidamente. Mas então, ele sempre vinha quando Poppy estava ao meu lado.

Foi o terceiro momento que definiu a minha vida. A noite em que eu descobri que eu iria perder a garota que eu amava. Sabendo que nossos momentos juntos estavam contados, eu a agarrei mais apertado, recusando-me deixar ir.

Ela adormeceu fazendo exatamente o mesmo...

... um poderoso eco do que costumávamos ser.

O som de farfalhar me acordou.

Esfreguei o sono dos meus olhos. A silhueta tranquila de Poppy flutuou em direção à janela. — *Poppymin?*

Poppy parou, então finalmente, olhou para mim. Engoli em seco, afugentando as lâminas de barbear na minha garganta, enquanto Poppy ficou diante de mim. Ela estava usando um casaco parka grosso sobre calças de corrida e um suéter. Uma mochila estava aos seus pés.

Eu fiz uma careta. Ainda estava escuro.

— O que você está fazendo?

Poppy fez seu caminho de volta para a janela, olhando para trás para perguntar de brincadeira, — Você vem?

Ela sorriu para mim e meu coração quebrou. Ele se estilhaçou em como ela era bonita. Meus lábios se curvaram para cima, para sua felicidade contagiante, e eu perguntei novamente, — Onde diabos você está indo?

Poppy puxou a cortina e apontou para o céu. — Assistir o nascer do sol. — Ela inclinou a cabeça para o lado enquanto ela olhava para mim. — Eu sei que tem sido um tempo, mas você esqueceu que eu fazia isto?

Uma onda de calor fluiu através de mim. Eu não tinha esquecido.

Chegando a meus pés, eu me permiti uma pequena risada. Eu imediatamente parei. Poppy notou e suspirando tristemente, ela caminhou de volta para mim. Olhei para ela, querendo nada mais do que embrulhar minha mão ao redor da nuca dela e tomar sua boca com a minha.

Poppy estudou o meu rosto, em seguida, pegou minha mão. Surpreso, eu olhei para os dedos, envolvidos nos meus. Eles pareciam tão pequenos quando eles gentilmente apertaram minha mão.

— Está tudo bem, sabe? — Disse ela.

— O quê? — Perguntei, chegando perto.

O aperto de Poppy ficou na minha mão enquanto a outra levantou em direção ao meu rosto. Ela levantou-se nas pontas dos pés e colocou as pontas dos dedos em meus lábios.

Meu coração bateu um pouco mais rápido.

— Está tudo bem em rir, — disse ela, com a voz tão suave como uma pluma. — Está tudo bem em sorrir. Não há problema em se sentir feliz. Ou qual é o ponto na vida? — O que ela estava dizendo me bateu duro.

Porque eu não queria fazer ou sentir essas coisas. Eu me senti culpado só de pensar em ser feliz.

— Rune, — disse Poppy. Sua mão afastou-se para descansar no lado do meu pescoço. — Eu sei como você deve estar se sentindo. Eu lidei com isso por um tempo. Mas eu também sei como me faz sentir ver as minhas pessoas favoritas no mundo, aquelas que eu amo com todo o meu coração, magoadas e chateadas.

Os olhos de Poppy brilharam. Isso me fez sentir pior. — Popp... — eu ia dizer, cobrindo a mão dela com a minha própria.

— É pior do que qualquer dor. É pior do que enfrentar a morte. Ver minha doença sugar a alegria daqueles que eu amo é o pior de tudo. — Ela engoliu em seco, respirou suavemente, e sussurrou, — Meu tempo é limitado. Nós todos sabemos isso. Então, eu quero que o tempo seja especial... — Poppy sorriu. E foi um dos seus largos, brilhantes sorrisos. O tipo que podia fazer até mesmo um cara irritado como eu ver uma porção de luz. — Como especial pode ser.

E então eu sorri.

Eu deixei-a ver a felicidade que ela trouxe para mim. Eu deixei-a ver que essas palavras, as palavras da nossa infância, tinham quebrado através da escuridão.

Pelo menos no momento.

— Congele, — Poppy disse de repente. Eu fiz. Uma leve risada saiu de sua garganta.

— O quê? — Eu perguntei, ainda segurando a mão dela.

— Seu sorriso, — ela respondeu, brincando abrindo sua boca como se estivesse em estado de choque. — Ele ainda está aí! — Ela

sussurrou, dramaticamente. — Eu pensei que era uma lenda como Sasquatch ou o monstro de Loch Ness. Mas ele está aí! Eu testemunhei com meus próprios olhos!

Poppy emoldurou seu rosto com as mãos e bateu os cílios em exagero.

Eu balancei a cabeça, lutando contra uma verdadeira risada desta vez. Quando a minha risada tinha acalmado, Poppy ainda estava sorrindo para mim. — Só você, — eu disse. O sorriso dela se suavizou. Avançando para baixo, eu puxei a gola do casaco mais perto de seu pescoço. — Só você pode me fazer sorrir.

Poppy fechou os olhos, só por um momento. — Então é isso que eu vou estar fazendo o máximo que puder. — Ela olhou nos meus olhos. — Eu vou fazer você sorrir. — Ela subiu mais alto nas pontas dos pés, até que nossos rostos estavam quase se tocando. — E eu vou ser determinada.

Um pássaro piava lá fora e o olhar de Poppy derivou para a janela. — Nós temos que ir, se quisermos pegar, — ela impeliu, em seguida, deu um passo atrás, quebrando nosso momento.

— Então vamos, — eu respondi e puxando minhas botas, a segui. Peguei a bolsa e joguei-a sobre meu ombro; Poppy sorriu para si mesma quando fiz isso.

Abri a janela. Poppy correu para sua cama. Quando ela voltou, ela estava segurando um cobertor nas mãos dela. Ela olhou para mim. — Está frio tão cedo.

— Esse casaco não vai ser quente o suficiente? — Perguntei.

Poppy segurou o cobertor no peito. — Isto é para você. — Ela apontou para a minha t-shirt. — Você vai ter frio no bosque.

— Você sabe que eu sou norueguês, certo? — Eu perguntei secamente.

Poppy assentiu. — Você é um Viking real. — Ela se inclinou. — E entre você e eu, você é realmente bom em aventuras, como previsto.

Eu balancei a cabeça em diversão. Ela descansou a mão no meu braço.

— Mas, Rune?

— Sim?

— Mesmo os Vikings ficam frios.

Eu cutuquei minha cabeça para a janela aberta. — Vá em frente ou vamos perder o sol.

Poppy deslizou pela janela, ainda sorrindo e eu segui atrás. A manhã estava fria, o vento mais forte do que na noite anterior.

O cabelo de Poppy chicoteou em seu rosto. Preocupado que ela estivesse fria e que poderia deixá-la doente, eu agarrei seu braço e puxei-a para me encarar. Poppy pareceu surpresa, até que levantei a pesada capa e puxei-a por cima da cabeça.

Eu amarrei as cordas para prendê-lo no lugar. Poppy me observou o tempo todo. Minhas ações foram abrandando sob sua atenção extasiada. Quando estava amarrado, minhas mãos se acalmaram e eu olhei profundamente em seus olhos.

— Rune, — disse ela depois de alguns segundos tensos de silêncio. Eu inclinei meu queixo, calmamente esperando que ela continuasse. — Eu ainda posso ver sua luz. Por baixo da raiva, você ainda está lá.

Suas palavras me fizeram vacilar em surpresa. Olhei para o céu. Ele estava começando a clarear. Eu andei para frente. — Você está vindo?

Poppy suspirou e correu para me acompanhar. Eu deslizei minhas mãos em meus bolsos enquanto fizemos o nosso caminho, em silêncio, para o bosque. Poppy estava olhando à sua volta no caminho. Tentei seguir o que ela estava vendo, mas sempre apenas parecia ser aves ou árvores ou grama balançando ao vento. Eu fiz uma careta, perguntando o que tinha à tão paralisada. Mas esta era Poppy, ela sempre dançou à sua própria batida.

Ela sempre via mais acontecendo no mundo do que qualquer outra pessoa que eu conhecia.

Ela via a luz perfurar a escuridão. Ela via o bem através do mal.

Era a única explicação que eu tinha por que ela não tinha me dito para deixá-la sozinha. Eu sabia que ela me via diferente, mudado. Mesmo que ela não tivesse me dito isso, eu teria visto na forma como ela me observava. O seu olhar era vigilante às vezes.

Ela nunca antes tinha olhado para mim assim.

Quando entramos no bosque, eu sabia que nos íamos sentar. Nós caminhamos para a maior árvore, nossa árvore, e Poppy abriu a mochila. Ela puxou um cobertor para se sentar.

Quando ela o colocou para fora, ela fez um gesto para eu me sentar. Eu fiz, descansando as costas contra o tronco da grande árvore. Poppy estava no centro do cobertor e se inclinou para trás em suas mãos.

O vento parecia ter parado. Desatando o nó das cordas da capa, ela deixou cair o capuz para trás, mostrando o rosto. A atenção de Poppy voltou-se para o horizonte iluminando, o céu agora cinza, com matizes de vermelho e laranja empurrando através dele.

Alcançando o bolso, peguei meus cigarros e trouxe um para minha boca. Bati o isqueiro, acendi a fumaça e puxei um trago, sentindo no instante em que atingiu os pulmões.

A fumaça ondeou em torno de mim quando eu exalava lentamente. Eu peguei Poppy me observando de perto. Descansando um braço no meu joelho levantado, eu olhei de volta para ela.

— Você fuma.

— *Ja*.

— Você não quer parar? — Perguntou ela. Eu podia ouvir em sua voz que este era um pedido. E eu podia ver pelo brilho de um sorriso nos lábios que ela sabia que era sobre ela.

Eu balancei minha cabeça. Isso me acalmava. Eu não iria desistir tão cedo.

Ficamos em silêncio, até que Poppy olhou para o amanhecer subindo e perguntou, — Você já assistiu o nascer do sol em Oslo?

Eu segui seu olhar para o horizonte agora rosa. As estrelas estavam começando a desaparecer em um leque de luz.

— Não.

— Por que não? — Perguntou Poppy, deslocando o corpo para me encarar.

Dei outra tragada da minha fumaça e inclinei a cabeça para trás para exalar. Baixei a cabeça e encolhi os ombros. — Nunca me ocorreu.

Poppy suspirou e virou-se mais uma vez. — Que oportunidade desperdiçada, — ela disse, acenando o braço para o céu. — Eu nunca estive fora dos EUA, nunca vi um nascer do sol em qualquer outro lugar, e

lá estava você, na Noruega, e você nunca se levantou cedo para assistir o novo dia começar.

— Uma vez que você viu um nascer do sol, você já viu todos, — eu respondi.

Poppy balançou a cabeça tristemente. Quando ela olhou para mim, foi com piedade. Isso fez o meu estômago revirar. — Isso é não é verdade, — ela argumentou. — Cada dia é diferente. As cores, os tons, o impacto sobre a sua alma. — Ela suspirou e disse, — cada dia é um presente, Rune. Se eu aprendi alguma coisa neste último par de anos, foi isso.

Fiquei em silêncio.

Poppy inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. — Como este vento. Está frio porque é no início do Inverno e as pessoas fogem dele. Elas ficam dentro de casa para se manter aquecidas. Mas eu abraço-o. Eu estimo a sensação do vento no meu rosto, o calor do sol no meu rosto no verão. Eu quero dançar na chuva. Eu sonho em deitar na neve, sentir sua frieza em meus ossos. — Ela abriu os olhos. A crista do sol começou aparecer no céu. — Quando eu estava recebendo tratamento, quando eu estava confinada a minha cama de hospital, quando eu estava com dor e enlouquecendo de todos os aspectos da minha vida, gostava que os enfermeiros levassem a minha cama para a janela. O nascer do sol a cada dia me acalmava. Restaurava a minha força. Enchia-me com a esperança.

Um rastro de cinzas caiu no chão ao meu lado. Eu percebi que eu não tinha me movido desde que ela começou a falar. Ela me encarou e disse, — Quando eu costumava olhar para fora da janela, quando eu estava sentindo tanto sua falta que doía pior do que a quimioterapia, eu olhava

para o amanhecer nascendo e eu pensava em você. Eu pensava em você assistindo o nascer do sol na Noruega e isso me trazia a paz.

Eu não disse nada.

— Você esteve feliz sequer uma vez? Houve alguma parte nos últimos dois anos que não esteve triste ou irritado?

O fogo da raiva no meu estômago queimou para a vida. Eu balancei minha cabeça. — Não, — eu respondi quando eu sacudi meu cigarro morto no chão.

— Rune, — Poppy sussurrou. Eu vi a culpa em seus olhos. — Eu achei que você ia seguir em frente, eventualmente. — Ela baixou os olhos, mas quando ela olhou para cima novamente, ela quebrou completamente o meu coração. — Eu fiz isso porque nós não achamos que eu ia durar tanto tempo. — O fraco, mas estranhamente poderoso, sorriso enfeitou seu rosto. — Foi me dado mais tempo. Fui presenteada com vida, — ela respirou profundamente, — e agora, para adicionar aos milagres que continuam vindo em minha direção, você voltou.

Virei a cabeça, incapaz de manter a calma, incapaz de equilibrar Poppy falando sobre sua morte tão casualmente e meu retorno tão feliz. Eu senti ela se mover para se sentar ao meu lado. Seu aroma doce tomou conta de mim e eu fechei os olhos, respirando com dificuldade, quando eu senti seu braço contra o meu.

Silêncio novamente pendurou entre nós, engrossando o ar. Então Poppy colocou a mão sobre a minha. Abri os olhos assim que ela apontou para o sol, agora se movendo rapidamente, inaugurando o novo dia. Eu coloquei minha cabeça para trás contra a casca áspera, observando uma inundação de neblina-de-rosa sobre o bosque estéril. Minha pele tremeu com o frio. Poppy levantou o cobertor ao lado dela para colocar sobre nós.

Assim que o cobertor de lã grosso nos envolveu com seu calor, seus dedos enfiaram através dos meus, unindo nossas mãos. Vimos o sol, até que a luz do dia totalmente chegou.

Eu senti a necessidade de ser honesto. Deixando de lado meu orgulho, eu confessei, — Você me magoou. — Minha voz estava grossa e baixa.

Poppy endureceu.

Eu não olhei em seus olhos, eu não podia. Em seguida, acrescentei, — Você quebrou completamente o meu coração.

À medida que as espessas nuvens desapareceram, o céu cor de rosa virou azul. À medida que a manhã se estabeleceu, senti Poppy se movimentar, ela estava enxugando uma lágrima.

Eu estremei, odiando o fato de que eu a tinha perturbado. Mas ela queria saber por que eu estava chateado 24/7. Ela queria saber por que eu nunca assisti a um maldito nascer do sol. Ela queria saber por que eu tinha mudado. Essa era a verdade. E eu estava aprendendo muito rápido que às vezes a verdade era uma cadela.

Poppy fungou um soluço e eu levantei meu braço e envolvi-o em torno dos ombros dela. Eu esperava que ela resistisse, mas em vez disso, ela caiu suavemente contra o meu lado. Ela me deixou segurá-la perto.

Eu mantive minha atenção no céu, apertando meu queixo enquanto meus olhos borraram com lágrimas. Segurei-as de volta.

— Rune, — disse Poppy.

Eu balancei minha cabeça. — Não importa.

Poppy levantou a cabeça e virou o rosto para o dela, a mão no meu rosto. — É claro que importa, Rune. Eu te machuquei. — Ela engoliu

as lágrimas. — Nunca foi minha intenção. Eu queria desesperadamente poupar você.

Eu procurei os olhos e vi. Tanto quanto ela tinha me machucado, tanto quanto seu silêncio abrupto me destruiu, me enviou em espiral para um lugar que eu não sabia como lutar para me libertar, eu podia ver que era porque ela me amava. Queria que eu seguisse em frente.

— Eu sei, — eu disse, segurando-a mais perto.

— Não funcionou.

— Não, — eu concordei, em seguida, dei um beijo na sua cabeça. Quando ela olhou para mim, eu escovei as lágrimas do rosto dela.

— E agora? — Perguntou ela.

— O que você quer que aconteça agora?

Poppy suspirou e olhou para mim com os olhos determinados. — Eu quero o velho Rune de volta. — Meu estômago afundou e eu me afastei. Poppy me parou. — Rune...

— Eu não sou o velho Rune. Não tenho certeza se eu alguma vez serei novamente. — Abaixei minha cabeça, mas então me forcei a enfrentá-la. — Eu ainda quero você, *Poppymin*, mesmo se você não me quiser.

— Rune, — ela sussurrou, — Só tive você de volta agora. Eu não conheço este novo você. Minha mente está nebulosa. Eu nunca esperei ter você comigo. Eu... Eu estou confusa. — Ela apertou minha mão. — Mas ao mesmo tempo, sinto-me cheia com uma nova vida. Com a promessa de nós novamente. Sabendo que, pelo menos pelo tempo que me resta, eu posso ter você. — Suas palavras dançaram no ar, ela perguntou nervosamente, — Tenho?

Corri meus dedos pelo seu rosto. — *Poppymin*, você me tem. Você sempre me terá. — Limpei o nó na garganta e acrescentei, — Eu posso ser

diferente do garoto que você conhecia, mas eu sou seu. — Eu sorri, sem humor. — Para todo o sempre.

Os olhos de Poppy suavizaram. Ela cutucou meu ombro, em seguida, deitou a cabeça sobre ele.

— Sinto muito, — ela sussurrou.

Eu a abracei forte, tão apertado quanto eu podia. — Cristo, *eu* sinto muito, Poppy. Eu não... — Eu não consegui terminar as minhas palavras.

Mas Poppy esperou pacientemente até que eu deixei cair a minha cabeça e continuei. — Não sei como você não está quebrando com tudo isto. Eu não sei como você não está... — Eu suspirei. — Eu só não sei como você encontra força para continuar.

— Porque eu amo a vida. — Ela encolheu os ombros. — Eu sempre amei.

Eu senti como se estivesse vendo um novo lado de Poppy. Ou talvez eu estivesse sendo lembrado da menina que eu sempre soube que ela ia ser.

Poppy apontou para o céu. — Eu sou a menina que acorda cedo para assistir o nascer do sol. Eu sou a menina que quer ver o bom em todos, aquela que é levada por uma canção, inspirada pela arte. — Virando-se para mim, ela sorriu. — Eu sou essa garota, Rune. Aquela que espera a tempestade simplesmente para ter um vislumbre de um arco-íris. Por que ser miserável quando você pode ser feliz? É uma escolha óbvia para mim.

Levei a sua mão à boca e beijei as costas da mão. Sua respiração alterou, o ritmo aumentando o dobro da velocidade. Então, Poppy levou nossas mãos unidas à boca, torcendo-as, para que

ela pudesse beijar minha mão. Ela abaixou-as para seu colo, traçando pequenos padrões em minha pele com o dedo de sua mão livre. Meu coração derreteu quando eu percebi que ela estava desenhando sinais do infinito. Oitos figuras perfeitas.

— Eu sei o que está pela frente para mim, Rune. Eu não sou ingênua. Mas também tenho uma forte fé que há mais vida do que a que temos agora, aqui, nesta Terra. Eu acredito que o céu me espera. Eu acredito quando eu tiver o meu último suspiro e fechar os olhos nesta vida, eu vou acordar na próxima, saudável e em paz. Eu acredito nisso com todo o meu coração.

— Poppy, — Eu murmurei, despedaçando por dentro com o pensamento de perdê-la, mas tão orgulhoso da força dela. Ela me surpreendeu.

O dedo de Poppy caiu de nossas mãos e ela sorriu para mim, sem um toque de medo em seu belo rosto. — Vai ficar tudo bem, Rune. Eu prometo.

— Eu não tenho certeza que vou ficar bem sem você. — Eu não queria fazê-la se sentir mal, mas esta era a minha verdade.

— Você vai, — ela disse, confiante. — Porque eu tenho fé em você.

Eu não disse nada em resposta. O que eu poderia dizer?

Poppy olhou para as árvores nuas em torno de nós. — Eu não posso esperar para que elas floresçam novamente. Eu sinto falta da visão das pétalas cor de rosa. Eu sinto falta de caminhar para este bosque e me sentir como se eu estivesse entrando em um sonho. — Ela levantou a mão e arrastou-a ao longo de um galho baixo pendurado.

Poppy piscou-me um sorriso animado, então ficou de pé, seu cabelo soprando livremente no vento. Ela pisou a grama e estendeu as mãos para o ar. A cabeça se inclinou para trás e ela riu. Uma risada que rasgou de sua garganta com puro abandono.

Eu não me movi. Eu não podia. Fiquei paralisado. Meus olhos se recusaram a afastar-se de assistir Poppy quando ela começou a girar, girar com o vento soprando através do bosque, a risada dela a deriva no vento.

Um sonho, pensei. Ela estava certa. Poppy, embrulhada em seu casaco, girando no início da manhã do bosque, parecia exatamente como um sonho.

Ela era como um pássaro: no seu mais belo quando voava livre.

— Você pode sentir isso, Rune? — Ela perguntou, com os olhos ainda fechados enquanto ela se ensopava no sol quente.

— O quê? — Perguntei, achando minha voz.

— A vida! — Ela chamou, rindo ainda mais quando a direção do vento mudou, quase empurrando-a. — A vida, — ela disse em voz baixa, enquanto ela parava, torcendo os pés na grama seca. Sua pele estava vermelha e suas bochechas queimadas pelo vento. No entanto, ela nunca pareceu mais bonita.

Meus dedos se contraíram. Quando eu olhei para baixo eu imediatamente sabia o porquê. O desejo de capturar Poppy em filme roia dentro de mim. Um desejo natural. Poppy tinha uma vez me dito que eu nasci com ele.

— Eu gostaria, Rune, — Poppy disse, levando-me a olhar para cima, — Eu gostaria que as pessoas percebessem como isto se sente a cada dia. Por que demora uma vida terminando para aprender a valorizar cada dia? Por que devemos esperar até que ficamos sem tempo para

começar a fazer tudo o que sonhamos, quando uma vez tínhamos todo o tempo do mundo? Por que não olhamos para a pessoa que mais amamos como se fosse à última vez que fossemos vê-los? Porque se nós o fizéssemos, a vida seria tão vibrante. A vida seria verdadeiramente e completamente *vivida*.

A cabeça de Popy arrastou lentamente para frente. Ela olhou para mim por cima do ombro e me recompensou com o sorriso mais devastador. Eu olhei para a garota que eu mais amava como se fosse à última vez que eu iria vê-la, e isso me fez sentir vivo.

Fez-me sentir como a pessoa mais abençoada do planeta, porque eu a tinha. Mesmo que, neste momento, as coisas ainda estivessem um pouco estranhas e frescas, eu sabia que tinha ela.

E ela definitivamente me tinha.

Minhas pernas se levantaram por sua própria vontade, descartando o cobertor no chão no gramado do bosque.

Lentamente, eu andei para Poppy, bebendo cada parte dela.

Poppy me assistiu aproximando. Quando eu estava na frente dela, ela abaixou a cabeça, um rubor de embaraço viajou até o pescoço para descansar sobre as maçãs de suas bochechas.

Com o vento envolto em torno de nós, ela perguntou, — Você sente isto, Rune? Verdadeiramente?

Eu sabia que ela estava se referindo ao vento no meu rosto e os raios do sol que brilhava, para baixo.

Vivos.

Vibrantes.

Eu balancei a cabeça, respondendo a uma questão completamente diferente. — Eu sinto, *Poppymin*. Verdadeiramente.

E foi nesse momento que algo dentro de mim mudou. Eu não podia pensar no fato que ela só tinha meses de vida.

Eu tinha que me concentrar no momento.

Eu tinha que ajudá-la a se sentir tão viva quanto possível, enquanto eu tivesse suas costas ao meu lado.

Eu tinha que reconquistar a confiança dela. Sua alma. O amor dela.

Poppy se aproximou de mim, passando a mão pelo meu braço nu. — Você está frio, — ela anunciou.

Eu não me importava se eu estava sofrendo de hipotermia. Empurrando a minha mão para a nuca dela, eu me inclinei, olhando seu rosto por um sinal que este movimento não era desejado. Seus olhos verdes queimavam, mas não em resistência.

Estimulado, vendo seus lábios abrindo e seus olhos fechando, eu derrubei minha cabeça para o lado, ignorando a boca, para correr a ponta do meu nariz por sua bochecha. Poppy engasgou, mas eu continuei. Continuei indo até chegar à pulsação em seu pescoço; ela estava acelerada.

Sua pele estava quente de dançar com o vento, ainda tremendo, ao mesmo tempo. Eu sabia que era por minha causa.

Fechando o resto do caminho, eu pressionei meus lábios sobre sua pulsação galopante, saboreando sua doçura, sentindo meus próprios acelerados batimentos cardíacos.

Vivo.

A vida sendo verdadeiramente e completamente vivida.

Um gemido suave escapou dos lábios de Poppy e eu recuei, gradualmente encontrando seu olhar. Suas íris verdes estavam brilhantes, os lábios cor de rosa e cheios. Largando a minha mão, eu dei passo para trás e disse, — Vamos. Você precisa dormir.

Poppy parecia adoravelmente confusa. Deixei-a nesse local enquanto eu juntava nossas coisas. Quando eu terminei, eu encontrei-a exatamente onde eu a tinha deixado.

Acenei a minha cabeça na direção de nossas casas: Poppy caminhou ao meu lado. A cada passo, eu refletia sobre as últimas doze horas. Sobre a montanha-russa de emoções, sobre o fato de que eu tinha conseguido metade do meu coração de volta, apenas para descobrir que era temporário. Eu pensei sobre beijar o rosto de Poppy, sobre deitar na cama ao lado dela.

Então eu pensei sobre o seu frasco. O frasco meio vazio de mil beijos-de-menino. Por alguma razão esse lampejo de corações de papel em branco era o que me incomodava mais. Poppy amava seu frasco. Foi um desafio lançado pela vovó dela. Um desafio anulado pela minha ausência de dois anos.

Lancei um olhar para Poppy, que estava olhando para um pássaro em uma árvore, sorrindo enquanto cantava a partir da parte superior do ramo. Sentindo meu olhar, ela se virou para mim e eu perguntei, — Você ainda gosta de aventuras?

O sorriso de orelha a orelha da Poppy imediatamente respondeu a essa pergunta. — Sim, — ela respondeu, — Ultimamente, todos os dias é uma aventura. — Ela baixou os olhos. — Eu sei que os próximos meses

serão um desafio interessante, mas eu estou pronta para abraçá-lo. Eu estou tentando viver cada dia ao máximo.

Ignorando a dor que essa observação acendeu em mim, um plano formou em minha mente. Poppy parou; nós tínhamos alcançado o pedaço de grama entre as nossas casas.

Poppy se virou para mim quando nós ficamos na frente de sua janela. E ela esperou, à espera do que eu faria a seguir. Avançando para mais perto de onde ela estava, coloquei o saco e cobertor no chão e endireitei-me, as mãos nos meus lados.

— Então? — Perguntou Poppy, um toque de humor em sua voz.

— Então, — eu respondi. Eu não podia deixar de sorrir para o brilho nos seus olhos. — Olha, Poppy, — eu comecei, e balancei em meus pés, — você acredita que não conhece o cara que eu sou agora. — Dei de ombros. — Então, me dê uma chance. Deixe-me te mostrar. Vamos começar uma nova aventura.

Eu senti meu rosto esquentar de vergonha, mas Poppy de repente pegou minha mão e colocou-a na dela. Divertido, olhei para as nossas mãos, em seguida, Poppy balançou para cima e para baixo duas vezes. Com o maior sorriso em seu rosto, suas covinhas profundas e orgulhosas, ela declarou, — Eu sou Poppy Litchfield e você é Rune Kristiansen. Este é um aperto de mão. A minha vovó me disse que é o que você faz quando você não conhece alguém. Agora nós somos amigos. *Melhores* amigos.

Poppy olhou para mim através de seus cílios e eu ri. Eu ri quando me lembrei do dia em que a conheci.

Quando tínhamos cinco anos, e eu a vi subir através de sua janela, vestido azul coberto de lama e um grande laço branco em seu cabelo.

Poppy mexeu-se para ter sua mão de volta, mas eu segurei-a com força. — Saia comigo esta noite.

Poppy congelou.

— Em um encontro, — eu continuei sem jeito. — Um encontro real.

Poppy balançou a cabeça em descrença. — Nós nunca realmente tivemos um encontro, Rune. Nós sempre... *éramos*.

— Então vamos começar agora. Eu vou buscá-la às seis. Esteja pronta.

Virei e dirigi-me para a minha janela, assumindo que a sua resposta fosse sim. A verdade era que, de jeito nenhum eu lhe daria a chance de dizer não. Eu ia fazer isso por ela.

Eu ia dar o meu melhor para fazê-la feliz.

Eu iria reconquistá-la.

Eu iria reconquistá-la com o Rune que eu era agora.

Não havia escolha.

Isto somos nós.

Esta era a nossa nova aventura.

Uma que iria fazê-la se sentir viva.

Poppy

— Você vai sair em um encontro? — Perguntou Savannah, enquanto ela e Ida se deitavam na minha cama. Elas viram meu reflexo no meu espelho. Viram quando eu coloquei meus brincos com o símbolo do infinito em meus ouvidos. Viram quando eu apliquei uma camada final de rímel.

— Sim, um encontro, — eu respondi.

Ida e Savannah olharam uma para a outra com os olhos arregalados. Ida se virou para olhar para mim. — Com Rune? Rune

Kristiansen?

Desta vez, eu me virei para encará-las. O choque em seus rostos era inquietante. — Sim, com Rune. Por que estão tão surpresas?

Savannah se sentou, as mãos apoiadas no colchão. — Porque o Rune Kristiansen que todo mundo fala não sai em *encontros*. Ele é o Rune que fuma e bebe no campo. Aquele que não fala, e que vive de cara fechada em vez de sorrir. O bad boy que voltou uma pessoa totalmente diferente da Noruega. *Esse* Rune.

Olhei para Savannah e vi a preocupação em seu rosto. Meu estômago revirou, ouvindo o que pessoas tinham obviamente dito sobre Rune.

— Sim, mas todas as meninas gostam dele, — Ida intrometeu, me lançando um sorriso. — As pessoas tinham inveja de você quando você estava com ele antes de ele ir embora. Elas agora vão morrer!

Quando essas palavras saíram de seus lábios, eu vi Ida lentamente perder o sorriso. Ela olhou para baixo, em seguida, olhou para cima. — Ele sabe?

Savannah estava usando o mesmo olhar triste. Tão triste que eu tive que virar. Eu não poderia suportar essa expressão em seus rostos.

— Poppy? — Disse Savannah.

— Ele sabe.

— Como ele reagiu? — Ida perguntou timidamente.

Eu sorri através do lampejo de dor no meu coração. Eu enfrentei minhas irmãs, as duas me olhando como se eu pudesse desaparecer de seus olhos a qualquer momento. Dei de ombros. — Nada bem.

Os olhos de Savannah começaram a brilhar. — Sinto muito, Pops.

— Eu não deveria tê-lo cortado, — eu disse. — É por isso que ele está tão irritado o tempo todo. É por isso que ele é tão distante. Eu o magoei, profundamente. Quando eu disse a ele, pareceu que o tinha destruído, mas então ele me convidou para um encontro. *Meu* Rune, finalmente, me levará em um encontro, depois de todos esses anos.

Ida rapidamente limpou o rosto. — A mamãe e papai sabem?

Eu fiz uma careta, então balancei a cabeça. Savannah e Ida olharam uma para a outra, então para mim, e em segundos estávamos todas rindo.

Ida rolou de costas, segurando a barriga. — Oh meu Senhor, Pops! Papai vai ficar louco! Tudo o que ele fala desde que os Kristiansens voltaram é o quanto Rune mudou para pior, como ele é desrespeitoso porque ele fuma e grita com seu pappa. — Girando ao redor, ela sentou-se. — Ele não vai deixar você sair.

Meu riso parou. Eu sabia que minha mãe e meu pai estavam preocupados com a atitude de Rune, mas eu não sabia quão mal o julgavam.

— Ele vem a nossa porta? — Perguntou Savannah.

Eu balancei a cabeça, embora eu não soubesse o que ele ia fazer.

De repente, a campainha tocou.

Olhamos umas para as outras, com os olhos arregalados. Eu fiz uma careta. — Não pode ser Rune, — eu exclamei, surpresa.

Ele sempre veio na minha janela. Ele nunca foi formal; não era o nosso jeito. Certamente, não era ele.

Savannah olhou o relógio na minha cabeceira. — São seis horas. Não é essa hora que ele estava vindo?

Com um último olhar no espelho, peguei meu casaco e corri através da porta do meu quarto, as minhas irmãs me seguiram bem atrás de mim. Quando eu virei o corredor, vi meu pai abrir a porta, seu rosto caiu no chão quando viu quem estava lá.

Eu derrapei até parar.

Savannah e Ida pararam ao meu lado. Ida agarrou a minha mão quando ouviu uma voz familiar dizer, "Sr. Litchfield."

Ao som de sua voz, meu coração falhou uma batida. Eu vi quando o meu pai recuou a cabeça em confusão. — Rune? — Perguntou. — O que você está fazendo aqui?

Meu pai estava sendo o típico educado, mas eu podia ouvir a cautela em seu tom. Eu podia ouvir uma ligeira borda de preocupação, talvez até mesmo uma preocupação mais profunda.

— Eu estou aqui por Poppy, — Rune disse ao meu pai. A mão de meu pai apertou a maçaneta.

— Por Poppy? — Ele esclareceu. Espreitei pela parede, na esperança de ter um vislumbre do Rune. Ida apertou meu braço.

Olhei para a minha irmã. — OMG! — Ela murmurou dramaticamente.

Eu balancei a cabeça, enquanto silenciosamente ri dela. Ela concentrou a sua atenção sobre o meu pai, mas eu fiquei olhando alguns segundos mais para o seu rosto animado. Era momentos como este, os momentos despreocupados onde nós éramos apenas três irmãs fofocando sobre encontros, que me atingia mais fortemente. Sentindo um par de olhos observando-me, eu virei minha cabeça em direção a Savannah.

Sem palavras, ela me disse o que ela entendia.

A mão de Savannah pressionou no meu ombro, quando eu ouvi Rune explicar, — Vou levá-la para sair, senhor. — Fez uma pausa. — Num encontro.

O rosto de meu pai empalideceu, e eu empurrei para frente. Quando caminhei para a porta para resgatar Rune, Ida sussurrou em meu ouvido, — Poppy, você é a minha nova heroína. Olhe para o rosto do papa!

Revirei os olhos e ri. Savannah agarrou Ida e puxou-a para trás, para fora da vista. Mas elas ainda estariam assistindo. Elas não perderiam isto por nada nesse mundo.

Um rubor de nervos passou por mim quando me aproximei da porta. Eu vi meu pai começar a sacudir a cabeça. Em seguida, o olhar fixou em mim.

Seus olhos confusos percorreram meu vestido, o laço no meu cabelo e a maquiagem no meu rosto. Ele ficou com o rosto mais pálido que eu já vi.

— Poppy? — Perguntou meu pai. Ergui a cabeça.

— Ei, papai, — eu respondi. A porta ainda bloqueava Rune, mas eu podia ver sua desfocada figura escura através do painel de vidro colorido. Eu podia sentir seu aroma fresco à deriva na brisa que filtrava através da casa.

Meu coração disparou em antecipação.

Pai apontou para Rune. — O que parece aqui é que Rune pensa que irá levar você a um encontro. — Ele disse, como se não pudesse ser verdade, mas ouvi a dúvida em sua voz.

— Sim, — confirmei.

Eu ouvi os sussurros das minhas irmãs vindo atrás de nós. Eu vi minha mãe assistindo de uma sombra da sala de estar.

— Poppy... — Meu pai ia começar a falar, mas eu avancei, interrompendo-o.

— Está tudo bem, — eu assegurei a ele. — Eu vou ficar bem. — Parecia que meu pai não podia se mover. Eu usei esse estranho momento para caminhar ao redor da porta e cumprimentar Rune.

Senti meus pulmões parar e meu coração congelar.

Rune estava vestido todo de preto: camisa, jeans, botas de camurça e jaqueta de couro de motoqueiro. Seu cabelo comprido estava solto. Saboreei o momento em que ele levantou a mão e empurrou-a pelo cabelo. Ele estava inclinado contra a porta, um ar de arrogância irradiava de sua postura casual.

Quando seus olhos, brilhando sob as franzidas sobranceiras loiras escuras, caíram sobre mim, vi uma luz espalhar em seu olhar.

Seus olhos lentamente passearam por meu corpo, por cima do meu vestido amarelo de mangas compridas, pelas minhas pernas e costas até ao laço branco segurando um lado do meu cabelo. Suas narinas dilatando e suas pupilas ampliando foram a única evidência de que ele gostou do que viu.

Corando sob seu pesado olhar, eu arrastei uma respiração. O ar era espesso e completo. A tensão entre nós era palpável. Percebi naquele momento que era possível sentir a falta de alguém tão ferozmente mesmo que tivesse passado poucas horas desde que estivemos juntos.

O meu papai limpou a garganta me trazendo de volta à realidade. Olhei para trás. Coloquei uma mão em seu braço tranquilizando-o,

eu disse, — Eu volto mais tarde papai, ok?

Sem esperar pela sua resposta, eu passei por debaixo do braço que estava encostado na porta e saí para a varanda. Rune lentamente empurrou seu corpo para longe do batente da porta e virou-se para me seguir. Quando nós chegamos ao final da calçada eu virei para ele.

Seu olhar intenso já estava em mim, sua mandíbula apertando enquanto eu esperava que ele falasse. Espreitando sobre seu ombro, eu vi meu pai ainda nos assistindo, a expressão preocupada estragando seu belo rosto.

Rune olhou para trás, mas não reagiu. Ele não disse uma única palavra. Enfiando a mão no bolso, ele puxou um conjunto de chaves. Ele sacudiu o queixo em direção de onde a Range Rover de sua mamma estava. — Eu tenho o carro, — foi tudo o que ele disse, enquanto andava para frente.

Eu o segui, coração batendo enquanto eu fiz o meu caminho para o carro. Concentrei no chão para tentar acalmar meu nervosismo. Quando olhei para cima, Rune tinha aberto a porta do passageiro para mim. De repente, todo o meu nervosismo foi embora.

Lá estava ele, como um anjo negro, me observando, esperando por mim para subir para dentro. Sorri enquanto eu passava por ele, para entrar no carro, corando de alegria quando ele gentilmente fechou a porta e entrou no lado do motorista.

Rune ligou o motor sem uma palavra, sua atenção fixa na minha casa através do pára-brisas. Lá estava o meu pai, ainda como uma rocha, nos observando sair.

A mandíbula de Rune apertou mais uma vez.

— Ele é apenas muito protetor, é tudo, — eu expliquei, minha voz rompendo o silêncio. Rune lançou um olhar de lado em minha direção. Com um olhar escuro para o meu papai, Rune dirigiu, um silêncio gradualmente intensificou quão longe nós ficávamos de casa.

As mãos de Rune agarraram o volante com força, os nós dos dedos ficaram brancos. Eu podia sentir a onda de raiva saindo dele. Isso me deixou tão triste. Nunca tinha visto alguém abrigar tanta raiva antes.

Eu não poderia imaginar viver assim todos os dias. Não podia imaginar sempre sentir aquela bobina farpada em meu estômago, aquela dor no coração.

Inalando, virei-me para encarar Rune e timidamente perguntei, — Você está bem?

Rune exalou duramente pelo nariz. Ele acenou com a cabeça uma vez, em seguida, empurrou o cabelo para trás. Meus olhos caíram para a jaqueta de motoqueiro e eu sorri.

Rune arqueou a sobrancelha direita. — O quê? — Ele perguntou, o som de sua voz profunda retumbando através do meu peito.

— É você, — respondi evasivamente.

Rune lançou seu olhar para a estrada, em seguida, de volta para mim. Quando ele repetiu esse movimento várias vezes, eu podia dizer que era porque ele estava desesperado para saber o que eu estava pensando.

Estendendo a mão, eu deixei minha mão derivar sobre o couro envelhecido de sua jaqueta. Os músculos de Rune tencionaram sob a minha palma.

— Eu posso entender porque todas as garotas na cidade têm uma queda por você. — Eu disse. — Ida me contou tudo sobre isso esta noite

enquanto me arrumava. Como todas elas ficariam com ciúmes porque eu estava indo em um encontro com você.

As sobrancelhas de Rune baixaram. Eu ri, realmente ri, das linhas na testa dele. Ele esfregou os lábios juntos quando eu ri mais alto, mas eu podia ver o brilho em seus olhos. Eu podia vê-lo disfarçando a diversão.

Suspirando levemente, eu limpei meus olhos. Notei que as mãos de Rune tinham abrandado um pouco no volante. A mandíbula dele não estava tão tensa e seus olhos não estavam tão estreitos.

Aproveitando a oportunidade, enquanto eu pudesse, expliquei, — Desde que eu fiquei doente, papai tem ficado muito protetor. Ele não te odeia, Rune. Ele só não conhece este novo você. Ele nem sabia que tínhamos voltado a se falar.

Rune ficou imóvel, sem dizer nada.

Desta vez eu não tentei falar. Ficou claro que Rune tinha voltado para um estado de espírito. Mas hoje em dia, eu não tinha certeza de como trazê-lo para fora dele. Se mesmo eu pudesse. Virei-me para olhar o mundo exterior fora da janela enquanto nós dirigimos. Eu não tinha ideia para onde estávamos indo, a excitação tornando impossível ficar parada.

De repente odiando o silêncio no carro, eu me inclinei para o rádio e liguei-o. Mudei o botão para meu canal favorito; a harmonia da minha banda de garotas favorita encheu o carro.

— Eu amo esta música, — eu disse alegremente, sentada no meu lugar enquanto a melodia de piano lentamente começou a encher cada canto do carro. Eu escutei as barras de abertura, cantando baixinho a versão acústica da canção. Minha versão favorita.

Fechei os olhos, deixando a comovente melodia fluir em minha mente e para fora através de meus lábios. Eu sorri quando a seção de cordas começou a tocar em segundo plano, aprofundando a emoção com seus doces sons.

Era por isso que eu adorava a música.

Só a música tinha a capacidade de roubar a minha respiração e dar vida à história da canção tão perfeitamente. Assim profundamente. Abri os olhos e encontrei o rosto de Rune que já tinha perdido toda a raiva. Seus olhos azuis estavam me assistindo, tanto quanto podiam. Suas mãos estavam mais apertadas sobre o volante, mas havia algo mais na sua expressão.

Minha boca ficou seca quando ele olhou para mim de novo, seu rosto ilegível. — É sobre uma menina que ama desesperadamente um menino, com todo o seu coração. Eles mantêm o seu amor em segredo, mas ela não quer que seja assim. Ela quer que o mundo saiba que ele é dela e ela é dele.

Então, para minha surpresa, Rune murmurou, — Continue cantando.

Vi em seu rosto; Eu vi a sua necessidade de me ouvir.

Então, eu fiz.

Eu não era uma boa cantora. Então eu cantei suavemente, eu cantei de verdade. Eu cantei as letras, abraçando cada palavra. Quando eu cantei a canção sobre o amor correspondido, eu cantei com o coração. Estas letras, estes apelos apaixonados, eu tinha vivido.

Ainda vivia.

Eles eram Rune e eu. Nossa separação. Por causa do meu plano idiota: mantê-lo fora da minha vida, para poupar-lhe da dor, inesperadamente feriu ambos no processo. Em segredo eu o amava mesmo estando na América, ele me amava estando em Oslo, em troca.

Quando acabou a última letra, eu abri meus olhos, meu peito doendo da crueza das emoções.

Outra música que eu não conhecia começou a tocar. Eu podia sentir o olhar vigilante de Rune preso em mim, mas eu não podia levantar a cabeça.

Algo estava fazendo isso impossível.

Deixei minha cabeça rolar contra o encosto de cabeça, e eu olhei para fora da janela. — Eu amo a música, — eu disse, quase para mim mesma.

— Eu sei que sim, — respondeu Rune. Sua voz era firme, forte e clara. Mas nesse tom, eu peguei um toque de ternura. De algo suave. Cuidado. Eu rolei minha cabeça para encará-lo. Eu não disse nada quando nossos olhos se encontraram. Eu simplesmente sorri. Era pequeno e tímido, mas Rune soltou uma respiração lenta quando sorri.

Viramos à esquerda e outra esquerda, levando-nos por uma escura estrada rural. Meus olhos nunca deixaram Rune. Eu pensei em como verdadeiramente bonito ele era. Deixei-me imaginar como ele ficaria daqui a dez anos.

Ele seria maior, eu tinha certeza. Gostaria de saber se o cabelo ainda seria longo. Fiquei imaginando o que ele estaria fazendo com sua vida.

Rezei para que fosse algo com fotografia.

Fotografia trouxe a mesma paz à alma dele como meu violoncelo me trazia. Porém, desde que ele voltou, eu não tinha visto sua câmera nenhuma vez. Ele mesmo disse que não tirava mais fotos.

Isso me deixou mais triste do que qualquer coisa.

Então, eu fiz a única coisa que eu tinha dito a mim mesma há muito tempo atrás para nunca mais fazer. Eu imaginei como *nós* seríamos daqui a dez anos, juntos. Casados, vivendo em um apartamento no Soho, em Nova York. Eu estaria cozinhando em nossa apertada cozinha. Eu estaria dançando a música tocada na rádio no fundo. E Rune estaria sentado no balcão me observando, tirando fotos como se documentasse nossas vidas. E ele esticaria a mão por trás da lente para correr o seu dedo na minha bochecha. Eu de brincadeira golpearia sua mão para longe e iria rir dele. Aí seria quando ele clicaria no botão da câmera. Essa seria a foto que veria mais tarde naquela noite esperando por mim no meu travesseiro.

Seu momento perfeitamente capturado no tempo.

Seu segundo perfeito. Amor em vida.

Uma lágrima caiu dos meus olhos enquanto me segurei vendo aquela imagem. A imagem que nunca poderia ser de nós dois. Eu permiti-me sentir a dor por um momento, antes de escondê-la profundamente. Então eu me deixei sentir feliz porque ele iria ter a oportunidade de cumprir a sua paixão e se tornar um fotógrafo. Eu estaria assistindo do meu novo lar lá no céu, sorrindo com ele.

Com Rune concentrado na estrada, eu sussurrei, — Eu senti a sua falta... Eu senti tanto, tanto a sua falta.

Rune congelou, cada parte de seu corpo ficando tenso. Em seguida, ele bateu o sinal de virar e puxou para a borda da estrada. Sentei-me ereta, perguntando o que estava acontecendo. O motor ronronou abaixo de nós, mas as mãos de Rune deslizaram do volante.

Seus olhos estavam baixos, com as mãos em seu colo. Ele momentaneamente agarrou sua calça jeans, em seguida, virou a cabeça para me encarar. Sua expressão era assombrada.

Rasgada.

Mas suavizou quando ele fixou seu olhar em mim, e disse num sussurro áspero, — Eu senti sua falta também. Pra caramba, *Poppymin*.

Meu coração deu uma guinada para frente, levando meu pulso junto com ele. Ambos aceleraram, ambos causaram tonturas na minha cabeça enquanto absorvia a honestidade em sua voz áspera. O olhar bonito em seu rosto.

Não sabendo mais o que dizer, eu coloquei minha mão no console central. Minha mão estava virada para cima, dedos abertos. Depois de alguns segundos de silêncio, Rune lentamente colocou a mão na minha e nós ligamos nossos dedos firmemente juntos. Arrepios atravessaram o meu corpo ao sentir sua grande mão segurando a minha.

Ontem nos confundiu tanto, sem saber o que fazer, onde ir, como encontrar o caminho de volta para nós. Este encontro era o nosso começo. Estas mãos juntas eram um lembrete. Um lembrete de que ainda eramos Poppy e Rune. Em algum lugar sob toda a mágoa e dor, sob todas as novas camadas que tínhamos adquirido, ainda estávamos aqui.

Apaixonados.

Duas metades de um coração.

E eu não ligava para o que as pessoas falavam sobre ele. Meu tempo era precioso, mas eu percebi, que não era tão precioso como Rune. Sem soltar nossas mãos, Rune colocou o carro no percurso e nós puxamos de volta para a estrada. Depois de um momento, eu podia ver para onde estávamos indo.

O riacho.

Eu sorri largamente quando nós puxamos para dentro do antigo restaurante, a sua plataforma adornada com cordas de luzes azuis, grandes aquecedores que aqueciam as mesas ao ar livre. O carro se deteve e me virei para Rune. — Você me trouxe ao riacho para o nosso encontro? Para o Tony's Shack?

Minha vovó trazia Rune e eu aqui quando éramos crianças. Em uma noite de domingo. Assim como esta noite. Ela amava lagosta. Ela dirigia feliz por todo esse caminho para obtê-las.

Rune assentiu. Eu tentei puxar minha mão, e ele franziu a testa. — Rune. — Eu provoquei, — temos que sair do carro em algum momento. Para fazer isso, temos que separar as mãos.

Relutantemente, Rune soltou as mãos, as sobrancelhas puxando para baixo quando ele o fez. Eu agarrei o meu casaco e saí do carro. Assim que fechei a porta, Rune estava ao meu lado. Inclinando-se, sem buscar por permissão, ele pegou minha mão novamente.

Por manter seu aperto, eu estava convencida de que ele nunca a soltaria mais.

Uma rajada de vento soprava da água enquanto nós caminhamos para a entrada. Rune parou. Silenciosamente, ele tomou meu casaco da minha mão e soltou os dedos ligados aos meus. Agitando o casaco, ele estendeu-o para eu colocar.

Eu ia protestar, mas um olhar sombrio passou pelo rosto de Rune e eu suspirei. Virando-me, eu empurrei meus braços em meu casaco, virando quando o braço de Rune me guiou para diante dele. Concentrando-se intensamente na tarefa, ele fechou o zíper do meu casaco até que o ar frio da noite desapareceu.

Eu esperei que as mãos do Rune caíssem da minha gola, mas em vez disso, elas demoraram. Seu hálito mentolado derivou sobre as minhas bochechas. Ele olhou para cima momentaneamente, travando nos meus olhos. Minha pele arrepiou para o flash de timidez que aqueles olhos detinham. Então, trancando o seu olhar no meu, ele se aproximou e disse baixinho, — Já lhe disse quão bonita você está esta noite?

Meus dedos dos pés enrolaram em minhas botas com a densidade do seu sotaque. Rune podia parecer calmo e indiferente, mas eu o conhecia. Quando seu sotaque ficava mais denso, era porque ele estava nervoso.

Eu balancei minha cabeça. — Não, — eu sussurrei. Rune desviou o olhar.

Quando ele olhou de volta, as mãos tinham apertado a minha gola, me aproximando. Pairando seu rosto a uma polegada do meu, ele disse, — Bem, você está. Realmente muito bonita.

Meu coração deu um pulo, ele disparou. Em resposta, eu só consegui sorrir. Mas isso parecia suficiente para Rune. De fato, pareceu acalmá-lo.

Inclinando-se apenas um pouco mais, os lábios de Rune passaram pela minha orelha. — Mantenha-se aquecida, *Poppymín*. Eu não poderia suportar se você ficasse ainda mais doente.

Seu ato de colocar meu casaco de repente fez sentido. Ele estava me protegendo. Mantendo-me segura.

— Ok, — eu sussurrei de volta. — Por você. — Ele inalou uma respiração rápida, seus olhos fechando apenas uma fração um pouco mais longa do que um simples piscar de olhos.

Ele deu um passo para trás e pegou a minha mão na sua. Sem falar, ele me levou para Tony's Shack e solicitou uma mesa para dois. A

anfitriã levou-nos para o pátio com vista para o riacho. Eu não tinha vindo aqui há anos, mas não tinha mudado muito. A água estava calma e parada, um pedaço do céu escondido entre as árvores.

A anfitriã parou em uma mesa na parte de trás do pátio ocupada. Eu sorri, prestes a tomar o meu lugar, quando Rune disse, — Não. — Meus olhos voaram para Rune, assim como os da anfitriã. Ele apontou para a mesa mais distante da sala, para uma próxima à beira da água. — Aquela, — ele exigiu, secamente.

A jovem anfitriã assentiu. — Certamente, — respondeu ela, um pouco nervosa. Ela levou-nos através do pátio para a mesa.

Rune assumiu a liderança, com a mão ainda segurando a minha. Enquanto caminhamos por entre as mesas, vi garotas olhando para ele. Ao invés de ficar perturbada por sua atenção, eu segui seus olhares, tentando vê-lo do mesmo jeito que elas viam. Eu achei tão difícil. Ele estava tão entranhado em cada memória minha, esculpido no tecido de quem eu era, que tornou quase impossível. Mas eu tentei e tentei, até que eu vi o que elas deviam ter visto.

Misterioso e pensativo.

Meu próprio bad boy.

A anfitriã deixou os menus sobre a mesa de madeira e virou-se para Rune. — Está tudo bem, senhor? — Rune assentiu, uma careta ainda formada em seu rosto.

Corando, a anfitriã nos disse que o nosso garçom estaria aqui em breve e rapidamente nos deixou sozinhos. Olhei para Rune, mas seus olhos estavam olhando o riacho. Eu separei minha mão da sua, para que eu pudesse tomar o meu assento, e logo que eu fiz, a sua cabeça girou e sua testa franziu.

Sorri para o seu mau humor. Rune caiu na cadeira com vista para a água e eu me sentei na cadeira oposta. Mas assim que me sentei, Rune se esticou e agarrou o braço da minha cadeira. Eu gritei quando ele puxou a cadeira, arrastando-a para perto dele. Eu estremeci na cadeira enquanto se movia, agarrando os braços até que ele a reposicionou.

Reposicionou-a ao lado dele.

Ao lado dele, de modo que minha cadeira agora enfrentava o riacho também.

Rune não reagiu ao leve rubor nas minhas bochechas, enquanto meu interior aquecia com este simples gesto. Na verdade, ele nem sequer pareceu notar. Ele estava muito ocupado tomando posse de minha mão. Muito ocupado fechando os dedos. Demasiado ocupado nunca deixando-me ir.

Movendo-se, Rune ajustou o aquecedor acima de nós para ficar mais alto, apenas relaxou em sua cadeira quando as chamas rugiam mais alto na proteção de ferro. Meu coração derreteu quando ele levou nossas mãos unidas à boca, a parte de trás da minha mão escovando para trás e para frente sobre seus lábios em um hipnótico movimento.

Os olhos de Rune estavam fixos na água. Por mais que eu adorasse as árvores que abraçam a água em um casulo protetor, ou adorasse ver os patos mergulhando, as garças rebatando e voando acima da superfície, eu só podia olhar para Rune.

Algo tinha mudado nele desde a noite passada. Eu não sabia o quê. Ele ainda era abrupto e grosseiro.

Havia trevas em sua personalidade; sua aura advertia quase todos para ficarem longe.

Mas agora havia uma nova aresta de posse em relação a mim. Eu podia ver a ferocidade dessa posse em seu olhar. Eu podia sentir isso em seu aperto na minha mão.

E eu gostei.

Por mais que eu sentisse falta do Rune que eu conhecia, eu assistia este Rune com renovado fascínio. Agora mesmo, sentada ao lado dele em um lugar que significava muito para nós dois, eu estava perfeitamente contente de estar na companhia *deste* Rune.

Mais do que contente.

Fez-me sentir viva.

O garçom chegou: um cara, talvez em seus vinte anos. O aperto do Rune em minha mão se intensificou mais. Meu coração inchou.

Ele estava com ciúmes.

— Ei. Posso fazer os pedidos começando com algumas bebidas? — O garçom perguntou.

— Posso ter um chá doce, por favor? — Eu respondi, sentindo Rune endurecer ao meu lado.

— Root beer⁵, — Rune latiu. O garçom rapidamente recuou. Quando ele estava fora do alcance da voz, Rune estalou, — Ele não conseguia manter os olhos longe de você.

Eu balancei a cabeça e ri. — Você é louco.

A testa de Rune franziu com frustração. Desta vez foi a sua vez de balançar a cabeça. — Você não tem ideia.

— Sobre o quê? — Perguntei, movendo minha mão livre para traçar um par de novas cicatrizes nas juntas de Rune. Eu me perguntei de onde tinham vindo. Ouvi sua respiração engatar.

— Sobre como você é linda, — ele respondeu. Ele estava assistindo meu dedo quando ele falou. Quando meu dedo parou, ele olhou para cima.

Eu olhei para ele, sem palavras.

Finalmente, o lábio de Rune levantou de lado em um meio-sorriso torto. Ele se moveu para perto de mim. — Eu vejo que ainda bebe chá doce.

Ele lembrou.

Gentilmente cutucando seu lado, eu disse, — Ainda no Root beer, eu vejo.

Rune deu de ombros. — Não é possível obtê-lo em Oslo. Agora estou de volta, eu não posso ter o suficiente da coisa. — Eu sorri e comecei a contornar sua mão. — Acontece que eu não me canso de algumas coisas que eu não podia ter em Oslo.

Meu dedo parou de se mover. Eu sabia exatamente o que ele estava falando: de mim.

— Rune, — eu disse, a intensa culpa dentro de mim.

Olhei para cima para tentar me desculpar novamente, mas quando eu o fiz, o garçom chegou, colocando nossas bebidas na mesa. — Estão prontos para pedir?

Sem quebrar o meu olhar, Rune disse, — Dois lagostins cozidos.

Senti o garçom pairando, mas depois de alguns segundos tensos, ele disse, — Eu vou pedir isso na cozinha, então, — e se afastou.

Os olhos de Rune moveram-se de meu rosto para as minhas orelhas, onde esse lampejo de um sorriso recompilou. Fiquei imaginando o que lhe tinha causado este momento de felicidade. Rune se inclinou para

frente e com as costas de seus dedos, ele empurrou o cabelo do meu rosto, colocando-o atrás da minha orelha.

A ponta do dedo traçou o contorno da minha orelha, então ele soltou um suspiro reconfortante. — Você ainda os usa.

Os brincos.

Meus brincos de infinito.

— Sempre, — eu confirmei. Rune olhou para mim com os olhos pesados. — Para todo o sempre.

Rune deixou cair sua mão, mas ele pegou as pontas do meu cabelo entre o indicador e o polegar. — Você cortou seu cabelo.

Parecia uma declaração, mas eu sabia que era uma pergunta.

— Meu cabelo voltou a crescer, — disse eu. Eu o vi endurecer. Não querendo quebrar a magia desta noite com conversa sobre a doença ou o tratamento, coisas que eu não dava atenção de qualquer maneira, eu inclinei-me e apertei a minha testa na dele. — Eu perdi meu cabelo. Felizmente, o cabelo cresce. — Afastei-me para trás, brincando com meu cabelo curto. — Além disso, eu meio que gosto. Eu acho que fica bem em mim. O Senhor sabe que é mais fácil de manusear do que a montanha de caracóis com os quais eu lutei todos aqueles anos.

Eu sabia que tinha funcionado quando Rune bufou uma única risada silenciosa. Continuando a piada, acrescentei, — Além disso, apenas homens Vikings devem usar o cabelo longo. Vikings e motocicletas. — Eu franzi o nariz enquanto eu fingi estudar Rune. — Infelizmente você não tem uma moto... — Eu parei, rindo do duro olhar no rosto de Rune.

Eu ainda estava rindo quando ele me puxou para o seu peito e, com a boca no meu ouvido, disse, — Eu poderia ter uma moto, se é isso que

você quer. Se isso for necessário para reconquistar seu amor.

Ele disse como uma brincadeira.

Eu sei disso.

Mas isso me parou. Tão parada que eu congelei, o humor drenando de mim. Rune percebeu a mudança. O pomo de Adão balançou e ele engoliu tudo o que ele ia dizer.

Deixando meu coração governar minhas ações, eu levantei a minha mão e coloquei a palma da mão sobre o seu rosto. Tendo certeza que eu tinha a sua atenção, eu sussurrei, — Não seria preciso uma moto para fazer isso, Rune.

— Não? — Ele questionou, sua voz rouca.

Eu balancei minha cabeça.

— Por quê? — Ele perguntou nervosamente. Uma vermelhidão apareceu em suas bochechas. Eu podia ver o que essa pergunta tinha lhe custado seu fortificado orgulho. Eu podia ver que Rune não perguntaria mais nada.

Fechando o espaço entre nós, eu disse em voz baixa, — Porque eu tenho certeza que você nunca me perdeu.

Eu esperei. Esperei ansiosamente para ver o que ele faria em seguida.

Eu não estava esperando nada suave. Eu não estava esperando que o meu coração suspirasse e minha alma derretesse.

Rune, com o mais cuidadoso dos movimentos, inclinou-se para frente e me beijou na minha bochecha, somente avançando para arrastar os lábios nos meus. Prendi a respiração em antecipação a um beijo nos lábios.

Um verdadeiro beijo. Um beijo que eu ansiava. Mas em vez disso, ele contornou a minha boca para o meu outro lado, dando-lhe o beijo que meus lábios desejavam ganhar.

Quando Rune se afastou, o meu coração batia como um tambor. Um alto som no meu peito. Rune voltou a sentar, mas sua mão, na minha mão, apertou um pouco mais.

Um sorriso secreto refugiou-se atrás de meus lábios.

Um som sobre o riacho puxou minha atenção, um pato voando para o céu escuro. Quando eu olhei para Rune, vi que ele estava assistindo também. Quando ele olhou na minha direção, eu provoquei, — Você já é um Viking. Você não precisa de nenhuma moto.

Desta vez Rune sorriu. A mera sugestão se mostrou. Eu sorri com orgulho.

O garçom se aproximou, carregando nossos lagostins, e colocou os baldes sobre a mesa coberta de papel.

Relutantemente, Rune soltou minha mão e começamos a rasgar a montanha de frutos do mar. Fechei os olhos quando eu provei a carne na minha língua, uma explosão de limão batendo na minha garganta.

Eu gemi de tão bom que era.

Rune sacudiu a cabeça, rindo de mim. Eu joguei um pouco de casca em seu colo e ele fez uma careta.

Limpendo minha mão no guardanapo, eu joguei minha cabeça de volta para o céu à noite. As estrelas estavam brilhantes em seu cobertor preto sem nuvens.

— Você já viu algo tão bonito quanto este pequeno riacho? — Perguntei. Rune olhou para cima, em seguida, ao longo do riacho

calmo, o reflexo de luzes azuis piscando de volta para nós.

— Eu diria que sim, — ele respondeu em tom de por-acaso-sei, então apontou para mim. — Mas eu entendo o que você está dizendo. Mesmo quando eu estava em Oslo, eu às vezes imaginava este lugar, perguntando se você tinha voltado.

— Não, esta é a primeira vez. Mamãe e papai não são realmente grandes fãs de lagosta; vovó que era. — Eu sorri, imaginando-a sentada ao nosso lado nesta mesa, depois de nos escondermos. — Você se lembra, — eu ri — ela iria trazer o pequeno frasco dela cheio de bourbon com ela, para colocar em seu chá doce? — Eu riu mais ainda. — Você se lembra dela colocar seu dedo sobre os lábios e dizer: *'Agora não digam a seus pais sobre isto. Eu tive a boa graça de trazer vocês aqui, resgatando vocês da igreja. Assim, lábios fechados!'*? — Rune estava sorrindo também, mas seus olhos estavam me assistindo.

— Você sente a falta dela, — disse ele.

Eu assenti. — Todos os dias. Gostaria de saber que outras aventuras podíamos ter tido juntas. Eu muitas vezes me pergunto se teríamos ido para a Itália para ver Assis, assim como nós falamos. Eu me pergunto se nós teríamos ido à Espanha, para correr com os touros. — Com esse pensamento, eu ri novamente. Uma paz caiu sobre mim, então eu acrescentei, — Mas, a melhor parte de tudo isto é que vou vê-la novamente em breve. — Eu encontrei os olhos de Rune. — Quando eu voltar para casa.

Como minha vovó me ensinou, eu nunca pensei no que poderia acontecer a mim quando morresse. O fim. Era o começo de algo grande. A minha alma estaria voltando para casa onde ela pertencia.

Eu não tinha percebido que eu tinha perturbado Rune com as minhas palavras, até que ele se levantou da cadeira para caminhar ao longo

do pequeno cais ao lado da nossa mesa, o cais que levava para o meio do riacho.

O garçom veio. Enquanto eu assisti Rune acender um cigarro quando ele desapareceu no escuro, apenas uma nuvem de fumaça entregava o local onde ele estava.

— Devo limpar, madame? — O garçom perguntou.

Eu sorri e acenei. — Sim, por favor. — Eu estava de pé e ele parecia confuso, vendo Rune no convés. — Pode trazer a conta também, por favor?

— Sim, senhora, — respondeu ele.

Eu saí para o deck para encontrar Rune, seguindo a minúscula partícula de seu cigarro aceso. Quando eu cheguei ao seu lado, ele estava debruçado sobre o parapeito, olhando distraidamente para o nada.

Um vinco suave estragava sua testa. Suas costas estavam tensas; ele se esticou ainda mais quando eu parei ao lado dele. Ele tomou uma longa tragada no cigarro e lançou-o na brisa suave.

— Eu não posso negar o que está acontecendo comigo, Rune, — eu disse com cautela. Ele permaneceu em silêncio. — Eu não posso viver em uma fantasia. Eu sei o que está por vir. Eu sei o que vai acontecer.

A respiração de Rune era irregular e sua cabeça caiu. Quando levantou os olhos, ele disse entrecortado, — Não é justo.

Meu coração chorou por sua dor. Eu podia ver seu rosto quebrando em angustia, ver na tensão de seus músculos.

Inclinando-me sobre o parapeito, eu inalei o ar fresco. Quando a respiração de Rune se acalmou, eu disse — Teria sido muito injusto se não tivesse sido oferecido a nós os próximos preciosos meses.

A testa de Rune caiu lentamente para descansar sobre as suas mãos.

— Você não vê o grande significado de nós dois juntos aqui, Rune? Você voltou para Blossom Grove apenas algumas semanas depois de eu ter sido enviada para casa para viver o resto da minha vida. Para aproveitar os meses limitados concedidos pela medicação. — Olhei para as estrelas novamente, sentindo a presença de algo maior sorrindo sobre nós. — Para você é injusto. Eu acredito o oposto. Voltamos a estar juntos por uma razão. Possivelmente é uma lição que devemos lutar para aprender até que seja aprendida.

Virei-me e empurrei para trás o seu cabelo comprido cobrindo o rosto. À luz da lua, sob o brilho das estrelas, eu vi quando uma lágrima caiu pelo seu rosto.

Limpei-a com um beijo.

Rune se virou para mim, enfiando a cabeça no meu pescoço. Enrolei minha mão em torno de sua cabeça, segurando-o perto.

As costas de Rune levantaram-se com uma inspiração profunda. — Eu te trouxe aqui esta noite para nos lembrarmos de como éramos felizes. Quando éramos inseparáveis, melhores amigos e muito mais. Mas—

Ele cortou suas palavras. Eu empurrei a cabeça para trás para olhar para seu rosto, — O quê? — Perguntei. — Por favor, diga. Eu prometo que estou bem.

Ele procurou os meus olhos, em seguida, olhou através da água parada. Quando seu olhar voltou para mim, ele perguntou, — Mas, e se esta for a última vez que fazemos isto?

Empurrando-me entre ele e os trilhos, tirei o cigarro de sua mão e atirei na água. Na ponta dos pés, peguei ambas as suas bochechas em minhas mãos. — Então nós tivemos esta noite, — afirmei. O rosto de Rune estremeceu com minhas palavras. — Nós tivemos esta memória. Nós tivemos este momento de carinho. — Minha cabeça inclinou para o lado e um sorriso nostálgico apareceu nos meus lábios. — Eu conhecia um menino, um menino que eu amei com todo o meu coração, que vivia por um único momento. Que me disse que um único momento poderia mudar o mundo. Podia mudar a vida de alguém. Aquele momento poderia tornar a vida de alguém, naquele breve segundo, infinitamente melhor ou infinitamente pior.

Ele fechou os olhos, mas eu continuei a falar. — Esta, esta noite, estar neste riacho com você de novo, — eu disse, sentindo uma sensação de paz enchendo a minha alma, — lembrando da minha vovó e porque eu a amava tanto... fez a minha vida infinitamente melhor. *Este* momento, dado a mim por *você*, eu vou lembrar para sempre. Eu vou levá-lo comigo para... onde quer que eu vá.

Os olhos de Rune abriram. Puxei-o ainda mais para baixo. — Você me deu esta noite. Você voltou. Não podemos mudar os fatos, não podemos mudar nossos destinos, mas ainda podemos *viver*. Podemos viver tão intensamente e tão rápido enquanto nós podemos, nós dois também temos esses dias diante de nós. Podemos ser nós outra vez: Poppy e Rune.

Eu não achei que ele diria algo em troca, por isso me surpreendeu e me encheu de uma incrível esperança quando ele disse, — A nossa última aventura.

A maneira perfeita de expressá-lo, pensei. — A nossa aventura final, — eu sussurrei para a noite, uma alegria sem precedentes infundindo meu corpo. Os braços de Rune serpentearam em volta da minha cintura. — Com uma alteração, — eu disse. Rune franziu a testa.

Alisando o vinco da testa dele, eu disse, — Será a aventura final *desta* vida. Porque eu sei que, com a fé inabalável, que nós estaremos juntos novamente. Mesmo quando esta aventura terminar, uma maior nos esperará do outro lado. E Rune, não haveria o céu se você não estivesse de volta em meus braços um dia.

Rune Kristiansen em todo o seu 1,80m de altura se apoiou contra mim. E eu o segurei. Segurei-o até que ele se acalmou.

Quando ele se afastou, perguntei, — Então, Rune Kristiansen, Viking da Noruega, você está comigo?

Apesar de tudo, Rune riu de si mesmo. Riu quando eu estendi minha mão para ele apertar. Rune, meu bad boy escandinavo com um rosto

feito pelos anjos, enfiou a mão na minha e nós apertamos em promessa. Duas vezes. Como minha vovó me ensinou.

— Eu estou com você, — disse ele. Senti seu voto passear por todo o caminho até aos dedos dos pés.

— Senhorita, senhor? — Eu olhei para cima do ombro de Rune para ver o garçom segurando a nossa conta. — Estamos fechando, — explicou.

— Você está bem? — Perguntei a Rune, sinalizando para o garçom que estávamos indo.

Rune assentiu, suas pesadas sobrancelhas empurrando seu rosto de volta para sua familiar careta. Eu imitei sua careta mostrando a ele como seu rosto se parecia fazendo isso. Rune, incapaz de resistir, me deu o seu bem-humorado sorriso. — Só você, — disse ele, mais para si mesmo do que para mim, — *Poppymín*. — Deslizando a mão na minha, ele lentamente guiou-me para frente do estabelecimento.

Quando estávamos de volta no carro, Rune ligou o motor e disse, — Temos mais um lugar para ir.

— Outro momento memorável?

Quando nós puxamos para a estrada, Rune tomou minha mão na sua através do console e respondeu, — Eu espero que sim, *Poppymín*. Espero que sim.

Demorou um tempo para voltar para a cidade. Nós não falamos muito. Eu tinha entendido que Rune era mais silencioso do que ele costumava ser. Não que ele fosse exatamente uma pessoa extrovertida antes. Ele sempre foi introvertido e quieto. Ele se encaixava muito bem na

imagem de um artista pensativo, a cabeça sempre procurando lugares e paisagens que queria capturar em um filme.

Momentos.

Tínhamos viajado apenas uma milha ou assim quando Rune ligou o rádio. Ele me disse para escolher qualquer estação que eu quisesse. E quando eu calmamente cantei, seus dedos apertaram apenas um pouco mais nos meus.

Um bocejo escapou da minha boca quando nos aproximamos da periferia da cidade, mas eu lutei para manter meus olhos abertos. Eu queria saber onde ele estava me levando.

Quando paramos do lado de fora da Dixon Theater, meu pulso levantou voo. Este era o teatro que eu sempre sonhei atuar. Era o teatro onde eu sempre quis voltar quando eu fosse mais velha, e fazer parte de uma orquestra profissional. Para minha cidade natal.

Rune desligou o motor, e eu olhei para o impressionante teatro de pedra. — Rune, o que estamos fazendo aqui?

Rune soltou minha mão e abriu a porta. — Venha comigo.

Franzindo a testa e com o meu coração acelerando tão incrivelmente forte, eu abri a porta para segui-lo. Rune tomou a minha mão e me levou até a entrada da frente.

Era tarde da noite de domingo, mas ele nos levou direto pelas portas da frente. Assim que entramos no salão, ouvi os sons fracos de Puccini tocando no fundo.

Minha mão apertou na de Rune. Ele olhou para mim, um sorriso nos lábios. — Rune, — eu sussurrei, quando ele me levou até a escada opulenta. — Onde estamos indo?

Rune pressionou seu dedo sobre os lábios, sinalizando para eu ficar quieta. Eu me perguntava por que, mas depois ele me levou até a porta... a porta que dava para o círculo do teatro.

Rune abriu a porta e a música tomou conta de mim como uma onda. Ofegando com o volume do som, eu segui Rune até a primeira fila de assentos. Lá em baixo estava uma orquestra, seu Maestro levando-os. Eu reconheci-os instantaneamente: A Orquestra de Câmara de Savannah.

Fiquei paralisada, olhando para os músicos focando tão intensamente em seus instrumentos, balançando em tempo com a batida. Virando a minha cabeça para Rune, perguntei, — Como você fez isto?

Rune deu de ombros. — Eu queria levá-la para vê-los tocar devidamente, mas eles estarão viajando amanhã para o exterior. Quando eu expliquei ao Maestro o quanto você os amava, ele disse que podíamos aparecer no ensaio.

Nenhumas palavras passaram por meus lábios.

Eu fiquei sem palavras. Completamente e totalmente sem palavras.

Falhando em expressar adequadamente meus sentimentos, minha pura gratidão por esta surpresa, eu coloquei minha cabeça em seu ombro e aninhei em seu braço. O cheiro de couro encheu meu nariz, meus olhos focados na orquestra abaixo.

Eu assisti com fascínio. Eu vi quando o Maestro habilmente guiava os músicos através do ensaio: os solos, as passagens decorativas, as harmonias intrincadas.

Rune me segurou perto, enquanto eu estava hipnotizada. Ocasionalmente, eu senti seus olhos em mim: ele olhando para mim, me

observando observá-los.

Mas eu não conseguia tirar os olhos. Especialmente a partir da seção de violoncelo. Quando os tons profundos tocaram claramente e verdadeiramente, eu deixei meus olhos derivarem até fecharem.

Era bonito.

Eu poderia me imaginar, tão claramente, sentada entre os colegas músicos, meus amigos, olhando para este teatro, cheio das pessoas que eu conhecia e amava. Rune sentado, assistindo com sua câmera em torno de seu pescoço.

Era o mais perfeito dos sonhos.

Tinha sido o meu maior sonho por tanto tempo quanto eu poderia lembrar.

O Maestro fez os músicos se acalmar. Eu assisti o palco. Eu assisti como todos, mas o principalmente violoncelista reduziram seus instrumentos. A mulher, que parecia estar em seus trinta anos, puxou a cadeira para o centro do palco. Sem público nos separando.

Ela se posicionou, seu arco pronto na corda, para começar. Ela se concentrou no Maestro. Quando ele levantou seu bastão, instruindo-a a começar, eu ouvi o primeiro toque de nota. E quando eu ouvi, fiquei completamente imóvel. Eu não ousava respirar. Eu não queria ouvir nada, mas a melodia mais perfeita na existência.

O som de "The Swan" de *Carnival of the Animals* subiu para os nossos lugares. Eu assisti a violoncelista se perder na música, suas expressões faciais traindo suas emoções com cada nova nota.

Eu queria ser ela.

Naquele momento, eu queria ser a violoncelista tocando esta peça tão perfeitamente. Eu queria ser dotada de confiança, a confiança dada esta atuação.

Tudo desapareceu enquanto eu a observava. Então eu fechei os olhos. Fechei os olhos e deixei a música tomar posse dos meus sentidos. Eu deixei-a me levar em sua viagem. Quando o ritmo pegou, o vibrato ecoando lindamente fora das paredes do teatro, eu abri meus olhos.

E as lágrimas vieram.

As lágrimas vieram como a música exigia.

A mão de Rune apertou na minha e eu senti seu olhar em mim. Eu podia sentir que ele estava preocupado que eu estava chateada. Mas eu não estava chateada. Eu estava subindo. Voando na melodia feliz.

Minhas bochechas ficaram molhadas, mas eu deixei o fluxo de lágrimas caírem. Era por isso que a música era a minha paixão. Da madeira a corda e arco, essa melodia mágica poderia ser criada, agitando vida em uma alma.

E eu fiquei assim. Fiquei assim até que a última nota derivou para o teto. A violoncelista levantou o arco. Só então ela abriu os olhos, guiando o seu espírito para seu lugar de descanso dentro dela. Porque era isso o que estava sentindo, eu sabia. A música tinha-a transportado para um lugar distante, algum lugar que só ela conhecia. Tinha-a mudado.

Por um tempo, a música tinha agraciado ela com o seu poder.

O Maestro assentiu e a orquestra andou para os bastidores, deixando o silêncio ocupar o palco agora vazio.

Mas eu não virei a cabeça. Não até Rune se sentar para frente, com uma mão colocada delicadamente sobre as minhas

costas. — *Poppymin?* — Ele sussurrou, sua voz presa e insegura. — Sinto muito, — disse ele em voz baixa, — Eu pensei que isto iria deixá-la fe—

Eu o enfrentei, apertando ambas as mãos entre as minhas. — Não, — eu disse, interrompendo seu pedido de desculpas. — Não, — eu insisti. — Estas são lágrimas de alegria, Rune. Absoluta alegria.

Ele exalou, liberando uma de suas mãos para limpar as minhas bochechas. Eu ri, minha voz ecoando em torno de nós.

Limpei a garganta, afugentando um excesso de emoção, e expliquei, — Essa é a minha peça favorita, Rune. 'The Swan', do *Carnival of the Animals*. A violoncelista principal, tocou a minha peça favorita. Lindamente. Perfeitamente.

Eu respirei fundo. — É a peça que eu estava planejando tocar quando fosse fazer o teste para Julliard. Foi sempre a peça que eu me imaginei no Carnegie Hall. Eu sei e conheço. Eu sei cada nota, cada mudança de tempo, todos os crescente... tudo. — Funguei e enxuguei os olhos. — Ouvi-la esta noite, — eu disse, apertando a mão dele, — sentada ao seu lado... foi um sonho tornado realidade.

Rune, também sem palavras, colocou o braço em volta dos meus ombros e me puxou para perto. Eu senti seu beijo em minha cabeça. — Prometa, Rune, — eu disse. — Prometa-me que quando você estiver em Nova York, quando você estiver estudando no Tisch, você vai ver a New York Philharmonic tocar. Prometa que vai assistir o principal violoncelista tocar esta peça. E me prometa que quando você fizer isso, você vai pensar em mim. Me imaginar tocando no palco, realizando meu sonho. — Eu respirei profundamente, contente com essa imagem. — Porque isso seria suficiente para mim agora, — eu

expliquei. — Simplesmente saber que eu, pelo menos, comecei a viver esse sonho, mesmo que apenas seja através de sua mente.

— Poppy, — Rune disse, dolorosamente. — Por favor, baby... — Meu coração pulou quando ele me chamou de 'baby'. Parecia perfeito como a música para meus ouvidos.

Levantando minha cabeça, eu levantei o seu queixo com meu dedo e insisti, — Prometa-me, Rune.

Ele voltou seu olhar para longe de mim. — Poppy, se você não vai estar em Nova York comigo, porque inferno eu iria?

— Por causa de sua fotografia. Porque como este sonho era meu, seu era estudar fotografia na NYU.

Preocupação cortou através de mim quando a mandíbula de Rune cerrou. — Rune? — Questionei. Depois de um longo momento, ele virou-se lentamente de volta para me encarar. Eu procurei seu belo rosto. Eu caí para trás na cadeira com o que vi em sua expressão.

Recusa.

— Por que você não tira mais fotos, Rune? — Perguntei. Rune desviou o olhar. — Por favor, não me ignore.

Rune suspirou em derrota. — Porque sem você, eu não vi mais o mundo da mesma maneira. *Nada* foi o mesmo. Eu sei que nós éramos jovens, mas sem você, nada fazia sentido. Eu estava com raiva. Eu estava me afogando. Então, eu desisti da minha paixão porque a paixão dentro de mim tinha morrido.

De qualquer coisa que ele poderia ter feito ou dito, isso me entristeceu mais do que tudo. Porque a paixão tinha sido tão forte dentro dele. E suas fotos, mesmo aos quinze anos, eram como nada que eu já tinha visto.

Olhei para os traços duros de Rune, os olhos perdidos em transe enquanto ele olhava fixamente para o palco vazio. A parede dele estava levantada e a tensão em sua mandíbula estava de volta. A expressão solene tinha retornado.

Precisando deixá-lo em seu momento, não empurrando muito longe o seu limite, eu inclinei minha cabeça contra seu ombro e sorri. Eu sorri, ainda ouvindo a peça derivando em meus ouvidos.

— Obrigada, — eu sussurrei, quando as luzes no palco desapareceram.

Levantando minha cabeça, eu esperei que Rune olhasse para mim. Eventualmente, ele fez.

— Só você poderia saber que isto, — Fiz um gesto para o auditório, — significaria muito para mim. Só o meu Rune.

Rune deu um beijo suave na minha bochecha.

— *Era* você no meu recital na outra noite, não era?

Rune suspirou, então, eventualmente, assentiu. — Eu nunca iria perder você tocando, *Poppymín*. Eu nunca irei.

Ele ficou de pé. Ele estava em silêncio quando estendeu a mão. Ele ficou em silêncio enquanto eu lhe dei a minha mão e levou-nos para o carro. Ele ficou em silêncio enquanto dirigimos para casa. Eu pensei que devia tê-lo machucado de alguma forma. Eu me preocupei pensando que eu tinha feito algo errado.

Quando chegamos em casa, Rune saiu do carro e caminhou ao redor do capô para abrir minha porta. Peguei sua mão quando eu pulei para fora. Eu continuei segurando apertada quando Rune me levou de volta para minha casa. Eu esperava ir para a porta. Em vez disso, ele me levou para minha janela. Eu fiz uma careta quando vi o olhar frustrado em seu rosto.

A necessidade de saber o que estava errado, eu passei a mão pelo seu rosto. Mas, quando o meu dedo pousou em sua bochecha, algo nele pareceu encaixar. Ele me apoiou contra o lado da minha casa. Seu corpo pressionado contra o meu e ele segurou meu rosto com as mãos.

Eu estava ofegante, ofegante com sua proximidade. Ofegante na intensidade de sua escura expressão. Os olhos azuis dele procuraram cada parte do meu rosto. — Eu queria fazer isto corretamente, — disse ele. — Eu queria fazer isto devagar. Este encontro. Nós. Hoje à noite. — Ele balançou a cabeça, a testa vincando enquanto lutava com o que ele estava lutando por dentro. — Mas eu não posso. Eu não vou conseguir.

Abri a boca para responder, mas o polegar derivou pelo meu lábio inferior, sua atenção na minha boca. — Você é minha Poppy. *Poppymin*. Você me conhece. Só você me conhece. — Tomando minha mão, ele colocou-a sobre o coração. — Você me conhece, mesmo sob essa raiva, você me conhece. — Ele suspirou, aproximando tão perto que nós compartilhamos o mesmo ar. — E eu conheço você. — Rune empalideceu. — E se nós só temos tempo limitado, eu não vou desperdiçá-lo. Você é minha. Eu sou seu. Para o inferno com qualquer outra coisa.

Meu coração acelerou como um arpejo no meu peito. — Rune, — foi tudo o que consegui dizer. Eu queria gritar que sim, eu era dele. Que ele era meu. Nada mais importava. Mas a minha voz falhou. Eu estava muito tomada pela emoção.

— Diga, *Poppymin*, — perguntou ele. — Apenas diga sim.

Rune deu um passo a mais, me prendendo, seu corpo alinhado com o meu, o coração batendo em conjunto com o meu. Eu arrastei uma respiração. Os lábios de Rune roçaram os meus, pairando, esperando, preparado para possuí-los completamente.

Quando olhei nos olhos de Rune, para suas pupilas negras além do azul, eu deixei ir e sussurrei, — Sim.

Lábios quentes de repente caíram nos meus, a boca familiar de Rune tomou-os com determinação. Seu calor e mentolado gosto abafaram meus sentidos. Seu peito duro me manteve presa na parede, presa enquanto ele me possuía com o seu beijo. Rune estava me mostrando a quem eu pertencia. Ele não estava me dando outra escolha senão me submeter a ele, me dar de volta para ele depois de sua partida há muitos anos.

As mãos de Rune enfiaram através de meu cabelo, me mantendo no lugar. Eu gemi quando sua língua empurrou para encontrar a minha, macia, quente e desesperada. Levantando minhas mãos de suas amplas costas, elas desembarcaram em seu cabelo. Rune rosnou em minha boca, me beijando mais profundo, me levando mais e mais para além de qualquer medo ou temor que eu tive com o seu retorno. Ele me beijou até que não havia parte de mim que não soubesse a quem pertencia. Ele me beijou até que meu coração novamente se fundiu com o seu. Duas metades de um todo.

Meu corpo começou a se enfraquecer sob seu toque. Sentindo que eu estava completamente rendida a ele, o beijo de Rune desacelerou para carícias suaves e, gentis. Então ele se afastou, a nossa respiração pesada, um arco de tensão acima de nós. Os lábios inchados de Rune beijaram meu rosto, meu queixo e pescoço. Quando ele finalmente se retirou, suas rápidas respirações sopraram contra o meu rosto. Suas mãos afrouxaram seu controle sobre mim.

E ele esperou.

Ele esperou, me observando com seu olhar intenso.

Então meus lábios se separaram, e eu sussurrei, — Beijo 357. Contra a parede da minha casa... quando Rune tomou posse do meu coração. — Rune acalmou, suas mãos se esticaram, e eu terminei com, — e o meu coração quase explodiu.

Então ele veio. O sorriso puro de Rune. Era brilhante, era amplo e verdadeiro.

Meu coração disparou com a visão.

— *Poppymin*, — ele sussurrou.

Agarrando sua camisa, eu sussurrei de volta, — Meu Rune.

Os olhos de Rune se fecharam quando eu disse essas palavras, um suspiro suave caindo de sua boca. Suas mãos gradualmente afrouxaram seu controle sobre o meu cabelo e ele deu um passo relutante para trás. — É melhor eu ir, — eu sussurrei.

— *Ja*, — ele respondeu de volta. Mas ele não desviou o olhar. Ao contrário, ele pressionou contra mim de novo, tomando a minha boca de forma rápida e suavemente, antes de se afastar. Em seguida, ele recuou vários passos, colocando uma boa distância entre nós.

Eu levantei meus dedos em meus lábios e disse, — Se você continuar me beijando assim, eu vou encher meu frasco em pouco tempo.

Rune virou-se para caminhar até sua casa, mas parou para olhar por cima do ombro. — Essa é a ideia, baby. Mil beijos *meus*.

Rune correu de volta para sua casa, me deixando vê-lo sair, me deixando com uma leveza vertiginosa fluindo através de mim como uma turbulência. Quando meus pés finalmente se moveram, eu entrei na minha casa e fui direto para meu quarto.

Eu retirei o frasco de debaixo da minha cama e limpei a poeira. Abrindo o frasco, tirei a caneta da minha mesa de cabeceira e anotei o beijo

de hoje à noite.

Uma hora depois, eu estava deitada na cama, quando ouvi a janela se abrindo. Me sentei, enquanto vi a minha cortina ser posta de lado. Meu coração pulou na minha boca quando Rune entrou.

Eu sorri enquanto ele andava para frente, despindo sua camisa e jogando-a no chão. Meus olhos se arregalaram quando eu bebia na visão de seu peito nu. Então, meu coração quase explodiu quando ele passou a mão através de seu cabelo, empurrando-o de seu rosto.

Rune caminhou lentamente para a minha cama, em pé esperando de lado. Me remexi, e levantei a coberta e Rune entrou, imediatamente envolvendo os braços em volta da minha cintura.

Quando as minhas costas se situaram perfeitamente contra sua frente, suspirei de contentamento. Fechei os olhos. Rune deu um beijo logo abaixo da minha orelha e sussurrou, — Durma, baby. Eu tenho você.

E ele tinha.

Ele me mantinha.

Assim como eu o tinha.

Rune

Acordei com Poppy olhando para mim.

— Hey, — disse Poppy. Ela sorriu e se aninhou ainda mais em meu peito. Eu deixei minhas mãos vaguear através do cabelo dela, antes de meter minhas mãos debaixo dos braços, puxando-a até que ela estava em cima de mim, sua boca na minha.

— Bom dia, — eu respondi, então pressionei meus lábios contra os dela.

Poppy suspirou em minha boca enquanto os lábios se entreabriram e moveram contra os meus. Quando eu puxei para trás, ela olhou pela janela e disse, — Perdemos o nascer do sol.

Eu assenti. Mas quando ela olhou para mim, sua expressão não mostrava qualquer tristeza. Em vez disso, beijou meu rosto, e admitiu, — Eu acho que trocaria todos os nascer do sol se isso significasse que eu podia acordar assim com você.

Meu peito fez um buraco com essas palavras. Tomando-a de surpresa, eu lancei-a de costas, pairando sobre onde ela estava. Poppy riu quando eu preendi suas mãos sobre o travesseiro sob sua cabeça.

Fiz uma careta. Poppy tentou, sem sucesso, parar o riso.

Suas bochechas estavam rosadas com excitação. Precisando beijá-la mais do que respirar, eu fiz.

Libertei as mãos de Poppy e ela agarrou meu cabelo. O riso dela começou a desaparecer quando o beijo se aprofundou e depois houve uma batida forte na porta. Nós congelamos, nossos lábios ainda juntos e os olhos bem abertos.

— Poppy! Hora de levantar, querida! — A voz do pai de Poppy flutuou para o quarto. Eu podia sentir o coração acelerado de Poppy, ecoando através do meu peito, indo contra o dela.

Poppy moveu a cabeça para o lado, quebrando o beijo. — Eu estou acordada! — Ela gritou de volta. Nós não nos atrevemos a se mover até que ouvimos o pai dela se afastar da porta.

Os olhos de Poppy estavam enormes quando ela me encarou novamente. — Oh meu Deus! — Ela sussurrou, explodindo em um novo conjunto de risos.

Balançando a cabeça, eu rolei para o lado da cama, agarrando minha camisa do chão. Conforme eu puxei o material preto sobre a minha cabeça, as mãos de Poppy pousaram sobre os meus ombros por trás. Ela suspirou. — Nós perdemos a hora e dormimos até muito tarde esta manhã. Nós quase fomos apanhados.

— Isso não vai acontecer de novo, — eu disse, não querendo que ela tivesse qualquer desculpa para acabar com isto. Eu tinha que estar com ela todas as noites. Eu precisava. Nada aconteceu. Nos beijamos e dormimos.

Isso foi o suficiente para mim.

Poppy concordou com a cabeça, mas quando o queixo descansou no meu ombro, os braços envolvendo em torno minha cintura, ela disse, — Eu gostei.

Ela riu de novo e eu virei minha cabeça um pouco, pegando o olhar brilhante no rosto. Ela assentiu de brincadeira. Poppy sentou-se e pegou a minha mão e apertou sobre o seu coração. Ele estava batendo rápido. — Isso me fez sentir viva.

Rindo dela, eu balancei a cabeça. — Você é louca.

Levantando-me, eu deslizei minhas botas. Poppy se sentou em sua cama. — Sabe, eu nunca fiz nada impertinente ou ruim antes, Rune. Eu sou uma boa menina, eu suponho.

Eu fiz uma careta com o pensamento de corrompê-la. Mas Poppy se inclinou para frente, e disse, — Foi divertido. — Eu empurrei para trás o cabelo do meu rosto e inclinei sobre a cama e dei-lhe um último beijo antes de sair, suave e doce.

— Rune Kristiansen, talvez eu goste deste seu lado bad-boy depois de tudo. Você certamente vai fazer os próximos meses serem bem entretidos. — Ela suspirou dramaticamente. — Beijos doces e travessuras excêntricas... Estou dentro!

Quando caminhei até a janela, ouvi Poppy se movimentar atrás de mim. Assim que eu ia me esgueirar para fora de sua janela, olhei para trás. Poppy estava preenchendo dois corações em branco de seu frasco. Eu me permiti observá-la. Vendo como ela sorria para o que ela estava escrevendo.

Ela era tão linda.

Enquanto colocava os corações preenchidos de volta em seu frasco, ela se virou e parou. Ela me pegou assistindo. Seu olhar se suavizou. Ela abriu a boca para dizer algo, quando a maçaneta em sua porta começou a virar. Seus olhos se arregalaram e ela balançou suas mãos em um movimento de enxotar.

Quando eu pulei pela janela e saí correndo da casa, ouvi sua risada seguindo atrás. Somente algo tão puro poderia afugentar a escuridão em meu coração.

Eu mal tinha a deixado quando entrei pela minha janela e fui direto para o chuveiro antes de ir para escola. O vapor ondeando ao redor do banheiro enquanto eu estava sob o jato quente.

Eu me inclinei para frente, os poderosos jatos de água batendo na minha cabeça. Minhas mãos descansaram contra os azulejos escorregadios em frente de mim. Todos os dias quando eu acordava, a raiva me consumia. Era tão desgastante que eu poderia quase provar a sua amargura em minha língua, sentir o calor dela correndo em minhas veias.

Mas esta manhã era diferente.

Era Poppy.

Levantando a cabeça da água, eu desliguei-a e agarrei a minha toalha. Eu vesti meus jeans e abri a porta do banheiro. Meu pappa estava parado na porta do meu quarto. Quando ele me ouviu atrás dele, ele se virou para mim.

— Bom dia, Rune, — ele cumprimentou. Passei por ele para andar até ao meu armário. Peguei uma camisa branca e puxei-a sobre a minha cabeça. Quando cheguei em minhas botas, notei que o meu pappa ainda estava de pé na porta.

Parando no meio, eu encontrei os seus olhos e estalei, — O quê?

Ele entrou para dentro do quarto, segurando um café na mão. — Como foi o seu encontro com a Poppy na noite passada?

Eu não respondi. Eu não tinha dito nada a ele sobre isso, o que significava que minha mãe tinha dito. Eu não iria responder a ele. O idiota

não merecia saber.

Ele limpou a garganta. — Rune, depois que você saiu na noite passada, o Sr. Litchfield veio nos ver.

E então ela voltou, correndo através de mim como uma torrente. A raiva. Me lembrei do rosto do Sr. Litchfield quando ele abriu a porta ontem à noite. Enquanto nós dirigíamos para a estrada. Ele estava chateado. Eu podia ver que ele não queria que Poppy fosse comigo. Inferno, ele parecia que estava a um segundo de proibir ela de sair comigo.

Mas quando Poppy caminhou para fora, eu podia ver que ele não iria dizer não a tudo o que ela queria. Como podia? Ele estava perdendo sua filha. Foi a única coisa que me impediu de dizer exatamente o que eu pensava sobre a sua objeção sobre ela estar comigo.

Meu pappa andou até ficar em frente a mim. Eu mantive meus olhos para o chão quando ele disse, — Ele está preocupado, Rune. Ele está preocupado que você e Poppy voltarem a ficar juntos não seja uma coisa tão boa.

Rangi os dentes. — Não é bom para quem? Ele?

— Poppy, Rune. Você sabe... você sabe que ela não tem muito—

Ergui bruscamente minha cabeça, raiva queimando em meu estômago. — Sim, eu entendo. Não é muito difícil de esquecer. Saber o fato que a garota que eu amo está morrendo.

Meu pappa empalideceu. — James quer apenas que os últimos dias de Poppy sejam livres de problemas. Pacíficos. Agradáveis. Sem estresse.

— E deixe-me adivinhar, eu sou o problema, certo? Eu sou esse estresse?

Ele suspirou. — Ele pediu que você ficasse longe dela. Basta deixá-la ir sem precisar fazer uma cena.

— Não vai acontecer, — eu disse, agarrando minha mochila do chão. Vesti minha jaqueta de couro e andei ao redor dele.

— Rune, pense em Poppy, — meu Pappa implorou.

Eu parei e me virei para enfrentar ele. — Ela é *tudo* que eu estou pensando. Você não tem ideia de como é para nós, assim, fique fora dos meus assuntos. James Litchfield também.

— Ela é sua filha! — Meu pappa respondeu, sua voz mais severa que antes.

— Sim, — eu respondi de volta, — e ela é o amor da minha vida. E eu não vou deixá-la, nem mesmo por um segundo. E não há nada que qualquer um de vocês possa fazer sobre isso.

Quando saí tempestuosamente pela porta do meu quarto, o meu pappa gritou, — Você não é bom para ela, Rune. Não deste jeito. Não com isso de fumar e beber. Sua atitude. O ódio sobre tudo em sua vida. Essa menina adora você, ela sempre adorou. Mas ela é uma boa menina. Não seja a ruína dela.

Parando no meu caminho, eu olhei para ele por cima do meu ombro e disse, — Bem, eu tenho certeza que ela quer um bad boy em sua vida.

Com isso, eu pisei pela cozinha, apenas brevemente olhando para minha mãe e Alton, que acenou para mim enquanto eu passava. Bati a porta da frente e descii os degraus, acendi um cigarro, tão logo que eu pisei na grama. Eu encostei-me à grade da nossa varanda. Meu corpo era como um fio vivo de alta tensão com o que o meu pappa tinha dito. No que o Sr. Litchfield tinha feito. Me avisando para me afastar de sua filha.

O que diabos ele pensava que eu ia fazer com ela?

Eu sabia o que todos eles pensavam de mim, mas eu nunca faria mal a Poppy. Nem em um milhão de anos.

A porta da frente da casa de Poppy abriu. Savannah e Ida se apressaram, Poppy vindo logo atrás. Estavam todas falando ao mesmo tempo. Então, como se sentindo meu olhar pesado, os olhos de Poppy derivaram para o lado da minha casa e focaram em mim.

Savannah e Ida olharam para o que estava prendendo a sua atenção. Quando me viram, Ida riu e acenou.

Savannah, como seu pai, olhou para mim com silenciosa preocupação.

Levantei meu queixo para Poppy, dizendo-lhe para vim até mim. Poppy fez seu caminho onde eu estava lentamente, Ida e Savannah acompanharam logo atrás. Ela estava linda, como sempre. Sua saia vermelha ia até o meio da coxa, meias pretas cobrindo suas pernas, botas de duende em seus pés. Seu casaco estava cobrindo a metade de cima, mas eu podia ver sua camisa branca por baixo, um laço preto em volta da gola.

Ela era tão bonitinha.

As irmãs de Poppy ficaram atrás enquanto Poppy ficava na minha frente. Precisando tranquilizar a mim mesmo de que eu a tinha, que ela me tinha, eu me empurrei do parapeito, jogando meu cigarro para o chão. Segurando as bochechas de Poppy com minhas mãos, eu a puxei para os meus lábios, batendo a minha boca na dela. Esse beijo não foi suave. Eu não tinha planejado que fosse. Eu estava marcando-a, marcando-a como minha.

E eu como dela.

Esse beijo foi um forte movimento do dedo médio para qualquer um que tentasse entrar no nosso caminho. Quando eu puxei para trás, as bochechas de Poppy estavam vermelhas e seus lábios molhados. — É melhor esse beijo ir para o seu frasco, — avisei.

Poppy assentiu, sem fala. Risos vieram atrás de nós. Quando olhei, as irmãs de Poppy estavam rindo. Pelo menos Ida estava, Savannah estava apenas boquiaberta.

Deslizando para pegar a mão de Poppy, eu apertei-a na minha. — Está pronta?

Poppy olhou para as nossas mãos. — Nós estamos indo para a escola assim?

Eu fiz uma careta. — Sim. Por quê?

— Então, todo mundo vai saber. Todos eles vão falar, e—

Esmaguei meus lábios nos dela novamente, e, quando eu me afastei, disse, — Então, deixe-os falar. Você nunca se importou antes. Não comece agora.

— Eles vão pensar que somos namorado e namorada de novo.

Fiz uma careta. — Nós somos, — eu disse claramente. Poppy piscou e piscou novamente. Então, extinguindo a minha raiva completamente, ela sorriu e caiu no meu lado. Sua cabeça descansou nos meus bíceps.

Olhando para cima, ela disse, — Então, sim, eu estou pronta.

Eu me deixei prender no olhar de Poppy por alguns segundos a mais do que o normal. Nosso beijo pode ter sido um dedo médio para qualquer um que não queria nós dois juntos, mas seu sorriso era um dedo do meio para a escuridão na minha alma.

As irmãs de Poppy correram para o nosso lado e se juntaram a nós quando começamos a caminhar para nossas escolas. Pouco antes de virar para o bosque de flor, olhei para trás por cima do meu ombro. Sr. Litchfield estava nos assistindo. Eu endureci quando vi o olhar tempestuoso em seu rosto. Mas, eu cerrei os dentes. Esta era uma luta que ele ia definitivamente perder.

Ida conversou o caminho inteiro para sua escola, Poppy rindo com carinho para sua irmã mais nova. Eu entendi por que. Ida era uma Poppy em miniatura. Até mesmo nas covinhas nas bochechas.

Savannah era uma personalidade completamente diferente. Ela era mais introvertida, uma profunda pensadora. E claramente protetora em relação a felicidade de Poppy.

Com um aceno rápido de adeus, Savannah nos deixou para ir para a escola secundária. Quando ela se afastou, Poppy disse, — Ela estava muito quieta.

— Sou eu, — respondi. Poppy olhou para mim, chocada.

— Não, — ela argumentou. — Ela ama você.

Meu queixo ficou tenso. — Ela ama quem eu costumava ser. — Dei de ombros. — Eu entendo. Ela está preocupada que eu vou quebrar o seu coração.

Poppy me puxou para parar ao lado de uma árvore perto da entrada da nossa escola. Olhei para longe. — O que aconteceu? — perguntou ela.

— Nada, — respondi.

Ela entrou na minha frente para encarar o meu olhar. — Você não vai quebrar meu coração, — ela declarou com cem por cento de

convicção. — O rapaz que me levou para o riacho e depois para ouvir uma orquestra, nunca poderia quebrar meu coração.

Eu fiquei em silêncio.

— Além disso, se meu coração se partir, o mesmo acontecerá com a seu, lembra?

Eu bufei naquele lembrete. Poppy me empurrou até minhas costas baterem contra a árvore. Eu vi estudantes começando a entrar na escola, a maioria deles olhando para nós. Os sussurros já estavam começando.

— Você poderia me machucar, Rune? — Poppy exigiu.

Derrotado por sua tenacidade, coloquei a mão na nuca, e assegurei-lhe, — Nunca.

— Então, para o inferno com o que as pessoas pensam.

Eu ri de seu fogo. Ela sorriu e colocou a mão em seu quadril. — Como foi a atitude? Foi Bad-girl o suficiente?

Tomando-a de surpresa, eu girei-a até que ela estava de costas contra a árvore. Antes que ela tivesse a chance de argumentar, aproximei-me e beijei-a. Nossos lábios se moviam vagarosamente, o beijo foi profundo, os lábios de Poppy abrindo para deixar entrar a minha língua. Eu provei a doçura em sua boca, antes de me afastar.

Poppy estava sem fôlego. Vasculhando o meu cabelo úmido com os dedos, ela disse, — Eu conheço você, Rune. Você não iria me machucar. — Ela torceu o nariz e brincou, — eu apostaria minha vida nisso.

Uma dor tentou formar no meu peito. — Isso não foi engraçado.

Ela segurou seu dedo polegar a cerca de um centímetro de distância. — Foi sim. Um pouco.

Eu balancei minha cabeça. — Você me conhece, *Poppymin*. Só você. *Por você. Só por você.*

Poppy me estudou. — E talvez esse é o problema, — concluiu. — Talvez se você deixar outras pessoas entrarem. Talvez se mostrar aqueles que você ama que você ainda é você debaixo de todas as roupas escuras e esse estado depressivo, eles não iriam julgá-lo tão duramente. Eles te amariam por quem você escolhesse ser, porque veria sua verdadeira alma.

Eu fiquei em silêncio, então ela disse, — Como Alton. Como é sua relação com Alton?

— Ele é uma criança, — eu respondi, sem entender o que ela queria dizer.

— Ele é um menino que você adora. Um menino que está chateado por você não falar com ele ou fazer qualquer coisa com ele.

Senti as palavras criarem um poço no meu estômago. — Como você sabe?

— Porque ele me disse, — disse ela. — Ele ficou chateado.

Imaginei Alton chorando, mas eu afastei rapidamente da minha mente. Eu não queria pensar nisso. Podia não ter muito haver com ele, mas eu não queria vê-lo chorar.

— Há uma razão pela qual ele tem cabelo longo, você sabe? Há uma razão para ele empurrá-lo de seu rosto como você faz. É realmente fofo.

— Ele tem o cabelo longo porque ele é norueguês.

Poppy revirou os olhos. — Nem todo menino norueguês tem cabelo comprido, Rune. Não seja bobo. Ele tem um longo cabelo, porque

ele quer ser como você. Ele imita os seus hábitos, suas manias, porque ele quer ser como você. Ele quer que você o veja. Ele adora você.

Minha cabeça caiu para enfrentar o chão. Poppy levantou minha cabeça com as mãos. Ela procurou os meus olhos.

— E o seu pappa? Por que você não—

— *Chega*, — Eu cuspi, duramente, me recusando a falar sobre ele. Eu nunca iria perdôá-lo por ter me levado. Este tema estava fora dos limites, mesmo para Poppy. Poppy não parecia nem mágoada nem ofendida pela minha explosão. Em vez disso, tudo o que vi foi simpatia em seu rosto.

Eu não podia suportar isso também.

Tomando-lhe a mão, e sem outra palavra, eu puxei-a para a escola. Poppy apertou minha mão firmemente quando outros estudantes pararam de vislumbrar e começaram a olhar fixamente. — Deixe-os olhar, — eu disse a Poppy quando entramos nos portões da escola.

— Tudo bem, — respondeu ela e se aproximou do meu lado.

Quando entramos no corredor, vi Deacon, Judson, Jorie, Avery e Ruby todos reunidos perto dos seus armários. Eu não tinha falado com nenhum deles desde a festa.

Nenhum deles sabia deste desenvolvimento.

Foi Jorie que virou em primeiro lugar, arregalando os olhos quando seu olhar caiu em nossas mãos unidas.

Ela deve ter dito algo sob sua respiração, porque em segundos, todos os nossos amigos se viraram para olhar para nós. A confusão estava em seus rostos.

Virando-me para Poppy, insisti, — Vamos lá, é melhor falar com eles.

Movi para ir para frente, quando Poppy me puxou de volta. — Eles não sabem sobre... — ela sussurrou, só para eu ouvir. — Ninguém sabe, exceto as nossas famílias e os professores. E você.

Eu balancei a cabeça lentamente. Então ela disse, — E Jorie. Jorie sabe também.

Essa pequena informação bateu em meu intestino. Poppy deve ter visto a dor no meu rosto, porque ela explicou, — Eu precisava de alguém, Rune. Ela era a minha amiga mais próxima, exceto você. Ela me ajudou com a escola e coisas assim.

— Mas você disse a ela e não a mim, — eu disse, lutando contra o desejo de ir embora e conseguir um pouco de ar.

Poppy me segurou com força. — Ela não me ama como você me ama. E eu não a amo como eu te amo.

Quando Poppy disse essas palavras, minha raiva desapareceu... *E eu não a amo como eu te amo...*

Me aproximei de Poppy, eu envolvi um braço em torno do ombro. — Eles vão descobrir em algum momento.

— Mas ainda não descobriram, — ela disse, com firmeza.

Eu sorri para a determinação em seus olhos. — Mas ainda não.

— Rune? Venha aqui, você tem algumas explicações para dar camarada! — A voz alta de Deacon soou através da agitação do corredor.

— Você está pronta? — Perguntei a Poppy.

Ela assentiu com a cabeça. Nos levei para encontrar o nosso grupo de amigos. O braço de Poppy estava enrolado firmemente em torno da minha cintura. — Então vocês estão junto de novo? — Perguntou Deacon.

Concordei, meu lábio ondulando em desgosto quando o rosto de Avery irradiou de inveja. Claramente me vendo notar, ela rapidamente assumiu sua habitual máscara cínica. Eu não me importava; ela nunca foi nada para mim.

— Então, Poppy e Rune, juntos novamente? — Ruby esclareceu.

— Sim, — Poppy confirmou, sorrindo para mim. Eu beijei a testa dela, abraçando-a.

— Bem, parece que o mundo se endireitou de novo, — Jorie anunciou, estendendo a mão para apertar o braço de Poppy. — Não estava certo, vocês não estarem juntos. O universo apenas parecia... tipo, errado.

— Obrigada, Jor, — Poppy disse, e elas seguraram os olhares uma da outra por um segundo a mais, comunicando-se em silêncio. Eu observei os olhos de Jorie encherem de água. Quando encheram, ela exclamou, — Bem, eu tenho que ir para a aula. Vejo vocês mais tarde!

Jorie se afastou. Poppy mudou-se para seu armário. Ignorei todos os olhares. Quando Poppy tinha recuperado seus livros, eu a apoiei contra a porta fechada, e disse, — Está vendo? Não foi tão ruim.

— Não foi tão ruim, — Poppy ecoou, mas eu a vi assistindo meus lábios.

Inclinando-me, eu pressionei meu peito contra o dela e tomei sua boca com a minha. Poppy choramingou quando minha mão caiu para o cabelo dela, apertando-o firmemente. Quando eu puxei para trás, seus olhos estavam brilhantes e suas bochechas estavam vermelhas.

— Beijo 370. Contra meu armário na escola. Mostrando ao mundo que estamos juntos novamente... e meu coração quase explodiu.

Me afastei, deixando Poppy recuperar o fôlego.

— Rune? — Ela chamou enquanto eu caminhava para minha aula de matemática. Me virei e sacudi meu queixo. — Eu vou precisar mais desses momentos para encher o meu frasco.

Calor passou por mim com o pensamento de beijá-la em todas as oportunidades. Poppy corou com a intensidade no meu rosto. Assim que eu me virei novamente, ela chamou, — E Rune?

Eu sorri e respondi, — *Ja?*

— Qual é o seu lugar favorito para ir aqui na Geórgia? — Eu não conseguia distinguir a expressão em seu rosto, mas algo estava acontecendo na cabeça dela. Ela estava planejando alguma coisa, eu sabia disso.

— O bosque de flor quando é primavera, — eu respondi, sentindo meu rosto suavizar apenas com o pensamento.

— E quando não é primavera? — Ela sondou.

Dei de ombros. — A praia, provavelmente. Por quê?

— Nenhuma razão, — ela vibrou, em seguida, indo na direção oposta.

— Vejo você na hora do almoço, — eu gritei.

— Eu tenho que praticar meu violoncelo, — ela gritou de volta.

Parando, eu disse a ela, — Então, eu vou estar assistindo.

O rosto de Poppy iluminou e ela repetiu, suavemente, — Então, você estará assistindo.

Ficamos parados, em lados opostos do corredor, apenas olhando. Poppy murmurou, — *Infinitamente*.

E eu murmurei de volta, — *Para todo o sempre*.

A semana passou como um borrão.

Eu nunca me preocupei com o tempo antes, se era rápido ou lento. Agora eu me importava. Agora eu queria que um minuto durasse uma hora, que uma hora durasse um dia. Mas, apesar de minhas súplicas silenciosas para quem quer que estivesse lá em cima, o tempo estava correndo rápido demais. Tudo estava se movendo muito malditamente rápido.

Na escola, o interesse coletivo por mim e Poppy estarmos novamente juntos acalmou depois de alguns dias. A maioria das pessoas ainda não entendia, mas eu não dei importância. Em nossa pequena cidade, eu sabia que as pessoas falavam.

A maior parte da fofoca era sobre como e por que voltamos.

Eu não dou a mínima para nenhuma fofoca.

A campainha tocou enquanto eu estava deitado na minha cama, e eu rolei para ficar de pé, agarrando o meu casaco da minha cadeira. Poppy estava me levando para sair.

Ela estava me levando para sair.

Esta manhã, quando saí de sua cama, ela me disse para estar pronto as dez. Ela não quis me dizer por que ou o que estávamos indo fazer,

mas eu fiz o que ela pediu.

Ela sabia que eu faria.

Enquanto eu caminhava para fora da minha porta e pelo corredor, eu ouvi o som da voz de Poppy. — Hey, pequeno homem, como vai?

— Bom, — Alton respondeu timidamente.

Virando a esquina, parei quando vi Poppy agachando-se para encontrar os olhos de Alton. Os cabelos longos de Alton estavam protegendo seu rosto. Eu vi como ele nervosamente empurrou o cabelo de seu rosto com a sua mão... assim como eu faço. As palavras de Poppy na semana passada bateram em minha mente...

Ele tem cabelo comprido porque ele quer ser como você. Ele imita os seus hábitos, suas manias, porque ele quer ser como você. Ele quer que você o veja. Ele adora você...

Eu vi meu irmãozinho balançar timidamente em seus pés. Eu não podia parar de enrolar meu lábio em diversão. Ele também era calmo, como eu. Realmente não falava a menos que falassem com ele primeiro.

— O que você está fazendo hoje? — Poppy perguntou a ele.

— Nada, — Alton respondeu de mau humor.

O sorriso de Poppy desvaneceu-se. Alton perguntou, — Você vai sair com Rune de novo?

— Sim, querido, — respondeu ela calmamente.

— Será que ele fala com você agora? — Perguntou Alton. E ouvi-o. Eu ouvi o tom de tristeza em sua voz calma, a tristeza que Poppy tinha me falado.

— Sim, ele fala, — Poppy disse e, correu o dedo por sua bochecha como ela fazia comigo. Alton baixou a cabeça de vergonha, mas eu peguei um pequeno sorriso através das lacunas do seu longo cabelo.

Poppy olhou para cima e me viu encostado na parede, observando atentamente. Ela lentamente se endireitou e eu andei para frente, pegando sua mão e puxando-a para frente para um beijo.

— Você está pronto? — Perguntou ela.

Eu assenti, olhando-a com desconfiança. — Você ainda não vai me dizer para onde estamos indo?

Poppy apertou os lábios e balançou a cabeça, me provocando. Ela pegou minha mão na sua e me levou para fora da porta. — Tchau, Alton! — Ela chamou por cima do ombro.

— Tchau, *Poppymín*, — ouvi-o dizer discretamente em resposta. Estagnei quando o meu apelido para Poppy deixou seus lábios. A mão de Poppy foi para a boca e eu a vi praticamente derretendo no local.

Ela olhou para mim e nesse olhar eu sabia que ela queria que eu dissesse alguma coisa para o meu irmão. Suspirando, me virei para Alton e ele disse, — Tchau, Rune.

A mão de Poppy apertou a minha, me pedindo para responder. — Tchau, Alt, — eu respondi, sem jeito. A cabeça de Alton levantou e um enorme sorriso se espalhou em seus lábios. Tudo porque eu disse tchau.

Aquele sorriso iluminando seu rosto fez algo apertar em meu peito. Guiei Poppy pelos degraus e em direção ao carro da mãe de Poppy. Quando chegamos ao carro, Poppy se recusou a liberar minha mão até que eu olhei para ela. Quando eu fiz, ela inclinou a cabeça para o lado e

declarou, — Rune Kristiansen, eu estou realmente muito orgulhosa de você agora.

Olhei para longe, não me sentindo confortável com esse tipo de elogio. Com um suspiro pesado, Poppy finalmente largou minha mão e nós entramos no carro. — Você vai me dizer finalmente para onde estamos indo agora? — Perguntei.

— Não. — Poppy tirou o carro do lugar. — Embora você vai adivinhar em breve.

Sintonizei o rádio para a estação habitual de Poppy, e me sentei no meu lugar. A voz suave de Poppy começou a encher o carro, cantando outra música pop que eu não conhecia. Não demorou muito antes de eu parar de ver a estrada e simplesmente a observar. Como quando ela tocava violoncelo, suas covinhas se aprofundaram quando ela cantava junto com suas músicas preferidas, sorrindo através das letras que ela amava. Sua cabeça balançava e seu corpo se movia no tempo da batida.

Meu peito se contraiu.

Era uma batalha constante. Ver Poppy tão despreocupada e feliz me enchia com a mais brilhante luz, mas saber que esses momentos eram limitados, finitos, estavam se esgotando, trouxe apenas escuridão.

Manchas de breu.

A raiva. O espiral de raiva sempre presente que esperava para atacar.

Como se ela pudesse me ver quebrar, Poppy estendeu a mão e colocou-a no meu colo. Quando olhei para baixo, sua mão estava com a palma para cima, seus dedos prontos para se entrelaçarem com os meus.

Deixei escapar um longo suspiro e coloquei a mão na dela. Eu não conseguia olhar para ela. Eu não faria isso com ela.

Eu sabia como Poppy se sentia. Mesmo que o câncer que estava drenando sua vida, era a dor de seus familiares aqueles que ela amava, que a estava matando. Quando ficava em silêncio, quando eu ficava chateado, era a única vez que seus olhos verdes e brilhantes escureciam. Quando eu deixava a raiva me consumir, eu podia ver o cansaço em seu rosto.

Cansada de ser a causa de tanta dor.

Mantendo a mão com força na minha, me virei para olhar para fora da janela. Nós dirigimos ao longo das curvas e mais curvas para fora da cidade. Trazendo nossas mãos unidas a minha boca, eu pressionei beijos na pele macia de Poppy. Quando passamos um sinal para a costa, o peso levantou do meu peito e me virei para Poppy.

Ela já estava sorrindo.

— Você está me levando para a praia, — eu constateei.

Poppy assentiu com a cabeça. — Sim! O seu segundo lugar favorito.

Pensei nas flores de cerejeira no bosque de flor. Nos imaginei sentados sob a nossa árvore favorita. E, ao contrário do que sou, eu mandei uma oração para que ela aguentasse por muito tempo. Poppy tinha que ver as árvores em sua plena flor.

Ela simplesmente tinha que aguentar esse tempo todo.

— Eu vou, — Poppy de repente sussurrou. Eu encontrei seus olhos e ela apertou minha mão como se ela estivesse ouvindo o meu apelo silencioso. — Vou vê-las. Estou determinada a fazer isso.

O silêncio se estendeu entre nós. Um caroço alojou na minha garganta enquanto eu silenciosamente contava os meses até quando as árvores estariam com flor. Cerca de quatro meses.

Nenhum tempo.

A mão de Poppy se tornou rígida. Quando eu procurei o rosto, vi a dor novamente. A dor em silêncio me dizendo que ela estava sofrendo porque eu estava sofrendo.

Forçando o caroço de lado, eu disse, — Então você vai. Deus sabe que não pode ficar no seu caminho quando você está determinada.

E como um interruptor, a dor desapareceu e pura felicidade brilhou.

Eu me estabeleci para trás no banco, observando o mundo exterior passar como um borrão fora da janela. Eu estava perdido em meus próprios pensamentos quando ouvi, — Obrigada. — Era um som pequeno, apenas uma fração de um sussurro. Mas eu fechei os olhos, sentindo a mão de Poppy relaxar.

Eu não respondi. Ela não iria querer que respondesse.

Outra canção começou no rádio, e como se nada tivesse mesmo acontecido, a voz suave de Poppy encheu o carro e não parou. Pela restante da viagem eu segurei sua mão enquanto ela cantava.

Certificando-me de que eu saboreava em cada nota.

Quando chegamos à costa, a primeira coisa que vi foi o farol alto, branco, pousado à beira do penhasco. O dia estava quente, a onda de frio parecia ter passado e o céu estava claro.

Mal havia uma nuvem no céu quando o sol se situou bem alto, irradiando seus raios sobre a água. Poppy estacionou o carro e desligou o motor. — Eu concordo, é o meu segundo lugar favorito, — disse ela.

Eu balancei a cabeça, observando as diversas famílias espalhadas ao redor da areia macia. Havia crianças brincando; aves marinhas circulando, à espera de alimentos descartados. Alguns adultos caídos contra as dunas lendo. Alguns estavam relaxando, olhos fechados, lambendo o calor.

— Você se lembra de vir aqui no verão? — Perguntou Poppy, alegria laçada na sua suave sua voz.

— *Ja*, — Eu disse asperamente.

Ela apontou para debaixo do cais. — Foi ali, beijo setenta e cinco. — Ela virou para mim e riu da memória. — Nós furtivamente fugimos de nossas famílias para ficar sob o cais, só assim você pode me beijar. — Ela tocou seus lábios, seus olhos desfocados, perdidos em pensamentos. — Você tinha gosto de sal da água do mar, — disse ela. — Você se lembra?

— *Ja*, — eu respondi. — Tínhamos nove anos. Você usava um maiô amarelo.

— Sim! — Ela disse, através de uma risadinha.

Poppy abriu a porta. Ela olhou para trás, a emoção em seu rosto, e perguntou, — Você está pronto?

Eu saí do carro. A brisa quente soprou o cabelo do meu rosto. Tomando um elástico do meu pulso, eu empurrei meu cabelo para trás do meu rosto em um coque frouxo, e caminhei ao redor da caminhote para ajudar Poppy com tudo o que ela tinha trazido.

Quando olhei para dentro da caminhote grande, eu vi que ela tinha trazido uma cesta de piquenique e outra mochila. Eu não tinha ideia do que tinha nela.

Cheguei à frente para tirar tudo dela quando ela tentou levar tudo sozinha. Ela lançou-os para eu segurar, então ela parou, imóvel.

Seu silêncio me forçou a olhar para cima. Eu fiz uma careta, vendo ela me estudar. — O quê? — Perguntei.

— Rune, — ela sussurrou e tocou meu rosto com a ponta dos dedos. Ela contornou-os sobre minhas bochechas e ao longo de minha testa. Finalmente, um enorme sorriso apareceu em seus lábios. — Eu posso ver seu rosto.

Elevando na ponta dos pés, Poppy estendeu a mão e bateu de brincadeira no meu cabelo, preso no coque. — Eu gosto disto, — ela declarou. Os olhos de Poppy vasculharam o meu rosto mais uma vez. Em seguida, ela suspirou. — Rune Erik Kristiansen, você percebe quão bonito você é?

Eu abaixei minha cabeça. Mãos corriam pelo meu peito. Quando olhei para cima, ela acrescentou, — Você percebe o que tão profundamente eu sinto por você?

Eu balancei lentamente com a cabeça, precisando que ela me dissesse. Ela colocou a mão sobre o seu coração e sua mão sobre a minha. Senti sua batida constante na minha palma, a batida constante que ficou mais rápida com os meus olhos fixos nos dela. — É como a música, — explicou ela. — Quando eu olho para você, quando você me toca, quando eu vejo seu rosto... Quando nos beijamos, meu coração toca uma música. Ele canta que precisa de você como eu preciso de ar. Ele canta

para mim o quanto eu adoro você. Ele canta que eu encontrei a parte perfeita dele que faltava.

— *Poppymin*, — eu disse suavemente, e ela apertou um dedo sobre os lábios.

— Escute, Rune, — disse ela e enquanto fechava os olhos. Eu fiz o mesmo fechando os meus. E ouvi. Eu ouvi-o tão alto como se estivesse junto ao meu ouvido. As batidas firmes, o ritmo de nós dois. — Quando você está perto, meu coração não suspira, ele sobe, — ela sussurrou, como se ela não quisesse perturbar o som. — Eu acho que os corações batem um ritmo como uma canção. Eu acho, que, assim como a música, é atraído para uma melodia particular. Eu ouvi a canção de seu coração e você ouviu o meu.

Abri os olhos. Poppy ficou de pé, suas covinhas ficaram profundas enquanto ela sorria e balançava ao ritmo. Quando os olhos dela se abriram um riso doce escorregou de seus lábios. Me empurrei para frente e esmaguei os nossos lábios juntos.

As mãos de Poppy foram para a minha cintura, segurando firmemente a minha camisa conforme eu movia meus lábios lentamente contra os dela, nos empurrando até que ela descansou contra o carro, meu peito contra seu corpo.

Eu senti o eco do seu coração no meu peito. Poppy suspirou quando eu escorreguei minha língua para deslizar contra a dela.

Suas mãos apertaram minha cintura. Quando eu recuei, ela sussurrou, — Beijo 432. Na praia com meu Rune. Meu coração quase explodiu.

Eu respirava com dificuldade, enquanto tentei me recompor. As bochechas de Poppy estavam coradas e ela estava respirando tão forte

quanto eu. Ficamos assim, simplesmente respirando, até que Poppy afastou da caminhote e colocou um beijo na minha bochecha.

Virando-se, ela levantou a mochila e colocou-a por cima do ombro. Eu fui para tomá-la dela, mas ela disse, — Eu não estou muito fraca ainda, baby. Eu ainda posso levar algum peso.

Suas palavras continham um duplo significado. Eu sabia que ela não estava apenas falando sobre o saco, mas sobre o meu coração.

A escuridão dentro de mim incessantemente tentava lutar.

Poppy se afastou, me permitindo pegar o restante que faltava. Segui-a até um lugar isolado no outro lado da praia, ao lado do cais.

Quando paramos, vi onde eu a tinha beijado anos atrás. Uma sensação estranha espalhou no meu peito, e eu sabia que antes de sairmos para voltar para casa, eu ia beijá-la novamente. Beijá-la como alguém de dezessete anos de idade.

Outro beijo para o frasco dela.

— Aqui está bom? — Perguntou Poppy.

— *Ja*, — eu respondi, colocando as coisas na areia. Vendo o guarda-sol e preocupado que Poppy não devesse ficar muito tempo no sol, plantei-o rapidamente na areia e abri rápido para dar-lhe alguma sombra.

Assim que o guarda-sol se espalhou aberto e um cobertor estava na areia, eu cutuquei meu queixo para Poppy, indicando para ela ir para debaixo dele. Ela o fez, rapidamente beijando minha mão enquanto ela passava.

E meu coração não suspirou. Ele voou.

Meus olhos foram atraídos para o oceano tranquilamente ondeando. Poppy sentou-se. Fechando os olhos, ela inalou profundamente.

Assistindo Poppy abraçar a natureza era como assistir a uma oração respondida. A alegria em sua expressão parecia ilimitada, a paz em seu espírito de humildade.

Baixei para sentar na areia. Sentando para frente, com os braços sobre minhas pernas dobradas. Olhei para o mar. Eu olhei para os barcos a distância, imaginando para onde estavam indo.

— Em que aventura você acha que eles estão? — Perguntou Poppy, lendo minha mente.

— Eu não sei, — eu respondi honestamente.

Poppy revirou os olhos e disse, — Eu acho que eles estão deixando tudo para trás. Eu acho que eles acordaram um dia e decidiram que não há mais vida. Eu acho que eles decidiram, um casal apaixonado, um menino e uma menina, que eles queriam explorar o mundo. E venderam suas propriedades e compraram um barco. — Ela sorriu e baixou o queixo, embalando-o em suas mãos, seus cotovelos apoiados sobre os joelhos dobrados. — Ela gosta de tocar música e ele gosta de capturar momentos no filme.

Eu balancei a cabeça e olhei para ela pelo canto do olho.

Ela não pareceu se importar, em vez acrescentou, — E o mundo é bom. Eles vão viajar para lugares distantes, criar música, arte e fotos. E ao longo do caminho vão beijar. Eles vão beijar, eles vão amar e eles estarão felizes.

Ela piscou quando a brisa suave sussurrou através da nossa sombra. Quando ela olhou para mim novamente, perguntou, — Isso não soa como a mais perfeita aventura?

Eu assenti com a cabeça. Eu não conseguia falar.

Poppy olhou para os meus pés e balançando a cabeça, se arrastou no cobertor até que ela estava no final das minhas pernas. Eu levantei uma sobancelha em questão.

— Você esta usando botas, Rune! É um dia maravilhosamente ensolarado e você esta usando botas. — Poppy, em seguida, ela desapertou minhas botas, puxando cada uma para fora. Ela revirou meu jeans até meus tornozelos e acenou com a cabeça. — Aí, — ela disse com orgulho. — Isso é uma ligeira melhoria.

Impossível não encontrar o humor com ela se sentando tão presunçosamente, eu estendi a mão e puxei-a até mim, fazendo ela se deitar de modo que ficasse por cima de mim.

— Aí, — eu repeti. — Isso é uma ligeira melhoria.

Poppy riu, me concedendo um beijo rápido. — E agora?

— Uma grande melhoria, — eu brinquei secamente. — Uma enorme melhoria, tamanho dos asteroides.

Poppy riu mais ainda. Eu rolei ela para que pudesse deitar ao meu lado. Seu braço ficou na minha cintura e eu corri meus dedos para baixo em sua exposta pele macia.

Olhei silenciosamente para o céu. Poppy estava tranquila também, até que de repente ela disse, — Não foi muito tempo depois que você partiu que comecei a me sentir cansada, tão cansada que eu não podia sair da cama.

Eu congelei. Ela estava finalmente me dizendo. Me dizendo o que aconteceu. Me dizendo *tudo*.

— Minha mãe me levou ao médico e eles fizeram alguns testes. — Ela balançou a cabeça. — Para ser honesta, todos achavam que eu

estava agindo diferente porque você tinha ido embora. — Fechei os olhos e inalei. — Eu também achei, — acrescentou ela, me segurando mais apertado. — Nos primeiros dias, eu podia me permitir fingir que você partiu de férias. Mas depois que as semanas começaram a passar, o vazio que você deixou dentro de mim começou a doer tanto. Meu coração estava completamente quebrado. Além disso, meus músculos doíam. Eu dormia demais, incapaz de encontrar qualquer energia.

Poppy ficou em silêncio. Em seguida, ela continuou. — Nós acabamos por ir a Atlanta para mais testes. Nós ficamos com a tia DeeDee enquanto eles descobriam o que estava errado.

Poppy levantou a cabeça e, com uma mão no meu rosto, guiou meus olhos para encontrar os dela. — Eu nunca te disse, Rune. Eu mantive a pretensão de que eu estava bem. Porque eu não podia suportar feri-lo mais. Eu podia ver que você não estava muito bem. Cada vez que conversávamos por vídeo, eu podia vê-lo ficando mais e mais furioso por estar de volta em Oslo. As coisas que você disse apenas não eram *você*.

— Então a visita a sua tia DeeDee, — eu interrompi, — foi porque você estava doente. Não foi apenas uma visita como você me disse?

Poppy balançou a cabeça e vi a culpa em seus olhos verdes. — Eu conhecia você, Rune. E eu vi que você estava escorregando. Você estava sempre mal-humorado. Sua natureza sempre foi mais escura. Mas quando você estava comigo, você não era. Eu só podia imaginar o que aconteceria com você quando descobrisse que eu estava doente.

A cabeça de Poppy gentilmente caiu para trás para descansar no meu peito. — Não foi muito antes de eu receber meu diagnóstico: linfoma de Hodgkin avançado. Isso mexeu com minha família. Primeiramente, isso me balançou. Como não poderia? — Segurei-a mais perto, mas Poppy recuou. — Rune, eu sei que eu nunca olhei para o mundo como todo

mundo. Eu sempre vivi cada dia ao máximo que podia. Eu sei que eu sempre abracei os aspectos do mundo que ninguém mais faria. Eu acho que, de alguma forma, foi porque eu sabia que não teria tempo para experimentá-los como todos os outros. Eu acho que, no fundo, o meu espírito sabia. Porque quando o médico nos disse que eu só teria um par de anos, mesmo com medicação e tratamento, eu estava bem.

Os olhos de Poppy começaram a brilhar com as lágrimas. Os meus também.

— Todos nós ficamos em Atlanta; vivemos com a tia DeeDee. Ida e Savannah começaram novas escolas. Papai viajou para o seu trabalho. Fui educada em casa ou tutelada no hospital. Minha mãe e meu pai oraram por um milagre. Mas eu sabia que não havia nada a ser feito. Eu estava bem. Eu mantive minha cabeça erguida. A quimioterapia foi difícil. Perder meu cabelo foi difícil. — Poppy piscou, limpando a visão, então confidenciou, — Mas cortá-lo quase me matou. Foi a minha escolha. A culpa recaí sobre mim. Eu só queria te salvar, Rune. Salvar você de me ver assim. Eu vi o que estava fazendo com os meus pais e irmãs. Mas você, eu podia proteger. Eu podia dar-lhe o que minha família não tinha. Vida. Liberdade. A chance de seguir em frente sem dor.

— Não funcionou, — eu consegui dizer.

Poppy baixou o olhar. — Eu sei disso agora. Mas acredite em mim, Rune. Pensei em você todos os dias. Eu imaginava, orava por você. Esperava que a escuridão que eu vi que estava brotando dentro de você tivesse desaparecido com a minha ausência.

Poppy apoiou o queixo no meu peito mais uma vez. — Diga-me, Rune. Diga-me o que aconteceu com você.

Minha mandíbula apertou, não querendo me deixar sentir o que eu fiz. Mas então, eu nunca podia dizer não a minha garota.

Era impossível. — Eu estava com raiva, — eu disse, empurrando seu cabelo de seu rosto bonito. — Ninguém conseguia me dizer para onde você tinha ido. Por que você me cortou. Meus pais não largaram do meu pé. Meu pappa me irritava 24/7. Eu o culpava por tudo. Eu ainda culpo.

Poppy abriu a boca para falar, mas eu balancei a cabeça. — Não, — eu disse. — *Não* faça isso.

Poppy fechou a boca. Fechei os olhos e me forcei a continuar. — Eu fui para a escola, mas não demorou muito para eu me juntar com pessoas tão chateadas com o mundo como eu. Não demorou para eu começar a festejar. Beber, fumar, para fazer o oposto de qualquer coisa que meu pappa me dizia.

— Rune, — Poppy disse com tristeza. Ela não disse mais nada.

— Isso se tornou minha vida. Eu larguei minha câmera. Então eu embalei tudo o que me fazia lembrar de você. — Eu soltei uma gargalhada. — É uma pena que eu não poderia retirar meu coração e embalá-lo também. Porque esse idiota não me deixou esquecer de você, não importa o quanto eu tentasse. E então voltamos. Voltamos para cá. E eu vi você no corredor e toda a raiva que eu ainda carregava nas minhas veias se transformou em uma onda.

Eu rolei para o meu lado, abri os olhos e passei a mão pelo rosto de Poppy. — Porque você parecia tão bonita. Qualquer imagem que eu tinha na minha cabeça de como você se parecia aos dezessete anos foi soprada para fora da água. No minuto em que vi esse cabelo castanho, esses grandes olhos verdes fixos nos meus, eu sabia que qualquer esforço que eu

tinha feito ao longo dos últimos dois anos para empurrá-la para longe foi arruinado. Por um olhar. Arruinado.

Engoli em seco. — Então, quando você me contou sobre... — Eu parei e Poppy sacudiu a cabeça.

— Não, — disse ela. — Já chega. Você já disse o suficiente.

— E você? — Perguntei. — Por que você voltou?

— Porque eu estava cansada, — disse ela com um suspiro. — Nada estava funcionando. Cada novo tratamento não fazia nenhuma diferença. O oncologista disse: que nada iria funcionar. Isso era tudo que eu precisava para me decidir. Eu queria ir para casa. Eu queria viver meus dias restantes em casa, com aqueles que eu mais amava, nada de tratamentos paliativos.

Poppy chegou para mais perto, beijando minha bochecha, minha cabeça e, finalmente, a minha boca. — E agora eu tenho você. Como eu sei que agora era para ser. Aqui é onde nós estávamos destinados a estar, neste preciso momento no tempo. Casa.

Senti uma lágrima escapar do meu olho. Poppy escovou-a rapidamente para longe com o polegar. Ela se inclinou sobre mim, em meu peito e disse, — Eu vim entender que a morte, para o doente, não é tão difícil de suportar. Para nós, eventualmente, a nossa dor termina, vamos para um lugar melhor. Mas para aqueles que deixamos para trás, a sua dor é apenas ampliada.

Poppy pegou minha mão e segurou-a na bochecha. — Eu realmente acredito que os contos de perda não têm sempre que ser tristes ou pesarosos. Eu quero que a minha seja lembrada como uma grande aventura que eu tentei viver da melhor forma possível. Porque como ousamos perder uma única respiração? Como ousamos perder algo tão precioso? Em vez

disso, devemos nos esforçar para todas as respirações preciosas serem tomadas em todos os preciosos momentos que podemos espremer em tão pouco tempo na Terra. Essa é a mensagem que quero deixar para trás. E que belo legado deixo para aqueles que eu amo.

Se, como Poppy acreditava, um batimento cardíaco era uma canção, então agora, neste exato momento, meu coração estaria cantando com orgulho... de completa admiração que eu tinha pela menina que eu amava, pela forma como ela via a vida, pelo jeito que ela tentou me fazer acreditar. Me fazer acreditar que poderia haver uma vida para além dela.

Eu tinha certeza que não era o caso, mas eu podia ver que Poppy estava determinada. Essa determinação nunca falhou.

— Então agora você sabe, — Poppy declarou e apoiou a cabeça no meu peito. — Agora, não vamos dizer mais nada sobre isso. Nós temos o nosso futuro para explorar. Nós não seremos escravos para o passado. — Eu fechei meus olhos, e ela implorou, — Prometa-me, Rune?

Encontrando a minha voz, eu sussurrei, — Eu prometo.

Eu lutei contra as emoções me cortando por dentro. Eu não iria mostrar a ela qualquer sinal de que eu estava triste. Hoje, ela iria ver apenas a felicidade em mim.

A respiração de Poppy nivelou enquanto eu acariciava seus cabelos. A brisa quente fluiu sobre nós, levando consigo o peso que nos rodeava.

Deixei-me começar a divagar em meus pensamentos, Poppy tinha também feito o mesmo, quando ela murmurou, — Como você acha que o céu se parece, Rune?

Eu fiquei tenso, mas as mãos de Poppy começaram a circular sobre o meu peito, livrando meu corpo do peso que a questão dela tinha trazido de volta.

— Eu não sei, — eu disse. Poppy não ofereceu nada, só ficou exatamente onde ela estava. Mexendo em mim ligeiramente para trazê-la para mais apertado em meus braços, eu disse, — Um lugar bonito. Um lugar tranquilo. Um lugar onde eu iria vê-la novamente.

Senti o sorriso de Poppy contra a minha camisa. — Eu também, — ela concordou suavemente e se virou para beijar meu peito.

Desta vez eu tinha certeza que Poppy dormia. Olhei pela areia e vi como um velho casal sentou-se perto de nós. Suas mãos estavam juntas. Antes que a mulher pudesse se sentar, o homem espalhou um cobertor na areia. Ele beijou sua bochecha antes de ajudá-la a sentar-se.

Uma pontada de ciúme passou por mim. Porque nunca teria isso.

Poppy e eu nunca iríamos envelhecer juntos. Nunca teríamos filhos. Nunca teríamos um casamento. Nada. Mas enquanto olhava para o cabelo castanho espesso de Poppy e suas delicadas mãos espalmadas no meu peito, me deixei ser grato por pelo menos eu ter ela agora. Eu não sabia o que estava por vir. Mas eu a tinha *agora*.

Eu a tinha desde que eu tinha cinco anos.

Agora percebi porque eu tinha amado ela tão intensamente desde tão pequeno, para eu ter este tempo com ela. Poppy acredita que seu espírito sempre soube que ela iria morrer jovem. Eu estava começando a pensar que talvez o meu também.

Mais de uma hora passou. Poppy ainda estava dormindo. Eu gentilmente a levantei do meu peito e me sentei. O sol havia se mudado; ondas banhavam a costa.

Sentindo sede, eu abri a cesta de piquenique e tirei uma das garrafas de água que Poppy tinha embalado. Enquanto eu bebia, meus olhos pousaram sobre a mochila que Poppy tinha trazido da caminhote.

Querendo saber o que estava lá dentro, eu arrastei-a e gentilmente abri o zíper. No começo tudo que vi foi outra bolsa preta. Esta bolsa era acolchoada. Puxei-a para fora e meu coração retrocedeu em uma corrida quando eu percebi o que eu estava segurando.

Suspirei e fechei os olhos.

Baixei o saco para o cobertor e esfreguei as mãos sobre o meu rosto. Quando eu levantei minha cabeça, eu abri meus olhos e sem expressão olhei para água. Eu assisti os barcos a distância, as palavras de Poppy infiltrando em minha mente...

Eu acho que eles estão deixando tudo para trás. Eu acho que eles acordaram um dia e decidiram que não há mais a vida. Eu acho que eles decidiram, como um casal apaixonado, um menino e uma menina, que eles queriam explorar o mundo. E venderam suas propriedades e compraram um barco... Ela gosta de tocar música e ele gosta de capturar momentos no filme.

Meus olhos deixaram o saco da câmera que eu conhecia tão bem. Eu entendi onde ela teve sua teoria sobre os barcos.

Ele gosta de capturar momentos no filme...

Tentei ficar zangado com ela. Eu desisti de tirar fotos há dois anos; não era quem eu era mais. Isto já não era o meu sonho. NYU não estava em meus planos. Eu não quero pegar a câmera de volta. Mas os meus dedos começaram a tremer, e, apesar de estar com raiva de mim, levantei a tampa e olhei para dentro.

O velho preto-e-cromo da vintage Canon que eu tinha estimado olhou para mim. Senti meu rosto empalecer, o sangue movendo-se para acelerar o meu coração, que bateu contra minhas costelas. Eu tinha jogado esta câmera longe. Eu tinha descartado isso e tudo o que isso significava.

Eu não tinha idéia de como no inferno Poppy tinha conseguido pegá-la. Eu me perguntei se ela tinha procurado outra e comprado. Eu levantei-a do saco e girei. Lá, riscado na parte de trás, estava o meu nome. Eu tinha raspado lá no meu aniversário de treze anos, quando minha mãe e pappa me deram esta câmara.

Era exatamente aquela.

Poppy tinha encontrado a minha câmera.

Virando-a, vi um rolo de filme cheio dentro. No saco estavam as lentes. As que eu conhecia tão bem.

Apesar dos anos, eu ainda instintivamente sabia qual seria a melhor para um determinado cenário, paisagem, retrato, luz noturna, luz do dia, cenário natural, estúdio...

Ouvindo um som suave atrás de mim, eu olhei por cima do ombro. Poppy estava sentada, me observando.

Seus olhos caíram para a câmera. Nervosa, avançando para frente, ela disse, — Eu perguntei a seu pappa por ela. Onde ela estava. Ele me disse que você jogou fora. — A cabeça de Poppy inclinou para o lado. — Você nunca soube, e ele nunca disse, mas ele a tinha encontrado. Ele viu que você tinha jogado fora. Você tinha quebrado partes dela. As lentes estavam rachadas e outras coisas. — Eu estava apertando meu queixo com tanta força que doía.

O dedo de Poppy traçou a palma da minha mão que estava descansando no cobertor. — Ele consertou sem você saber. Ele a manteve segura pelos últimos dois anos. Ele manteve a esperança de que você iria encontrar seu caminho de volta para a fotografia. Ele sabia o quanto você amava isso. Ele também se culpa pelo fato de que você desistiu.

Meu instinto foi o de abrir minha boca e silvar que era culpa dele. Tudo era. Mas não o fiz. Por alguma razão, a torção no meu estômago manteve minha boca fechada.

Os olhos de Poppy brilhavam. — Você deveria ter visto ele na noite passada, quando eu perguntei a ele sobre isso. Ele estava tão emocionado, Rune. Mesmo a sua mãe não sabia que ele tinha guardado. Ele até tinha rolos de filme prontos. Apenas no caso de você querer de volta.

Desviei meu olhar de Poppy, focando na câmara novamente. Eu não sabia como me sentiria sobre tudo isso. Tentei a raiva. Mas, para minha surpresa, raiva recusou-se a vir. Por alguma razão eu não conseguia tirar a imagem da minha cabeça, de meu pappa limpando a câmara e concertá-la, por conta própria.

— Ele ainda tem o quarto escuro pronto e esperando por você, em sua casa. — Eu fechei meus olhos quando Poppy adicionou a última parte. Fiquei em silêncio. Completamente silencioso em resposta. Minha cabeça estava correndo com muitos pensamentos, muitas imagens. E eu estava em conflito. Eu tinha jurado nunca tirar outra foto.

Mas jurar tinha sido uma coisa. Segurando o objeto do meu vício em minhas mãos comprometia tudo o que eu tinha jurado lutar contra. Me rebelar contra. Jogar fora, assim como o meu pappa tinha deixado de lado os meus sentimentos quando ele escolheu voltar para Oslo. O poço de calor no meu estômago começou a se espalhar.

Esta era a raiva que eu esperava. Esta era a explosão de fogo que eu estava esperando.

Respirei fundo, me preparando para a escuridão para me oprimir, quando, de repente, Poppy saltou para ficar de pé. — Eu estou indo para a água, — ela anunciou e passou por mim sem dizer uma palavra. Eu a vi caminhar. Eu a vi afundar os pés na areia macia, a brisa movimentando seu cabelo curto para cima. Eu fiquei, hipnotizado, do modo que ela pulou para a borda da água, permitindo que as ondas quebrassem a volta dos seus pés. Ela segurou seu vestido mais alto em suas pernas para evitar os salpicos.

A cabeça inclinou para trás para sentir o sol no rosto. Então, ela olhou de volta para onde eu estava sentado. Ela olhou para trás e ela riu. Livre, sem abandonar, como se ela não tivesse preocupações no mundo.

Fiquei paralisado, ainda mais quando um raio refletido de sol do mar lançou um brilho dourado ao lado de seu rosto, seus olhos verdes ficando esmeralda nesta nova luz.

Eu perdi a minha respiração, realmente lutei para respirar com o quão estonteante ela parecia. Antes mesmo que eu pudesse pensar, eu tinha minha câmera na mão. Eu senti a transferência de peso em minhas mãos, e fechando os olhos, deixei o desejo suceder.

Abrindo os olhos, eu levantei a câmera para o meu olho. Destapando a lente, encontrei o ângulo mais perfeito da minha menina dançando nas ondas.

E eu cliquei.

Eu cliquei no botão da câmera, o meu coração tropeçou em cada estalar do obturador, certo no conhecimento de que eu estava capturando Poppy neste momento. Feliz.

Adrenalina passou por mim com o pensamento de como estas imagens ficariam. Era por isso que eu usava a câmera vintage. A antecipação do quarto escuro, a vagarosa gratificação de ver a maravilha que tinha capturado. A habilidade que era necessária para mexer a câmera para conseguir a foto perfeita.

Uma fração de segundo de serenidade.

Um momento de magia.

Poppy, em seu próprio mundo, correu ao longo da costa, as bochechas ruborizadas com o calor do sol.

Levantando as mãos para o ar, Poppy deixou a bainha de seu vestido cair e umedecer com salpicos da água.

Então ela se virou para mim. Assim que eu virou, ela ficou perfeitamente imóvel como ficou meu coração em meu peito. Meu dedo esperava, suspenso sobre o botão, esperando o momento certo. E então ele veio. Ele veio com uma expressão de pura felicidade que espalhou por todo o rosto. Ele veio quando seus olhos fecharam e a cabeça inclinou para trás, como se fosse um alívio, como se a felicidade sem censura a possuísse.

Baixei a câmera. Poppy estendeu a mão. Sentindo-me alto do ímpeto de ter a minha paixão surgindo em mim, eu pulei de pé e caminhei pela areia.

Quando eu peguei a mão de Poppy, ela me puxou para perto e apertou seus lábios nos meus. Eu a deixei assumir a liderança. Eu deixei que me mostrasse o quanto isto significava para ela. *Este* momento. E eu me deixei sentir isto também. Eu me permiti, por este breve momento, deixar de lado o peso que eu sempre carregava como um escudo. Eu me permiti perder-se no beijo, levantando a câmera para o alto. Mesmo com os olhos fechados e sem direção, eu estava convencido de que eu tinha capturado a melhor imagem do dia.

Poppy deu um passo atrás e silenciosamente me guiou de volta para o cobertor, nos sentamos, descansando a cabeça no meu ombro. Eu levantei meu braço sobre os ombros quentes e beijados pelo sol e puxei-a para o meu lado.

Poppy olhou para cima quando eu preguiçosamente coloquei um beijo em sua cabeça. Quando eu encontrei os seus olhos, suspirei e apertei a minha testa na dela.

— Por nada, — ela sussurrou, quando ela desviou o olhar para olhar para o mar.

Eu não tinha me sentido assim há tanto tempo. Eu não tinha sentido esta paz interior desde que nos separarmos. E eu estava grato a Poppy.

Mais do que agradecido.

De repente, um baixo, reverente suspiro escapou da boca de Poppy. — Olha, Rune, — ela sussurrou apontando a distância. Eu me perguntei o que ela queria que eu visse, então ela disse, — Nossas pegadas na areia. — Levantou a cabeça e sorriu um sorriso radiante. — Dois pares. Quatro pegadas. Assim como o poema.

Eu puxei minhas sobrancelhas para baixo em confusão. A mão de Poppy estava sobre o meu joelho dobrado. Com a cabeça enfiada sob o abrigo do meu braço, ela explicou. — É o meu poema favorito, Rune. Era o favorito da minha vovó também.

— O que diz? — Perguntei, sorrindo um pouco da pequena pegada de Poppy próxima a minha.

— É lindo. E é espiritual, então eu não sei o que você vai pensar sobre isso. — Poppy me provocou.

— Diga-me de qualquer maneira, — insisti, apenas para ouvir sua voz. Só para ouvir a reverência em sua voz quando ela compartilhava algo que ela adorava.

— Na verdade, é mais uma história. Sobre alguém que tem um sonho. No sonho, eles estão em uma praia bem assim. Mas eles estão andando ao lado do Senhor.

Meus olhos se estreitaram e Poppy revirou os olhos. — Eu lhe disse que era espiritual! — Ela disse, rindo.

— Você disse, — eu respondi, e cutuquei sua cabeça com o meu queixo. — Continue.

Poppy suspirou, e com o dedo, ela traçou padrões preguiçosos na areia. Meu coração meio que rachou quando vi que era mais um sinal de infinito.

— Enquanto eles estão andando na praia, no céu escuro acima a vida da pessoa é mostrada para eles verem. À medida que cada cena é reproduzida, como um rolo de filme, a pessoa percebe que dois pares de pegadas foram deixados na areia atrás deles. E, enquanto eles continuaram, cada nova cena trouxe consigo um rastro de suas pegadas.

A atenção de Poppy aguçou em nossas pegadas. — Quando todas as cenas tinham passado, a pessoa olhou de volta para a trilha de pegadas e notou algo estranho. Eles percebem que durante os tempos mais tristes ou, na maioria das vezes, desesperados de sua vida, havia apenas um par de pegadas. Nos tempos mais felizes havia sempre dois pares.

Minhas sobrancelhas franziram, perguntando-me onde a história estava indo. Poppy ergueu o queixo e piscou no brilho brilhante do sol. Com olhos lacrimejantes, ela olhou para mim e continuou. — A pessoa ficou realmente perturbada por isso. O Senhor disse que, quando

uma pessoa dedica a sua vida a Ele, Ele andaria com eles através de todos os altos e baixos. A pessoa, então, perguntou ao Senhor: por que, nos piores momentos da vida deles. Ele os abandonou? Por que ele deixou-os?

Uma expressão de profundo conforto espalhou-se no rosto de Poppy. — E então? — Eu exigi. — O que o Senhor disse?

Uma única lágrima caiu de seus olhos. — Ele disse a pessoa que por toda a sua vida Ele *tinha* andado com eles. Mas, explicou, que nos tempos em que existia apenas um único par de pegadas não foi quando Ele caminhou ao lado deles, mas em vez disso, foi quando Ele os carregou.

Poppy fungou e disse, — Eu não me importo se você não é religioso, Rune. O poema não é apenas para os que creem. Todos nós temos pessoas que nos carregam através dos piores momentos, dos mais tristes momentos, dos momentos que parecem impossível se libertar. De uma forma ou de outra, seja por meio do Senhor ou de um amado ou ambos, quando nós sentimos que nós não podemos caminhar mais, alguém desce para nos ajudar... alguém nos carrega.

Poppy descansou a cabeça no meu peito, envolvendo-se em meus braços, esperando.

Meus olhos se perderam em uma névoa turva enquanto eu olhava para as nossas pegadas embutidas na areia. Naquele momento, eu não tinha certeza quem estava ajudando quem. Porque tanto quanto Poppy insinuasse que era eu que estava ajudando ela passar pelos seus meses finais, eu estava começando a acreditar que ela estava de alguma forma me salvando.

O único conjunto de pegadas em minha alma.

Poppy se mexeu para olhar para mim, o rosto molhado com as lágrimas. Lágrimas de felicidade. Lágrimas de fascínio... lágrimas da *Poppy*. — Não é bonito, Rune? Não é a coisa mais linda que você já ouviu?

Eu apenas assenti. Agora não era o momento para palavras. Eu não podia competir com o que ela tinha acabado de recitar, então por que eu devia sequer tentar?

Eu deixei meu foco derivar em torno da praia. E eu me perguntei... Eu me perguntei se alguém tinha acabado de ouvir algo tão comovente que balançou sua alma? Gostaria de saber se a pessoa que eles mais amavam no planeta teria se aberto para eles de forma tão pura, com tanta emoção crua?

— Rune? — Poppy disse baixinho ao meu lado.

— Sim, baby? — Eu respondi baixinho. Ela virou o rosto bonito para mim e me lançou um sorriso fraco. — Você está bem? — Perguntei, roçando minha mão pelo seu rosto.

— Eu estou ficando cansada, — ela admitiu, com relutância. Meu coração rachou. Durante a semana passada, eu tinha começado a ver o cansaço rastejando gradualmente em seu rosto quando ela se esforçava demais.

E pior ainda, eu podia ver o quanto ela odiava. Porque isso a impedia de desfrutar uma vida toda de aventuras.

— Não há problema em estar cansada, *Poppymin*. Não é uma fraqueza.

Os olhos de Poppy mergulharam em derrota. — Eu simplesmente odeio isso. Eu sempre fui da opinião de que o sono é um desperdício de tempo.

Eu ri do beicinho bonito que havia se formado em seus lábios. Poppy me observava, esperando que eu falasse.

Sério, eu disse, — É do jeito que eu vejo, se você dormir quando for necessário, isso significa que podemos fazer mais quando você estiver

forte. — Eu escovei a ponta do meu nariz sobre o dela e disse, — Nossas aventuras serão muito mais especiais. E você sabe que eu gosto que você durma em meus braços. Eu sempre achei que você parece perfeita sobre eles.

Poppy suspirou e, com um último olhar para o mar, sussurrou, — Só você, Rune Kristiansen. Só você poderia dar razão tão bonita para o que eu mais odeio.

Beijando seu rosto quente, eu fiquei pé e juntamos nossas coisas. Quando tudo estava pronto, eu olhei por cima do meu ombro para o cais, depois de volta para Poppy. Estendendo a minha mão, eu disse, — Vamos, dorminhoca. Como nos velhos tempos?

Poppy olhou para o cais e um riso desenfreado de sua garganta. Puxei-a de pé e caminhamos lentamente, lado a lado, para baixo do cais. Os sons hipnóticos das ondas suaves batendo contra as velhas vigas de madeira de onde estávamos.

Sem perder tempo, eu pressionei Poppy contra o poste de madeira, pegando suas bochechas e trazendo nossos lábios juntos. Meus olhos se fecharam quando a pele quente de seu rosto aqueceu sob as palmas das mãos.

Meu peito arfava, sem fôlego, enquanto nossos lábios beijaram, lento e profundo, enquanto a brisa refrescante passava pelo cabelo de Poppy.

Afastando-me, eu lambi meus lábios, saboreando o gosto do sol e de cerejas que estavam em minha boca.

Os olhos de Poppy abriram. Vendo quão cansada ela aparecia, eu sussurrei para ela, — Beijo 433. Com a minha *Poppymin* sob o cais. — Poppy sorriu timidamente, esperando o que vinha a seguir. — Meu

coração quase explodiu. — A pequena brecha que apareceu mostrando seus dentes sob seu sorriso quase que estourou, tornando o momento perfeito para adicionar, — porque eu a amo. Eu a amo mais do que eu poderia explicar. Meu único par de pegadas na areia.

Os belos olhos verdes de Poppy se arregalaram com a minha confissão. Eles imediatamente brilharam e as lágrimas transbordaram e desceram por suas bochechas. Tentei escová-las com os dedos com meu coração batendo no meu peito. Mas Poppy segurou minha mão, suavemente acariciando seu rosto em minha palma. Segurando minha mão no lugar, ela encontrou meus olhos e sussurrou de volta, — Eu também te amo, Rune Kristiansen. Eu nunca, jamais deixei de te amar. — Ela levantou-se na ponta dos pés e trouxe o meu rosto para baixo para ficar em frente o dela. — Minha alma gêmea. Meu coração...

A calma caiu sobre mim. A serenidade com Poppy caindo em meus braços, a sua respiração leve passando através da minha camisa.

Eu a segurei. Segurei-a bem perto, abracei este novo sentimento, até que Poppy bocejou. Inclinei a sua cabeça para cima e disse, — Vamos para casa, linda.

Poppy assentiu e, encostando ao meu lado, me deixou levá-la de volta para nossas coisas, em seguida, até o carro.

Alcançando o bolso de sua bolsa, peguei as chaves do carro e abri a porta do lado do passageiro.

Colocando as duas mãos em sua cintura, eu levantei-a para o assento, me esticando através dela para prendê-la com o cinto de segurança. Quando me afastei, eu coloquei um beijo suave na cabeça de Poppy. Eu ouvi sua respiração falhar no meu toque. Eu comecei a me endireitar, quando Poppy pegou meu braço, e com lágrimas espessa em suas bochechas, sussurrou, — Me desculpe, Rune. Eu sinto muito.

— Pelo quê, baby? — Eu perguntei, minha voz quebrando no quão triste ela parecia.

Afastei o cabelo do rosto dela, com ela dizendo, — Por te afastar.

Meu estômago caiu. Os olhos de Poppy procuraram por algo nos meus, antes de seu rosto se contorcer na dor. Intensas lágrimas derramaram por seu rosto pálido e seu peito estremeceu enquanto ela lutava para acalmar a respiração de repente errática.

— Ei, — eu disse, plantando as mãos nas suas bochechas.

Poppy olhou para mim. — Poderíamos ter estado assim se eu não tivesse sido tola. Poderíamos ter encontrado uma maneira de você voltar. Você poderia ter estado comigo o tempo todo. Comigo. Me segurando... me amando. Você me amando e me amando tão ferozmente. — Sua voz gaguejou, mas ela conseguiu terminar. — Eu sou uma ladra. Eu roubei o nosso precioso tempo, dois anos de você e eu, para nada.

Parecia que meu coração fisicamente se rasgou enquanto Poppy chorava, segurando firmemente o meu braço como se tivesse medo que eu me afastasse. Como ela não percebeu até agora que nada poderia me afastar?

— Shh, — Eu acalmei, movendo a cabeça para descansar contra a dela. — Respire, baby, — eu disse suavemente, eu coloquei a mão de Poppy sobre o meu coração, ela trancou seu olhar no meu. — Respire, — repeti e sorri quando ela seguiu o ritmo do meu coração para se acalmar.

Limpei suas bochechas úmidas com as minhas mãos, derretendo quando ela fungou, seu peito sacudindo de vez em quando através dos soluços que ela tinha libertado. Vendo que eu tinha sua atenção, eu disse, — Eu não vou aceitar o pedido de desculpas, porque não há nada

que se desculpar. Você me disse que o passado já não importa mais. Que estes momentos é que são importantes agora. — Eu preparei minhas emoções, para dizer, — Nossa aventura final. Eu, dando-lhe beijos que explode seu coração para completar o seu frasco. E você... você simplesmente seja você mesma. Me amando. Eu te amando. Infinitamente... — Eu parei.

Olhei atentamente e pacientemente nos olhos de Poppy, sorrindo amplamente quando ela acrescentou, — Para todo o sempre.

Fechei os olhos, sabendo que eu tinha quebrado através de sua dor. Então, quando meus olhos se abriram, Poppy riu roucamente.

— Aí está ela. — Eu pressionei um beijo em cada uma das maçãs de suas bochechas.

— Aqui estou eu, — ela repetiu, — tão completamente apaixonada por você.

Poppy levantou a cabeça e me beijou. Quando ela encostou-se no banco, os olhos fecharam, chamando pelo sono.

Observei-a por um segundo, antes de me mover para fechar a porta. Assim que a porta fechou, eu peguei Poppy sussurrando, — Beijo 434, com o meu Rune na praia... quando o seu amor voltou para casa.

Eu podia ver através da janela que Poppy já tinha adormecido. Suas bochechas estavam vermelhas de chorar, mas, mesmo durante o sono, seus lábios estavam inclinados para cima, dando a aparência de um sorriso.

Eu não tinha certeza como alguém tão perfeito sequer existia.

Andando para o capô do carro, eu puxei meus cigarros para fora do bolso de trás da minha calça jeans e acendi o isqueiro. Eu inalei um trago muito necessário. Fechei os olhos quando a nicotina me acalmou.

Abri os olhos e olhei para o pôr do sol. O sol estava desaparecendo no horizonte, flashes de laranja e rosa em seu rastro. A praia estava quase vazia para além do velho casal que eu tinha visto antes.

Só que desta vez, quando eu assisti-os, ainda assim apaixonados depois de todos esses anos, eu não me deixei sentir dor.

Quando olhei para trás, Poppy dormindo no carro, senti uma... felicidade. Eu. Eu me senti feliz. Me deixei sentir a felicidade, mesmo através de toda essa dor. Porque... *aqui estou eu... tão completamente apaixonada por você...*

Ela me amava.

Poppymin. Minha menina. Ela me amava.

— Suficiente, — eu disse para o vento. — Isto é suficiente por agora.

Jogando a ponta do cigarro para o chão, eu calmamente deslizei para o banco do condutor e girei a chave. O motor ganhou vida e eu dirigi para longe da praia, com a certeza que viríamos aqui novamente.

E se não viessemos, como Poppy disse, nós tínhamos tido este momento. Tivemos esta memória. Ela teve seu beijo.

E eu tinha o seu amor.

Quando eu puxei em sua garagem, o crepúsculo havia caído, as estrelas começando a despertar. Poppy tinha dormido todo o caminho para

casa, a sua leve, rítmica respiração era um som reconfortante enquanto eu nos guiava pelas estradas escuras para casa.

Coloquei o carro no estacionamento, eu saí e dei a volta para o lado dela. Abri a porta tão silenciosamente quanto poderia, desapertando o cinto de segurança e pegando Poppy em meus braços.

Parecia que ela não pesava nada enquanto ela instintivamente se enrolou em meu peito, seu hálito quente sobre o meu pescoço. Fui até a porta. Ao chegar ao último degrau, a porta da frente abriu. Sr. Litchfield estava em pé na entrada.

Eu continuei em frente e ele saiu do meu caminho, me permitindo transportar Poppy para seu quarto. Eu vi a mama e irmãs de Poppy sentadas na sala, assistindo TV.

Sua mãe ficou em pé. — Ela está bem? — Ela sussurrou.

Eu balancei a cabeça. — Ela está apenas cansada.

Sra. Litchfield se inclinou e beijou a testa de Poppy. — Durma bem, baby, — ela sussurrou. Meu coração apertou com isso, então, ela acenou para eu levar Poppy para o quarto dela.

Eu carreguei-a pelo corredor e para o seu quarto. Tão delicadamente quanto pude, coloquei-a em sua cama, sorrindo, quando o braço de Poppy, naturalmente, me procurou no lado da cama em que dormia.

Quando a respiração de Poppy igualou, mais uma vez, me sentei ao lado de sua cama e corri minha mão pelo seu rosto. Inclinando-me para frente, eu beijei seu rosto macio e sussurrei, — Eu te amo, *Poppymin*. Para todo o sempre.

Levantando-me da cama, eu congelei quando avistei o Sr. Litchfield na porta, observando... ouvindo.

Meu queixo cerrou enquanto ele me observava. Inalando uma respiração calma através do meu nariz, eu andei silenciosamente por ele, pelo corredor e de volta para o carro para pegar minha câmera.

Voltei para a casa para deixar as chaves do carro sobre a mesa no corredor. Quando entrei, o Sr. Litchfield saiu da sala de estar. Eu parei, balançando desajeitadamente até que ele estendeu a mão para as chaves.

Deixei-as na sua mão e me virei para ir embora. Antes que eu pudesse sair, ele perguntou, — Vocês se divertiram?

Meus ombros ficaram tensos. Forçando-me a responder, eu encontrei os seus olhos e assenti. Jogando uma aceno para Sra. Litchfield, Ida e Savannah, eu saí pela porta e desci os degraus. Assim que cheguei ao último degrau, ouvi, — Ela te ama muito, sabe.

A voz do Sr. Litchfield fizeram meus pés pararem, e sem olhar para trás, eu respondi, — Eu sei.

Atravessei a grama para minha casa. Fui direto para o meu quarto e joguei a câmera na cama. Eu tinha intenção de esperar umas horas antes de ir para Poppy. Mas, quanto mais eu olhava para a bolsa da câmera, mais eu queria ver como as fotos tinham ficado.

As fotos de Poppy dançando no mar.

Sem me dar a chance de desistir, peguei a câmera e fui até ao quarto escuro no porão. Quando cheguei à porta e virei a maçaneta, acendi a luz. Eu suspirei, uma sensação estranha se estabelecendo dentro de mim.

Porque Poppy tinha razão. Meu pappa tinha preparado este quarto para mim. Meu equipamento estava exatamente onde tinha estado há dois anos. Os fios e molas estavam prontos e esperando.

O processo de desenvolvimento das imagens parecia que nunca tinha sido afastado. Eu gostava da familiaridade de cada passo. Nada foi esquecido, como se eu tivesse nascido com a capacidade de fazer isso.

Como esse dom tinha sido me dado. Poppy reconheceu que eu precisava disso em minha vida, quando eu estava muito cego pelo passado para perceber.

O cheiro dos produtos químicos bateu no meu nariz. Uma hora se passou e eu finalmente me endireitei, as imagens nas molas foram se formando, segundo a segundo revelando o momento capturado no filme.

A luz vermelha não me impediu de ver as maravilhas que eu tinha capturado. Enquanto eu caminhava ao longo das filas de imagens penduradas, de vida em sua glória, eu não podia evitar a excitação queimando no meu peito. Eu não conseguia parar o sorriso nos meus lábios por este trabalho.

Então eu parei.

Parei em uma imagem que me prendeu. Poppy, segurando a barra do vestido, dançando nas águas rasas. Poppy, com um sorriso despreocupado e cabelo esvoaçando, rindo com todo o coração. Os olhos dela brilhantes e sua pele corada quando ela olhou por cima do ombro, diretamente para mim. O sol iluminando o rosto em um ângulo tão puro e bonito, era como se fosse um holofote sobre sua felicidade, atraído pela alegria magnética dela.

Eu levantei minha mão, mantendo-a um centímetro de distância da imagem, e tracei o dedo sobre o radiante rosto dela, os lábios suaves e bochechas rosadas. E eu senti. Senti a paixão avassaladora explodir para este artesanato trazendo de volta à vida dentro de mim. Esta imagem. Esta imagem firmou o que eu secretamente sabia durante todo esse tempo.

Eu estava destinado a fazer isto na minha vida.

Fazia sentido que esta imagem, essa mensagem a casa, era da menina que *era* a minha casa. Uma batida na porta soou e sem tirar o meu olhar da foto, eu respondi, — *Ja?*

A porta se abriu lentamente. Eu senti quem era antes mesmo de olhar. Meu pappa entrou no quarto escuro, apenas poucos passos. Olhei para ele, mas eu tive que virar novamente por causa da expressão em seu rosto, enquanto ele absorvia todas as imagens penduradas nas molas por todo o quarto.

Eu não queria enfrentar o que esse sentimento em meu estômago significava. Ainda não.

Minutos se passaram em silêncio, antes do meu pappa dizer suavemente, — Ela é absolutamente linda, filho. — Meu peito contraiu quando vi os seus olhos na foto que eu ainda estava enfrentando.

Eu não respondi. Meu pappa ficou sem jeito na porta, dizendo nada mais. Finalmente, ele se mexeu para sair. Assim que ele ia fechar a porta, eu me forcei a dizer um duro, — Obrigado... pela câmera.

Na minha visão periférica, eu vi o meu pappa parar. Eu ouvi uma lenta, irregular respiração, então ele respondeu, — Você não tem nada que me agradecer, filho. Nada mesmo.

Com isso, ele me deixou no meu quarto escuro.

Eu fiquei mais tempo do que eu pretendia, repetindo a resposta do meu pappa em minha mente.

Agarrando duas fotografias em minhas mãos, eu subi os degraus do porão e me dirigi para o meu quarto. Ao passar pela porta aberta do quarto de Alton, eu o vi sentado em sua cama, assistindo TV.

Ele não tinha me visto, ali de pé em sua porta, e eu continuei a caminhar para o meu quarto. Mas, quando eu o ouvi rir do que ele estava assistindo, meus pés prenderam no chão, e eu me obriguei a voltar atrás.

Quando entrei em seu quarto, Alton se virou para me encarar, e em um movimento que me fez sentir o meu coração rachar, o maior sorriso propagou em seu rosto bonito.

— Oi, Rune, — ele disse calmamente, e ele sentou-se na cama.

— Oi, — eu respondi. Eu andei em direção a sua cama e apontei para a TV. — O que você está assistindo?

Alton olhou para a TV, em seguida, de volta para mim. — Pântano dos Monstros. — Sua cabeça inclinou para o lado, e então ele empurrou seu longo cabelo de seu rosto. Algo no meu estômago mexeu quando ele fez isso. — Você quer assistir um pouco comigo? — Alton perguntou nervosamente, em seguida, baixou a cabeça.

Eu podia dizer que ele pensava que eu diria que não. Surpreendendo ele e eu, eu respondi, — Claro.

Os olhos azuis de Alton ampliaram para o tamanho enorme. Ele deitou rigidamente em sua cama. Quando eu dei um passo à frente, ele remexeu-se no colchão estreito.

Deitei-me ao lado dele, levantando meus pés. Então Alton inclinou-se contra o meu lado e continuou assistindo seu show. Eu assisti com ele, só olhando para longe, quando eu o peguei olhando para mim.

Quando eu encontrei seus olhos, seu rosto ficou corado de vermelho e ele disse, — Eu gosto de você assistindo isto comigo, Rune.

Respirando através da sensação estranha que suas palavras trouxeram, eu baguncei seu cabelo longo e respondi, — Eu também, Alt. Eu

gosto disto também.

Alton recostou-se contra o meu lado. E ficou ali até que ele adormeceu, o temporizador desligou a sua TV e o quarto mergulhou na escuridão.

Levantando da cama, passei pela minha mãe, que estava observando em silêncio a partir do corredor. Assenti com a minha cabeça para ela, entrando no meu quarto, girando e fechando a porta atrás de mim. Virei o bloqueio, coloquei uma das fotos sobre a mesa, e subi pela minha janela e corri para a de Poppy.

Quando eu entrei no seu quarto, Poppy ainda estava dormindo. Tirando minha camisa, eu andei em torno do lado de sua cama onde ela dormia. Eu coloquei a foto de nós dois nos beijando perto da água em seu travesseiro, para que ela visse assim que ela acordasse.

Subi na cama dela, Poppy automaticamente me encontrou no escuro, colocando a cabeça no meu peito e envolvendo o braço ao redor da minha cintura.

Quatro pegadas na areia.

Poppy

Três Meses Depois

— Onde está a minha menina Poppy?

Limpei o sono dos meus olhos, sentando na minha cama, excitação serpenteando através de mim ao ouvir o som de uma voz que eu amava.

— Tia DeeDee? — Sussurrei para mim mesma. Tentei ouvir melhor, certificando-me de que eu realmente tinha ouvido a voz. Vozes abafadas vieram do corredor, então de repente, a porta se abriu. Levantei-me em meus braços, os danados tremendo depois de ter empurrado os meus músculos enfraquecidos longe demais.

Acabei me deitando assim que tia DeeDee apareceu na porta. Seu cabelo escuro estava preso em um coque, e ela estava usando seu uniforme de aeromoça. Sua maquiagem estava perfeitamente no lugar, como estava seu sorriso contagiante.

Seus olhos verdes se suavizaram quando eles pousaram em mim. — Lá está ela, — disse ela suavemente, caminhando para a minha cama.

Ela sentou-se na borda do colchão e se inclinou para me envolver em seus braços.

— O que você está fazendo aqui, DeeDee?

Minha tia alisou meu cabelo para trás de sua desordem induzida pelo sono e sussurrou conspiratória, — Tirando-a deste lugar.

Minhas sobrancelhas se uniram em confusão. Tia DeeDee tinha passado o Natal e Ano Novo com a gente e depois uma semana inteira com a gente, isso fazia apenas duas semanas. Eu sabia que ela tinha uma agenda lotada durante o próximo mês.

Era por isso que eu estava tão confusa sobre ela estar de volta agora.

— Eu não entendo, — eu disse, balançando as pernas para fora do colchão. Nos últimos dias eu tinha, principalmente ficado presa na cama. Depois do meu check-up no hospital no início da semana, descobrimos que a contagem das células brancas do meu sangue estava demasiado baixo. Tinham-me dado sangue e medicação para ajudar. E me ajudou um pouco, mas me deixou cansada por alguns dias. Manteve-me dentro de casa de modo que as infecções fossem mantidas à distância. Meus médicos queriam que eu ficasse no hospital, mas eu me recusei. Eu não estaria perdendo um segundo da minha vida por estar de volta aquele lugar. Não agora que eu podia ver que meu câncer estava aumentando seu controle sobre mim. Cada segundo estava ficando cada vez mais precioso.

Casa era o meu lugar feliz.

Tendo Rune ao meu lado, me beijando docemente, era a minha segurança.

Era tudo que eu precisava.

Olhando para o relógio, vi que estava se aproximando das 16h. Rune estaria aqui em breve. Eu o tinha feito frequentar a escola nos últimos dias. Ele não queria ir, se eu não pudesse ir também. Mas este era seu último ano. Ele precisava das notas para entrar na faculdade. Mesmo que ele protestasse dizendo que agora ele não se importava.

E isso estava bem. Porque eu cuidaria de nós dois. Eu não iria deixá-lo colocar sua vida em espera por mim.

Tia DeeDee saltou para seus pés. — Ok, menina Poppy, salte para o chuveiro. Temos uma hora antes de nós duas sair. — Ela olhou para o meu cabelo. — Não se preocupe em lavar o cabelo, eu tenho uma menina que pode cuidar disso quando chegarmos lá.

Eu balancei a cabeça, prestes a fazer mais perguntas, mas minha tia correu para fora do meu quarto. Eu fiquei de pé, esticando os músculos. Tomando uma respiração profunda, eu fechei os olhos e sorri. Eu me sentia melhor do que nos últimos dias. Me senti um pouco mais forte.

Forte o suficiente para sair de casa.

Agarrando minha toalha, tomei uma ducha rápida. Eu apliquei uma leve camada de maquiagem. Amarrei meu cabelo sujo em um coque de lado, o meu laço branco firmemente no lugar. Vesti um vestido verde, deslizando um suetér branco por cima.

Eu estava colocando o brinco com o símbolo de infinito na minha orelha quando a porta do quarto se abriu de repente. Eu peguei o zumbido de vozes, a voz de meu pai, em particular.

Virando a cabeça, sorri quando Rune entrou, seus olhos azuis imediatamente colidindo com os meus. Procurando, verificando, antes de iluminar de alívio.

Rune silenciosamente caminhou do outro lado do quarto, só parando quando ele passou os braços ao redor dos meus ombros e me puxou para o seu peito. Deixei meus braços segurar sua cintura e respirei seu perfume fresco.

— Você parece melhor, — disse Rune acima de mim.

Segurei-o um pouco mais apertado. — Eu me sinto melhor.

Rune recuou e colocou as mãos no meu rosto. Ele procurou os meus olhos, antes de seu lábio enrolar e ele pressionar o mais doce e suave beijos na minha boca. Quando se afastou, ele suspirou. — Estou feliz. Eu estava preocupado que não seria capaz de ir.

— Onde? — Perguntei, meu coração batendo em uma corrida constante.

Desta vez Rune sorriu e, movendo sua boca para o meu ouvido, anunciou, — Em outra aventura.

Meu coração acelerado aumentou para um galope. — Outra aventura?

Sem mais explicações, Rune me levou para fora do meu quarto. Sua mão, então segurando firmemente a minha, era a única indicação de que ele deu de quão preocupado ele tinha estado ao longo dos últimos dias.

Embora eu soubesse o motivo. Eu vi o medo em seus olhos cada vez que me mexia na cama e ele perguntava se eu estava bem. Cada vez que ele sentou-se comigo depois da escola, me observando, me estudando... esperando. Esperando para ver se era agora.

Ele estava petrificado.

A progressão do meu câncer não me assustava. A dor e o futuro próximo não me assustava. Mas vendo Rune olhar para mim dessa maneira, tão desolado, tão desesperado, começou a me assustar. Eu o amava tanto, e eu pude ver que ele me amava além do que poderia ser medido. Mas este amor, esta conexão de alma, tinha começado a ancorar no coração que eu tinha posto em liberdade para esta vida.

Eu nunca tive medo da morte. Minha fé era forte; Eu sabia que havia uma vida depois desta. Mas agora o medo tinha começado a rastejar em minha consciência. Medo de deixar Rune. Medo de sua ausência... medo de não sentir seus braços ao meu redor e seus beijos em meus lábios.

Rune olhou para trás, como se sentindo meu coração começando a rasgar. Eu balancei a cabeça. Eu não tinha certeza que tinha sido convincente; Eu ainda detectei preocupação em sua expressão.

— Ela não vai! — A voz enérgica do meu pai veio pelo corredor. Rune me puxou para o seu lado, levantando o braço até que eu estava em segurança por baixo. Quando chegamos à porta, minha mãe, pai e tia DeeDee estavam na entrada da sala de estar.

O rosto de meu pai estava vermelho. Minha tia tinha os braços cruzados sobre o peito. Minha mãe passava a mão pelas costas de meu pai, tentando acalmá-lo.

Meu pai levantou a cabeça. Ele forçou um sorriso. — Poppy, — disse ele e se aproximou. Rune não me libertou. Meu

pai pegou isso e lançou-lhe um olhar que deveria tê-lo eviscerado no local.

Rune nem sequer pestanejou.

— Qual o problema? — Perguntei, pegando a mão do meu pai.

Meu toque parecia ter rendido deixando-o sem palavras. Olhei para a minha mãe. — Mamãe?

Mamãe deu um passo adiante. — Foi planejado desde que a sua tia veio algumas semanas atrás. — Eu olhei para a tia DeeDee, que sorriu maliciosamente.

— Rune planejou levá-la para sair. Ele pediu a sua tia que ajudasse a planejar. — Mama suspirou. — Nós nunca esperávamos que seus níveis caíssem tão cedo. — Mama colocou a mão no braço do meu pai. — Seu papai não acha que você deve sair.

— Ir para onde? — Perguntei.

— É uma surpresa, — Rune anunciou do meu lado.

Papai deu um passo para trás e encontrou meus olhos. — Poppy, seus níveis de glóbulos brancos caíram. Isto significa que a possibilidade de infecção é alta. Com o seu sistema imunológico em risco, eu não acho que você deve viajar em um avião—

— Avião? — Interrompi.

Eu olhei para Rune. — Um avião? — Eu repeti.

Ele secamente acenou com a cabeça uma vez, mas não explicou mais.

Mamãe colocou a mão no meu braço, — Perguntei ao seu especialista e ele disse, — ela limpou sua garganta. — Ele disse que neste momento da sua doença, se você quer ir, então você deve ir — Eu ouvi o

atual significado subjacente de suas palavras. *Vá antes que seja demasiado tarde para viajar para qualquer lugar.*

— Eu quero ir, — eu disse com uma certeza inabalável, agarrando na cintura de Rune. Eu queria que ele soubesse que eu queria isso. Olhei para ele; ele encontrou meus olhos. Sorrindo, eu disse, — Eu estou com você.

Rune, me surpreendendo, mas ao mesmo tempo não me surpreende de jeito algum, me beijou. Beijou-me com força e bem rápido na frente da minha família. Rune me soltou e foi para ao lado da minha tia. Ao lado de DeeDee havia uma mala. Sem outra palavra, ele levou a mala para o carro.

Meu coração estava batendo um ritmo alucinante de excitação.

Papai apertou minha mão. Seu toque me trouxe de volta à sua preocupação, seu medo. — Poppy, — disse ele severamente.

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, eu me inclinei e beijei-o na bochecha. Olhei em seus olhos. — Papai, eu entendo os riscos. Venho lutando isso há muito tempo. Eu sei que você está preocupado. Eu sei que você não quer que eu me machuque. Mas ficar presa no meu quarto como um pássaro enjaulado por mais um dia... é isso que vai me machucar. Eu nunca fui de ficar dentro de casa. Eu quero isso, papai. Eu preciso disso. — Eu balancei minha cabeça, sentindo um enorme brilho de água enchendo meus olhos. — Eu não posso gastar o tempo que me resta trancada por medo de que vai me fazer pior. Eu preciso viver... Eu preciso desta aventura.

Ele respirou hesitantemente. Mas, finalmente, ele acenou com a cabeça. A tontura leve inundou através de mim. Eu estava indo!

Saltando no local, eu passei meus braços em volta do pescoço do meu pai. Ele me abraçou de volta.

Eu beijei minha mãe, em seguida, olhei para minha tia. Ela tinha sua mão estendida. Segurei-a, quando o meu papai disse, — Eu estou confiando em você para cuidar dela, DeeDee.

Minha tia suspirou. — Você sabe que esta menina é meu coração, James. Você acha que eu ia deixar alguma coisa acontecer com ela?

— E eles ficarão em quartos separados!

Eu simplesmente revirei os olhos para isso.

Meu pai começou a falar com minha tia. Mas eu não os ouvi. Eu não ouvi nada, o meu olhar atravessou da porta aberta e para o garoto todo vestido de preto, que estava encostado na grade da nossa varanda. O garoto em uma jaqueta de couro que estava levando casualmente um cigarro à boca, todo o tempo me observando. Seus olhos azuis cristalinos nem uma única vez se afastaram dos meus.

Rune soltou uma nuvem de fumaça. Casualmente jogando a ponta no chão, ele fez sinal com o queixo e esticou a mão.

Soltando a mão da tia DeeDee, fechei os olhos por um breve momento, memorizando como ele parecia neste exato instante.

Meu bad boy norueguês.

Meu coração.

Abrindo os olhos, corri pela porta. Alcançando o degrau no topo, eu saltei para os braços abertos do Rune. Ele me envolveu em seus braços. Eu ri, sentindo a brisa no meu rosto. Me segurando, meus pés ainda no alto, Rune perguntou, — Você está pronta para esta aventura, *Poppymín*?

— Sim, — eu respondi sem fôlego.

Rune pressionou sua testa na minha e fechou os olhos. — Eu te amo, — ele sussurrou depois de uma longa pausa.

— Eu também te amo, — eu disse, em voz baixa.

Fui recompensada com um raro sorriso.

Ele cuidadosamente baixou-me para o chão, pegou minha mão e perguntou novamente, — Você está pronta?

Eu balancei a cabeça, em seguida, me virei para os meus pais, que estavam na varanda. Acenei em adeus.

— Vamos, crianças, — disse DeeDee. — Nós temos um voo para pegar.

Rune me guiou para o carro, segurando a minha mão, como sempre. À medida que nos estabelecíamos no banco de trás, olhei pela janela enquanto nos afastávamos. Olhei para as nuvens, sabendo que logo eu estaria subindo acima delas.

Em uma aventura.

Uma aventura com o meu Rune.

— Nova York, — eu disse sem fôlego, lendo a tela no nosso portão de embarque.

Rune sorriu. — Nós sempre tínhamos planejamos fazer isso. Só vai ser mais cedo do que do que esperávamos.

Completamente sem palavras, eu passei meus braços em torno de sua cintura e descansei minha cabeça em seu peito. Tia DeeDee retornou

para falar com a mulher na recepção.

— Vamos lá, vocês dois, — ela disse, acenando com a mão em direção à entrada para o avião. — Vamos levá-la a bordo.

Seguimos DeeDee. Meu queixo caiu quando ela nos mostrou as duas cadeiras na frente na primeira classe. Eu olhei para ela e ela deu de ombros. — Qual é o ponto de estar no comando da cabine de primeira classe se eu não puder usufruir das vantagens para estragar a minha sobrinha favorita?

Abracei DeeDee. Ela me abraçou um pouco mais do que o normal. — Vá em frente, agora, — ela disse e me enxotou para o meu assento. Tia DeeDee desapareceu rapidamente por trás da cortina da seção dos atendentes. Eu fiquei de pé, observando-a sair. Rune pegou minha mão.

— Ela vai ficar bem, — ele acalmou, então apontou para o assento da janela. — Por você, — acrescentou. Incapaz de parar o riso animado pulando de minha garganta, me sentei e olhei para fora da janela para as pessoas trabalhando no chão abaixo.

Eu assisti-os até que o avião estava totalmente embarcado e começou a se mover. Suspirando feliz, eu me virei para olhar para Rune, que estava me observando. Envolvendo seus dedos nos meus, eu disse, — Obrigada.

— Eu queria que você visse Nova York. — Ele deu de ombros. — Eu queria ver isso com você.

Rune se inclinou para me beijar. Eu parei seus lábios com os dedos. — Beije-me a 39 000 pés de altitude. Beije-me no céu. Beije-me entre as nuvens.

O hálito mentolado do Rune assombrou meu rosto. Então, ele silenciosamente se sentou. Eu ri quando o avião de repente ganhou velocidade e disparou para o ar.

Quando o avião se estabilizou, de repente eu encontrei meus lábios sendo trazidos para Rune. As mãos dele apertaram minha cabeça quando ele pegou minha boca com a sua. Precisando de algo para me manter aterrada no lugar, agarrei sua camisa. Eu suspirei contra sua boca enquanto sua língua duelava suavemente contra a minha.

Quando ele se afastou, com o peito arfando e pele quente, eu sussurrei, — Beijo 808. A 39 000 pés de altitude. Com o meu Rune... meu coração quase explodiu.

Até ao final do voo eu tive um monte de novos beijos para adicionar ao meu frasco.

— Isto é para nós? — Perguntei, incrédula. Eu olhei para a cobertura do ridiculamente caro hotel em Manhattan para onde minha tia nos trouxe.

Eu olhei para Rune e eu poderia dizer, mesmo através de sua expressão sempre neutra, que ele também estava boquiaberto.

Tia DeeDee parou ao meu lado. — Poppy, sua mãe não sabe disso ainda. Mas bem, eu estive namorando alguém por um tempo, agora. — Com um sorriso carinhoso nos lábios e ela

continuou. — Vamos apenas dizer que este quarto é uma presente para ambos.

Olhei para ela com espanto. Mas, em seguida, um calor me encheu. Eu sempre me preocupei com a tia DeeDee. Ela frequentemente estava sozinha. Eu podia ver em seu rosto quão feliz esse homem a fazia.

— Ele pagou isto? Para nós? Para mim? — Perguntei.

DeeDee parou, então, explicou, — Tecnicamente, ele realmente não pagou. Ele é o dono.

Minha boca, se possível, caiu ainda mais, até que Rune de brincadeira a fechou com o dedo embaixo do meu queixo. Eu olhei para o meu namorado. — Você sabia?

Ele encolheu os ombros. — Ela me ajudou a planejar tudo isso.

— Então você sabia? — Eu repeti a pergunta. Rune balançou a cabeça para mim, então arrastou as nossas malas para o quarto principal à direita. Ele estava claramente ignorando instruções do meu pai de quartos separados.

Assim que Rune desapareceu pela porta, minha tia disse, — Esse garoto caminharia em cacos de vidro por você, Pops.

Meu coração se encheu de luz. — Eu sei, — eu sussurrei. Mas essa ligeira ponta de medo que eu tinha começado a sentir infiltrou em mim.

O braço da tia DeeDee caiu em torno de mim. Apertando-a de volta, eu disse, — Obrigada.

Ela beijou minha cabeça. — Eu não fiz nada, Pops. Rune fez tudo. — Ela fez uma pausa. — Eu não acho que, em toda minha vida, eu vi duas crianças tão novas se amarem tão intensamente, e ainda mais profundo quando adolescentes.

Tia DeeDee me puxou de volta para encontrar meus olhos. — Estive um tempo com ele, Pops. Aquele rapaz, ele ama você. Você teria que ser cega para não vê-lo.

— Eu vejo, — eu sussurrei.

DeeDee foi para a porta. — Estaremos aqui por duas noites. Eu estarei com Tristan em sua suíte. Ligue para o meu celular se você precisar de qualquer coisa. Eu só estarei a minutos de distância.

— Ok, — eu respondi.

Virando-me, eu absorvi o esplendor da sala. Seus tetos eram tão altos que eu tive que dobrar minha cabeça apenas para ver o padrão no gesso branco. O quarto era tão grande que seria como diminuir a maioria das casas das pessoas. Fui até a janela e vi uma vista panorâmica de toda a Nova York.

E eu respirei.

Eu respirei com o meu olhar caindo sobre a familiar vista que eu só tinha visto em fotografias ou em filme: o Empire State Building, o Central Park, a Estátua da Liberdade, o Edifício Flatiron, Torre da Liberdade...

Havia tanto para ver que meu coração disparou em antecipação. Este era o lugar onde eu estava destinada a ter vivido a minha vida. Aqui eu estaria em casa. Blossom Grove teria sido as minhas raízes; Nova York teria sido minhas asas.

E Rune Kristiansen teria sido o meu amor para sempre. Ao meu lado por tudo isso.

Percebendo uma porta a minha esquerda, eu me aproximei e empurrei para baixo a maçaneta. Engoli em seco quando uma brisa fria

bateu em mim, então eu realmente me deixei ver a vista.

Um jardim.

Um terraço exterior com flores de inverno, bancos e, melhor ainda, a vista. Fechando o meu casaco para me manter quente, eu saí para o frio. Rajadas de flocos de neve pousaram em meu cabelo. Precisando senti-las no meu rosto, eu inclinei a cabeça para trás. Os flocos frios assentaram em meus cílios, fazendo cócegas nos meus olhos.

Eu ri com o meu rosto ficando úmido. Então eu fui para frente, passando minhas mãos sobre os pinheiros reluzentes, até que eu estava em pé na parede que oferecia um panorama de Manhattan em um prato.

Eu respirei, deixando o ar frio encher meus ossos. De repente, braços quentes estavam ao redor da minha cintura e o queixo de Rune descansava no meu ombro. — Você gosta disso, baby? — Rune perguntou suavemente. Sua voz era pouco mais que um sussurro, para não invadir o nosso pequeno paraíso de tranquilidade.

Eu balancei a cabeça em descrença e girei ligeiramente até que o enfrentei. — Eu não posso acreditar que você fez tudo isso, — eu respondi. — Eu não posso acreditar que você me deu isto. — Eu apontei para a cidade alastrando abaixo. — Você me deu Nova York.

Rune beijou meu rosto. — É tarde e nós temos muito o que fazer amanhã. Eu quero me certificar de que você estará descansada o suficiente para ver tudo o que tenho planejado.

Um pensamento surgiu em minha mente. — Rune?

— *Ja?*

— Posso também levá-lo a um lugar amanhã?

Ele franziu a testa, vincando-a. — É claro, — ele concordou. Eu podia vê-lo procurando os meus olhos, tentando descobrir o que eu estava tramando. Mas ele não questionou. E eu estava feliz com isso. Ele se recusaria se soubesse.

— Bom, — eu disse com orgulho e sorri para mim mesma. Sim, ele tinha me dado esta viagem. Sim, ele tinha coisas planejadas. Mas eu queria mostrar-lhe uma coisa, para lembrá-lo de seus sonhos. Sonhos que ele podia ainda conseguir mesmo depois que eu tivesse partido.

— Você precisa dormir, *Poppymín*, — disse Rune e baixou a boca para beijar meu pescoço.

Enrosquei minha mão através da sua. — Com você ao meu lado na cama.

Senti o aceno contra o meu pescoço, antes de beijá-lo mais uma vez. — Eu preparei-lhe um banho e eu pedi comida. Vá tomar banho, então vamos comer, então vamos dormir.

Virei-me em seus braços e levantei na ponta dos pés para colocar minhas mãos em seu rosto. Elas estavam frias. — Eu te amo, Rune, — Eu disse suavemente. Eu dizia frequentemente. E eu sempre sentia isso com todo o meu coração. Eu queria que ele soubesse, em todos os momentos, o quanto eu o adorava.

Rune suspirou, e me beijou lentamente. — Eu também te amo, *Poppymín*, — disse ele contra os meus lábios, mal rompendo.

Então ele me levou para dentro onde eu tomei banho. Nós comemos. E então dormimos. Eu deitei em seus braços, no centro de uma enorme cama de dossel. Com seu hálito quente por todo o meu rosto. Seus brilhantes olhos azuis observando cada movimento meu.

Adormeci, embalada em seus braços, com um sorriso tanto no meu coração como nos meus lábios.

Poppy

Eu pensei que eu tinha sentido uma brisa através do meu cabelo antes. Mas nada comparado com a brisa que chicoteava através das minhas tranças no topo do Empire State Building.

Eu pensei que tinha sido beijada de todas as maneiras que havia para ser beijada. Mas nada comparado com os beijos de Rune sob o castelo de conto de fadas no Central Park. Ao seu beijo na coroa da Estátua da Liberdade. No centro da Times Square, as luzes brilhantes piscando com as pessoas correndo em torno de nós como se elas não tivessem tempo restando no mundo.

As pessoas estavam sempre correndo mesmo que eles tivessem muito tempo. Embora eu tinha muito pouco, eu tinha certeza de que tudo o que fiz foi lento. Medido. Significativo. Fiz questão de saborear qualquer nova experiência. Respirar fundo e admirar em cada nova visão, cheiro e som.

Simplemente parar. Respirar. Abraçar.

Os beijos de Rune variavam. Eles eram lentos e suaves, gentis e leves. Em seguida, eles foram duro, rápido e arrebatadores. Ambos me deixavam sem fôlego. Ambos foram para dentro do frasco.

Mais beijos costurados no meu coração.

Depois de almoçar tarde no Stardust Diner, que em algum lugar eu decidi que podia ser o meu terceiro lugar favorito na Terra, guiei Rune fora e viramos a esquina.

— É minha vez agora? — Perguntei, Rune segurando meu colarinho e puxou-o próximo ao redor do meu pescoço.

Rune consultou o relógio. Eu olhei para ele curiosamente, perguntando por que ele continuava verificando a hora. Rune me viu observá-lo com desconfiança.

Envolvendo os braços a minha volta, ele respondeu, — Você tem as próximas duas horas, então voltaremos ao meu cronograma.

Franzi o nariz com sua atitude rigorosa e divertidamente mostrei a minha língua. Calor queimou nos olhos de Rune. Ele mergulhou para frente e pressionou a boca nos meus lábios, sua língua imediatamente acariciando contra a minha. Eu gritei e segurei firme enquanto ele me empurrou para trás, antes de quebrar o beijo.

— Não me tente, — disse ele, brincando. Mas eu ainda vi o calor em seus olhos. Meu coração pulou uma batida.

Desde que Rune tinha voltado para a minha vida, não tinha feito mais nada do que beijar. Beijar e conversar e manter um ao outro incrivelmente perto. Ele nunca me pressionou para mais, mas com as semanas passando, eu tinha começado a querer dar-me a ele novamente.

Memórias de nossa noite, há dois anos, apareceu dançando em minha mente. As cenas eram tão vivas, tão cheias de amor, que meus pulmões prenderam o ar. Porque eu ainda lembrava aquele olhar em seus olhos quando ele estava acima de mim. Eu ainda me lembrava da maneira como seus olhos observavam os meus. A forma de calor inundando-me quando eu o senti, tão quente, em meus braços.

E me lembrei de seus toques suaves no meu rosto, meu cabelo e meus lábios. Mas o melhor de tudo, eu me lembrei de seu rosto no final. A expressão incomparável de adoração. O olhar que me disse que, embora nós fôssemos jovens, o que tínhamos feito nos mudou para sempre.

Nos uniu em nossos corpos, mentes e almas.

Realmente nos fez infinitos.

Para todo o sempre.

— Para onde estamos indo, *Poppymin*? — Perguntou Rune, me puxando do meu devaneio. Ele segurou a parte de trás de sua mão no meu rosto ardente. — Você está quente, — disse ele, seu sotaque forte, o som perfeito correndo através de mim como uma brisa fresca.

— Eu estou bem, — eu disse timidamente. Tomando sua mão, eu tentei levá-lo pela rua. Rune puxou minha mão e me fez enfrentar a preocupação.

— Poppy—

— Estou bem, — eu interrompi, franzindo os lábios para que ele soubesse que eu quis dizer isso.

Gemendo, exasperado, Rune passou o braço em torno de meu ombro e me levou para frente. Eu procurei o nome da rua e o bloco, tentando descobrir para onde ir a partir daqui.

— Você vai me dizer o que estamos fazendo? — Perguntou Rune.

Garantindo que estávamos indo na direção certa, eu balancei a cabeça. Rune deu um beijo no lado da minha cabeça quando ele acendeu um cigarro. Enquanto fumava, eu aproveitei a oportunidade para olhar ao meu redor. Eu amava Nova York. Eu amava tudo sobre ela. Pessoas, ecléticas artistas, ternos e sonhadores, tudo tecido na colcha de retalhos

gigante da vida. As ruas movimentadas, buzinas e gritos, a sinfônica trilha sonora perfeita para a cidade que nunca dorme.

Eu respirei o aroma fresco de neve no ar fresco e frio e me apoiei mais perto no peito de Rune. — Nós faríamos isto, — eu disse e sorri, fechando brevemente os olhos.

— O quê? — Rune perguntou, o cheiro agora familiar de sua fumaça ondulava diante de nós.

— Isto, — eu disse, — Nós, andando na Broadway. Andaríamos a pé na cidade, indo para encontrar os amigos, para nossas universidades ou nosso apartamento. — Eu cutuquei o braço por cima do meu ombro. — Você me abraçando bem deste jeito e falaríamos. Você me contaria sobre o seu dia e eu diria a você sobre o meu. — Eu sorri para a normalidade da imagem. Porque eu não precisava de grandes gestos ou contos de fadas; uma vida normal com o menino que eu amava teria sido sempre o suficiente.

Mesmo neste momento, tudo valeu a pena.

Rune não disse nada. Eu tinha aprendido que quando falava assim, tão abertamente sobre coisas que nunca iriam acontecer, Rune achava melhor não dizer absolutamente nada. E tudo bem. Eu entendia porque ele tinha que proteger seu coração já quebrando.

Se eu pudesse protegê-lo por ele eu faria, mas eu era a causa.

Eu só rezava, a tudo que fosse bom, que eu também pudesse ser o remédio para cura-lo.

Vendo o banner no antigo edifício, eu olhei para Rune e disse, — Estamos quase lá.

Rune olhou em volta em confusão e eu estava feliz. Eu não queria que ele visse onde estávamos indo. Eu não queria que ele ficasse bravo com o gentil gesto. Eu não queria que ele se machucasse por ser obrigado a ver o futuro que poderia ser dele.

Eu guiei Rune em direção a um edifício. Rune jogou o cigarro acabado para o chão e pegou a minha mão na dele. Caminhando para a bilheteira, eu pedi os nossos bilhetes.

Rune empurrou minha mão da minha bolsa quando eu tentei pagar. Ele pagou, mas não sabia onde estávamos. Eu estendi a mão e beijei-o na bochecha. — Que cavalheiro, — Eu provoquei, e vi quando ele revirou olhos.

— Eu não tenho certeza que seu pai acharia isso de mim.

Não pude conter meu riso. Enquanto eu ri livremente, Rune parou e me observou estendendo a mão. Eu coloquei a minha na dele e deixei-o me puxar para ele. Sua boca pousou logo acima da minha orelha e ele disse, — Por que será que quando você ri assim eu preciso desesperadamente tirar uma foto sua?

Olhei para cima, minha risada desaparecendo. — Porque você captura todos os aspectos da condição humana. O bom, o mau, a verdade. — Dei de ombros e acrescentei, — Porque apesar de quanto você protesta e exala uma aura de escuridão, você se esforça por felicidade, você deseja ser feliz.

— Poppy. — Rune virou a cabeça. Como sempre, ele não queria abraçar a verdade, mas estava lá, trancada no fundo de seu coração. Tudo o que ele queria era ser feliz, só ele e eu.

Por mim, eu queria que ele aprendesse a ser feliz sozinho. Mesmo que eu andasse ao lado dele todos os dias em seu coração.

— Rune, — insisti suavemente. — Por favor, venha comigo.

Rune olhou para minha mão estendida, antes de ceder e apertar as mãos firmemente juntas. Até então ele olhou para nossas mãos unidas com uma pitada de dor guardada atrás dos olhos.

Trazendo essas mãos para os meus lábios, eu beijei a palma de sua mão e os trouxe para a minha bochecha. Rune exalou pelo nariz. Finalmente, ele me puxou sob a proteção de seu braço. Envolvendo meu braço em torno de sua cintura, eu o levei através das portas duplas, revelando o show do outro lado.

Fomos recebidos com um vasto, espaço aberto, famosas fotos emolduradas pelas altas paredes. Rune congelou, e olhei para cima a tempo de ver sua reação surpreendida, mas comovida ao ver seu sonho apresentado diante dele. Uma exposição de fotos que moldavam o nosso tempo.

Imagens que mudaram o mundo.

Momentos perfeitamente capturados no tempo.

O peito de Rune expandiu lentamente assim que ele inalou profundamente, então exalou com calma. Ele olhou para mim e abriu os lábios. Nem um som saiu. Nem uma única palavra.

Esfregando a mão sobre o peito, sob a câmera que estava pendurada no pescoço, eu disse, — Eu descobri, ontem a noite, que esta exposição estava acontecendo e queria que você a visse. Ela estará aqui durante o ano todo, mas eu queria estar aqui, com você, neste momento. Eu... eu queria compartilhar isso com você.

Rune piscou, sua expressão neutra. A única reação que ele mostrou foi o aperto da mandíbula. Eu não tinha certeza se isso era uma

coisa boa ou uma coisa má.

Deslizando por baixo do braço, eu vagamente soltei os dedos. Consultei o guia, eu nos direcionei a primeira fotografia em exposição. Eu sorri, vendo o marinheiro no centro da Times Square mergulhando a enfermeira para beijá-la nos lábios. *“Cidade de Nova York. 14 de agosto de 1945. V-J Day no Times Square por Alfred Eisenstaedt”*, eu li. E eu senti a leveza e a emoção da celebração através da imagem exibida diante de mim. Eu senti que estava lá, compartilhando esse momento com todos os que estavam lá.

Eu olhei para Rune, e eu o vi estudando a imagem. Sua expressão não tinha mudado, mas vi a sua mandíbula afrouxar com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado.

Seus dedos se contraíram nos meus.

Eu sorri novamente.

Ele não estava imune. E não importa o quanto ele resistisse, ele amava isso. Eu podia sentir isso tão facilmente quanto eu podia sentir a neve atingindo minha pele lá fora. Levei-o para a segunda imagem. Meus olhos se arregalaram quando eu observava a visão dramática. Tanques rolando em frente no comboio, um homem de pé diretamente em seu caminho. Eu rapidamente li as informações de coração acelerado. *“Tiananmen Square, Pequim. 5 de junho de 1989. Esta imagem capturou o protesto de um homem para parar a repressão militar dos contínuos protestos contra o governo Chinês.”*

Aproximei-me da imagem. Engoli em seco. — É triste, — eu disse para Rune. Rune acenou com a cabeça.

Cada nova imagem parecia evocar uma emoção diferente. Olhando para estes momentos capturados eu realmente entendia porque Rune gostava de tirar fotografias. Esta exposição demonstrava como capturar essas imagens que haviam impactado a sociedade. Elas mostravam a humanidade no seu melhor e no seu pior momento.

Elas destacavam a vida em toda a sua nudez, e em sua forma mais pura.

Quando paramos na próxima imagem, eu imediatamente desviei o olhar, incapaz de olhar devidamente. Um abutre esperando pacientemente, pairando sobre uma criança emagrecida. A imagem imediatamente me fez sentir muita tristeza.

Movi-me para ir embora, mas Rune aproximou-se da imagem. Minha cabeça se levantou e eu assisti-o.

Eu o vi estudar cada parte da imagem. Eu vi como os olhos queimavam e as mãos apertavam em seu lado.

Sua paixão romperá.

Finalmente.

— Esta imagem é uma das imagens mais controversas já tiradas, — ele informou-me em silêncio, ainda centrado na imagem. — O fotógrafo estava cobrindo a fome na África. Ele estava tirando as fotos, viu essa criança andando em busca de ajuda e este abutre esperando sentindo a morte. — Ele respirou. — Esta imagem mostrou, em uma imagem, a extensão da fome mais do que relatórios escritos anteriormente fizeram. — Rune olhou para mim. — Ele fez as pessoas se sentar e prestar atenção. Ele mostrou-lhes, em toda sua gravidade brutal, o quão ruim a fome tinha aumentado naquele país. — Ele apontou para a criança, agachada no chão. — Por causa da imagem, a ajuda aumentou, a imprensa cobriu mais as dificuldades das pessoas. — Ele respirou fundo. — Ele mudou seu mundo.

Não querendo parar o seu ímpeto, nós caminhamos para a próxima. — Você sabe sobre o que é esta?

Na maioria das fotografias, lutei para olhar. A maioria era de dor, a maioria era de sofrimento. Mas, para um fotógrafo, embora gráfico e de partir o coração para observar, elas tinham um certo tipo de graça poética. Eles mantiveram uma mensagem profunda e infinita, todas capturadas em um único quadro.

— Foi um protesto, a guerra do Vietnã. Um monge budista pôs-se em chamas. — A cabeça de Rune baixou e inclinou para o lado, estudando os ângulos. — Ele nunca vacilou. Ele tomou a dor para fazer uma declaração de que a paz devia ser alcançada. Ele destacou a situação e a inutilidade da guerra.

E o dia continuou, Rune explicando quase cada imagem. Quando chegamos à cena final, era uma imagem em preto-e-branco de uma jovem mulher. Era velha; seu cabelo e maquiagem pareciam ser dos anos 60. Ela parecia ter perto de vinte e cinco anos na imagem. E ela estava sorrindo.

Isso me fez sorrir também.

Olhei para Rune. Ele deu de ombros, silenciosamente me dizendo que ele não conhecia essa imagem também. O título simplesmente dizia, "*Esther*". Eu procurei o guia para informação, meus olhos imediatamente encheram de água quando li a inspiração. Quando eu li porque esta foto estava aqui.

— O quê? — Rune perguntou, seus olhos brilhando de preocupação.

"Esther Rubenstein. A falecida esposa do patrono desta exposição". Eu pisquei, e finalmente consegui terminar, *"morreu aos vinte e seis anos, de câncer"*. Eu engoli a emoção na minha garganta e dei um passo para mais perto do retrato de Esther.

"Colocado nesta exposição por seu marido, que nunca se casou novamente."— Ele tirou esta foto e pendurou-a nesta exposição. Significa que mesmo que esta imagem não mude o mundo, Esther mudou o dele.

Lágrimas lentas escorriam pelo meu rosto. O sentimento era bonito; a homenagem era de tirar o fôlego.

Enxugando minhas lágrimas, eu olhei de volta para Rune, que havia se afastado da imagem. Meu coração afundou. Fui para diante dele. Sua cabeça estava pendurada para baixo. Afastei o cabelo do rosto. A expressão torturada que me cumprimentou partiu-me em dois.

— Por que você me trouxe aqui? — Ele perguntou, através de uma garganta espessa.

— Porque é isto que você ama. — Fiz um gesto ao redor da sala. — Rune, este é NYU Tisch. Isto é onde você queria participar. Eu queria que você visse o que você poderia conseguir um dia. Eu queria que você visse o que o seu futuro ainda poderia trazer.

Os olhos de Rune fecharam. Quando abriram, ele apanhou meu bocejo abafado. — Você está cansada.

— Eu estou bem, — eu argumentei, querendo resolver isto agora. Mas eu estava cansada. Eu não tinha certeza que eu poderia fazer muito mais, sem descansar um pouco.

Rune enfiou a mão na minha e disse, — Vamos descansar antes de hoje à noite.

— Rune. — Tentei argumentar, para falar mais sobre isto, mas Rune virou-se e disse calmamente, — *Poppymín*, por favor. Não mais. — Eu podia ouvir a tensão em sua voz. — Nova York era o nosso sonho. Não há Nova York sem você. Então, por favor... — Ele parou, então, tristemente sussurrou, — Pare.

Não querendo vê-lo tão quebrado, eu assenti. Rune beijou minha testa. Esse beijo foi suave. Foi gratidão.

Deixamos a exposição e Rune chamou um táxi. Em poucos minutos estávamos a caminho de volta para o hotel. Tão logo entramos na suíte, Rune deitou-se comigo em seus braços.

Ele não falou até eu adormecer. Adormeci com a imagem de Esther em minha mente, imaginando como seu marido teria se curado depois que ela voltou para casa.

Imaginei se ele tinha sequer mesmo se curado.

— *Poppymin?*

A voz suave de Rune me chamou do sono. Pisquei para a escuridão da sala, só para sentir o dedo suave de Rune passando pelo meu rosto.

— Ei, baby, — ele disse em voz baixa, quando eu virei para encará-lo. Estendendo a mão, acendi a lâmpada.

Quando a luz se acendeu, eu me concentrei em Rune.

Um sorriso surgiu em meus lábios. Ele usava uma camisa branca apertada sob um blazer marrom. Seus jeans pretos estavam justos em suas pernas, botas de camurça preta em seus pés. Eu puxei as lapelas de seu blazer. — Você está parecendo muito elegante, baby.

Os lábios de Rune moldaram em um meio sorriso. Ele se inclinou para frente e tomou minha boca suavemente com a sua. Quando ele puxou de volta, notei seu cabelo estava lavado e seco. E ao contrário de todos os

outros dias, hoje ele passou um pente através dele, os fios dourados deixavam uma sensação sedosa entre meus dedos.

— Como está se sentindo? — Perguntou. Estendi meus braços e pernas.

— Um pouco cansada e dolorida de tanto andar, mas eu estou bem.

A testa de Rune franziu com preocupação. — Tem certeza? Não temos de ir hoje à noite se você não quiser ir.

Afastando-me para frente do meu travesseiro, eu parei apenas uma polegada diante do rosto de Rune e disse, — Nada poderia me impedir de sair hoje à noite. — Eu corri minha mão pelo seu blazer marrom, macio. — Especialmente com você parecendo todo arrumado. Eu não tenho ideia do que você planejou, mas se tenho você fora de sua jaqueta de couro, deve ser algo realmente especial.

— Eu acho que sim, — Rune respondeu depois de uma pausa.

— Então eu definitivamente estou bem, — eu disse, confiante, permitindo a Rune me ajudar até ficar em uma posição sentada quando esta tarefa simples tornou-se uma luta para mim.

Permanecendo agachado, Rune procurou meu rosto. — Eu te amo, *Poppymin*.

— Eu também te amo, baby, — eu respondi. Enquanto eu levantei, com a ajuda de Rune, eu não pude evitar corar. Ele estava ficando mais bonito a cada dia que passava, mas olhando assim, ele fez meu coração acelerar no meu peito.

— O que devo vestir? — Perguntei a Rune. Ele me levou para a sala de estar da suíte. Uma senhora estava esperando no centro da sala, com

equipamento de cabelo e maquiagem espalhados ao redor dela.

Surpreendida, olhei para Rune. Nervoso, ele empurrou o cabelo do rosto. — Sua tia organizou tudo. — Ele deu de ombros. — Então você ficará perfeita. Não que você não seja de qualquer maneira.

A senhora na sala acenou e bateu no assento a frente dela. Rune levantou a minha mão para a boca e beijou-a. — Vá, nós temos que sair em uma hora.

— O que devo vestir? — Perguntei, sem fôlego.

— Providenciamos isso também. — Rune me levou para o banco e me sentei, parando brevemente para me apresentar a estilista.

Rune foi sentar-se no sofá do outro lado da sala. Eu estava cheia de felicidade, quando ele tomou a sua câmera de sua bolsa sobre a mesa lateral. Eu observei Rune levantar a câmera para seu olho enquanto Jayne, a estilista, começava a trabalhar no meu cabelo. E pelos próximos quarenta minutos, ele capturou esses momentos.

Eu não poderia ter sido mais feliz se eu tentasse.

Jayne se inclinou para baixo, verificando meu rosto, e, com uma pincelada final sobre minha bochecha, afastou-se e sorriu. — Lá vamos nós, menina. Tudo pronto. — Ela se afastou e começou a guardar suas coisas. Quando ela terminou, ela me beijou na bochecha. — Tenha uma boa noite, senhorita.

— Obrigada, — eu respondi e ela caminhou até a porta.

Quando me virei, Rune estava de pé diante de mim. Ele ergueu a mão para o meu cabelo recém cacheado.

— *Poppymín*, — ele murmurou. — Você está bonita.

Eu abaixei minha cabeça. — Eu?

Rune ergueu a câmera e bateu no botão. Baixando-a novamente, ele assentiu. — Perfeita.

Rune estendeu a mão para a minha e me levou até o quarto. Pendurado na porta estava um vestido preto de cintura império⁶. Sapatos de salto baixo descansavam no chão acarpetado.

— Rune, — eu sussurrei enquanto eu corria minha mão sobre o material macio. — É tão bonito.

Rune levantou o vestido e colocou-o sobre a cama. — Vista-se, baby, temos que sair.

Eu balancei a cabeça, ainda em transe. Rune saiu do quarto e fechou a porta. Em minutos eu estava vestida e escorreguei meus pés nos sapatos. Fui para o espelho do banheiro, e um suspiro atordoado saiu da minha boca quando olhei para a menina me olhando de volta. Meu cabelo estava enrolado e nem um fio fora do lugar. Minha maquiagem ostentava os olhos esfumaçados levemente, e, melhor de tudo, os meus brincos de infinito estavam brilhando.

Uma batida veio da porta do quarto. — Entre! — Gritei. Eu não conseguia me afastar do meu reflexo.

Rune ficou atrás de mim, e meu coração derreteu quando vi a reação dele no espelho... o fascínio em seu rosto bonito.

Ele colocou as mãos nos meus braços. Inclinando-se, uma mão levantou para puxar o meu cabelo enquanto beijava o ponto logo abaixo da minha orelha. Eu senti falta de ar ao seu toque, os olhos ainda fixos nos meus no espelho.

Meu vestido preto era ligeiramente decotado à frente, mostrando o meu peito e pescoço, alças largas nas bordas dos meus ombros. Rune beijou meu pescoço, antes de mover a mão para o meu queixo para levar a minha boca para a dele. Seus lábios quentes derreteram contra o meu e eu suspirei, com pura felicidade, em sua boca.

Rune chegou até o balcão e levantou meu laço branco em suas mãos. Ele colocou em meu cabelo.

Lançando-me um sorriso tímido, ele disse, — Agora você está perfeita. Agora você é minha Poppy.

Meu estômago virou na rouquidão em sua voz, então completamente virou de novo quando tomou a minha mão e me levou do quarto. Um casaco esperava no quarto e, como um verdadeiro cavalheiro, ele o segurou e colocou-o sobre meus ombros.

Virando-me para encará-lo, Rune perguntou, — Você está pronta?

Eu balancei a cabeça e permiti que Rune me conduzisse para dentro do elevador e, em seguida, para fora da porta. Uma limusine estava esperando por nós, o motorista elegantemente vestido abriu a porta para nós entrarmos. Eu me virei para Rune para perguntar como ele tinha arranjado tudo, mas antes mesmo que eu pudesse, ele respondeu, — DeeDee.

O motorista fechou a porta. Segurei com força as mãos de Rune quando entramos nas ruas movimentadas. Eu assisti Manhattan passar pela janela, então paramos.

Eu vi o edifício antes de sair da limusine, meu coração martelando com emoção. Virei minha cabeça para Rune, mas ele já tinha saído. Ele apareceu na minha porta, abrindo-a para mim e estendendo a mão.

Saí para a rua e olhei para o enorme edifício ante nós. — Rune, — eu sussurrei. — Carnegie Hall, — minha mão escorregou

sobre a minha boca.

Rune fechou a porta e a limusine se afastou. Ele me puxou para perto e disse, — Venha comigo.

Caminhando para a entrada, eu tentei ler todos os sinais para obter uma indicação sobre a atuação. Mas não importa o quão duro eu procurava, eu não conseguia descobrir quem estava tocando esta noite.

Rune empurrou através das grandes portas, e um homem cumprimentou-nos no interior e apontou o caminho para onde ir. Rune levou-me para frente até que passamos o salão e entramos no auditório principal. Se eu estava ofegante antes, não era nada como eu me sentia naquele momento, de pé no corredor que tinha sido meu sonho desde quando eu era uma garotinha.

Quando eu tinha visto o vasto impressionante espaço, varandas de ouro, o vermelho luxuoso das cadeiras e tapetes, eu fiz uma careta percebendo que estávamos completamente sozinhos. Não havia público. Não havia orquestra.

— Rune?

Rune balançou nervosamente em seus pés e apontou para o palco. Segui sua mão. No centro do grande palco havia uma única cadeira e um violoncelo descansando ao seu lado com sua proa deitada em cima.

Tentei entender o que eu estava vendo, mas eu não conseguia compreender. Este era Carnegie Hall. Um dos locais de concertos famoso no mundo inteiro.

Sem uma palavra, Rune me levou pelo corredor em direção ao palco, parando em um conjunto de degraus provisórios. Eu me virei para ele, e Rune encontrou meus olhos. — *Poppymín*, se as coisas tivessem sido diferentes... — Ele puxou uma respiração, mas conseguiu se recompor o

suficiente para continuar. — Se as coisas tivessem sido diferentes, você um dia teria tocado aqui como uma profissional. Você teria tocado aqui como parte de uma orquestra, a orquestra que você sonhou fazer parte. — A mão de Rune apertou a minha. — Você teria apresentado o solo que você sempre quis tocar neste palco.

Uma lágrima caiu do olho do Rune. — Mas eu sei que isso não acontecerá, porque a vida é extremamente injusta... Eu ainda queria que você tivesse isso. Para saber como esse sonho seria. Eu queria que você tivesse sua chance no estrelato. Estrelato que, na minha opinião, você merece não só como a pessoa que eu mais amo no mundo inteiro, mas como a melhor violoncelista. A artista mais talentosa.

O entendimento apareceu. A magnitude do que ele tinha feito para mim começou a se estabelecer, flutuando lentamente para descansar no meu coração exposto. Sentindo meus olhos se encherem de água, dei um passo para mais perto de Rune, deslocando minhas mãos em seu peito. Pisquei para ele, tentando livrar as lágrimas dos meus olhos. Incapaz de segurar as minhas emoções, tentei perguntar, — Você... como você... fez isso...?

Rune me puxou para frente e me guiou até as escadas até que eu estava de pé no palco que havia sido a maior ambição da minha vida. A mão de Rune apertou a minha ao invés de palavras. — Esta noite você tem o palco, *Poppymin*. Me desculpe, eu sou o único que vai testemunhar a sua atuação mas eu só queria que você tivesse esse sonho realizado. Eu queria que você tocasse nesta sala. Eu queria que sua música preenchesse este auditório. Eu queria que o seu legado ficasse impresso nestas paredes.

Aproximando-se de mim, Rune colocou as mãos no meu rosto e enxugou as lágrimas com a ponta de seus polegares. Pressionando sua testa na minha, ele sussurrou, — Você merece isso, Poppy. Você devia ter tido mais tempo para ver este sonho realizado, mas... mas...

Segurei minhas mãos em volta dos pulsos de Rune enquanto ele lutava para terminar. Meus olhos bem fechados, expulsando as restantes

das lágrimas dos meus olhos. — Não, — eu silencieei-o, e levantei o pulso de Rune para beijar seu pulso acelerado. Descansando no meu peito, eu acrescentei, — Está tudo bem, baby. — Eu inalei, e um sorriso se espalhou nos meus lábios molhados. O cheiro de madeira encheu minhas narinas. Se eu fechasse os olhos com força suficiente, parecia como se eu pudesse ouvir o eco de todos os músicos que pisaram neste palco de madeira, os mestres conhecedores da música que tinham agraciado este salão com a sua paixão e talento.

— Nós estamos aqui agora, — eu terminei, e dei um passo para trás de Rune. Abrindo os olhos, pisquei para a vista do auditório da minha posição elevada. Imaginei-o cheio de pessoas, todas vestidas para um concerto.

Homens e mulheres que gostavam de sentir a música em seus corações. Eu sorri, vendo a imagem tão vibrante em minha mente.

Quando me virei de volta para o garoto que tinha organizado este momento para mim, fiquei sem palavras. Eu não tinha palavras para expressar com precisão o que este gesto tinha feito a minha alma. O presente que Rune tinha me dado tão puramente e docemente... meu maior sonho.

Então, eu não disse nada. Eu não podia.

Em vez disso, eu liberei os pulsos e caminhei para o banco solitário que me esperava. Passei a mão sobre o couro preto, sentindo a textura sob meus dedos. Caminhando para o violoncelo, o instrumento que tinha sempre parecido como uma extensão do meu corpo. Um instrumento que me encheu de uma alegria que nunca se podia explicar até que fosse realmente experimentado. Uma alegria que é abrangente e trazia consigo

uma forma superior de paz, de tranquilidade, de serenidade; um delicado amor como nenhum outro.

Desabotoando meu casaco, eu escorreguei-o para fora dos meus braços, apenas para duas mãos familiares segurá-lo, então passou delicadamente sobre a minha pele. Voltei a olhar para Rune, que silenciosamente deixou um beijo no meu ombro nu, em seguida, deixou o palco.

Eu não vi onde ele estava sentado, quando ele deixou o palco, os holofotes estavam diretamente acima do banco mudando de um ténue brilho para um brilho potente. As luzes do auditório foram desligadas. Olhei para a brilhantemente cadeira iluminada com uma mistura inebriante de nervosismo e excitação.

Um pé para frente, os saltos de meus sapatos causando um eco ressaltando nas paredes. O som sacudiu meus ossos, estabelecendo chamadas em meus músculos enfraquecidos, rejuvenescendo-os com vida.

Inclinando-me, eu levantei o violoncelo e senti o pescoço dele no meu aperto. Eu segurei o arco na minha mão direita, a sua madeira delgada encaixando perfeitamente em meus dedos.

Abaixei-me para a cadeira, inclinando o violoncelo para mover o pico para a altura perfeita. Corrigindo o violoncelo, o mais bonito violoncelo que eu já tinha visto, eu fechei os olhos e trouxe as minhas mãos para as cordas, tocando cada uma para verificar que estava em sintonia.

Claro, estava perfeito.

Mexi-me para a borda do assento, plantando meus pés no chão de madeira até que eu me senti pronta e preparada.

Então eu me permiti olhar para cima. Inclinei meu queixo para o holofote como se fosse o sol. Inalei uma respiração profunda, fechei os olhos, então conectei meu arco com as cordas.

E eu toquei.

As primeiras notas da Prelude Bach fluíram de meu arco para a cadeira e para o palco, correndo adiante para encher a grande sala com os sons celestiais. Eu balançava quando a música me levou em seu abraço, derramando de mim, expondo minha alma para que todos pudessem ouvir.

E na minha cabeça o auditório estava lotado. Cada assento estava ocupado com os fãs da música me ouvindo tocar.

Ouvindo a música que pedia para ser ouvida. Tocando tais melodias que nem um olho sem lágrimas poderia ser encontrado na casa. Exalando tal paixão que todos os corações seriam preenchidos e espíritos seriam tocados.

Eu sorri sob o calor da luz, que estava aquecendo os músculos e extinguindo a sua dor. A peça chegou ao fim. Então eu puxei outra. Eu reproduzi outra música e eu toquei até ter passado tanto tempo tocando que eu podia sentir os meus dedos começando doer.

Eu levantei o arco, um silêncio aberto agora encobrendo o hall. Eu deixei cair uma lágrima enquanto eu pensava no que eu tocaria a seguir. O que eu sabia que eu iria tocar a seguir. O que eu *deveria* tocar a seguir.

A única peça de música que eu sonhei tocar neste palco de prestígio. A única peça que falava com a minha alma como nenhuma outra. A única peça que teria uma presença aqui por muito tempo depois que eu tivesse ido embora. A que eu gostaria de tocar como um adeus a minha paixão. Depois de ouvir o seu eco perfeito neste magnífico hall, eu não iria, não poderia, toca-la nunca mais. Não haveria mais violoncelo para mim.

Tinha de ser o lugar onde deixaria essa parte do meu coração. Este seria o lugar onde eu diria adeus à paixão que tinha me mantido forte, que tinha sido minha salvadora nos tempos em que me sentia perdida e sozinha.

Seria onde as notas seriam deixadas para dançar no ar por toda a eternidade.

Eu senti um tremor em minhas mãos enquanto parei antes de começar. Senti as lágrimas fluindo espessas e rápidas, mas elas não eram em tristeza. Eram por duas amigas rápidas — a música e a vida que o criou, — contando que elas tinham que se separar, mas que um dia, *algum dia*, elas estariam juntas novamente.

Considerando, coloquei o arco na corda e deixei "The Swan" de *Carnival of the Animals* iniciar. Quando minhas mãos agora constantes começaram a reproduzir a música que eu tanto adorava, senti um carço encher a minha garganta. Cada nota era uma oração sussurrada e cada uma aumentava um alto hino, para Deus que me deu este presente. Me deu o dom de tocar a música, de senti-la em minha alma.

E essas notas eram os meus sinceros agradecimentos ao instrumento por me permitir tocar a sua glória com tal graça.

Permitindo-me a amá-lo tanto que ele se tornou uma parte de quem eu era, a própria construção da minha existência.

E, finalmente, com as barras delicadas da peça fluindo tão suavemente para dentro da sala, elas sinalizaram a minha eterna gratidão ao rapaz sentado silenciosamente no escuro. O menino que tinha o dom para fotografia como eu tinha para a música. Ele era meu coração. O coração livremente dado a mim quando ainda era criança. O coração que era metade do meu. O menino que, apesar de quebrado por dentro, me amava tão profundamente que ele me deu esta despedida. Deu-me, atualmente, o sonho que o meu futuro nunca poderia dar.

Minha alma gêmea que capturava momentos.

Minha mão tremia quando a nota final soou, minhas lágrimas caindo na madeira. Eu estendi minha mão no ar, o fim da peça suspensa até que o eco final da sua nota superior sussurrada derivou para os céus para tomar o seu lugar entre as estrelas.

Fiz uma pausa, deixando a despedida afundar.

Em seguida, o mais silenciosamente possível, fiquei de pé. E sorrindo, imaginei o público e os aplausos. Abaixei minha cabeça e baixei o violoncelo para o chão do palco, deixando o arco tal como tinha encontrado.

Eu levantei minha cabeça de volta para o holofote uma última vez, em seguida, entrei na sombra.

Meus saltos criaram uma batida de tambor maçante quando saí do palco. Quando cheguei ao último degrau, as luzes do auditório apareceram, afastando o restante do sonho.

Tomei uma respiração profunda, passando meu olhar sobre as cadeiras vermelhas e vazias, então lancei um olhar para o violoncelo ainda posicionado exatamente como ele estava no palco, esperando pacientemente pelo próximo músico para ser abençoado com a sua graça.

Estava feito.

Rune levantou lentamente. Meu estômago embrulhou assim que vi suas bochechas avermelhadas pela emoção. Mas o meu coração pulou uma batida muito necessária quando vi a expressão em seu rosto bonito.

Ele me entendeu. Ele entendeu a minha verdade.

Ele entendeu que era a última vez que eu iria tocar. E eu pude ver, com clareza cristalina, a mistura de tristeza e orgulho em seus olhos.

Quando ele me alcançou, Rune não tocou as manchas de lágrima no meu rosto que deixei intocadas. Fechando seus olhos, Rune tomou

minha boca em um beijo. E nesse beijo senti sua demonstração de amor. Eu senti um amor, que aos dezessete anos, eu era abençoada por ter recebido.

Um amor que não conhecia limites.

O tipo de amor que inspira a música e que dura através dos tempos.

Um amor que deve ser sentido e significativo e estimado.

Quando Rune puxou para trás e olhou nos meus olhos, eu sabia que esse beijo iria ser escrito em um coração de papel rosa com mais devoção do que qualquer dos que tinha sido antes.

Beijo 819 foi o beijo que mudou tudo. O beijo que provou que um menino de cabelos compridos da Noruega e uma menina peculiar do Deep South poderia encontrar um amor para rivalizar com os grandes.

Ele mostrou que o amor era simplesmente a tenacidade para se certificar de que a outra metade de seu coração sabia que ele, ou ela, era adorado em todos os sentidos. Em cada minuto de cada dia. Que o amor era a ternura em sua forma mais pura.

Rune respirou fundo, em seguida, sussurrou, — Não tenho palavras agora... em qualquer dos meus idiomas.

Eu ofereci um sorriso fraco em troca. Porque eu também não tinha.

Este silêncio era a perfeição. Ele era muito melhor do que as palavras.

Tomando a mão de Rune, eu guiei-o pelo corredor e para fora do salão. A explosão fria do vento de Nova York em fevereiro foi um bem-vindo alívio do calor do edifício. Nossa limusine estava esperando no meio-fio; Rune deve ter chamado o motorista.

Nós entramos no banco de trás. O motorista saiu para o tráfego e Rune me puxou para o seu lado. Eu caí de bom grado, respirando o aroma fresco dele em seu blazer. Com cada volta que o motorista dava, minha frequência cardíaca aumentava. Quando chegamos ao hotel, peguei a mão de Rune e entramos.

Nem uma única palavra foi pronunciada no trajeto até aqui, nem um único som foi feito quando o elevador atingiu o piso superior. O som do cartão abrindo a fechadura eletrônica soou como um trovão no corredor silencioso. Abri a porta, meus passos clicando no chão de madeira e entramos na sala de estar.

Sem parar, eu andei até a porta do quarto, apenas olhando para trás para me certificar de que Rune estava me seguindo. Ele parou na porta, me observando caminhar.

Nossos olhares se conectaram, e precisando dele mais do que o ar, eu lentamente levantei minha mão. Eu o queria. Eu precisava dele.

Eu tinha que amá-lo.

Eu assisti Rune puxar uma respiração profunda, então andou em minha direção. Ele caminhou com cuidado até onde eu esperava. Ele deslizou sua mão na minha, seu toque enviando labaredas de luz e de amor pelo meu corpo.

Os olhos de Rune estavam escuros, quase pretos, suas pupilas dilatadas apagando o azul. Sua necessidade era tão forte como a minha, o seu amor comprovado e sua confiança tão completa.

Uma calma inundou em mim como um rio. Eu deixei-a, e levei Rune para o quarto e fechei a porta. A atmosfera ficou espessa em torno de nós. Os intensos, avaliadores olhos de Rune observavam cada movimento meu.

Sabendo que eu tinha a sua atenção inabalável, eu soltei a mão e me afastei. Levantando os meus dedos trêmulos, comecei desabotoando os botões grandes do meu casaco, nossos olhares se encontraram nunca vacilando quando o casaco abriu e eu lentamente deixei-o cair no chão.

A mandíbula de Rune ficou tensa enquanto observava, seus dedos abrindo e fechando em seus lados.

Tirei meus sapatos, meus pés descalços afundando no tapete macio. Inalando uma respiração fortalecedora, atravessei o tapete até onde Rune de pé estava esperando. Quando parei diante dele, eu levantei meus olhos, pálpebras pesadas com o ataque de sentimentos dentro de mim.

O peito largo do Rune subia e descia, a camisa branca apertada sob seu blazer mostrando seu tonificado peito. Sentindo um rubor no meu rosto, eu gentilmente coloquei as palmas das mãos sobre o peito dele. Rune acalmou quando minhas mãos quentes o tocaram. Em seguida, mantendo meus olhos fixos nos dele, eu deslizei minhas mãos até os ombros, libertando-o de seu blazer. O blazer caiu no chão a seus pés.

Eu respirei três vezes, lutando para controlar o nervosismo, de repente correndo através de mim. Rune não se moveu. Ele permaneceu completamente imóvel, me deixando explorar; Passei a mão para baixo sobre seu estômago, até o braço e peguei a mão dele com a minha. Eu levantei nossas mãos unidas até a minha boca e em um movimento tão familiar para nós dois, eu beijei nossos dedos entrelaçados.

— Esta é a forma como eles deveriam sempre estar, — eu sussurrei, olhando para os nossos dedos juntos.

Rune engoliu em seco e acenou com a cabeça em acordo silencioso.

Meus pés recuaram e de volta novamente. Levei-nos para a cama. O edredom estava puxado e, virado pelo serviço de limpeza. E o mais perto que me aproximava da cama, mais meus nervos e a paz se estabeleciam dentro de mim. Porque isto estava certo. Nada, *ninguém*, poderia me dizer que isto era errado.

Fazendo uma pausa antes de alcançar a beira da cama, eu liberei nossas mãos. Conduzida pelo desejo, eu peguei a bainha da camisa de Rune e lentamente trouxe sobre sua cabeça. Ajudando-me, Rune jogou a camisa para o chão, ficando-o em pé com o peito nu.

Rune dormia assim todas as noites, mas havia algo na atmosfera e o jeito que ele me fez sentir com a surpresa de hoje à noite, que fez isto diferente.

Era diferente.

Era comovente.

Mas éramos *nós*.

Levantando minhas mãos, eu pressionei as palmas das mãos para sua pele e corri meus dedos sobre cada músculos. A pele de Rune arrepiou no meu toque, a ofegante respiração assobiando através dos seus lábios entreabertos.

Com meus dedos explorei o peito largo, eu me inclinei para frente e pressionei os lábios sobre seu coração. Estava acelerado como as asas de um beija-flor.

— Você é perfeito, Rune Kristiansen, — eu sussurrei.

Os dedos de Rune subiram para enfiar através do meu cabelo. Ele guiou minha cabeça. Eu mantive meus olhos baixos até o último segundo, quando finalmente olhei para cima e encontrei seu olhar azul cristalino. Seus olhos estavam brilhando.

Os lábios cheios de Rune se abriram e ele sussurrou, — *Jeg elsker deg.*

Ele me ama.

Eu balancei a cabeça para mostrar que eu tinha o ouvido falar. Mas a minha voz tinha sido roubada pelo momento. Pela preciosidade de seu toque. Dei um passo para trás, os olhos de Rune seguindo cada movimento meu.

Eu queria que eles seguissem.

Levantando minha mão para a alça no meu ombro, eu lutei contar o meu nervosismo e deixei-a cair pelo meu braço.

A respiração de Rune falhou quando eu libertei a outra alça, o vestido de seda caindo aos meus pés. Forcei meus braços para baixo ao meu lado, a maior parte do meu corpo revelado para o garoto que eu amava além de tudo nesse mundo.

Eu estava nua, mostrando as cicatrizes que eu obtive ao longo de dois anos. Mostrando eu por completo, a garota que ele sempre conheceu, e as cicatrizes da batalha de minha luta inabalável.

O olhar de Rune caiu para percorrer meu corpo. Mas não houve repugnância nos olhos. Vi apenas a pureza do seu amor brilhando. Vi apenas a necessidade e o querer, e acima de tudo... todo o seu coração exposto.

Apenas para os meus olhos.

Como sempre.

Rune aproximou-se cada vez mais perto, até que seu peito quente pressionou contra o meu. Com um toque leve, ele escovou meu cabelo para

trás da minha orelha, e depois arrastou as pontas dos dedos no meu pescoço nu e no meu lado.

Meus olhos tremeram com a sensação. Arrepios percorreram minha espinha. O cheiro mentolado da respiração do Rune encheu meu nariz quando ele se inclinou para frente e arrastou seus lábios suaves ao longo do meu pescoço, salpicando delicados beijos na minha pele exposta.

Agarrei-me a seus ombros fortes, me firmando no chão. — *Poppymin*, — Rune sussurrou com a voz rouca quando sua boca passou pela minha orelha.

Inalando profundamente, eu sussurrei, — Faça amor comigo, Rune.

Rune congelou por um momento, então, mudando até que seu rosto pairava acima do meu, ele pegou brevemente meus olhos antes de seus lábios descansarem contra os meus. Esse beijo foi tão doce como esta noite, tão suave como seu toque.

Este beijo era diferente, era a promessa do que viria pela frente, a promessa de que Rune seria amável... sua promessa de me amar como eu o amava.

As mãos fortes de Rune estavam sobre a minha nuca enquanto sua boca trabalhava lentamente contra a minha. Então, quando eu estava ofegante, as mãos caíram para minha cintura e cuidadosamente me levantou para cima da cama.

Minhas costas bateram no colchão macio e eu assisti a partir do centro da cama Rune derramando o restante de suas roupas, sem tirar os olhos dos meus enquanto ele engatinhava na cama para se deitar ao meu lado.

A intensidade no rosto bonito de Rune me derreteu, causando uma batida no meu coração em um ritmo interrupto.

Rolando no meu lado para encará-lo, eu corri meus dedos por sua bochecha e sussurrei, — Eu também te amo.

Os olhos de Rune fecharam como se ele precisasse ouvir essas palavras mais do que sua próxima respiração. Movendo-se acima de mim, sua boca tomou a minha. Minhas mãos passearam pelas suas costas largas correndo para cima através de seu longo cabelo. As mãos de Rune percorriam meu lado, então me libertou da minha roupa restante e deixou-as cair no chão para se juntar ao resto.

Eu estava sem fôlego quando Rune elevou-se sobre mim. Sem fôlego quando ele encontrou meus olhos e perguntou, — Você tem certeza disso, *Poppymín*?

Incapaz de conter o meu sorriso, eu respondi, — Mais do que eu tive sobre qualquer outra coisa na minha vida.

Meus olhos se fecharam quando Rune me beijou de novo, enquanto suas mãos exploraram o meu corpo, tudo de uma só vez. E eu fiz o mesmo. Com cada toque e cada beijo, meu nervosismo diminuiu até que era somente Poppy e Rune, não houve começo e nem fim para nós dois.

O ar tornou-se pesado e quente quanto mais nos beijamos e explorávamos, até que finalmente, Rune deslocou-se acima de mim. Nem uma vez quebrando o contato visual, ele me tomou novamente.

Meu corpo cheio de vida e luz quando ele nos fez um. Meu coração se encheu com tanto amor que eu temia não conter todas as inundações de felicidade.

Segurei-o à medida que caímos de volta a Terra, segurando-o com força em meus braços. A cabeça de Rune estava na curva do meu pescoço,

sua pele brilhando e quente.

Eu mantive meus olhos fechados, não querendo romper com esse momento. Este momento perfeito. Eventualmente, Rune levantou a cabeça. Vendo a expressão vulnerável em seu rosto, beijei-o suavemente. Tão suavemente como ele tinha me tomado. Tão suavemente como ele lidou com o meu coração frágil.

Seus braços embalaram minha cabeça, me mantendo segura. Quando eu rompi com o beijo, eu encontrei o seu olhar amoroso e sussurrei, — Beijo número 820. Com o meu Rune, no mais incrível dia da minha vida. Depois de fazermos amor... O meu coração quase explodiu.

A respiração de Rune prendeu na garganta. Com um breve beijo final, ele rolou ao meu lado e me envolveu nos braços dele.

Meus olhos se fecharam e eu adormeci num sono leve. Tão leve que eu senti Rune beijar minha cabeça, em seguida, se mover da cama. Quando a porta do quarto fechou, pisquei no quarto escuro, pegando o som da porta para o terraço se abrindo.

Empurrando o edredom de lado, eu vesti o roupão que estava pendurado na parte de trás da porta e os chinelos que estavam no chão. Enquanto eu caminhava pela sala, eu sorri, ainda sentindo o cheiro de Rune na minha pele.

Entrei na sala de estar, indo na direção da porta e para fora, mas imediatamente parei no caminho. Porque através da janela ampla pude ver Rune no chão, sentado sobre os joelhos.

Caindo aos pedaços.

Era como se meu coração fisicamente se partisse em dois comigo vendo-o, no ar frio da noite, e vestido com apenas seu jeans. Lágrimas

escorriam de seus olhos enquanto suas costas tremiam com a dor.

As lágrimas nublaram minha visão enquanto eu olhava para ele. Meu Rune. Quebrado e sozinho, quando ele se sentou na leve neve caindo.

— Rune. *Baby*, — eu sussurrei para mim, eu forcei meus pés para a porta, fiz a minha mão girar a maçaneta e ordenei ao meu coração que se preparasse para a dor causada por essa cena.

Meus pés rangiam na camada fina, camadas de neve debaixo dos meus pés. Rune parecia não ouvir. Mas eu ouvi-o. Ouvi sua respiração descontrolada. Ainda mais pior, eu ouvi seus soluços. Eu ouvi a dor dominá-lo. Vi-o na forma como ele caiu para frente, com as palmas plantadas no chão debaixo dele.

Falhando em reter meus gritos, corri para frente e passei meus braços em torno dele. Sua pele nua estava congelando ao toque. Parecendo não perceber o frio, Rune desabou no meu colo, seu longo, largo peito buscando o conforto dos meus braços.

E ele quebrou. Rune quebrou completamente: torrentes de lágrimas escorriam pelo seu rosto, espessas respirações fazendo fumaça branca assim que atingiam o ar gelado.

Eu balançava para frente e para trás, segurando-o perto. — Shh, — Eu acalmava-o, tentando respirar através da minha própria dor. A dor de ver o menino que eu amava caindo aos pedaços. A dor de saber que eu tinha que partir em breve, ainda querendo resistir ao chamado de casa com todo o meu coração.

Eu tinha chegado a um acordo com a minha vida desaparecendo. Agora eu queria lutar para ficar com Rune, por Rune, mesmo sabendo que era inútil.

Eu não estava no controle do meu destino.

— Rune, — eu sussurrei, minhas lágrimas se perdendo nas longas mechas de seu cabelo em meu colo.

Rune olhou para cima, sua expressão devastada, e perguntou com voz rouca, — Por quê? Por que eu tenho que te perder?

Ele balançou a cabeça e seu rosto contorceu de dor. — Porque eu não posso, *Poppymín*. Eu não posso vê-la partir. Eu não posso suportar a ideia de não ter você deste jeito para o resto de nossas vidas. — Ele engasgou com um soluço, mas conseguiu dizer, — Como pode um amor como o nosso ser quebrado? Como você pode ser levada tão jovem?

— Eu não sei, baby, — eu sussurrei, desviando o olhar em um esforço para me segurar. As luzes de Nova York brilharam na minha linha de visão. Afugentei a dor que veio das perguntas dele.

— Só é assim, Rune, — eu disse com tristeza. — Não há nenhuma razão por que ser eu somente. Por que não eu? Ninguém merece isto, ainda tenho que... — Eu parei, mas consegui acrescentar, — Eu *tenho* que confiar que há uma razão maior ou eu desmoronaria com a dor de deixar tudo o que eu amo para trás. — Eu respirei fundo e disse, — Deixando você, especialmente depois de hoje. Especialmente depois de fazer amor com você esta noite.

Rune olhou nos meus olhos cheios de lágrimas. Reunindo alguma compostura, ele ficou de pé e me levantou em seus braços. Eu estava feliz, porque me sentia fraca demais para me mover. Eu não tinha certeza que eu poderia ter me levantado do chão frio e, úmido se eu tivesse tentado.

Unindo os braços em volta do pescoço de Rune, eu coloquei minha cabeça no peito dele e fechei os olhos enquanto ele a me carregava para dentro e de volta para o quarto. Empurrando o edredom de volta, ele me colocou por baixo, seguindo atrás e envolvendo os braços em volta da minha cintura enquanto nós enfrentamos um ao outro no meu travesseiro.

Os olhos de Rune estavam vermelhos, seu longo cabelo estava molhado da neve e sua pele estava manchada com a profundidade de sua tristeza. Levantando minha mão, eu passei pelo seu rosto. Sua pele estava congelando.

Rune virou o rosto para a palma da mão. — No palco esta noite, eu sabia que você estava dizendo adeus. E eu... — Sua voz prendeu, mas ele tossiu e terminou, — Aquilo fez isto muito real. — Seus olhos encobertos com novas lágrimas. — Aquilo me fez perceber que isto estava realmente acontecendo. — Rune segurou minha mão e levou-a ao peito. Ele apertou-a com força. — E eu não posso respirar. Eu não posso respirar quando tento me imaginar vivendo sem você. Eu tentei uma vez, e não foi bom. Mas... mas pelo menos se você estivesse viva, lá fora, em algum lugar. Logo... logo... — Ele cortou suas palavras enquanto as lágrimas caíam. Ele virou a cabeça do meu olhar.

Eu peguei seu rosto. Rune piscou. — Você está com medo, *Popymin*? Porque eu estou apavorado. Eu estou aterrorizado como o inferno de como a vida vai parecer sem você.

Fiz uma pausa. Eu realmente pensei sobre sua pergunta. E eu me deixei sentir a verdade. Deixei-me ser honesta.

— Rune, eu não tenho medo de morrer. — Eu abaixei minha cabeça, e a dor que nunca tinha me tomado antes de repente, encheu cada célula minha. Eu deixei minha cabeça cair na dele e sussurrei, — Mas desde que eu consegui você de volta, desde que o meu coração recuperou o seu batimento, você, e eu estivemos sentindo todos os tipos de coisas que eu não tinha sentindo antes. Eu orei por mais tempo, apenas para que eu pudesse viver mais dias em seus braços. Eu oro por minutos a mais para que você possa me dar mais beijos. — Arrastando uma respiração muito

necessária, acrescentei, — Mas pior de tudo, eu estou começando a sentir medo.

Rune se aproximou, seu braço apertando ao redor da minha cintura. Eu levantei minha mão trêmula ao rosto. — Eu sinto medo por perdê-lo. Eu não tenho medo de morrer, Rune. Mas eu tenho pavor de ir a qualquer novo lugar sem você. — Os olhos de Rune fecharam e ele sussurrou, como se estivesse com dor.

— Eu não me conheço sem você, — eu disse calmamente. — Mesmo quando você estava em Oslo, imaginei seu rosto, eu me lembrava de como sua mão sentia segurando a minha. Tocava suas músicas favoritas e eu lia os beijos no meu frasco. Tal como a minha vovó me disse para fazer. E eu fechava os olhos e sentia seus lábios nos meus. — Eu me permiti sorrir. — Eu me lembro da noite que fizemos amor pela primeira vez e o sentimento em meu coração naquele momento... cheio de paz.

Funguei e rapidamente limpei minhas bochechas úmidas. — Embora você não estivesse comigo, você estava no meu coração. E isso foi o suficiente para me sustentar, mesmo que eu não estivesse feliz. — Eu beijei a boca de Rune, apenas para saborear o seu gosto. — Mas agora, após este tempo juntos, me fez ter medo. Porque quem somos nós sem um ao outro?

— Poppy, — Rune sussurrou.

Minhas lágrimas caíram com abandono imprudente e eu gritei, — Eu te machuquei por te amar tanto. E agora eu tenho que partir em uma aventura sem você. E eu não posso suportar o quanto machuco você. Eu não posso deixá-lo tão sozinho e com dor.

Rune me puxou para o seu peito. Eu chorei. Ele chorou. Nós compartilhamos os nossos medos de perda e amor. Meus dedos

descansaram em suas costas e eu tive conforto em seu calor.

Quando as nossas lágrimas abrandaram, Rune gentilmente me empurrou para trás e procurou meu rosto. — Poppy, — ele perguntou com a voz rouca, — Como em sua opinião você acha que o céu se parece?

Eu podia ver em seu rosto que ele queria desesperadamente saber. Reunindo minha compostura, eu declarei, — Um sonho.

— Um sonho, — Rune repetiu, e eu vi o seu lábio curvar no canto.

— Eu li uma vez que quando você sonha todas as noites, é realmente uma visita a casa. *Casa*, Rune. Céu. — Eu comecei a sentir o calor que essa visão trouxe para os meus dedos dos pés. Começou a viajar por todo o meu corpo.

— Meu céu será você e eu no bosque de flor. Como sempre. Para sempre dezessete anos.

Peguei uma mecha de cabelo do Rune entre meus dedos, estudando a cor dourada. — Você alguma vez sonhou um sonho tão vividamente, que quando você acordou você acreditou que era real? Parecia ser real?

— *Ja*, — Rune disse calmamente.

— Isso é porque era, de certa forma, Rune. Então, à noite, quando você fechar os olhos, eu vou estar lá, vou encontra-lo no nosso bosque.

Me aproximando, acrescentei, — E então, quando for a hora de você voltar para casa também, vai ser eu quem vai cumprimentar você. E não vai haver nenhuma preocupação ou medo ou dor. Apenas o amor. — Suspirei feliz. — Imagine isso, Rune. Um lugar onde não há dor ou mágoa. — Eu fechei os olhos e sorri. — Quando penso sobre isso dessa forma, eu não fico mais assustada.

Os lábios de Rune escovaram sobre os meus. — Parece perfeito, — ele disse, seu sotaque profundo, a voz áspera. — Eu quero que você mantenha isso, *Poppymin*.

Abri os meus olhos e vi a verdade e aceitação no rosto bonito de Rune.

— Vai ser assim, Rune, — eu disse com inabalável certeza. — Nós não teremos um fim. Nós nunca iremos.

Rune me virou até que eu estivesse em seu peito. Fechei os olhos, embalada pelo ritmo hipnótico da respiração profunda de Rune. Quando eu estava prestes a adormecer, Rune perguntou, — *Poppymin?*

— Sim?

— O que você quer neste tempo que nos resta?

Eu pensei sobre a pergunta, mas apenas algumas coisas vieram à mente. — Eu quero ver as flores de cerejeiras florescerem uma última vez. — Eu sorri contra o peito de Rune. — Eu quero dançar no baile da escola com você, — Inclinei a cabeça para cima e peguei-o sorrindo para mim, — com você em um smoking e seu cabelo penteado para trás, fora de seu rosto. — Rune balançou a cabeça com divertimento.

Suspirando na felicidade pacífica que tínhamos encontrado agora, eu disse, — Eu quero ver um último perfeito nascer do sol.

Sentando-me, eu encontrei os olhos de Rune e acabei, — Mas, mais do que qualquer coisa, eu quero voltar para casa com seu beijo em meus lábios. Eu quero passar para a próxima vida ainda sentindo os seus lábios quentes nos meus.

Recostando-me para baixo no peito de Rune, eu fechei os olhos e sussurrei, — Isso é o que mais rezo. Que dure o tempo suficiente para alcançar essas coisas.

— São perfeitas, baby, — Rune sussurrou, acariciando meu cabelo.

E foi assim que eu adormeci, sob a proteção de Rune.

Sonhando que eu ia ver todos os meus desejos atendidos.

Feliz.

Rune

Eu desenhei círculos preguiçosos no meu papel enquanto o professor falava sobre compostos químicos. Minha mente estava ocupada com Poppy. Sempre estava, mas hoje era diferente. Nós tínhamos voltado de Nova York há quatro dias e a cada dia que passava ela estava ficando mais quieta.

Eu sempre perguntava o que estava errado. Ela sempre me dizia que não era nada. Mas eu sabia que era alguma coisa. Esta manhã, foi pior.

Sua mão estava muito fraca na minha quando nós caminhamos para a escola. Sua pele estava muito quente ao toque. Eu tinha perguntado se ela estava se sentindo doente, mas ela apenas balançou a cabeça e sorriu.

Ela pensou que o sorriso podia me parar.

Ele normalmente podia, mas não hoje.

Algo parecia errado. Meu coração caiu cada vez que eu pensei no almoço, quando estava sentado com nossos amigos e ela estava em meus braços. Ela nunca falou, ao invés disso somente traçou a ponta do dedo sobre a minha mão.

A tarde tinha se arrastado e cada minuto estava cheio de preocupação de que ela não estava bem. Que o tempo que ela tinha estava chegando ao fim. Sentando-me rapidamente, tentei afastar o pânico que a imagem trouxe. Mas foi inútil.

Quando o toque soou, sinalizando o fim do dia escolar, eu pulei do meu assento e corri para o corredor, correndo para o armário de Poppy. Quando cheguei, Jorie estava lá.

— Onde ela está? — Perguntei secamente.

Jorie deu um passo surpreso para trás e apontou para a porta dos fundos. Rapidamente fiz o meu caminho para a saída, Jorie gritou, — Ela não parecia muito bem na sala de aula, Rune. Estou muito preocupada.

Calafrios percorreram minha espinha assim que saí para o ar quente. Meus olhos percorreram o pátio até que eu encontrei Poppy em uma árvore no parque em frente. Passei por meus colegas e corri para ela.

Ela não me notou enquanto ela olhava para frente, aparentemente presa em um transe. Havia um brilho de suor cobrindo seu rosto e a pele em seus braços e pernas parecia pálida.

Eu fiquei diretamente em seu caminho. Os olhos de Poppy estavam vagarosos quando eles piscaram e focaram lentamente nos meus. Ela forçou um sorriso. — Rune, — ela sussurrou, com voz fraca.

Eu apertei a mão contra a testa, as sobrancelhas se uniram em preocupação. — Poppy? O que está errado?

— Nada, — disse ela de forma pouco convincente, — Eu só estou cansada.

Meu coração bateu contra minhas costelas absorvendo sua mentira. Sabendo que eu tinha que levá-la de volta para seus pais, Coloquei-a debaixo do braço. A sua nuca quase escaldou meu braço, soprei uma maldição.

— Vamos para casa, baby, — eu disse suavemente. Poppy colocou os braços em volta da minha cintura. Seu aperto era fraco, mas eu poderia dizer que ela estava usando meu corpo para se manter em pé. Eu sabia que ela iria protestar se eu tentasse carregá-la.

Fechei os olhos por um segundo quando entramos para a via do parque. Eu tentei acabar com o medo tomando conta de mim. O medo de

ela estar doente. Disto ser...

Poppy ficou em silêncio para além de sua respiração, que ficava mais profunda e lenta quanto mais nós caminhamos. Quando entramos no bosque de flor, os passos de Poppy vacilaram. Olhei para baixo, apenas para sentir seu corpo perdendo toda a sua força.

— Poppy! — Gritei e peguei-a pouco antes de ela bater no chão. Olhando para ela nos meus braços, eu afastei o cabelo úmido do rosto. — Poppy? Poppy, baby, o que está errado?

Os olhos de Poppy começaram a rolar, perdendo o foco, mas eu senti a mão dela tomar posse da minha e prendê-la tão forte quanto ela conseguia. Foi um pouco mais de um aperto leve.

— Rune, — ela tentou dizer, mas sua respiração ficou muito acelerada; ela lutou para reter ar suficiente para empurrar sua voz.

Alcançando o bolso, peguei meu celular e liguei para 911. Assim que a telefonista atendeu, eu falei o endereço de Poppy e informei-os sobre sua doença.

Segurando Poppy nos meus braços, eu estava prestes a correr quando a palma fraca de Poppy pousou no meu rosto. Olhei para baixo, só para ver uma lágrima rolar pelo seu rosto. — Eu... Eu... não estou pronta... — ela conseguiu me dizer, antes de sua cabeça cair para trás e ela lutar pela consciência.

Apesar do rasgão em meu coração pelo espírito abatido da Poppy e do corpo falhando, eu corri. Empurrando-me mais e mais rápido do que nunca.

Quando passei pela minha casa, eu vi minha mãe e Alton na garagem.

— Rune? — Minha mãe chamou, em seguida, sussurrou, — Não!
— Quando ela viu Poppy pendurada molemente em meus braços.

O som da sirene da ambulância soou a distância. Sem perder tempo, eu chutei através da porta da frente da casa de Poppy.

Corri para a sala de estar; ninguém estava lá. — Socorro! — Eu gritei tão alto quanto pude. De repente, eu ouvi passos correndo em minha direção.

— Poppy! — A mãe de Poppy veio tropeçando ao virar da esquina quando eu abaixei Poppy para o sofá. — Oh meu Deus! Poppy! — Sra. Litchfield se agachou ao meu lado, empurrando sua mão sobre a cabeça de Poppy.

— O que aconteceu? Qual é o problema? — Perguntou ela.

Eu balancei minha cabeça. — Eu não sei. Ela simplesmente desmaiou em meus braços. Eu chamei uma ambulância.

Assim que essas palavras saíram da minha boca, eu ouvi o som da ambulância virar na rua.

A mãe de Poppy correu para fora da casa. Eu assisti ela sair, gelo substituindo o sangue em minhas veias. Eu corri minhas mãos pelo meu cabelo, sem saber o que fazer. A mão fria pousou no meu pulso.

Eu bati meus olhos de volta para Poppy, e vi sua luta para respirar. Meu rosto caiu com a visão. Aproximando-me, beijei-lhe a mão e sussurrei, — Você vai ficar bem, *Poppymin*. Eu prometo.

Poppy ofegou por ar, mas conseguiu colocar a palma da mão no meu rosto, ela disse, quase inaudível, — Não... vou para casa... ainda...

Eu balancei a cabeça e beijei-lhe a mão, segurando-a firmemente com a minha.

De repente, o som dos paramédicos entrando na casa vieram de trás de mim e eu me levantei para deixá-los passar. Mas, assim que eu mexi, a mão de Poppy apertou a minha. Lágrimas escorreram de seus olhos. — Eu estou bem aqui, baby, — eu sussurrei. — Eu não vou deixá-la.

Os olhos de Poppy me mostraram seu agradecimento. O som de choro veio atrás de mim. Quando me virei, vi Ida e Savannah em pé ao lado, observando, chorando nos braços uma da outra. Sra. Litchfield se moveu para o outro lado do sofá e beijou a cabeça de Poppy. — Você vai ficar bem, baby, — ela sussurrou, mas quando ela olhou para mim, eu podia ver que ela não acreditava em suas próprias palavras.

Ela também pensava que o tempo tinha chegado.

Os paramédicos colocaram uma máscara de oxigênio no rosto de Poppy e a recolheram em uma maca. A mão de Poppy ainda retida na minha; ela se recusou a soltar. Assim que os paramédicos se moveram para fora da casa, ela nunca afrouxou seu aperto no meu lado, seus olhos nunca deixando os meus enquanto ela lutava para mantê-los abertos.

Sra. Litchfield correu atrás, mas quando viu a mão de Poppy apertando a minha com tanta força, ela disse, — Você vai com Poppy, Rune. Eu vou seguir logo atrás com as meninas.

Eu podia ver o conflito em seu rosto. Ela queria estar com sua filha.

— Eu vou levá-las, Ivy, vá com Poppy e Rune, — eu ouvi minha mãe dizer atrás de mim. Eu subi na traseira da ambulância; Sra. Litchfield se juntou a mim.

Mesmo quando os olhos de Poppy fecharam a caminho do hospital, ela não libertou minha mão. E, quando ela desabou em lágrimas ao meu lado, eu dei a minha outra mão para a Sra. Litchfield.

Eu fiquei ao lado de Poppy enquanto ela era levada para uma sala de oncologia. Meu coração batia tão rapidamente quanto os médicos e enfermeiros se movimentando em um borrão, uma massa de atividade.

Eu lutei contra o carço bloqueando a minha garganta. Segurei a dormência dentro de mim na baía. Poppy estava sendo picada e incitada, para o seu sangue colhido, temperatura tomada, muitas coisas para contar. E a minha baby lutou.

Quando seu peito tornou-se errático com sua incapacidade de respirar corretamente, ela manteve a calma. Quando a inconsciência tentou alcançá-la, ela forçou seus olhos para permanecer abertos... ela forçou os olhos para ficarem fixos nos meus, pronunciando meu nome sempre que ela quase fraquejava.

Eu fiquei forte por Poppy. Eu não iria deixá-la me ver cair.

Ela precisava que eu fosse forte.

Sra. Litchfield estava ao meu lado, segurando minha mão. Sr. Litchfield veio correndo, com pasta na mão, a gravata desarrumada.

— Ivy, — disse ele em uma voz apressada, — o que aconteceu?

Sra. Litchfield afastou as lágrimas de suas bochechas e pegou a mão do marido. — Ela entrou em colapso quando estava com Rune, a caminho da escola para casa. Os médicos acreditam que é uma infecção. Seu sistema imunológico está tão baixo que não pode lutar contra isso.

Sr. Litchfield olhou para mim, Sra. Litchfield acrescentou, — Rune carregou Poppy em seus braços, todo o caminho até em casa. Ele correu e chamou uma ambulância. Ele a salvou, James. Rune salvou a nossa menina.

Engoli em seco quando ouvi as palavras da Sra. Litchfield. Sr. Litchfield assentiu, eu assumi, em agradecimento, em seguida, correu para sua filha. Eu o vi apertar a mão dela, mas os médicos rapidamente o conduziram para fora do caminho.

Passaram-se cinco minutos antes de um médico falar conosco. Ele estava imóvel, seu rosto branco. — Sr. e Sra. Litchfield, o corpo de Poppy está tentando combater uma infecção. Como você sabe, o seu sistema imunológico está severamente comprometido.

— É desta vez? — Sr. Litchfield perguntou, sua garganta apertada com pesar.

As palavras do médico infiltraram em meu cérebro. Virei a cabeça para longe dele quando senti um par de olhos me assistindo.

Os médicos haviam aberto um espaço, e através desse espaço, eu vi o rosto bonito de Poppy coberto por uma máscara, cateteres em seus braços. Mas seus olhos verdes, aqueles olhos verdes que eu adorava, estavam em mim. Sua mão pendurada para fora de lado.

— Faremos tudo o que pudermos. Nós vamos dar-lhe um momento antes coloca-la em coma.

Eu ouvi o médico dizer que eles estavam colocando-a em um coma induzido para ajudá-la a tentar lutar contra a infecção. E que tínhamos de vê-la antes que eles fizessem isso. Mas os meus pés já estavam se movendo. A mão dela estendida para mim.

Assim que eu peguei a mão de Poppy, eu vi seus olhos procurando os meus e sua cabeça balançou fracamente. Eu brevemente fechei os olhos, mas quando abri eu não conseguia parar a lágrima de escapar pela minha bochecha. Poppy fez um ruído por baixo de sua máscara de oxigênio, e eu não tinha necessidade de tirá-la para saber o que ela havia dito. Ela não estava me deixando ainda. Eu podia ver a promessa em seus olhos.

— Rune, filho, — disse Sr. Litchfield. — Podemos ter um momento com Poppy, beijá-la e falar com ela um pouco?

Eu balancei a cabeça e fui para me afastar, quando Poppy fez um som e sacudiu a cabeça novamente. Ela apertou minha mão novamente. Porque ela não queria me deixar ir.

Inclinando para frente, eu dei um beijo em sua cabeça, sentindo o calor dela em meus lábios, inalando seu doce aroma. — Eu vou estar logo ali, *Poppymin*. Eu não vou deixar você, eu prometo.

Os olhos de Poppy me seguiram assim que eu me afastei. Eu vi Sr. e Sra. Litchfield falarem calmamente com sua filha, beijando-a e segurando sua mão.

Debrucei-me contra a parede do quarto pequeno, cerrando os punhos enquanto eu lutava para me segurar. Eu tinha que ser forte por ela. Ela odiava lágrimas. Ela odiava carregar sua família com tudo isso.

Ela não iria me ver quebrar.

Sra. Litchfield desapareceu do quarto. Quando ela voltou, Ida e Savannah a seguiam. Eu tive que me virar quando eu vi a dor nos olhos de Poppy. Ela adorava suas irmãs, ela não queria que elas a vissem assim.

— Poppy, — Ida gritou e correu para o lado dela. A mão fraca de Poppy caiu no rosto da irmã mais nova. Ida beijou Poppy em seu rosto, em seguida, voltou para os braços da Sra. Litchfield. A seguir foi a Savannah.

Savannah quebrou ao ver sua irmã, sua heroína, desta forma. Poppy segurou a mão dela e Savannah sussurrou, — Eu te amo, PopPops. Por favor... por favor não vá, ainda não.

Poppy balançou a cabeça, em seguida, olhou para mim, com a mão lutando para se mover em minha direção. Eu me aproximei, sentindo que cada passo era uma milha de distância. Dentro de mim estava uma agitada tempestade na escuridão, mas assim que minha mão escorregou na dela, a tempestade acalmou. Poppy piscou para mim, seus cílios escuros longos vibrando em suas bochechas. Sentado na beira da cama, eu me inclinei e empurrei o cabelo para trás do rosto dela.

— *Ei, Poppymin,* — eu disse calmamente, com tanta força que pude reunir. Os olhos de Poppy fecharam ao ouvir as minhas palavras. Eu sabia que, sob a máscara que ela estava sorrindo. Quando seus olhos fixaram nos meus, eu disse, — Eles precisam colocá-la em coma para ajudá-la a lutar contra esta infecção. — A cabeça de Poppy assentiu em compreensão. — Você pode sonhar, baby, — eu disse, e sorri. — Vá visitar sua vovó por algum tempo, enquanto você reúne forças para voltar para mim. — Poppy suspirou, uma lágrima escapando do olho dela. — Nós temos coisas que você quer fazer antes de ir para casa, lembra?

Poppy assentiu levemente e eu beijei sua bochecha. Quando eu puxei para trás, eu sussurrei, — Durma, baby. Vou ficar bem aqui, esperando você voltar para mim.

Eu acariciei o cabelo de Poppy até que seus olhos fecharam e eu sabia que ela tinha adormecido.

O médico entrou um segundo depois. — Se todos esperarem na sala de espera, eu vou fazer uma atualização quando tivermos feito o que for necessário para ela.

Ouvi a família dela saindo, mas enquanto eu olhava para sua mão na minha, eu não queria soltar. Uma mão pousou no meu ombro e eu olhei

para cima para encontrar o médico olhando para mim. — Nós vamos cuidar dela, filho, eu prometo.

Pressionando um beijo final na mão dela, eu me forcei a soltá-la e sai do quarto. Com as portas fechadas atrás de mim, eu olhei para cima para ver a sala de espera oposta onde eu estava. Mas eu não podia entrar. Eu precisava de ar. Eu precisava...

Corri em direção ao pequeno jardim, no final do corredor e irrompi pela porta. O quente vento vagou sobre meu rosto e, vendo que estava sozinho, eu cambaleei para o banco no centro do jardim.

Caindo para o banco, eu deixei a tristeza me levar.

Minha cabeça caiu para frente e caiu em minhas mãos. As lágrimas caíram pelo meu rosto. Eu ouvi o som da porta se abrindo. Quando olhei para cima, o meu pappa estava pairando perto da porta.

Esperei que a raiva habitual me tomasse quando eu vi seu rosto. Mas devia ter sido enterrada sob uma massa de luto. Meu pappa não disse nada. Em vez disso, ele andou para frente e sentou ao meu lado. Ele não fez nenhum movimento para me confortar. Ele sabia que eu não gostaria de receber seu toque. Em vez disso, ele apenas ficou lá enquanto eu me despedaçava.

Uma parte de mim estava feliz. Eu nunca iria dizer a ele. Mas tanto quanto eu não iria admitir isso, eu não queria estar sozinho.

Eu não tinha certeza quanto tempo se passou, mas eventualmente eu me endireitei e empurrei o cabelo para trás. Esfreguei a mão sobre o meu rosto.

— Rune, ela—

— Ela vai ficar bem, — eu disse, cortando tudo o que ele estava tentando dizer. Olhei para a mão do meu pappa pousada em seu joelho, abrindo e fechando como se estivesse debatendo se devia estender e me tocar.

Meu queixo ficou tenso. Eu não queria isso.

O tempo com Poppy estava se esgotando e era sua culpa que eu só teria... O pensamento sumiu. Eu não sei quanto tempo eu teria restante com a minha garota.

Antes que meu pappa pudesse fazer algo, a porta se abriu novamente e desta vez o Sr. Litchfield saiu.

Meu pappa se levantou e apertou sua mão. — Eu sinto muito, James, — disse meu pappa.

Sr. Litchfield bateu-lhe no ombro, então, perguntou, — Você se importa se eu falar com Rune por um minuto?

Eu endureci, cada músculo preparado para a sua ira. Meu pappa olhou para mim, mas assentiu. — Vou deixar ambos sozinhos.

Pappa deixou o jardim, e o Sr. Litchfield caminhou lentamente até onde eu estava sentado, em seguida, abaixou-se para o banco ao meu lado. Prendi a respiração, esperando que ele falasse. Quando ele não fez, eu disse, — Eu não vou deixá-la. Nem sequer me peça para sair porque eu não vou a lugar nenhum.

Eu sabia que parecia irritado e agressivo, mas meu coração batia contra minhas costelas com o pensamento dele me dizendo que eu tinha que ir. Se eu não estava com Poppy, eu não *tinha* para onde ir.

Sr. Litchfield tencionou, então ele perguntou, — Por quê?

Surpreendido pela sua pergunta, eu me virei para ele e tentei ler seu rosto. Ele estava olhando para mim.

Ele realmente queria saber. Sem desviar o olhar, eu disse, — Porque eu a amo. Eu a amo mais do que qualquer coisa no mundo. — Minha voz cortou minha garganta. Tomando uma inspiração profunda, eu consegui dizer, — Eu fiz uma promessa a ela que eu nunca iria sair do seu lado. E mesmo se não fosse o caso, eu não seria capaz de fazer isso. Meu coração, alma, tudo, está ligado a Poppy. — Minhas mãos formaram em punhos nos meus lados. — Eu não posso deixá-la agora, não quando ela mais precisa de mim. E eu não vou deixá-la até que ela obrigue a soltar a minha mão.

Sr. Litchfield suspirou e passou a mão sobre o rosto. Ele recostou-se no banco. — Quando você voltou para Blossom Grove, Rune, dei uma olhada em você e não podia acreditar como você tinha mudado. Eu me senti desapontado, — admitiu. Senti meu peito apertar com esse golpe. Ele balançou sua cabeça. — Eu vi você fumando, a atitude e assumi que você não tinha qualquer semelhança com o rapaz que era antes. O que amava a minha filha tanto quanto ela o amava. O menino que, eu teria apostado minha vida, teria caminhado através do fogo pela minha bebê.

— Mas quem você é agora, eu nunca teria esperado que você a amasse da maneira que ela merece. — A voz de Sr. Litchfield ficou rouca de dor. Limpando a garganta, ele disse, — Eu lutei contra você. Quando eu vi como vocês dois tinham se ligado de novo, eu tentei avisá-la. Mas vocês dois sempre foram assim como ímãs, puxados por uma força desconhecida. — Ele bufou uma risada. — A vovó de Poppy disse que você estavam ambos juntos por um significado maior. Um que nunca saberíamos até que se apresentasse. Ela disse que grandes amores sempre foram destinados a ficar juntos por algum grande motivo. — Ele fez uma pausa, e virando-se para mim, disse, — E agora eu sei.

Eu o olhei diretamente nos olhos. A mão firme do Sr. Litchfield pousou no meu ombro. — Vocês foram feitos para estar juntos, para que você pudesse ser a sua luz guia através de tudo isto. Você foi criado

perfeitamente para ela, para fazer este tempo especial para minha menina. Para certificar-se de seus dias restantes fossem preenchidos com coisas que a mãe dela e eu nunca poderíamos ter dado a ela.

Dor cortou através de mim e eu fechei os olhos. Quando os abri novamente, o Sr. Litchfield baixou a mão, mas me fez encará-lo. — Rune, eu era contra você. Mas eu podia ver o quanto ela o amava. Eu só não tinha certeza se você a amava de volta.

— Eu amo, — eu disse com voz rouca. — Eu nunca deixei de ama-la.

Ele acenou com a cabeça. — Eu não sabia até a viagem a Nova York. Eu não queria que ela fosse. — Ele inalou e disse, — Mas quando ela voltou eu podia ver que havia uma nova paz dentro dela. Então ela me disse o que você fez por ela. Carnegie Hall? — Ele balançou a cabeça. — Você deu a minha menina seu maior sonho por nenhuma outra razão do que você querer que ela tivesse. Para fazê-la feliz... porque você a amava.

— Ela me dá mais, — eu respondi, e inclinei a cabeça. — Apenas por ser ela, ela me dá dez vezes mais.

— Rune, se Poppy sair dessa—

— Quando, — eu interrompi. — *Quando* ela sair dessa.

Ergui a cabeça para ver o Sr. Litchfield olhando para mim. — Quando, — disse ele com um suspiro de esperança. — Eu não vou ficar no seu caminho. — Ele se inclinou para frente para descansar seu rosto em suas mãos. — Ela nunca esteve bem depois que você foi embora, Rune. Sei que você não estava bem por não tê-la em sua vida. E eu teria que ser um idiota para não ver que você culpa seu pappa por tudo isso. Por você ter ido embora. Mas às vezes a vida não segue o caminho que você espera. Eu nunca esperei perder a minha filha antes de eu partir. Mas Poppy me

ensinou que eu não posso estar chateado. Porque, filho, — ele disse e me olhou no rosto, — se Poppy não está chateada sobre ter uma curta vida, como nos atrevemos a ficar com chateados por ela?

Olhei para trás, em silêncio. Meu coração batia mais rápido com suas palavras. Imagens de Poppy girando no bosque de flor encheram minha mente, seu sorriso largo com ela respirando o ar perfumado. Eu vi o mesmo sorriso com lembrança da sua dança na água na praia, com as mãos no ar com o sol beijando seu rosto.

Poppy estava feliz. Mesmo com este diagnóstico, mesmo com toda a dor e decepção de seu tratamento, ela estava feliz.

— Estou feliz que você voltou, filho. Você está fazendo os últimos dias de Poppy nas palavras dela “tão especial quanto especial pode ser”.

Sr. Litchfield ficou de pé. Em um movimento que só tinha visto de sua filha, Poppy, ele virou o rosto para enfrentar o sol e fechou os olhos.

Quando ele trouxe a cabeça para baixo novamente, ele voltou para a porta, olhando para trás para dizer, — Você é bem-vindo aqui, tanto quanto você quiser, Rune. Eu acho que com você ao lado dela, Poppy vai sair dessa. Ela vai sair dessa, só assim ela pode passar alguns dias extras com você. Eu vi aquele olhar em seus olhos quando ela estava deitada na cama; ela não vai a lugar nenhum ainda. Você sabe tão bem quanto eu, que se ela está completamente determinada a ver algo, então ela vai até o fim.

Meus lábios se levantaram em um pequeno sorriso. Sr. Litchfield me deixou sozinho no jardim. Procurando no bolso, eu puxei meus cigarros. Quando eu ia acender, parei. Com o sorriso de Poppy enchendo minha cabeça, sua desaprovação torcendo o nariz toda vez que eu fumava, eu puxei o cigarro da minha boca e atirei no chão.

— Chega, — eu disse em voz alta. — Não mais.

Tomando um longo suspiro de ar fresco, eu fiquei de pé e voltei para dentro. Quando entrei na sala de espera, os familiares de Poppy estavam sentados em um lado e no outro estava minha mamma, pappa e Alton. Tão logo meu irmãozinho me viu, ele levantou a cabeça e acenou.

Fazendo o que Poppy queria que eu fizesse, me sentei ao lado dele. — *Oi, amigo,* — eu disse, e quase me perdi quando ele se arrastou para o meu colo e empurrou seus braços em volta do meu pescoço.

Senti as costas de Alton tremendo. Quando ele puxou a cabeça para trás, suas bochechas estavam molhadas. — *Poppymin* está doente?

Limpendo a garganta, eu assenti. Seu lábio inferior tremeu. — Mas você a ama, — ele sussurrou, quebrando o meu coração no caminho. Eu balancei a cabeça novamente, e ele deitou sua cabeça no meu peito. — Eu não quero que *Poppymin* vá a lugar algum. Ela fez você falar comigo. Ela fez você ficar melhor comigo, ser meu amigo de novo, — ele fungou. — Eu não quero que você fique com raiva novamente.

Senti cada uma das suas palavras como um punhal no meu peito. Mas esses punhais só deixaram entrar luz quando eu pensava como Poppy tinha me guiado para Alton. Pensei em quão decepcionada ela ficaria se eu o ignorasse agora.

Segurando Alton mais perto, eu sussurrei, — Eu não vou ignorá-lo novamente, amigo. Eu prometo.

Alton levantou a cabeça e enxugou os olhos. Quando ele passou o cabelo para trás, eu não pude evitar, então sorri.

Alton sorriu em resposta e me abraçou mais apertado. Ele não me soltou até que o médico entrou na sala.

Ele nos disse que podíamos entrar e vê-la dois de cada vez.

Sr. e Sra. Litchfield entraram primeiro, em seguida, foi a minha vez. Eu empurrei a porta e congelei no caminho.

Poppy estava deitada em uma cama no meio do quarto. Máquinas estavam ligadas ao seu redor. Meu coração rachou. Ela parecia tão quebrada ali, tão tranquila.

Sem risos ou sorrisos no rosto.

Eu andei para frente e me sentei na cadeira ao lado da cama. Tomando-lhe a mão, eu trouxe-a para meus lábios e pressionei um beijo.

Eu não podia suportar o silêncio. Então eu comecei a contar a Poppy sobre a primeira vez que eu a tinha beijado. Eu contei-lhe sobre cada beijo que eu poderia me lembrar desde que tínhamos oito anos, como foram, como ela me fez sentir, sabendo que se ela pudesse me ouvir, ela adoraria cada palavra do que eu tinha a dizer.

Revivendo cada beijo único que ela segurava tão carinhosamente.

Todos os 902 que tínhamos conseguido até agora.

E os 98 que ainda tínhamos que coletar.

Quando ela acordasse.

Porque ela acordaria.

Tínhamos uma promessa a cumprir.

Rune

Uma Semana Depois

— Ei, Rune.

Olhei para cima do papel que eu estava escrevendo para ver Jorie na porta do quarto de Poppy. Judson, Deacon e Ruby estavam em pé atrás dela no corredor. Acenei com meu queixo na direção deles e todos eles entraram.

Poppy ainda estava em sua cama, ainda em coma. Depois de alguns dias, os médicos tinham dito que o pior de sua infecção tinha passado e outros visitantes tinham sido autorizados a vê-la.

Minha Poppy tinha conseguido. Assim como ela tinha prometido, ela lutou para manter a promessa impedindo que a infecção a levasse. Eu sabia que ela conseguiria. Ela segurou minha mão quando ela tinha feito essa promessa. Ela encontrou meus olhos.

Foi tão bom quando foi feito.

Os médicos estavam pensando em tirá-la lentamente do coma ao longo dos próximos dias. Eles iam diminuir gradualmente a dosagem do anestésico, começando mais tarde esta noite. E eu não podia esperar.

Esta semana tinha parecido uma eternidade sem ela, tudo parecia errado e fora de lugar. Tanta coisa tinha mudado no meu mundo por ela

estar longe, mas por outro lado, nada no lado de fora realmente tinha mudado.

O único verdadeiro desenvolvimento foi que toda a escola agora sabia que Poppy não tinha muito tempo de vida. Pelo que eu ouvi, eles estavam todos previsivelmente chocados; todo mundo estava triste. Nós tínhamos andado na escola com a maioria dessas pessoas desde o jardim de infância. Embora eles não conhecessem Poppy como o nosso pequeno grupo de amigos conhecia, mas mesmo assim ainda tinha abalado a cidade. Pessoas de sua igreja se reuniram para orar por ela. Para mostrar o seu amor. Eu sabia que se Poppy soubesse sobre isso, iria aquecer seu coração.

Os médicos não tinham certeza de quão forte ela estaria quando acordasse. Eles estavam relutantes em estimar quanto tempo ela tinha, mas seu médico nos disse que esta infecção tinha severamente enfraquecido ela. Ele nos disse que tínhamos de estar preparados: quando ela finalmente acordasse, poderíamos estar diante de apenas algumas semanas.

Tanto quanto esse golpe doesse, tanto quanto ele rasgasse o meu coração de meu peito, eu tentei tirar a alegria nas pequenas vitórias. Eu tinha semanas para ajudar a cumprir os desejos finais de Poppy. Eu teria o tempo que eu precisava para verdadeiramente dizer adeus, para ouvir a risada dela, vê-la sorrir e beijar seus lábios macios.

Jorie e Ruby entraram no quarto primeiro, indo para o lado oposto da cama de onde eu estava sentado para apertar a mão de Poppy.

Deacon e Judson pararam ao meu lado, colocando suas mãos sobre meu ombro em apoio. No minuto que as palavras sobre a doença de Poppy se espalhou, meus amigos tinham faltado a escola para vir me ver. Logo que eu tinha posto os olhos sobre eles correndo pelo corredor, eu sabia que todo mundo sabia. Eu sabia que *eles* sabiam. Tinham ficado ao meu lado desde então.

Eles ficaram chateados por Poppy e eu não termos dito nada a qualquer um deles, exceto a Jorie. Mas no final eles entenderam porque Poppy não queria espalhar o fato. Eu acho que eles a amavam ainda mais por isso. Eles viram a verdadeira força dela.

Durante a semana passada, quando eu não tinha ido à escola, era meus amigos que tinham trazido meus deveres e anotações de meus professores. Eles tinham olhado por mim, como eu tinha feito por Poppy. Deacon e Judson disseram que eles estavam determinados que eu não reprovasse para que todos nós alcançássemos nosso último ano juntos. Isso era a coisa mais distante na minha mente no momento, mas eu apreciei sua preocupação.

Na verdade, esta semana me mostrou o quanto ela significava para mim. Mesmo que Poppy fosse toda a minha vida, eu percebi que eu tinha amor em outro lugar. Eu tinha amigos que queriam andar através do fogo por mim. Minha mamma também veio a cada dia me ver no hospital. Como fez o meu pappá. Ele não parecia se importar que eu o ignorasse na maior parte das vezes. Ele não se importava se nós nos sentávamos em silêncio. Eu acho que ele só se importava que ele estava aqui, que ele estava ao meu lado.

Eu não tinha certeza do que fazer com isso ainda.

Jorie olhou para cima, pegando meu olhar. — Como ela está hoje?

Levantei-me da cadeira e me sentei na beira da cama de Poppy. Entrelacei os dedos nos meus e segurei-os firmemente. Inclinando para frente, eu afastei o cabelo do rosto e beijei-a na testa.

— Ela está ficando mais forte a cada dia, — eu disse suavemente, e depois só para os ouvidos de Poppy, eu sussurrei, — Nossos amigos estão aqui, baby. Eles vieram vê-la novamente.

Meu coração deu uma guinada quando eu pensei que eu vi a oscilação de seus cílios, mas quando eu olhei mais perto, eu percebi que devia ter sido minha imaginação. Eu estava desesperado para vê-la novamente por muitas horas esperando. Então eu relaxei, sabendo que, ao longo dos próximos dias, vendo estas coisas não seriam simplesmente em minha imaginação. Elas seriam verdadeiras.

Meus amigos sentaram-se no sofá perto da janela grande. — Os médicos decidiram começar trazê-la gradualmente do seu coma esta noite, — eu disse. — Podem levar uns dois dias para que ela esteja plenamente consciente, mas trazê-la de volta lentamente é que eles acreditam que é o melhor a fazer. Seu sistema imunológico está fortalecendo, tanto quanto eles acham que ela vai conseguir. A infecção desapareceu. Ela está pronta para voltar para nós. — Exalei e acrescentei calmamente, — Finalmente. Vou, finalmente, ser capaz de ver os olhos dela de novo.

— Isso é bom, Rune, — Jorie respondeu e me deu um sorriso fraco. Houve um silêncio expectante; todos os meus amigos se entreolharam.

— O quê? — Perguntei, tentando ler seus rostos.

Foi Ruby que respondeu. — Como você acha que ela vai estar quando ela acordar?

Meu estômago se apertou. — Fraca, — eu sussurrei. Voltando-me para Poppy, eu acariciei sua bochecha. — Mas ela vai estar aqui novamente. Eu não me importo se eu tiver que a carregar a todos os lugares que formos. Eu só quero ver seu sorriso. Vou tê-la de volta comigo, onde ela pertence... pelo menos por um tempo.

Ouvi uma fungada e vi Ruby chorando. Jorie manteve-a perto.

Eu suspirei de simpatia, mas disse, — Eu sei que você a ama, Ruby. Mas quando ela acordar, quando ela descobrir que todos sabem, aja normalmente. Ela odeia ver as pessoas que ama triste. É a pior parte de tudo isto para ela. — Eu apertei os dedos de Poppy. — Quando ela acordar, precisamos fazê-la feliz, como ela faz todos os outros. Não podemos mostrar a ela que estamos tristes.

Ruby assentiu com a cabeça, em seguida, perguntou, — Ela nunca vai voltar para a escola de novo, não é?

Eu balancei minha cabeça. — Nem eu vou. Não até que... — Eu parei, não querendo terminar com essas palavras. Eu não estava pronto para dizê-las ainda. Eu não estava pronto para enfrentar tudo isso.

Ainda não.

— Rune, — Deacon disse, um tom sério em sua voz. — O que você estará fazendo no próximo ano? Para a faculdade? Você sequer se inscreveu em algum lugar? — Ele apertou as mãos. — Você está me preocupado. Estamos todos indo embora. E você nem sequer mencionou nada. Estamos realmente preocupados.

— Eu não estou pensando adiante, — eu respondi. — Minha vida é aqui, e agora, neste momento. Tudo isso virá depois. Poppy é meu foco. Ela sempre foi o meu foco. Eu não dou a mínima para o próximo ano ou o que vou fazer depois.

Um silêncio pairou sobre o ambiente. Eu vi no rosto de Deacon que ele queria dizer mais, mas ele não ousou.

— Será que ela vai ao baile?

Meu coração se afundou enquanto Jorie olhava com tristeza para sua melhor amiga. — Eu não sei, — eu respondi. — Ela queria, queria

tanto, mas ainda falta seis semanas. — Dei de ombros. — Os médicos simplesmente não sabem. — Eu me virei para olhar para Jorie. — Foi um de seus últimos desejos. Ir ao seu baile de formatura. — Engoli em seco e me virei para Poppy. — No final, tudo o que ela quer é ser beijada e ir ao baile de formatura. Isso é tudo o que ela está pedindo. Nada muito grande, nenhuma mudança de vida... apenas essas coisas. Comigo.

Eu dei aos meus amigos um momento, quando Jorie e Ruby começaram a chorar baixinho. Mas eu não quebrei. Eu só contei as horas silenciosamente até que ela voltasse para mim. Imaginando o momento em que eu iria vê-la sorrir mais uma vez. Olhando para mim.

Apertar minha mão na dela.

Depois de uma hora ou mais, meus amigos se levantaram. Judson deixou os papéis na mesinha ao lado da cama de Poppy que eu usava como uma escrivaninha. — Matemática e geografia, homem. Os professores escreveram tudo lá para você. Datas de entrega e tal. — Levantei-me e disse adeus aos meus amigos, agradecendo-lhes por terem vindo. Quando eles saíram, eu me mudei para a mesa para completar a lição de casa. Eu terminei este trabalho, em seguida, peguei minha câmera para o lado de fora. Minha câmera, que eu não tinha removido do meu pescoço em semanas.

A câmera que era uma parte de mim novamente.

Horas devem ter passado enquanto eu entrava e saía do quarto, capturando o dia lá fora. Mais tarde, naquela noite, a família de Poppy começou a encher o quarto, os médicos de Poppy logo atrás. Eu saltei de meu assento e esfreguei o cansaço dos meus olhos. Eles tinham chegado para começar a trazê-la para fora do coma.

— Rune, — Sr. Litchfield cumprimentou. Ele andou até onde eu estava e me abraçou. Uma feliz trégua havia se estabelecido entre nós desde que Poppy tinha ficado em coma. Ele me entendeu e eu o entendia. Por causa disso, mesmo Savannah tinha começado a confiar em mim sobre não quebrar o coração de sua irmã.

E porque eu não saí, nem uma vez, desde que Poppy tinha sido admitida no hospital. Se Poppy estava aqui, eu também estaria. Minha dedicação deve ter mostrado que eu a amava mais do que qualquer um deles já tinha acreditado.

Ida se aproximou de onde eu estava e colocou os braços em volta da minha cintura. Sra. Litchfield me beijou na minha bochecha.

Em seguida, todos nós esperamos que o doutor terminasse o seu exame.

Quando ele se virou para nós, ele disse, — A contagem de células brancas do sangue de Poppy é tão boa quanto o que podemos esperar neste estágio de sua doença. Nós vamos reduzir gradualmente o anestésico e trazê-la de volta. Assim que ela ficar mais forte, nós vamos ser capazes de desprendê-la de algumas dessas máquinas. — Meu coração batia rápido, minhas mãos apertando nos meus lados.

— Agora, — continuou o médico. — Poppy, num primeiro momento, vai escorregar dentro e fora da consciência. Quando ela estiver consciente, ela poderá ficar delirante, irritada. Será da medicação ainda em seu sistema. Mas eventualmente, ela deve começar a despertar por longos períodos de tempo e, estando tudo bem, em dois dias ela nos mostrará a sua habitual felicidade. — O médico ergueu as mãos. — Mas Poppy estará fraca. Até nós a avaliarmos em seu estado consciente nós não seremos capazes de determinar o quanto esta infecção a debilitou. Só o tempo irá

dizer. Mas ela pode ter limitação de movimento que restringe as coisas que ela pode fazer. É improvável que ela vá recuperar a força total.

Fechei os olhos, orando a Deus que ela ficasse bem. E se ela não ficasse, eu prometi que iria ajudá-la através de qualquer coisa para me dar um pouco mais de tempo. Não importa o que fosse preciso, eu faria qualquer coisa.

Os próximos dois dias se arrastaram. As mãos de Poppy começaram a mover-se ligeiramente, suas pestanas se agitaram, e no dia dois, seus olhos começaram a abrir. Foi apenas por alguns segundos de cada vez, mas foi o suficiente para me encher com uma mistura de emoção e esperança.

No terceiro dia, uma equipe de médicos e enfermeiros entrou no quarto e começaram o processo de desprendimento de Poppy das máquinas. Eu assisti, coração batendo forte, quando o tubo de respiração foi removido de sua garganta. Eu vi quando máquina após máquina foi levada embora, até que eu vi minha menina novamente.

Meu coração inchou.

Sua pele estava pálida, os geralmente lábios macios estavam rachados. Mas vê-la livre de todas aquelas máquinas, me dava a certeza que ela nunca pareceu tão perfeita para mim.

Sentei-me pacientemente na cadeira ao lado da cama, segurando a mão dela na minha. Minha cabeça estava inclinada para trás, enquanto eu olhava em transe para o teto, quando senti a mão de Poppy fracamente apertando a minha. Minha respiração parou. Meus pulmões congelaram. Meus olhos dispararam para Poppy na cama. Seus dedos na sua mão livre se moveram, em suaves espasmos.

Estendendo a mão para a parede, eu bati o botão de chamada para os enfermeiros. Quando alguém entrou, eu disse, — Eu acho que ela está acordando. — Poppy tinha feito movimentos leves ao longo das últimas vinte e quatro horas, mas nunca tantos e nem por tanto tempo.

— Vou chamar o médico, — ela respondeu e saiu da sala. Os pais de Poppy vieram correndo pouco depois, tendo acabado de chegar para a sua visita diária.

O médico entrou segundos depois. Quando se aproximou da cama, eu me afastei para ficar ao lado dos pais de Poppy, deixando a enfermeira auxiliar verificar seus sinais vitais.

Os olhos de Poppy começaram a se agitar sob as pálpebras, em seguida, eles lentamente se abriram. Eu inalei conforme seus olhos verdes sonolentos observavam os arredores.

— Poppy? Poppy, você está bem, — disse o médico suavemente. Vi Poppy tentar virar a cabeça na sua direção, mas seus olhos não podiam focar. Senti um puxão em algum lugar dentro de mim quando sua mão se estendeu.

Ela estava procurando por mim. Mesmo em um estado de confusão, ela estava procurando por minha mão.

— Poppy, você esteve adormecida por um tempo. Você está bem, mas você vai se sentir cansada. Só saiba que você está bem.

Poppy fez um som como se ela estivesse tentando falar. O médico virou-se para a enfermeira. — Consiga um pouco de gelo para os lábios.

Eu não podia ficar afastado por mais tempo, e eu corri para frente, ignorando o chamado de Sr. Litchfield para eu parar.

Movendo-me para o outro lado da cama, eu me inclinei e envolvia minha mão em torno da de Poppy. No minuto que eu fiz, o corpo dela se acalmou e sua cabeça suavemente rolou em minha direção. Seus olhos se abriram. Então ela olhou diretamente para mim.

— *Ei, Poppymín,* — eu sussurrei, lutando contra o aperto na minha garganta.

E então ela sorriu. Era pequeno, apenas um traço, mas estava lá. Seus dedos fracos apertaram os meus com toda a força de uma mosca, então ela voltou a dormir.

Soltei um longo suspiro. Mas a mão de Poppy nunca largou a minha. Então eu fiquei onde estava. Sentado na cadeira ao lado dela, fiquei exatamente onde eu estava.

Outro dia passou com um número crescente de momentos de consciência de Poppy. Ela estava realmente lúcida quando ela estava acordada, mas ela sorria para mim quando ela concentrava sua atenção na minha direção.

Eu sabia que uma parte dela, embora confusa, estava ciente de que eu estava aqui com ela. Seus sorrisos fracos deram a certeza que não havia outro lugar para eu estar.

Mais tarde naquele dia, quando uma enfermeira entrou no quarto para fazer suas verificações de hora em hora, perguntei, — Posso mover a cama dela?

A enfermeira parou o que estava fazendo e levantou a sobrancelha. — Para onde, querido?

Fui até a janela ampla. — Aqui, — eu disse. — Então, quando ela acordar devidamente ela poderá ver do lado de fora. — Eu bufei uma risada silenciosa. — Ela gosta de ver o sol nascer. — Olhei para trás. — Agora ela

não está mais ligada a nada e nem aos cateteres, eu pensei que isso poderia ser feito, será possível?

A enfermeira olhou para mim. Eu podia ver a simpatia em seus olhos. Eu não queria a simpatia. Eu só queria que ela me ajudasse. Eu queria que ela me ajudasse a dar isto a Poppy.

— Claro, — ela disse finalmente. — Eu não posso ver isso ser um problema. — Meu corpo relaxou. Mudei-me para o lado da cama de Poppy, a enfermeira no outro e nós rolamos a cama para parar na frente da vista do jardim exterior da oncologia pediátrica. Um jardim sob um céu azul claro.

— Aqui está bom? — A enfermeira perguntou e empurrou os freios para baixo.

— Perfeito, — eu respondi e sorri.

Quando a família de Poppy chegou pouco tempo mais tarde, sua mãe me abraçou. — Ela vai adorar, — disse ela. Assim que nos sentamos ao redor da cama, Poppy se agitava de tempo a tempo, deslocando onde ela estava, mas não mais do que por alguns segundos.

Ao longo dos últimos dois dias, os pais dela tinham feito turnos para passar a noite na sala de espera no outro lado do corredor. Um ficava em casa com as meninas. Mais frequentemente era sua mãe que ficava aqui.

Eu ficava no quarto de Poppy.

Deitava ao lado dela em sua pequena cama todas as noites. Dormi com ela em meus braços, esperando o momento em que ela acordasse.

Eu sabia que seus pais não estavam exatamente felizes com isso, mas eu percebi que eles permitiam, por que não? Eles não iriam proibir. Não agora. Não nesta circunstância.

E eu com certeza não estava indo embora.

A mãe de Poppy estava conversando com sua filha adormecida sobre suas irmãs. Ela estava dizendo a ela sobre como elas estavam na escola, coisas mundanas. Sentei-me, meio escutando, quando houve uma batida suave na porta.

Quando olhei para cima, vi o meu pappa abrir a porta. Ele deu a Sra. Litchfield um pequeno aceno, em seguida, olhou para mim. — Rune? Posso vê-lo por um segundo?

Eu fiquei tenso, minhas sobrancelhas franziram em uma careta. Meu pappa esperou na porta, nunca quebrando o nosso olhar.

Soprando um suspiro, eu me levantei da minha cadeira. Meu pappa se afastou da porta enquanto eu me aproximava. Saindo da sala, vi que ele segurava algo em sua mão.

Ele balançou em seus pés nervosamente.

— Eu sei que você não me perguntou, mas eu revelei seus filmes para você.

Eu congelei.

— Eu sei que você me pediu para levá-los para casa. Mas eu vi você, Rune. Eu assisti você tirar essas fotografias e eu sei que elas são para Poppy. — Ele deu de ombros. — Agora com Poppy acordando mais e mais, eu pensei que você podia querer tê-las com você, para ela ver.

Sem dizer mais nada, ele entregou um álbum de fotos. Estava cheio de impressão após impressão de todas as coisas que eu capturei enquanto Poppy estava dormindo. Era todos os momentos capturados que ela tinha perdido.

Minha garganta começou a se fechar. Eu não estava em casa. Eu não tinha sido capaz de revelar estes a tempo para ela... mas meu pappa...

— Obrigado, — eu disse asperamente, em seguida, baixei meus olhos para o chão.

Na minha visão periférica, eu vi o corpo do meu pappa relaxar, liberando sua tensão. Ele levantou a mão, como se fosse tocar o meu ombro. Eu fiquei tenso quando ele fez. A mão do meu pappa parou no meio do ar, mas decidindo claramente tentar, ele colocou a mão no meu ombro e apertou.

Fechei os olhos quando senti sua mão em mim. E pela primeira vez em uma semana, eu senti como se eu pudesse respirar.

Por um segundo, com meu pappa me mostrando que ele estava comigo, eu realmente respirei.

Mas quanto mais tempo nós ficamos ali, mais eu não sabia o que fazer. Eu não tinha estado assim com ele tanto tempo. Não o tinha deixado chegar tão perto.

Precisando fugir, incapaz de lidar com isso de novo, eu balancei a cabeça e voltei para o quarto. Eu fechei a porta e me sentei, o álbum no meu colo. Sra. Litchfield não perguntou o que era; Não lhe contei. Ela continuou recitando suas histórias para Poppy até que fosse tarde.

Quando a Sra. Litchfield saiu do quarto, eu tirei minhas botas, e como eu fazia todas as noites, eu abri as cortinas e fui me deitar ao lado de Poppy.

Lembrei-me de olhar para as estrelas, então a próxima coisa que eu senti, foi uma mão acariciando meu braço.

Desorientado, pisquei os olhos abertos, os primeiros raios de um novo dia escoando para dentro do quarto.

Tentei limpar a névoa de sono da minha cabeça. Eu senti o cabelo fazendo cócegas no meu nariz e respiração quente à deriva no meu rosto. Olhando para cima, eu pisquei o sono dos meus olhos e meu olhar colidiu com o mais bonito par de olhos verdes que eu já vi.

Meu coração perdeu uma batida, e um sorriso espalhou nos lábios de Poppy, suas covinhas profundas afundando em suas pálidas bochechas. Levantando a cabeça em surpresa, eu segurei sua mão e sussurrei, — *Poppymin?*

Poppy piscou, piscou novamente, em seguida, seu olhar rodou ao redor da sala. Ela engoliu em seco, estremecendo enquanto ela fazia esses movimentos. Vendo que seus lábios estavam secos, eu me estiquei e peguei o copo de água da mesa de lado. Eu trouxe o canudo para a sua boca. Poppy bebeu alguns pequenos goles, em seguida, empurrou o copo de lado.

Ela suspirou de alívio. Erguendo o brilho de cereja favorito dela da mesa, passei uma camada fina sobre os lábios dela. Poppy esfregou os lábios. Não quebrando o meu olhar, ela sorriu, um grande, bonito sorriso.

Sentindo meu peito se expandir com a luz, eu me inclinei e pressionei meus lábios contra os dela. Foi breve, apenas um beijo, mas quando eu puxei para trás, Poppy engoliu em seco e sussurrou com voz rouca, — beijo número... — seu cenho franziu com a confusão em seu rosto.

— 903, — eu terminei por ela.

Poppy assentiu. — Quando voltei para o Rune, — acrescentou ela, segurando meu olhar e apertando minha mão fracamente, — assim como eu prometi que o faria.

— Poppy, — eu sussurrei em resposta, e baixei a cabeça até que eu enfiei-a na curva de seu pescoço. Eu queria abraçá-la tão perto quanto

podia, mas ela parecia como uma boneca muito frágil: fácil de quebrar.

Os dedos de Poppy pousaram no meu cabelo, e em um movimento tão familiar como a respiração, eles correram através do fios, a respiração leve de Poppy fluindo sobre meu rosto.

Ergui a cabeça e olhei para ela. Fiz questão de admirar cada parte de seu rosto, seus olhos. Eu fiz questão de valorizar este momento.

O momento em que ela voltou para mim.

— Quanto tempo? — Perguntou ela.

Eu acariciei seu cabelo do rosto. — Você esteve uma semana em coma. Você foi acordando aos poucos nos últimos dias.

Os olhos de Poppy fecharam momentaneamente, em seguida, abriram novamente.

— E quanto tempo... resta?

Eu balancei a cabeça, orgulhoso de sua força e respondi honestamente, — Eu não sei.

Poppy assentiu com a cabeça, o movimento quase imperceptível. Sentindo um calor na parte de trás do meu pescoço, eu me virei e olhei pela janela. Eu sorri. Enfrentando Poppy novamente, eu disse, — Você acordou junto com o sol, baby.

Poppy franziu a testa, até que me mudei para fora do caminho. Quando eu fiz, ouvi-a puxar uma respiração aguda. Quando eu olhei para o rosto dela, eu vi os raios alaranjados beijando sua pele. Vi seus olhos se fecharem, em seguida, abrir novamente, com um sorriso puxando em seus lábios.

— É lindo, — ela sussurrou. Eu estava deitado em seu travesseiro ao seu lado, observando o céu clarear com a chegada do novo dia. Poppy não disse nada, pois vimos o sol nascer no céu, banhando o quarto com sua luz e calor.

Sua mão apertou a minha. — Eu me sinto fraca.

Meu estômago caiu. — A infecção que lhe atingiu era muito forte. Cobrou seu preço.

Poppy assentiu em entendimento, e depois se perdeu mais uma vez na visão do amanhecer. — Eu senti falta disto, — disse ela, apontando o dedo para a janela.

— Você se lembra de algo?

— Não, — ela respondeu suavemente. — Mas eu sei que senti falta. — Ela olhou para baixo para sua mão e disse, — Lembro-me de sentir sua mão na minha, embora... É estranho. Eu não me lembro de mais nada, mas eu lembro disso.

— *Ja?* — Perguntei.

— Sim, — ela respondeu suavemente. — Eu acho que eu sempre me lembro da sensação de sua mão sobre a minha.

Estendendo a mão ao meu lado, eu levantei o álbum de fotos que meu pappa trouxe, coloquei no meu colo e abri. A primeira foto era do sol nascendo através das nuvens espessas. Os raios divididos através dos ramos das folhas de pinheiro, capturando os tons de rosa perfeitamente.

— Rune, — Poppy sussurrou e passou a mão sobre a impressão.

— Foi a primeira manhã que você esteve aqui. — Dei de ombros. — Eu não quero que você perca o seu nascer do sol.

A cabeça de Poppy moveu até que descansou contra o meu ombro. Eu sabia que eu tinha feito o certo. Eu senti a felicidade em seu toque. Era melhor do que palavras.

Eu folheei o álbum. Mostrei-lhe as árvores começando a florescer. Os pingos de chuva contra a janela no dia em que choveu. E as estrelas no céu, a lua cheia e os pássaros no ninho das árvores.

Quando fechei o álbum, Poppy mudou a cabeça para trás e olhou nos meus olhos. — Você capturou os momentos que eu perdi.

Sentindo meu rosto aquecer, eu abaixei minha cabeça. — Claro. Eu sempre vou fazer isso.

Poppy suspirou. — Mesmo quando eu não estiver aqui... Você precisa capturar todos esses momentos. — Meu estômago rolou. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela levantou a mão para a minha bochecha. Foi tão leve. — Prometa-me, — ela disse. Quando eu não respondi, ela insistiu, — Prometa-me, Rune. Estas imagens são demasiado preciosas para nunca serem tiradas. — Ela sorriu. — Pense no que você pode capturar no futuro. Basta pensar nas possibilidades que estão por vir.

— Eu prometo, — eu respondi calmamente. — Eu prometo, *Poppymin*.

Ela exalou. — Obrigada.

Inclinando-me, eu beijei sua bochecha. Quando me afastei, eu virei para encará-la na cama. — Eu senti sua falta, *Poppymin*.

Sorrindo, ela sussurrou de volta, — Eu senti a sua também.

— Nós temos muito o que fazer quando você sair deste lugar, — eu disse a ela, observando a chama de emoção nos olhos dela.

— Sim, — respondeu ela. Esfregando os lábios juntos, ela perguntou, — Quanto tempo falta até o primeiro florescer?

Meu coração quebrou quando eu soube o que ela estava pensando. Ela estava tentando avaliar quanto tempo ela tinha restante. E se ela conseguiria. Se ela viveria para ver seus poucos desejos restantes se tornarem realidade.

— Eles acham que em cerca de uma semana, no entanto.

Desta vez, não mascarava a felicidade absoluta irradiando de seu amplo sorriso. Ela fechou os olhos. — Eu consigo durar esse tempo, — afirmou com confiança e segurou minha mão apenas um pouco mais apertado.

— Você vai durar mais tempo, — eu prometi e vi quando Poppy assentiu.

— Para mil beijos-de-menino, — ela concordou.

Acariciando a minha mão pelo seu rosto, eu disse, — Então eu vou fazer durar.

— Sim, — Poppy sorriu. — Infinitamente.

Poppy teve alta do hospital uma semana depois. A verdadeira extensão do quanto à infecção a tinha afetado tornou-se aparente após alguns dias. Poppy não conseguia andar. Ela tinha perdido toda a força em suas pernas. O médico nos informou que, se seu câncer tivesse curado ao longo do tempo, ela teria recuperado a força. Mas, como as coisas estavam, ela nunca iria andar novamente.

Poppy estava em uma cadeira de rodas. E, sendo a Poppy que eu conhecia, ela não deixou isso afetá-la nem um pouco. — Enquanto eu ainda puder sair lá fora e sentir o sol no meu rosto, eu vou estar feliz, — disse ela quando seu médico lhe tinha dito as más notícias. Ela olhou para mim e disse, — Enquanto eu ainda puder segurar a mão de Rune, eu realmente não me importo se nunca mais irei voltar a andar.

E assim, ela me derreteu onde eu estava.

Agarrando as novas fotos na minha mão, eu corri a grama entre as nossas duas casas para a janela de Poppy. Enquanto eu subia através dela, eu vi que ela estava dormindo em sua cama.

Ela tinha sido trazida para casa naquele dia. Ela estava cansada, mas eu tinha que mostrar isto a ela. Era a minha surpresa. O meu bem-vindo a casa.

Um de seus desejos se tornando realidade.

Quando entrei no quarto, os olhos de Poppy piscaram abertos e um sorriso enfeitou seus lábios. — A cama estava fria sem você, — ela disse e passou a mão sobre o lado onde eu costumava me deitar.

— Eu peguei algo para você, — eu disse, me sentando na cama. Me Inclinando, eu beijei seus lábios. Eu a beijei profundamente, sorrindo enquanto suas bochechas coravam com isso. Inclinando-se, Poppy pegou um coração de papel em branco de seu frasco e escreveu alguma coisa nele.

Olhei para o frasco quase cheio quando ela deixou cair o coração dentro.

Nós estamos quase lá.

Voltando-se, Poppy ficou em uma posição sentada. — O que está na sua mão? — Perguntou ela, com uma emoção na voz.

— Fotos, — eu anunciei e observei o seu rosto se iluminar com felicidade.

— Meu presente favorito, — ela disse, e eu sabia que ela queria dizer cada palavra. — Seus mágicos momentos capturados.

Entreguei o envelope; Poppy abriu. Ela engasgou quando seus olhos caíram sobre o conteúdo. Ela procurou cada foto com entusiasmo, em seguida, virou-se para mim com olhos esperançosos. — Primeiro florescer?

Eu sorri de volta e assenti. Poppy colocou a mão sobre sua boca e seus olhos brilhavam de felicidade.

— Quando foram tiradas?

— Há poucos dias, — eu respondi e assisti a mão cair e seus lábios curvarem em um sorriso.

— Rune, — ela sussurrou e pegou minha mão. Ela trouxe-a para o meu rosto. — Isso significa...

Eu me levantei.

Movendo-me para o seu lado da cama, eu peguei-a nos meus braços. As mãos de Poppy foram ao redor do meu pescoço e eu baixei os lábios nos dela. Quando me afastei, eu perguntei, — Você está comigo?

Suspirando feliz, ela respondeu, — Eu estou com você.

Coloquei-a suavemente em sua cadeira de rodas, puxei o cobertor sobre as pernas e fui para manusear a cadeira.

Poppy inclinou a cabeça para trás quando eu estava prestes a empurrá-la para o corredor. Eu olhei para ela.

— Obrigada, — ela sussurrou.

Beije a sua boca enquanto estava virada para cima. — Vamos.

Os risos contagiantes de Poppy ecoaram pela casa conforme eu empurrava-a pelo corredor e para o ar fresco. Carreguei-a ao descer os degraus. Uma vez que ela estava a salvo em sua cadeira, eu empurrei-a sobre a grama em direção ao bosque. O tempo estava quente, o sol brilhando em um céu claro.

Poppy inclinou a cabeça para trás para absorver o calor do sol, enchendo as bochechas com vida assim que ela fez isto.

Quando os olhos de Poppy abriram, eu sabia que ela tinha cheirado o perfume antes que ela tivesse visto o bosque. — Rune, — ela disse, ela agarrou os braços da cadeira de rodas.

Meu coração batia cada vez mais rápido à medida que nos aproximávamos. Então, quando viramos a esquina e o bosque de flor entrou em vista, eu preendi a respiração.

Um suspiro alto deslizou da boca de Poppy. Tomando minha câmera do meu pescoço, fiquei ao seu lado até que eu tinha a visão perfeita de seu rosto. Poppy nem percebeu quando eu pressionei o botão, uma e outra vez; ela estava muito perdida na beleza à sua frente. Demasiada hipnotizada quando ela estendeu a mão e delicadamente acariciou em um toque suave uma leve pétala recém florescida. Em seguida, ela deixou cair a cabeça para trás, os olhos fechados, braços no ar, com sua risada ecoando em torno do bosque.

Eu segurei a câmera, dedo no botão para o momento que eu orava que viesse a seguir. E então veio. Poppy abriu os olhos, completamente extasiada com este momento, e então olhou para mim. Meu dedo pressionou para baixo, seu rosto sorridente estava vivo com vida, um mar de rosa e branco como pano de fundo.

As mãos de Poppy baixaram lentamente e seu sorriso suavizou quando ela olhou para mim. Baixei a câmera, retornando aquele olhar, as flores de cerejeira cheias e vibrantes em torno de onde ela estava, sua auréola simbólica. Então isso me fez entender. Poppy, *Poppymin*, ela era a flor de cerejeira.

Ela era a minha flor de cerejeira.

Uma beleza inigualável, limitada em sua vida. Uma beleza tão extrema limitada na sua graça que ela não pode durar. Ela permanece para enriquecer as nossas vidas, então se afasta com o vento. Nunca esquecida. Nos lembrando que devemos viver. Que a vida é frágil, mas que na fragilidade há força. Existe amor. Há um propósito. Nos lembrando que a vida é curta, que nossas respirações são limitadas e nosso destino é fixo, independentemente de quão forte nós lutamos.

Nos lembrando para não desperdiçar um único segundo se quer. Viva intensamente e, ame ainda mais. Persiga seus sonhos, procure aventuras... capture momentos.

Viva lindamente.

Engoli em seco quando estes pensamentos giravam na minha mente. Então Poppy estendeu a mão. — Leve-me através do bosque, baby, — ela disse suavemente. — Quero experimentar isso com você.

Abaixando a câmera para descansar em volta do meu pescoço, me mudei para trás de sua cadeira de rodas e empurrei-a pelo caminho de terra seca. Poppy respirou lentamente e observava. A menina que eu amava admirou tudo. A beleza deste momento. Um desejo realizado.

Chegando à nossa árvore, seus ramos se moviam com rosa claro, peguei um cobertor na parte de trás de sua cadeira e coloquei-a no chão. Eu levantei Poppy em meus braços e pousei-a sob a árvore, com a vista do bosque espalhando diante de nós.

Poppy encostou-se contra o meu peito. E ela suspirou, ela segurou a minha mão que estava sobre seu estômago, e ela sussurrou, — Nós conseguimos.

Movendo seu cabelo do pescoço, eu dei um beijo em sua pele quente. — Nós conseguimos, baby.

Ela parou por um minuto. — É como um sonho... é como uma pintura. Quero que o céu se pareça exatamente assim.

Em vez de me sentir magoado ou triste com seu comentário, eu me encontrei querendo isso para Poppy. Querendo tanto que ela tivesse isso, para sempre.

Eu podia ver como estava cansada. Eu podia ver que ela estava com dor. Ela nunca disse, mas ela não precisava. Ela falava comigo sem precisar dizer as palavras.

E eu sabia. Eu sabia que ela estaria ficando até que eu estivesse pronto para deixá-la partir.

— Rune? — A voz de Poppy me puxou de meus pensamentos. Recostando-me contra a árvore, eu levantei Poppy para deitar sobre minhas pernas para que eu pudesse vê-la. Para que eu pudesse registrar na memória cada segundo deste dia.

— *Ja?* — Eu respondi e passei os dedos pelo seu rosto. Sua testa estava cheia de preocupação. Me sentei um pouco reto.

Poppy respirou fundo e disse, — E se eu esquecer?

Meu coração rachou bem no centro enquanto eu observava o medo cruzar seu rosto. Poppy não era de sentir medo. Mas ela temia sobre isto.

— Esquecer o quê, baby?

— Tudo, — ela sussurrou, sua voz quebrando ligeiramente. — Você, minha família... todos os beijos. Os beijos que eu quero reviver até eu ter você de volta novamente um dia.

Me forçando a ficar forte, eu assegurei-lhe, — Você não vai se esquecer.

Poppy olhou para longe. — Eu li uma vez que as almas esquecem a sua vida na Terra quando elas sobem. Que têm esquecer ou então eles nunca seriam capazes de seguir em frente, para estar em paz no céu. — Seu dedo começou traçando padrões em meus dedos. — Mas eu não quero isso, — acrescentou, quase inaudível. — Eu quero lembrar de tudo.

Olhando para mim, ela disse com lágrimas nos olhos, — Eu nunca quero te esquecer. Eu preciso de você comigo, sempre. Eu quero ver você viver sua vida. A vida emocionante que eu sei que você vai ter. Eu quero ver as fotos que você vai tirar. — Ela engoliu em seco. — Mas acima de tudo, quero os meus mil beijos. Eu nunca quero esquecer o que nós compartilhamos. Eu quero me lembrar deles para sempre.

— Então eu vou encontrar uma maneira para que você possa vê-los, — eu disse, e com a brisa envolvendo em torno de nós, a tristeza de Poppy flutuou para longe.

— Você vai? — Ela sussurrou, esperança claramente em sua voz suave.

Eu balancei a cabeça. — Eu prometo. Eu não sei como, mas eu vou fazer. Nada, nem mesmo Deus, vai me impedir.

— Enquanto eu espero no nosso bosque, — ela disse, com um sorriso distante sonhador.

— *Ja.*

Recostando-se para baixo em meus braços, Poppy sussurrou, — Isso vai ser bom. — Inclinando a cabeça, ela disse, — Mas espere um ano.

— Um ano?

Poppy assentiu com a cabeça. — Eu li que uma alma demora um ano para subir. Eu não sei se isso é verdade, mas caso seja, espere um ano para me lembrar dos nossos beijos. Eu não quero perder isso... o que você irá fazer.

— Ok, — eu concordei, mas eu tive que parar de falar. Eu não confiava que não iria desmoronar.

Pássaros voavam de árvore em árvore, perdendo-se de vista na flor. Apertando as mãos juntas, Poppy disse, — Você me deu isso, Rune. Você me deu este desejo.

Eu não podia responder. Minha respiração engatou enquanto falava. Eu apertei-a mais em meus braços, em seguida, com meu dedo sob o queixo, a trouxe para minha boca. A doçura ainda estava lá em seus lábios macios.

Quando ela recuou, ela manteve os olhos fechados, e disse, — Beijo 934. No bosque de flor em pleno florescer. Com o meu Rune... meu coração quase explodiu.

Eu sorri. Assim que sorri, eu senti uma dor de felicidade pela minha menina. Estávamos quase lá. O fim de sua aventura estava à vista.

— Rune? — Poppy chamou.

— Mm? — Eu respondi.

— Você parou de fumar.

Expirando, eu respondi, — *Ja*.

— Por quê?

Parando para compor a minha resposta, eu admiti, — Alguém que eu amo me ensinou que a vida é preciosa. Ela me ensinou a não fazer nada que comprometa a aventura. E eu escutei.

— Rune, — Poppy disse, algo em sua garganta. — É preciosa, — ela sussurrou, — tão preciosa. Não desperdice um único segundo dela.

Poppy espreguiçou contra mim, observando a beleza do bosque. Ela inalou uma respiração profunda, calmamente confidenciou, — Eu não acho que eu serei capaz ver o baile, Rune. — Meu corpo parou. — Estou me sentindo realmente muito cansada. — Ela tentou me agarrar com força, e ela repetiu, — realmente cansada.

Eu fechei os olhos e puxei-a para perto. — Milagres podem acontecer, baby, — eu respondi.

— Sim, — Poppy disse sem fôlego, — podem. — Ela trouxe a minha mão até a boca e beijou cada um dos meus dedos. — Eu teria gostado de ter visto você em um smoking. E eu teria gostado de dançar com você, sob as luzes, em uma música que me fizesse pensar em você e eu.

Sentindo Poppy começando a cansar em meus braços, Eu segurei a dor que essa imagem conjurou e falei, — Vamos te levar para casa, baby.

Quando fiquei em pé, Poppy pegou minha mão. Olhei para baixo. — Você vai ficar ao meu lado, não vai?

Agachando-me, eu segurei suas bochechas. — Para sempre.

— Bom, — ela sussurrou. — Eu não estou pronta para deixá-lo ir, ainda não.

Empurrando-a para sua casa, enviei uma oração silenciosa a Deus, pedindo a Ele para lhe conceder apenas mais duas semanas. Ele poderia levar a minha menina para casa depois disso; ela estava pronta, eu estaria pronto. Só depois que eu lhe desse todos os seus sonhos realizados.

Apenas deixe-me dar-lhe este último desejo.

Eu tinha que dar.

Seria o meu último agradecimento por todo o amor que ela tinha me dado.

Era o único presente que eu podia dar.

Poppy

Duas Semanas Depois

Sentei-me na minha cadeira, no banheiro da minha mãe, enquanto minha mãe revestia meus cílios com rímel. Eu a observava como eu nunca a observei antes. Ela sorriu. Eu observei, me certificando que eu tinha gravado cada parte do rosto dela em minha memória.

A verdade é que eu estava desaparecendo. Eu sabia. Eu acho que no fundo, todos nós sabíamos disso. Todas as manhãs que eu acordava com Rune enrolado ao meu lado, eu me sentia um pouco mais cansada, apenas um pouco mais fraca.

Mas no meu coração, eu me sentia forte. Eu podia ouvir a chamada de casa cada vez mais forte. Eu podia sentir a paz de sua vocação fluir através de mim, minuto a minuto.

E eu estava quase pronta.

Observando a minha família ao longo dos últimos dias, eu sabia que eles iriam ficar bem. Minhas irmãs estavam felizes e fortes, e meus pais as amavam ferozmente, então eu sabia que ficariam bem.

E Rune. Meu Rune, a pessoa que eu achava mais difícil de deixar... ele tinha amadurecido. Ele ainda não tinha percebido que ele não era mais o temperamental, quebrado menino que havia retornado da Noruega.

Ele estava vibrante.

Ele sorria.

Ele estava tirando fotos novamente.

Mas melhor ainda, ele me amava abertamente. O menino que tinha voltado e se escondia atrás de uma parede de escuridão. Não mais existia; seu coração estava aberto. E por causa disso, ele havia deixado entrar a luz para sua alma.

Ele ficaria bem.

Mamãe foi até ao armário. Quando ela voltou para o banheiro, ela estava segurando um bonito vestido branco. Estendendo a mão, eu corri minha mão pelo material. — É lindo, — eu disse e sorri para ela.

— Vamos vesti-la, sim?

Pisquei, confusa. — Por que, mamãe? O que está acontecendo?

Mamãe acenou com a mão dela em rejeição. — Chega de perguntas, menina. — Ela me ajudou a vestir, escorregando sapatos brancos nos meus pés.

O som da porta do quarto abrindo me fez olhar ao redor. Quando o fiz, minha tia DeeDee estava na porta, a mão sobre o peito.

— Poppy, — disse ela, lágrimas enchendo seus olhos. — Você está bonita.

DeeDee olhou para minha mãe e estendeu a mão. Minha mãe segurou sua irmã, e puseram-se lá, olhando para mim. Sorrindo para o olhar em seus rostos, eu perguntei, — Posso ver?

Minha mãe empurrou minha cadeira na frente do espelho, e eu me acalmei com a visão do meu reflexo. O vestido parecia tão bonito, mais bonito do que eu poderia ter imaginado. E o meu cabelo... meu cabelo estava puxado para o lado em um coque baixo, o meu laço branco favorita preso no lugar acima dele.

Como sempre, meus brincos de infinito destacaram-se, altos e orgulhosos.

Corri minhas mãos pelo vestido. — Eu não entendo ... parece que eu estou vestida para o bail—

Meus olhos dispararam para minha mãe e DeeDee no espelho. Meu coração perdeu o controle de sua batida. — Mamãe? — Eu perguntei. — Eu estou? Mas falta duas semanas! Como—

A minha pergunta foi interrompida pelo toque da campainha. Minha mãe e DeeDee olharam uma para a outra, e minha mãe ordenou, — DeeDee, vá atender a porta.

DeeDee ia se mover, mas minha mãe estendeu a mão e parou com uma mão em seu braço. — Não, espere, você pega a cadeira, eu tenho que carregar Poppy para descer as escadas.

Minha mãe me levantou de sua cama. DeeDee saiu do quarto, e eu ouvi a voz do meu pai lá em baixo, abafada por outras. Pensamentos estavam lutando pela minha cabeça, mas eu não ousava levantar minhas esperanças.

No entanto, eu queria tanto que as esperanças se tornassem realidade.

— Você está pronta, baby? — Perguntou minha mãe.

— Sim, — eu respondi sem fôlego.

Eu segurei-me na minha mãe enquanto descíamos as escadas e fomos para a porta da frente. Ao dobrar a esquina, meu pai e minhas irmãs, que estavam todos reunidos na sala, todos olhando na minha direção.

Então, embora eu me sentisse fraca, minha mãe me levou até a porta. Ali, encostado na porta, estava Rune. Ele tinha um buquê de flores de

cerejeira em sua mão... e ele estava usando um smoking.

Meu coração estilhaçou com a luz.

Ele estava me dando o meu desejo.

Assim que nossos olhos se encontraram, Rune se endireitou. Eu o vi engolir quando a minha mãe me colocou na minha cadeira. Quando ela se afastou, Rune agachou-se, não se importando quem mais estava lá, e sussurrou, — *Poppymín.* — Minha respiração parou, quando ele acrescentou, — Você está tão bonita.

Alcançando a minha mão, eu puxei a parte inferior do seu cabelo loiro. — Está penteado para trás para que eu possa ver o seu rosto bonito. E você está vestindo um smoking.

Um sorriso torto puxou em sua boca. — Eu disse que iria, — ele respondeu.

Rune pegou minha mão e, tão gentilmente quanto podia, empurrou meu buquê no meu pulso. Passei a mão sobre as folhas da flor. Eu não pude deixar de sorrir.

Olhando para os olhos azuis de Rune, eu perguntei, — Isto é real?

Inclinando-se para frente, ele me beijou e sussurrou, — Você vai ao baile.

Uma lágrima escapou do meu olho, obscurecendo a minha visão. Eu assisti a expressão de Rune cair, mas eu ri e lhe disse, — São lágrimas boas, baby. Estou tão feliz.

Rune engoliu e eu estendi a mão e toquei-lhe o rosto. — Você me fez tão incrivelmente feliz.

Eu esperava que ele ouvisse o significado mais profundo dessas palavras. Porque eu não me refiro apenas à noite. Isso significava que ele

sempre me fez a garota mais feliz do planeta. Ele tinha que saber.

Ele tinha que ter sentido a verdade desse fato.

Rune levantou minha mão e a beijou. — Você me fez tão feliz também.

E eu sabia que ele tinha compreendido.

O som da voz do meu pai acabou com o nosso olhar. — Certo, crianças, é melhor vocês irem. — Eu peguei a aspereza na voz de meu pai. Eu sabia que ele queria que nós fôssemos porque era demais para ele suportar.

Rune se levantou e foi até as costas da minha cadeira. — Você está pronta, baby?

— Sim, — eu respondi com confiança.

Toda a fraqueza que eu sentia desapareceu em um instante. Porque Rune de alguma forma fez este desejo se tornar realidade para mim.

Eu não ia perder um único segundo.

Rune me empurrou para o carro da minha mãe. Ele me levantou da cadeira de rodas e me colocou no assento da frente. Eu estava sorrindo tanto. Na verdade, eu nunca parei de sorrir durante toda a viagem.

Quando nós chegamos na escola, eu ouvi a música de dentro derivando para a noite. Eu fechei meus olhos, saboreando cada imagem: o desfile de limusines que chegavam uma após a outra, os estudantes vestidos de modo elegante, todos entrando no ginásio da escola.

Com muito cuidado, como sempre, Rune levantou-me para fora do carro e para minha cadeira, em seguida, foi para a minha frente e me beijou.

Ele me beijou como ele queria. Como se ele soubesse que estes beijos eram tão limitados como eu sabia que eles eram.

Ele fez cada toque e gosto muito mais especial. Nós tínhamos beijado quase mil vezes, no entanto, os últimos que estávamos dando, eram os mais especiais. Quando você sabe que algo é finito, faz com que seja muito mais significativo.

Quando ele se afastou, eu segurei seu belo rosto e disse, — Beijo 994. No meu baile de formatura. Com o meu Rune... meu coração quase explodiu.

Rune respirou fundo e deu um último beijo na minha bochecha. Ele começou a me empurrar em direção ao ginásio.

Os professores que estavam supervisionando nos viram chegar. Suas reações aqueceram meu coração. Eles sorriram, eles me abraçaram, me fizeram sentir amada.

A música soou de dentro do corredor. Eu estava desesperada para ver como a sala estava. Rune alcançou para a porta e, quando ele abriu, o ginásio da escola entrou em visão... uma visão que estava vestida de brancos e rosa pastel. Lindamente decorados, perfeitamente temático com a minha flor favorita.

Minha mão se mudou para minha boca, eu sussurrei, — Temática com a flor de cerejeira.

Olhei de volta para Rune. Ele encolheu os ombros. — O quê mais?

— Rune, — eu sussurrei, com ele me empurrando para o corredor. As jovens dançando próximas a nós pararam quando entrei.

Por um minuto eu me senti estranha quando eu encontrei seus olhares.

Esta tinha sido a primeira vez que a maioria deles tinham me visto desde... Mas o constrangimento foi rapidamente esquecido quando elas começaram a vir, me cumprimentando e me desejando o melhor. Depois de um tempo, de forma clara vendo que eu estava sobrecarregada, Rune me empurrou para uma mesa com vista para a pista de dança.

Sorri quando vi todos os nossos amigos sentados à mesa. Jorie e Ruby me viram primeiramente. Elas ficaram de pé e correram em nossa direção. Rune retrocedeu quando minhas amigas me abraçaram.

— Caramba, Pops. Você está tão bonita, — gritou Jorie. Eu ri, e aponte para seu vestido azul.

— Assim como você, querida. — Jorie sorriu de volta. Judson veio por trás dela, pegando sua mão. Quando eu olhei para suas mãos, eu sorri novamente.

Jorie encontrou meus olhos e dei de ombros. — Eu acho que ia acontecer eventualmente. — Eu estava feliz por ela. Eu gostava de saber que ela estava com alguém que ela adorava. Ela tinha sido uma incrível amiga para mim.

Judson e Deacon me abraçaram, em seguida, Ruby. Quando todos os nossos amigos tinham me cumprimentado, Rune me empurrou para tomar o lugar na mesa. É claro que ele tomou o assento ao meu lado, imediatamente tomando conta da minha mão.

Eu o vi me observando, seus olhos nunca deixando meu rosto. Virando-me para ele, eu perguntei, — Você está bem, baby?

Rune assentiu, então se inclinou para dizer, — Eu não acho que eu já vi você tão bonita. Eu não posso tirar meus olhos de você.

Minha cabeça inclinou para o lado enquanto eu admirava seu olhar. — Eu gosto de você em um smoking, — eu anunciei.

— Está tudo bem, eu acho. — Rune estendeu a mão e mexeu a gravata borboleta. — Isto foi quase impossível de colocar.

— Mas você conseguiu, — eu provoquei.

Rune desviou os olhos, em seguida, olhou para trás. — Meu pai me ajudou.

— Ele fez isso? — Perguntei em voz baixa.

Rune deu um breve aceno de cabeça.

— E você deixou-o? — Insisti, notando a inclinação teimosa do queixo. Meu coração disparou enquanto esperava a resposta. Rune não sabia que o meu desejo secreto era que ele pudesse consertar seu relacionamento com seu pai.

Ele precisaria dele muito em breve.

E seu pai o amava.

Era o último obstáculo que eu queria que Rune superasse.

Rune suspirou. — Eu deixei.

Eu não poderia parar o sorriso se formando em meus lábios. Estendi a mão e coloquei minha cabeça em seu ombro.

Olhando para cima, eu disse, — Eu estou muito orgulhosa de você, Rune.

A mandíbula de Rune cerrou, mas ele não tinha nada a dizer em resposta.

Levantando minha cabeça, eu examinei a sala, assistindo nossos colegas dançando e se divertindo. E eu amei isso. Olhei para cada pessoa com quem eu tinha crescido, perguntando o que eles iriam fazer de si mesmos quando eles crescessem e se formassem. Com quem se casariam, se eles teriam filhos.

Então meus olhos pararam em um rosto familiar, olhando para mim do outro lado da sala. Avery estava sentada com outro grupo de amigos. Quando eu peguei seus olhos, eu levantei a mão e dei um pequeno aceno.

Avery sorriu e acenou de volta.

Quando olhei para trás para a mesa, Rune estava olhando para Avery. Quando minha mão pousou em seu braço, ele suspirou e balançou a cabeça para mim. — Só você, — disse ele. — Só você.

Durante a noite, eu assisti completamente contente nossos amigos dançarem a noite toda. Eu estimei este momento. Eu estimei ver todo mundo parecer tão feliz.

O braço de Rune veio ao redor do meu ombro. — Como você fez isto? — Perguntei.

Rune apontou para Jorie e Ruby. — Foram elas, *Poppymín*. Elas queriam que você tivesse isto. Elas fizeram tudo. Adiantaram a data. O tema, tudo.

Olhei para ele com ceticismo. — Por que tenho a sensação de que não foram apenas elas?

Um rubor queimou nas bochechas de Rune, ele encolheu os ombros casualmente. Eu sabia que ele tinha feito muito mais do que ele

dizia.

Aproximando-me, tomei seu rosto em minhas mãos e disse, — Eu te amo, Rune Kristiansen. Eu te amo, assim, muito mesmo.

Os olhos de Rune fecharam por um segundo mais. Ele respirou profundamente pelo nariz, em seguida, abrindo os seus olhos, declarou: — Eu também te amo, *Poppymín*. Mais do que eu acho que você alguma vez vai saber.

Passando os olhos em torno do ginásio, eu sorri. — Eu sei, Rune... Eu sei.

Rune me segurou mais perto. Ele me pediu para dançar, mas eu não queria levar minha cadeira à pista de dança cheia. Eu estava feliz assistindo todos dançarem quando vi Jorie caminhar até ao DJ.

Ela olhou para mim. Eu não conseguia ler o olhar em seus olhos, mas então ouvi os acordes da abertura "If I Could Fly" do One Direction inundar a sala.

Eu congelei. Eu tinha dito uma vez a Jorie que esta canção me fazia pensar em Rune. Me fazia pensar em Rune quando ele estava longe de mim na Noruega. E mais do que tudo, isso me fez pensar como o meu Rune era comigo em privado. Um querido. Só para mim. *Apenas para os meus olhos*. Quando ele dizia ao mundo que ele era ruim, ele só me dizia que estava apaixonado.

Ele era amado.

Assim completamente.

Sonhadora, disse-lhe que se alguma vez nos casássemos esta seria a nossa música. Nossa primeira dança. Rune lentamente ficou de pé; parecia que Jorie tinha dito a Rune.

Rune inclinou-se para baixo, eu balancei a cabeça, não querendo levar minha cadeira para a pista de dança. Mas, então, para minha surpresa,

com um movimento que roubou completamente o meu coração, Rune me tomou em seus braços e me levou para a pista.

— Rune, — eu protestei fracamente, passando os braços em volta do pescoço. Rune sacudiu a cabeça, sem dizer uma única palavra, e começou a dançar comigo em seus braços.

Recusando-me a olhar para outro lugar, olhei em seus olhos, sabendo que ele podia ouvir cada letra, vendo claramente no rosto dele que ele sabia o que esta música significava para nós.

Ele me segurou perto, balançando suavemente com a música. E, como sempre acontecia com Rune e eu, o resto do mundo desapareceu, deixando apenas nós dois. Dançando entre as flores, completamente apaixonados.

Duas metades de um todo.

A canção atingiu o seu auge, lentamente chegando ao fim, eu me inclinei e perguntei, — Rune?

— *Ja?* — Ele murmurou de volta.

— Você pode me levar a um lugar?

Suas sobrancelhas loiras escuras franziram, mas ele concordou com a cabeça. Quando a música terminou, ele me puxou para um beijo. Seus lábios tremiam um pouco contra os meus. Sentindo-se também emocionada, eu me permiti uma lágrima solitária, antes de tomar uma respiração profunda e enxotá-la para fora.

Rune se afastou, eu sussurrei, — Beijo 995. Com o meu Rune. No baile enquanto nós dançávamos. Meu coração quase explodiu.

Rune pressionou a testa na minha.

Quando Rune nos conduzia para sair, eu olhei para o centro da pista. Jorie estava parada, me observando, com lágrimas nos olhos. Capturando o olhar dela, eu coloquei minha mão sobre meu coração e murmurei, — *Obrigada... Eu te amo... Eu vou sentir sua falta.*

Os olhos de Jorie fecharam. Quando abriram de novo, ela disse de volta, — *Eu te amo e vou sentir sua falta também.*

Ela levantou a mão em um pequeno aceno e Rune encontrou meus olhos.

— Pronta?

Eu balancei a cabeça, então ele me colocou na minha cadeira e me levou do ginásio. Quando ele tinha me colocado no meu assento e entrado no carro, ele olhou para mim.

— Para onde estamos indo, *Poppymín?*

Suspirando de felicidade completa, eu revelei, — A praia. Deixe-me ver o nascer do sol na praia.

— A nossa praia? — Rune questionou quando ele ligou o carro. — Vai demorar um pouco até chegarmos lá e já é tarde.

— Eu não me importo, — eu respondi, — Contando que cheguemos antes do sol. — Me sentei, tomando a mão de Rune na minha à medida que começamos a nossa aventura final para a costa.

No momento em que chegamos à praia, a noite estava se arrastando. O amanhecer estava apenas a um par de horas. E eu estava contente com isso.

Eu queria só mais esta vez com Rune.

Puxando para uma vaga de estacionamento, Rune olhou para mim. — Você quer sentar na areia?

— Sim, — eu disse apressadamente, olhando para as estrelas brilhantes no céu.

Ele fez uma pausa. — Pode estar frio para você.

— Eu tenho você, — eu respondi e vi como sua expressão se suavizou.

— Espere aqui. — Rune escorregou para fora do carro, e o ouvi pegar as coisas da caminhonete. A praia estava escura, iluminada apenas pela lua brilhante acima. Nos raios de luar, vi Rune estabelecer um cobertor na areia, alguns cobertores extras a partir da caminhonete ao lado dele.

Quando ele voltou, ele estendeu a mão e desfez sua gravata borboleta, então desabotoou vários botões de sua camisa. Enquanto eu olhava para Rune, eu me perguntava como eu era sortuda. Eu era amada por esse menino, amada ferozmente que outros amores não eram nada em comparação.

Embora a minha vida tenha sido curta, eu tinha amado por muito tempo. E, no final, isso foi o suficiente.

Rune abriu a porta do carro e, ao chegar, ele me tomou em seus braços fortes. Eu ri quando ele me carregou. — Eu sou pesada? — Eu perguntei assim que ele fechou a porta do carro.

Rune encontrou meus olhos. — Nem um pouco, *Poppymin*. Eu tenho você.

Sorrindo, eu dei um beijo em sua bochecha e coloquei minha cabeça em seu peito enquanto ele nos levou para o cobertor.

O som das ondas quebrando encheu o ar da noite, uma agradável brisa suave soprou pelo meu cabelo.

Quando chegamos ao cobertor, Rune caiu de joelhos e gentilmente me deitou. Fechei os olhos e inalei o ar salgado, enchendo meus pulmões.

A sensação de lã cobrindo meus ombros me fez abrir os olhos; Rune estava me enrolando nos cobertores. Eu inclinei minha cabeça para trás, observando-o atrás de mim. Percebendo meu sorriso, ele beijou a ponta do meu nariz. Eu ri, de repente me encontrando apertada com força nos braços protetores de Rune.

As pernas de Rune se endireitaram para me receber. Minha cabeça caiu para trás para descansar contra seu peito. Permiti-me relaxar.

Rune pressionou beijos na minha bochecha. — Você está bem, *Poppymin*? — Perguntou.

Eu balancei a cabeça. — Eu estou ótima, — eu respondi.

A mão de Rune empurrou o cabelo para trás do meu rosto. — Você está cansada?

Eu ia balançar a cabeça, mas querendo ser honesta, eu respondi, — Sim. Estou cansada, Rune.

Eu me senti bem ouvindo seu profundo suspiro. — Você conseguiu, baby, — ele disse com orgulho. — O bosque de flor, a formatura...

— Tudo o que resta são os nossos beijos, — eu terminei por ele. Senti o aceno contra mim. — Rune? — Eu disse, precisando que ele me ouvisse.

— *Ja?*

Fechando os olhos, eu levantei a minha mão aos meus lábios. — Lembre-se, o milésimo beijo é a pra ser quando eu parti para casa. — Rune ficou tenso contra mim. Segurando seu braço apertado em torno de mim, eu perguntei, — Isso ainda está ok?

— Qualquer coisa, — Rune respondeu. Mas eu poderia dizer pela rouquidão de sua voz que o pedido tinha batido forte nele.

— Eu não posso imaginar uma despedida mais pacífica e bonita do que seus lábios nos meus. O fim da nossa aventura. A aventura que temos tido por nove anos.

Olhando para ele, eu segurei seus olhos intensos e sorri. — E eu quero que você saiba que eu nunca lamentei um dia, Rune. Tudo sobre você e eu tem sido perfeito. — Agarrando sua mão, eu disse, — Eu quero que você saiba o quanto eu te amei.

Virei meu ombro, então eu estava olhando diretamente nos olhos de Rune. — Prometa-me que você vai continuar as aventuras ao redor do mundo. Visite outros países e experimente a vida.

Rune assentiu. Eu esperei, esperei o som de sua voz.

— Eu prometo, — ele respondeu.

Balançando a cabeça, eu larguei uma respiração reprimida e descansei minha cabeça contra seu peito.

Minutos e minutos se passaram em silêncio. Eu assisti as estrelas que brilhavam no céu. Vivendo esse momento.

— *Poppymin?*

— Sim, baby? — Eu respondi.

— Você foi feliz? Você... — Ele limpou a garganta. — Você amou sua vida?

Respondendo com cem por cento de honestidade, eu disse, — Eu amei a minha vida. Tudo. E eu amei você. Pode parecer tão clichê, mas sempre foi o suficiente. Você sempre foi a melhor parte de todos os meus dias. Você foi a razão de cada sorriso meu.

Fechei os olhos e reproduzi nossas vidas em minha mente. Lembrei-me das vezes que eu o abracei e ele me abraçou com mais força. Lembrei-me de como ele me beijou beijando mais profundamente. E o melhor de tudo, eu me lembrei de como eu o amei e ele sempre se esforçou para me amar ainda mais.

— Sim, Rune, — eu disse com toda a certeza. — Eu amei a minha vida.

Rune exalou um fôlego, como se minha resposta houvesse libertado um fardo de seu coração.

— Eu também, — Rune concordou.

Minhas sobrancelhas desceram. Olhando para trás, e para ele, eu disse, — Rune, sua vida não acabou.

— Poppy, eu—

Interrompi o que quer fosse que Rune estava prestes a dizer com um gesto com a mão. — Não, Rune. Ouça-me. — Eu respirei fundo. — Você pode sentir que você perdeu metade de seu coração quando eu partir, mas isso não lhe dá permissão para viver metade de uma vida. E metade do seu coração não terá ido. Porque eu sempre estarei caminhando ao seu lado. Eu sempre estarei segurando a sua mão. Eu estou

entrelaçada em quem você é, exatamente como você vai ser sempre ligado a minha alma. Você vai amar e rir e explorar... por nós dois.

Eu segurei a mão de Rune, implorando-lhe para ouvir. Ele desviou o olhar, então se virou para olhar nos meus olhos, como eu queria. — Sempre diga sim, Rune. Sempre diga sim a novas aventuras.

O lábio de Rune curvou no canto, enquanto eu olhava para ele com olhos duros. Ele passou o dedo pelo meu rosto. — Ok, *Poppymín*. Eu vou.

Sorri para sua diversão, mas depois disse, com toda a seriedade, — Você tem muito a oferecer ao mundo, Rune. Você é o menino que me deu beijos, concretizou meus últimos desejos. Esse menino não para porque ele sofreu uma perda. Em vez disso, ele se levanta, tão certo como o sol nasce a cada novo dia. — Eu suspirei. — Resista à tempestade, Rune. Então, lembre uma coisa.

— O quê? — Perguntou.

Perdendo a minha frustração, eu sorri e disse, — *Corações de luar e sorrisos de amanhecer*.

Sem sucesso, segurando o riso, Rune libertou-se... e foi muito belo. Fechei os olhos quando uma voz grave tomou conta de mim. — Eu sei, *Poppymín*. Eu sei.

— Bom, — eu disse, triunfante e me recostei contra ele. Meu coração se apertou quando vi a aurora começando a incendiar no horizonte. Deslizando, eu silenciosamente peguei a mão de Rune e segurei-a na minha.

Este nascer do sol não precisava de narração. Eu tinha dito a Rune tudo o que eu tinha a dizer. Eu o amava. Eu queria que ele vivesse. E eu sabia que eu iria vê-lo novamente.

Minha paz estava feita.

Eu estava pronta para partir.

Como se sentisse a conclusão em minha alma, Rune me segurou tão incrivelmente apertado, com a crista do sol quebrando sobre as águas azuis, perseguindo as estrelas para longe.

Minhas pálpebras começaram a se tornar pesadas comigo assim sentada satisfeita nos braços de Rune.

— *Poppymin?*

— Hum?

— Eu também fui suficiente para você? — O tom ríspido da voz de Rune quebrou meu coração, mas eu assenti suavemente.

— Mais do que tudo, — confirmei e, com um sorriso, acrescentei só para ele, — *Você tem sido tão especial quanto especial pode ser.*

Rune respirou com a minha resposta.

À medida que o sol se levantou para o seu lugar, para assistir protetora sobre o céu eu disse, — Rune, eu estou pronta para ir para casa.

Rune me apertou uma última vez, em seguida, mudou-se para ficar de pé. Enquanto se movia, eu fracamente ergui minha mão e preendi em seu pulso. Rune olhou para mim e piscou para conter as lágrimas. — Quero dizer... Eu estou pronta para ir para *casa*.

Os olhos de Rune fecharam por um momento. Ele se abaixou e segurou meu rosto em suas mãos. Quando seus olhos abriram, ele assentiu. — Eu sei, baby. Eu senti no momento que você decidiu.

Eu sorri. Tomei um último olhar para a vista panorâmica.

Era o tempo.

Rune gentilmente me levantou em seus braços, e eu observei seu belo rosto enquanto caminhava de volta sobre a areia.

Ele segurou o meu olhar.

Voltando mais uma vez para enfrentar o sol, meus olhos caíram para a areia dourada. E então meu coração preencheu com tal impossível luz que eu sussurrei, — Olha, Rune. Olhe para as suas pegadas na areia.

Os olhos de Rune deixaram os meus para observar a praia. Ele prendeu a respiração e seu olhar voltou para mim. Lábio tremendo, eu sussurrei, — Você me carregou. Nos meus momentos mais difíceis, quando eu não podia andar... você me carregou através deles.

— Sempre, — Rune conseguiu responder com voz rouca. — Para todo o sempre.

Respirando fundo, eu coloquei minha cabeça contra seu peito e calmamente disse, — Leve-me para casa, baby.

Enquanto Rune dirigia, perseguindo o dia, eu não movi meus olhos dele uma única vez.

Eu queria me lembrar dele apenas assim.

Sempre.

Até que ele estivesse de volta em meus braços para sempre.

Rune

Dois Dias Mais Tarde.

Dois dias deitado ao lado da Poppy na cama, memorizando toda ela na memória. Segurando-a, beijando-a, alcançando o nosso beijo 999.

Quando voltamos da praia, a cama de Poppy tinha sido puxada para a janela, assim como no hospital. A cada hora, ela enfraquecia, mas, assim como Poppy era, com cada minuto que passava, ela estava cheia de felicidade. Seu sorriso nos assegurava que ela estava bem.

Eu estava extremamente orgulhoso dela.

Enquanto eu estava na parte de trás do quarto, vi quando cada um dos membros da sua família deu um beijo de despedida. Eu ouvi suas irmãs e DeeDee dizerem a ela que iriam vê-la novamente. Eu me mantive forte enquanto seus pais seguravam suas lágrimas pela sua menina.

Quando a mãe se afastou, vi a mão de Poppy esticar. Ela estava estendendo a mão para mim. Inalando profundamente, eu forcei meus pés de chumbo andar para frente para sua cama.

Ela ainda me tirava o fôlego com a forma como ela era bonita. — Ei, *Poppymín*, — eu disse e me sentei na beira da cama.

— Ei, baby, — ela respondeu, sua voz agora quase um sussurro. Eu trouxe a minha mão para a dela e dei um beijo em sua boca.

Poppy sorriu e derreteu meu coração. Uma rajada forte de vento soprou pela janela, assobiando contra o vidro. Poppy inalou bruscamente. Virei-me para ver o que estava vendo.

Uma massa de pétalas de flor velejava ao vento.

— Elas estão indo... — disse ela.

Fechei os olhos por alguns instantes. Era óbvio que Poppy iria ao mesmo dia em que as flores de cerejeira também perdiam suas pétalas.

Elas estavam guiando sua alma para casa.

Poppy estava respirando oco e eu me inclinei para frente, sabendo que era agora. Pressionei minha testa na dela, apenas uma última vez. Poppy levantou a mão mole para o meu cabelo. — Eu te amo, — ela sussurrou.

— Eu também te amo, *Poppymin*.

Afastando-me, Poppy olhou nos meus olhos e disse, — Eu vou te ver nos seus sonhos.

Tentando conter minhas emoções, eu murmurei de volta, — Eu vou ver você nos meus sonhos.

Poppy suspirou, um sorriso pacífico enfeitando seu rosto. Então Poppy fechou os olhos, inclinando o queixo para cima para seu beijo final, a mão apertando a minha.

Abaixando a boca, eu pressionei o mais suave, mais significativo beijo nos seus lábios macios. Poppy respirava pelo nariz, seu doce perfume me engolindo... e ela nunca voltou a respirar.

Relutantemente puxei para trás, eu abri meus olhos, testemunhando agora Poppy no sono eterno. Ela estava tão bonita agora como sempre esteve na vida.

Mas eu não podia me afastar, e eu apertei outro beijo em sua bochecha. — 1001, — eu sussurrei em voz alta. Eu pressionei outro, e outro. — 1002, 1003, 1004. — Sentindo uma mão no meu braço, eu olhei para cima. Sr. Litchfield estava balançando a cabeça tristemente.

Tantas emoções correram de dentro de mim que eu não sabia o que fazer. A mão agora rígida de Poppy permanecia na minha e eu não queria deixar ir. Mas quando eu olhei para baixo, eu sabia que ela tinha voltado para casa.

— *Poppymin*, — eu sussurrei e olhei pela janela para as pétalas caídas passando. Ao olhar para trás, eu vi o frasco dos beijos em sua prateleira, um único coração de papel em branco e uma caneta deitado ao lado dele. Eu fiquei de pé, peguei todos e corri para a varanda. Assim que o ar bateu no meu rosto, eu caí para trás contra a parede, tentando piscar as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Caindo no chão, eu descansei o coração no meu joelho e escrevi:

Abrindo o frasco, coloquei o coração agora completo dentro e fechei. Então...

Eu não sabia o que fazer. Eu procurei em torno de mim por alguma coisa para ajudar, mas não havia nada. Eu coloquei o frasco ao meu

lado e meus braços em torno de minhas pernas e balancei para trás e para frente.

Um rangido no degrau soou. Quando olhei para cima, o meu pappa estava lá. Eu encontrei os seus olhos. Isto foi tudo o que ele precisou para saber que Poppy tinha partido. Os olhos do meu pappa imediatamente se encheram de água.

Eu não conseguia mais conter as lágrimas, então eu as liberei, com força total. Senti braços envolvendo ao meu redor. Eu fiquei tenso, em seguida, olhei para cima para ver o meu pappa me segurando em seus braços.

Mas desta vez eu precisava.

Eu precisava dele.

Desistindo dos vestígios finais de raiva que eu ainda abrigava, caí nos braços do meu Pappa e libertei todas as minhas reprimidas emoções. E meu pappa me deixou. Ele ficou comigo naquela varanda quando o dia deu lugar à noite. Ele me segurou sem pronunciar uma única palavra.

Esse foi o quarto e último momento que definiu a minha vida. Perder a minha menina. E, sabendo disso, meu pappa simplesmente me segurou.

Eu tinha certeza de que se eu tivesse ouvido atentamente o vento enquanto corria uivando, eu teria ouvido os lábios de Poppy quebrar em um largo sorriso enquanto ela dançava seu caminho para casa.

Poppy foi colocada para descansar uma semana depois. O serviço foi tão bonito como ela merecia. A igreja era pequena, a perfeita despedida para uma menina que amava sua família e amigos com todo o seu coração.

Após o serviço, eu decidi ir contra o velório na casa dos pais de Poppy e voltei para o meu quarto.

Menos de dois minutos depois, bateram na minha porta e minha mamma e pappa entraram.

Na mão do meu pappa estava uma caixa. Eu fiz uma careta quando ele colocou-a na minha cama.

— O que é isso? — Perguntei, confuso.

Meu pappa sentou ao meu lado e colocou a mão no meu ombro. — Ela nos pediu para dar isso para você depois de seu funeral, filho. Ela preparou pouco antes dela partir.

Meu coração trovejou no meu peito. Meu pappa bateu na caixa selada. — Há uma carta aqui que me disseram que era para lhe dizer para ler primeiro. Em seguida, algumas caixas. Elas estão numeradas na ordem que você tem que abri-las.

Meu pappa ficou de pé. Quando ele ia sair, segurei a mão dele. — Obrigado, — eu disse com a voz rouca.

Pappa se inclinou e beijou minha cabeça.

— Amo você, filho, — ele disse suavemente.

— Eu também te amo, — eu respondi, e quis dizer cada palavra. As coisas esta semana tinham sido mais fáceis entre nós. E se a curta vida de Poppy me ensinou alguma coisa, foi que eu tinha que aprender a perdoar. Eu tinha que amar e eu tinha que viver. Eu culpei tanto meu pappa por muito tempo. No final, minha raiva causou apenas dor.

Corações de luar e sorrisos de amanhecer.

Minha mãe me deu um beijo na minha bochecha. — Nós vamos estar lá fora se precisar de nós, ok? — Ela estava preocupada comigo. Mas havia também uma parte dela que tinha relaxado. Eu sabia que era a ponte que eu tinha construído com o meu pappa. Eu sabia que foi a libertação de toda a minha raiva abrigada.

Eu balancei a cabeça e esperei até que eles tivessem ido. Levou quinze minutos até que eu me obrigasse a abrir a caixa. Imediatamente, eu vi a carta no topo.

Levei dez minutos a mais para quebrar o seu selo:

Rune,

Deixe-me começar por dizer o quanto eu te amo. Eu sei que você sabia disso; Eu não acho que haja uma pessoa no planeta que não visse quão perfeitos éramos um para o outro.

No entanto, se você estiver lendo esta carta, isso significa que eu estou em casa. Mesmo enquanto escrevo isto, saiba que eu não estou assustada.

Acredito que esta última semana tenha sido ruim para você. Eu imagino que tenha sido um esforço até mesmo para tomar um fôlego, para sair da cama todos os dias, eu sei, porque seria assim que eu me sentiria em um mundo desprovido de você. Mas embora eu entenda, me dói que minha ausência vai fazer isto com você.

A parte mais difícil foi assistir aqueles que eu amo vacilarem. A pior parte para mim, sobre você, foi assistir a raiva arder. Por favor, não permita que isso aconteça novamente.

Nem que seja só por mim, continue a ser o homem que você se tornou. O melhor homem que conheço.

Você vai ver que eu lhe dei uma caixa.

Pedi ao seu pappa para me ajudar semanas e semanas atrás. Pedi-lhe para me ajudar, ele o fez sem precisar pensar por um segundo, sem hesitar. Porque ele te ama muito.

Espero que você também saiba isso agora.

Na caixa haverá outro envelope grande. Por favor, abra-o agora, então eu vou explicar.

Meu coração disparou, eu gentilmente coloquei a carta de Poppy na minha cama. Com as mãos trêmulas, eu enfiei a mão na caixa e tirei o envelope grande. Precisando ver o que ela tinha feito, eu rapidamente quebrei o selo.

Alcançado o interior, peguei uma carta. Minhas sobrancelhas baixaram em confusão, então eu vi o papel timbrado, e meu coração completamente parou:

New York University. Tisch School of the Arts.

Meus olhos vasculharam para baixo a página e li:

Sr. Kristiansen, em nome da comissão do processo seletivo, é minha honra e privilégio de partilhar que você foi admitido para o nosso programa de Fotografia e Imagem...

Eu li a carta inteira. Eu li duas vezes.

Não entendendo o que estava acontecendo, eu me mexi para encontrar a carta de Poppy e continuei a ler.

Parabéns!

Eu sei que agora você vai estar confuso. Essas sobrancelhas loiras escuras que eu tanto adoro estarão para baixo e a careta que você veste tão bem estará gravada em seu rosto.

Mas tudo bem.

Eu espero que você esteja chocado. Eu espero que você resistisse no início. Mas, Rune. Você não vai desistir. Esta escola tem sido o seu sonho desde que éramos crianças, e só porque eu não estou mais aí para viver o meu sonho ao seu lado, isso não significa que você deve sacrificar o seu.

Porque eu conheço você tão bem, eu também que sei nas minhas últimas semanas, você vai ter abandonado tudo para ficar ao meu lado. Eu te amo por isso mais do que você alguma vez vai entender. A maneira como você cuidou de mim, me protegeu... o jeito que você me segurou em seus braços e beijou-me tão docemente.

Não há nada que eu mudaria.

Mas eu sei que seu amor iria sacrificar o seu futuro.

Eu não podia deixar isso acontecer. Você nasceu para capturar aqueles momentos mágicos, Rune Kristiansen. Eu nunca vi um talento como o seu. Eu também nunca vi alguém tão apaixonado por qualquer coisa. Você está destinado a fazer isso.

Eu tinha que ter certeza que isso aconteceria.

Desta vez, eu tive que carregar você.

Antes de pedir-lhe para olhar outra coisa, eu quero que você saiba que foi o seu pappa que me ajudou a montar seu portfólio para garantir o seu lugar. Ele também pagou pela taxa de matrícula do primeiro

semestre, bem como seus dormitórios. Mesmo quando você continuou a feri-lo, ele fez isso tão abnegadamente que me levou às lágrimas.

Ele fez isso com tanto orgulho nos olhos dele que me petrificou.

Ele te ama.

Você é amado além da medida.

Agora, por favor, abra a caixa de número um.

Engolindo o nervosismo, eu peguei a caixa e abri-a. Dentro havia um portfólio. Eu folheei as páginas. Poppy e meu pappa tinham juntado imagem após imagem de paisagens, nasceres do sol, pôr do sol. Na verdade, o trabalho do qual eu estava mais orgulhoso.

Mas então, quando cheguei à última página, eu parei. Era Poppy. Era a imagem da Poppy na praia comigo meses atrás. Aquela em que ela se virou para mim no momento mais perfeito, me permitindo capturá-la em filme, a imagem que falava com sua beleza e graça mais do que quaisquer palavras poderiam fazer.

Minha foto favorita de todos os tempos.

Limpendo as lágrimas dos meus olhos, eu corri meu dedo sobre o seu rosto.

Ela era tão perfeita para mim.

Pousando lentamente o portfólio, eu peguei a carta de novo e continuei.

Impressionante, certo? Você é dotado além das palavras, Rune. Eu sabia quando enviamos seu trabalho que você seria aceito. Eu posso não ser uma expert em fotografia, mas mesmo eu podia ver como você

conseguia capturar imagens que mais ninguém podia. Como você tem um estilo que é completamente tão original.

Tão especial... tão especial quanto especial pode ser.

A imagem, no final é a minha favorita. Não é porque é a minha imagem, mas porque eu sabia a paixão que a imagem reacendeu. Eu vi, naquele dia na praia, o fogo por dentro faiscar de volta à vida.

Foi o primeiro dia que eu sabia que você ia ficar bem quando eu tiver partido. Porque eu comecei a ver o Rune que eu conheço e amo, quebrar de volta. O menino que vai viver uma vida por nós dois. O menino agora curado.

Olhando para o rosto de Poppy, olhando para mim a partir da imagem, eu não pude deixar de pensar na exposição na NYU. Ela já devia saber esse dia que eu havia sido aceito.

Então pensei na imagem final. *Esther*. A imagem que o patrono tinha exibido como a peça final. A imagem de sua falecida esposa, que morreu muito jovem. A imagem que não mudaria o mundo, mas mostrava a mulher que tinha mudado o seu.

Nada descrevia esta imagem, atualmente olhando para mim, mais do que essa explicação. Poppy Litchfield era apenas uma menina de dezessete anos de idade, de uma pequena cidade na Geórgia. No entanto, a partir do dia em que a conheci, ela virou o meu mundo de cabeça para baixo. E mesmo agora, depois de sua morte, ela ainda estava mudando meu mundo. Enriquecendo-o e preenchendo-o com uma beleza altruísta que nunca iria ser rivalizada.

Pegando a carta de volta para cima, eu li:

Isto me leva a minha última caixa, Rune. Contra a qual eu sei que você mais vai protestar, mas a que você deve seguir.

Eu sei que agora você está confuso, mas antes de eu deixar você ir, eu preciso que você saiba de uma coisa.

Ser amada por você foi a maior realização da minha vida. Eu não tive muito tempo e eu não tive tempo suficiente para estar com você como eu queria. Mas naqueles anos, nos meus últimos meses, eu sabia o que era o verdadeiro amor. Você me mostrou isso. Você trouxe sorrisos ao meu coração e luz para a minha alma.

Mas o melhor de tudo, você me trouxe seus beijos.

Enquanto escrevo isto e reflito sobre os últimos meses desde que você voltou para a minha vida, eu não posso ser amarga. Eu não posso estar triste que o nosso tempo é limitado. Eu não posso estar triste que eu não vou conseguir viver minha vida ao seu lado. Porque eu tinha você por tanto tempo quanto eu pude e isso foi perfeito. Ser amada tão ferozmente, tão intensamente, mais uma vez, foi suficiente.

Mas não vai ser para você. Porque você merece ser amado, Rune.

Quando você descobriu que eu estava doente, eu sei que você lutou como não ser capaz de me curar. Para me salvar. Mas quanto mais eu penso sobre isso, mais eu acredito que não era você que estava destinado a me salvar. Em vez disso, eu estava destinada a te salvar.

Talvez pela minha passagem, pela nossa jornada juntos, você encontrou o seu caminho de volta para você. A aventura maior e mais importante que eu já tive.

Você quebrou através da escuridão e deixou entrar a luz.

E essa luz é tão pura e forte que vai guiar você... vai levar você a amar.

Enquanto você lê isto, eu posso imaginar você balançando a cabeça. Mas, Rune, a vida é curta. No entanto, tenho aprendido que o amor é ilimitado e o coração é grande.

Então abra seu coração, Rune. Mantenha-o aberto e permita-se amar e ser amado.

Em alguns momentos, eu quero que você abra a caixa final. Mas, primeiro, quero simplesmente dizer obrigada.

Obrigada, Rune. Obrigada por me amar tanto que eu senti isso a cada minuto de cada dia. Obrigada pelos meus sorrisos, sua mão com tanta força segurando a minha...

Pelos meus beijos. Todos os mil. Cada um foi estimado. Cada um foi adorado.

Como você foi.

Saiba que mesmo que eu tenha partido, Rune, você nunca vai estar sozinho. Eu vou ser a mão para sempre segurando a sua.

Eu vou ser as pegadas ao seu lado na areia.

Eu te amo, Rune Kristiansen. Com todo o meu coração.

Eu não posso esperar para vê-lo em seus sonhos.

Deixando cair a carta, senti as lágrimas silenciosas escorrendo pelo meu rosto. Levantando minha mão, eu escovei-as para longe. Tomei uma respiração profunda, antes de levantar a última caixa na minha cama. Era maior do que o resto.

Eu cuidadosamente abri a tampa e tirei o conteúdo. Meus olhos se fecharam quando percebi o que era. Então eu li a mensagem amarrada ao redor da tampa escrita à mão por Poppy:

Olhei para o grande frasco na minha mão. Olhei para os muitos corações azuis de papel recolhidos dentro dele. Corações de papel em branco, empurrando contra o vidro. O rótulo do frasco lia-se:

Segurando o frasco no meu peito, me deitei na minha cama e apenas respirei. Eu não tinha certeza quanto tempo fiquei ali, olhando para o teto, revivendo cada momento que eu já tive com a minha garota.

Mas quando a noite se arrastava e eu pensava em tudo o que ela tinha feito, um sorriso feliz espalhou em meus lábios.

Uma paz encheu meu coração.

Eu não estava certo porque eu senti isso naquele momento. Mas eu tinha certeza de que, em algum lugar, lá fora, no desconhecido, Poppy estava me observando com um sorriso com covinhas no rosto bonito... e um grande laço branco em seu cabelo.

Um Ano Depois

Blossom Grove, Georgia

— Você está pronto, amigo? — Perguntei a Alton enquanto corria pelo corredor e colocou a mão na minha.

— *Ja*, — ele disse e sorriu para mim com um sorriso amplo e alguns dentes faltando.

— Bom, todos devem estar lá agora.

Levei meu irmão para fora da porta e nós caminhamos em direção ao bosque de flor. A noite estava perfeita. O céu estava claro da lua e cheio de brilhantes estrelas.

Minha câmera pendurada no meu pescoço. Eu sabia que iria precisar dela hoje à noite. Eu sabia que teria que capturar esta visão para manter para sempre.

Eu tinha feito uma promessa a *Poppymim*.

Os sons de pessoas se reunindo no bosque nos atingiu em primeiro lugar. Alton olhou para mim de olhos arregalados. — Soa como um monte de gente, — disse ele nervosamente.

— Mil, — eu respondi, quando viramos para o bosque. Eu sorri; as pétalas de rosa e brancas estavam em plena floração. Eu momentaneamente fechei os olhos, me lembrando da última vez que estive aqui. Então eu abri-os novamente, sentindo um calor se espalhar pelo meu corpo nesse encontro do povo da cidade; eles tinham se amontoado no espaço pequeno.

— Rune! — O som de Ida chamando ruidosamente me trouxe de volta para o aqui e o agora. Eu sorri enquanto ela corria através da multidão, só parando quando ela chocou contra o meu peito e colocou os braços em volta da minha cintura.

Eu ri quando ela olhou para mim. Por um minuto eu vi Poppy em seu rosto jovem. Seus olhos verdes estavam cheios de felicidade quando ela me deu um sorriso, também com covinhas. — Nós sentimos tanto a sua falta! — Ela disse, e deu um passo atrás.

Quando eu levantei minha cabeça, Savannah estava diante de mim, me abraçando com suavidade. Sr. e Sra. Litchfield vieram a seguir, seguido por minha mãe e meu pappá.

Sra. Litchfield me beijou na minha bochecha, então o Sr. Litchfield apertou minha mão, antes de me levar para um abraço. Quando ele deu um passo atrás, ele sorriu.

— Você está bem, filho. Muito bem.

Eu balancei a cabeça. — Você também, senhor.

— Como está Nova York? — Perguntou a Sra. Litchfield.

— Bem, — eu disse. Vendo-os à espera de mais, eu confessei, — Eu amo aquilo. Tudo aquilo. — Fiz uma pausa, em seguida, acrescentei calmamente, — Ela teria adorado também.

As lágrimas brilhavam nos olhos da Sra. Litchfield, então ela apontou para a multidão atrás de nós. — Ela vai adorar isto, Rune. — Sra. Litchfield assentiu e enxugou as lágrimas do rosto. — E eu não tenho dúvida de que ela vai ver lá em cima nos céus.

Eu não respondi. Eu não podia.

Movendo-se para me deixar passar, os pais e as irmãs de Poppy andaram atrás de mim, com meu pappa colocando seu braço em volta dos meus ombros. Alton ainda estava segurando minha mão com força. Ele se recusou a me deixar desde que eu tinha chegado em casa para esta visita.

— Todo mundo está pronto, filho, — meu pappa me informou. Vendo um pequeno palco no centro do bosque, um microfone esperando, eu fiz o meu caminho, quando Deacon, Judson, Jorie e Ruby entraram no meu caminho.

— Rune! — Jorie exclamou com um grande sorriso e me deu um abraço. Assim como todos os outros.

A mão de Deacon deu um tapa nas minhas costas. — Todo mundo está pronto, apenas esperando por seu sinal. Não demorou muito para espalhar a palavra de que você estava fazendo isto. Temos mais voluntários do que precisávamos.

Eu balancei a cabeça, e examinei os habitantes da cidade esperando com suas lanternas chinesas na mão. Nessas lanternas, em uma letra preta grande, estava cada beijo que eu tinha dado em Poppy. Meus olhos focaram para ler os mais próximos...

... Beijo 203, na chuva na rua, meu coração quase explodiu... Beijo 23, no meu quintal sob a lua, com o meu Rune, meu coração quase explodiu... Beijo 901, com o meu Rune na cama, meu coração quase explodiu...

Engolindo a emoção intensa na minha garganta, eu parei quando vi uma lanterna esperando por mim ao lado do palco. Olhei em volta do bosque à procura de quem a havia deixado lá. À medida que a multidão se afastou, eu vi meu pappa me observando de perto. Encontrei seu olhar, então ele baixou os olhos antes de se afastar.

O beijo 1000... com a minha Poppy. Quando ela voltou para casa... meu coração explodiu completamente...

Era certo que eu mandasse este para a minha garota. Poppy iria querer que eu o enviasse para ela eu mesmo.

Subindo no palco, Alton ao meu lado, eu levantei o microfone e o bosque caiu em silêncio. Fechei os olhos, reunindo a força para fazer isso, e depois levantei a cabeça. Um mar de lanternas chinesas sendo seguradas, prontas para voar, olhando de volta para mim. Era perfeito. Mais do que eu jamais poderia ter sonhado.

Levantando o microfone, eu respirei fundo e disse, — Eu não vou falar demoradamente. Eu não sou realmente bom em falar em público. Eu só queria agradecer a todos por se reunirem aqui esta noite... — Eu parei. As minhas palavras tinham secado. Passei a mão pelo meu cabelo e, reunindo minha compostura, consegui dizer, — Antes que ela partisse,

minha Poppy me pediu para enviar esses beijos para ela de uma forma que ela iria vê-los no céu. Eu sei que a maioria de vocês não a conhecia, mas ela era a melhor pessoa que eu conheci... ela teria estimado este momento. — Meu lábio virou em um sorriso torto com o pensamento de seu rosto quando ela visse.

Ela iria adorar.

— Então, por favor, acendam suas lanternas e ajudem meus beijos a chegar a minha menina.

Baixei o microfone. Alton engasgou quando isqueiros em todo o bosque acenderam as lanternas e as enviaram subindo para o céu noturno. Uma após a outra, elas flutuavam na escuridão, até que o céu inteiro estava brilhando com luzes de vela.

Inclinando-me, tomei a lanterna ao nosso lado e segurei-a no ar. Olhando para Alton, eu disse, — Você está pronto para enviar isso para *Poppymín*, amigo?

Alton assentiu, e eu acendi a lanterna. No minuto que a chama pegou, nós lançamos o último 1000 final. Me endireitei, eu assisti ele flutuando para o ar para perseguir os outros, se apressando para o seu novo lar.

— Uau, — Alton sussurrou e colocou a mão na minha novamente. Seus dedos apertaram o meu.

Fechando os olhos, eu enviei uma mensagem silenciosa: *Aqui estão os seus beijos, Poppymín. Eu prometi que iriam até você. Que eu encontraria um jeito de fazer isso.*

Eu não conseguia tirar os olhos do espetáculo de luz acima, mas Alton puxou minha mão. — Rune? — Perguntou e eu olhei para baixo para onde ele estava, me observando.

— *Ja?*

— Por que nós temos que fazer isto aqui? Neste bosque?

— Era o lugar favorito de *Poppymín*, — eu respondi suavemente.

Alton assentiu. — Mas por que tivemos que esperar primeiramente que as flores de cerejeira florescessem?

Respirando fundo, eu expliquei, — Porque *Poppymín* era exatamente como a flor de cerejeira, Alt. Ela tinha uma vida curta, como elas têm, mas a beleza que ela trouxe nesse tempo nunca vai ser esquecida. Porque nada tão bonito pode durar para sempre. Ela era uma pétala de flor, uma borboleta... uma estrela cadente... ela era perfeita... sua vida foi curta... mas ela era minha.

Tomei uma respiração e sussurrei finalmente, — Assim como eu era dela.

Rune

Dez Anos Depois

Pisquei conforme eu acordava, o bosque de flor entrando em visão clara. Eu podia sentir o sol brilhante no meu rosto, cheirar a riqueza das folhas e da flor enchendo meus pulmões.

Eu respirei fundo e levantei a cabeça. O céu escuro se elevava acima, um céu cheio de luzes. Mil lanternas chinesas, enviadas anos atrás, flutuando no ar, perfeitamente fixas no lugar.

Sentando-me, eu vasculhei o bosque para verificar que cada flor estava em plena floração. Estavam. Mas, então, como sempre estavam. A beleza durava para sempre aqui.

Como ela.

O som do canto suave veio da entrada do bosque e meu coração começou a correr. Eu empurrei para os meus pés e esperei ansiosamente para ela aparecer.

E então ela apareceu.

Meu corpo cheio de luz quando ela veio ao virar da esquina, com as mãos levantando para escovar suavemente as árvores cheias. Vi quando ela sorriu para as flores. Então eu vi quando ela reparou em mim no centro do bosque. Eu vi quando um enorme sorriso se espalhou em seus lábios.

— Rune! — Ela chamou com entusiasmo e correu direto para mim.

Sorrindo de volta, eu levantei-a em meus braços quando ela colocou os braços em volta do meu pescoço. — Eu senti sua falta! — ela sussurrou em meu ouvido e eu a segurei apenas um pouco mais perto. — Eu senti tanto a sua falta, tanto!

Puxando para trás para absorver seu rosto bonito, eu sussurrei, — Eu senti sua falta também, baby.

Um rubor apareceu nas bochechas de Poppy, suas covinhas profundas completamente se mostrando. Descendo, eu peguei a mão dela na minha. Poppy suspirou quando eu fiz, então ela moveu seu olhar para mim. Eu olhei para minha mão na dela. Minhas mãos de dezessete anos de idade. Eu estava sempre com dezessete anos quando eu vinha aqui em meus sonhos. Assim como Poppy tinha sempre desejado.

Nós estávamos exatamente como nós éramos.

Poppy levantou na ponta dos pés, puxando meu foco para ela mais uma vez. Colocando minha mão em seu rosto, eu me inclinei e trouxe seus lábios nos meus. Poppy suspirou contra a minha boca e eu beijei-a profundamente. Eu beijei suavemente. Eu não queria nunca deixá-la ir.

Quando eu finalmente me afastei, os olhos de Poppy se abriram. Eu sorri enquanto ela nos guiou para nos sentarmos sob nossa árvore favorita. Quando nos reunimos, eu a segurei em meus braços, as costas pressionadas contra o meu peito. Escovando seu cabelo para fora de seu pescoço, eu pressionei beijos leves ao longo de toda a sua pele doce. Quando eu estava aqui, quando ela estava nos meus braços, eu tocava ela tanto quanto eu podia, eu a beijava... Segurei-a sabendo que em breve eu teria que ir embora.

Poppy suspirou de felicidade. Quando olhei para cima, vi-a observando as lanternas brilhantes no céu. Eu sabia que ela fazia muito isso. Essas lanternas a faziam feliz. Estas lanternas eram os nossos beijos, presenteados apenas para dela.

Encostando contra mim, Poppy perguntou, — Como estão minhas irmãs, Rune? Como está Alton? Meus pais e os seus?

Eu a segurei mais apertado. — Eles estão todos bem, baby. Suas irmãs e os pais estão felizes. E Alt, ele é perfeito. Ele tem uma namorada

que ele ama mais do que a vida e o seu basebol está indo bem. Meus pais estão bem também. Todo mundo está bem.

— Isso é bom, — Poppy respondeu feliz.

Então ela ficou em silêncio.

Eu fiz uma careta. Em meus sonhos Poppy sempre me perguntava sobre meu trabalho, todos os lugares que tinha visitado e quantos quadros meus tinham sido recentemente publicados, e tinham ajudado a salvar o mundo. Mas esta noite ela não perguntou.

Ela ficou contente em meus braços. Sentia-se mais em paz, se isso fosse possível.

Poppy deslocou de onde ela estava sentada, em seguida, perguntou curiosamente, — Alguma vez você já se arrependeu de não encontrar outra pessoa para amar, Rune? Alguma vez você já se arrependeu, em todo este tempo, nunca ter beijado mais ninguém além de mim? Nunca amado alguém? Nunca enchido o frasco que lhe dei?

— Não, — eu respondi honestamente. — E eu amei, baby. Eu amo minha família. Eu amo meu trabalho. Eu amo meus amigos e todas as pessoas que eu conheci em minhas aventuras. Eu tenho uma vida boa e feliz, Poppymín. E eu amo, e eu amei com um coração cheio... você, baby. Eu nunca deixei de te amar. Você foi o suficiente para durar uma vida. — Eu suspirei. — E o meu frasco estava cheio... foi preenchido, juntamente com o seu. Não havia mais beijos para serem recolhidos.

Virando o rosto de Poppy para olhar para mim, minha mão sob o queixo, eu disse, — Estes lábios são seus, Poppymín. Prometi eles a você anos atrás; nada mudou.

O rosto de Poppy abriu em um sorriso satisfeito e ela sussurrou, — Assim como estes lábios são seus, Rune. Eles foram sempre seus e somente seus.

Quando eu me desloquei no chão macio, quando eu coloquei a palma da mão no chão, de repente eu percebi que a grama abaixo de mim parecia mais real do que qualquer das minhas visitas anteriores. Quando vinha para a Poppy em meus sonhos, o bosque sempre parecia como se estivesse em um sonho. Sentia a grama, mas não as folhas cortantes, sentia a brisa, mas não a temperatura, sentia as árvores, mas não a casca.

Quando eu ergui minha cabeça, esta noite, neste sonho, eu senti a brisa quente sobre o meu rosto. Eu podia sentir isso, como se fosse real igual como quando eu estava acordado. Senti a grama sob as minhas mãos, as folhas cortantes e a rugosidade da sujeira. E quando eu me inclinei para beijar o ombro de Poppy, eu senti o calor de sua pele em meus lábios, vi sua pele se arrepiar.

Sentindo o olhar intenso de Poppy em mim, eu olhei para cima para vê-la me observando com grandes olhos expectantes.

Então eu entendi.

Eu percebi porque tudo isso parecia tão real. Meu coração bateu mais rápido no meu peito. Porque se fosse real... se eu tinha julgado isso corretamente...

— Poppymin? — Eu perguntei e respirei fundo. — Isto não é um sonho... estou certo?

Poppy deslocou-se para se ajoelhar diante de mim e colocou as mãos suaves nas minhas bochechas. — Não, baby, — ela sussurrou e procurou meus olhos.

— Como assim? — *Eu sussurrei em confusão.*

O olhar de Poppy suavizou. — Foi rápido e foi pacífico, Rune. Sua família está bem; eles estão felizes que você está em um lugar melhor. Você viveu uma vida curta, mas cheia. Uma boa vida, a que eu sempre sonhei que você teria.

Eu congelei, então eu perguntei, — Você quer dizer...?

— *Sim, baby, — Poppy respondeu. — Você voltou para casa. Você voltou para casa, para mim.*

Um sorriso enorme espalhou por meus lábios e uma inundação de pura felicidade tomou conta de mim. Incapaz de resistir, eu caí meus lábios na boca de Poppy. No minuto em que eu provei o gosto doce nos meus lábios, uma paz profunda me encheu por dentro. Puxando para trás, eu pressionei minha testa contra a dela.

— *Eu ficarei aqui com você? Para sempre? — Perguntei, rezando para que fosse verdade.*

— *Sim, — Poppy respondeu gentilmente, e eu podia ouvir a serenidade completa em sua voz. — Nossa próxima aventura.*

Isto era real.

Era real.

Beijei-a de novo, lentamente e bem suave. Os olhos de Poppy permaneceram fechados então, depois com um rubor espalhando sobre suas belas bochechas com covinhas, ela sussurrou, — Um beijo para todo o sempre com o meu Rune... em nosso bosque de flor... quando ele finalmente voltou para casa.

Ela sorriu.

Eu sorri.

Depois ela acrescentou, — ... e meu coração quase explodiu.

“Forever Always”

Ed Williamson

Playlist

Eu tive um MONTE de músicas que me ajudaram a escrever esta história. Mas houve duas bandas que foram basicamente *toda* a trilha sonora. Normalmente, nas minhas trilhas sonoras, eu vario os gêneros, mas eu queria me manter fiel à inspiração e mostrar-lhe as canções que ajudaram a moldar a história de Poppy e Rune.

-

-

One Direction

Infinity

If I Could Fly

Walking in the Wind

Don't Forget Where You Belong

Strong

Fireproof

Happily

Something Great

Better Than Words

Last First Kiss

I Want to Write You a Song

Love You Goodbye

-

Little Mix

Secret Love Song Pt II
I Love You
Always Be Together
Love Me or Leave Me
Turn Your Face

-

Other Artists

Eyes Shut — Years & Years
Heal — Tom Odell
Can't Take You With Me — Bahamas
Let The River In — Dotan
Are You With Me — Suzan & Freek
Stay Alive — José González
Beautiful World — Aiden Hawken
The Swan (From *Carnival of the Animals*) — Camille Saint-Saëns
When We Were Young — Adele
Footprints — Sia
Lonely Enough — Little Big Town
Over and Over Again — Nathan Sykes

Agradecimentos

Mamãe e papai, obrigada por me apoiarem com este livro. Suas batalhas pessoais com câncer mudaram, não só a mim, mas a nossa pequena família. Sua bravura, mas o mais importante, a sua positividade e atitudes inspiradoras face a algo tão difícil, me fez olhar para a vida de uma forma completamente diferente. Embora os últimos anos tenham sido incrivelmente ásperos, fizeram-me apreciar cada respiração de cada dia. Fez-me apreciar ambos além da medida, os melhores pais do mundo. Eu amo muito vocês dois! Obrigada por me deixarem usar as suas experiências nesta história. Tornou-a tão verdadeira. Tornou-a tão real.

Nanna. Você foi levada de nós muito jovem. Você era a minha melhor amiga, e eu amei tanto você, ainda amo. Você era divertida, e sempre uma presença tão positiva e brilhante. Quando eu pensava na vovó de Poppy, não havia mais ninguém que eu jamais iria modelá-la. Eu era "a menina dos seus olhos" e sua melhor amiga, e mesmo que você se foi, espero que este livro a deixe orgulhosa! Eu espero que você esteja sorrindo lá em cima com o avô, em sua própria versão pequena do bosque de flor.

Jim, meu falecido sogro. Você foi tão valente até o fim, um homem para olhar como exemplo. Um homem de quem seu filho e esposa estavam muito orgulhosos. Sua falta é muito sentida.

Para meu marido. Obrigada por me encorajar a escrever um romance jovem-adulto. Eu contei a você sobre a ideia para este romance há muito tempo e você me empurrou para escrevê-lo, apesar de ser tão diferente dos meus gêneros de costume. Devo este livro a você. Te amo sempre. Para a infinidade.

Sam, Marc, Taylor, Isaac, Archie e Elias. Amo todos vocês.

Aos meus fabulosos leitores beta: Thessa, Kia, Rebeca, Rachel e Lynn. Como sempre, um ENORME obrigada. Este foi duro, mas vocês ficaram comigo, mesmo que eu tenha feito a maioria de vocês chorar! Eu amo todos vocês.

Thessa, a minha estrela e Mega assistente. Obrigada por cuidar da minha página no Facebook e manter-me em ocorrente. Obrigada por todas as edições que você me faz. Mas, principalmente, obrigada por me encorajar a manter o epílogo neste livro, tivemos alguns estresses sobre essa decisão, não foi? Ok, MUITOS! Mas você foi a minha espinha dorsal. Te amo muito. Você nunca ignora meus frenéticos textos tarde da noite. Eu não poderia pedir uma melhor amiga.

Gitte, minha linda Viking norueguesa! Obrigada por saltar para esta aventura comigo. No minuto em que eu disse que eu tinha esta ideia para um choroso YA, oh, e o cara era Norueguês, você encorajou-me a escrevê-lo. Obrigada pelas muitas traduções. Obrigada pela inspiração, é o perfeito Rune! Mas acima de tudo, obrigada por ser você. Você é uma amiga verdadeira e fabulosa. Você tinha as minhas costas o caminho inteiro. Te amo, Pus Pus!

Kia! Que fabulosa equipe que fazemos! Você foi a melhor editora e revisora de sempre. Esta é a primeira de muitas histórias por vir! Obrigada por todo o trabalho duro. Isso significou o mundo para mim. Ah, e obrigada por todas as verificações de música! Minha companheira de Golden Bow(er) (juntamente com Rachel). Quem teria pensado que todos esses anos de nós tocando violoncelo viria a dar uma mão nesse romance?

Liz, a minha agente fabulosa. Eu te amo. Aqui está a minha primeira incursão no YA!

Gitte e Jenny (ambas desta vez!) do *TotallyBooked Book Blog*. Mais uma vez, não tenho nada a dizer, mas obrigada e eu amo vocês. Tudo o que eu faço, vocês incentivam. Todas as mudanças de gênero que eu faça, vocês apoiam. Vocês são duas das melhores pessoas que eu conheço. Eu estimo a nossa amizade... é "tão especial quanto especial pode ser".

E um enorme obrigada a todos os muitos, muitos maravilhosos blogs literários que me apoiaram e promoveram meus livros. Celesha, Tiffany, Stacia, Milasy, Neda, Kinky Girls, Vilma... Gah! Eu poderia continuar e continuar.

Tracey-Lee, Thessa e Kerri, um enorme obrigada por controlar minha equipe de rua: O Hangmen Harem.

Amo todas vocês!

Meus @FlameWhores. Comigo nos bons e maus. Eu adoro vocês meninas!

Para os membros da minha equipe de rua...TE AMO!!!

Jodi e Alycia, eu amo vocês meninas. Vocês são minhas queridas amigas.

Minhas meninas IG!!!! Adoro todas vocês!

E, finalmente, aos meus leitores maravilhosos. Quero agradecer por ler este romance. Imagino agora que seus olhos estão inchados e suas bochechas estão vermelhas de tanto choro. Mas eu espero que vocês amaram Poppy e Rune tanto quanto eu amei. Espero que a sua história vá ficar em seus corações para sempre.

Eu não poderia fazer isto sem vocês.

Eu amo vocês.

Para todo o sempre.

Infinitamente.

Notas

[←1]

Um walkie-talkie (mais formalmente conhecido como transceptor de mão) é um transceptor de rádio de dois pontos, de mão e portátil.

[← 2]

Música/som americano.

[← 3]

Autorização em que os alunos podem sair da sala e andar pelos corredores.

[← 4]

Marca de artigos de plásticos descartáveis

[← 5]

N.R: Apesar do nome indicar, não é cerveja. É um refrigerante bem popular nos Estados Unidos.

[←6]

É quando o vestido é cortado e feito de forma que tenha uma faixa justa na parte do tronco logo abaixo dos seios.